



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS  
COORDENADORIA DO MESTRADO EM LETRAS**



---

**LUCIANO PRIMO DA SILVA**

**NO ARQUIVO DO PROFESSOR JOSÉ PEREIRA LINS:  
UMA LEITURA ENTRE VIDA E OBRA**

**DOURADOS  
2017**



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS  
COORDENADORIA DO MESTRADO EM LETRAS**



---

**LUCIANO PRIMO DA SILVA**

**NO ARQUIVO DO PROFESSOR JOSÉ PEREIRA LINS:  
UMA LEITURA ENTRE VIDA E OBRA**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, – área Literatura e Práticas Culturais, da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados, para obtenção do título de Mestre em Letras, sob orientação do Profº. Drº. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos.**

**DOURADOS  
2017**



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS  
COORDENADORIA DO MESTRADO EM LETRAS**



---

---

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Presidente e Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos  
(UFGD/CNPq)**

---

**1<sup>o</sup>. Membro Examinadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alexandra Santos Pinheiro (UFGD)**

---

**2<sup>o</sup>. Membro Examinadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Neide Araujo Castilho Teno (UEMS)**

---

**3<sup>o</sup> Membro Suplente: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. José Antonio de Sousa (UEMS)**

**Dourados – MS, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2017.**

## AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, pelo comprometimento, seriedade e orientação minuciosa durante a pesquisa, tendo acompanhado de perto cada parágrafo escrito; por ser tão bem conhecedor da vida e obra do professor José Pereira Lins, e em particular por ter me orientado, desde o ano de 2014, no Projeto de Iniciação Científica Voluntária (PIVIC/UFGD), que inclusive propiciou participar do Congresso Internacional JALLA-E, em Santiago/Chile.

A Professora Dr<sup>a</sup>. Alexandra Santos Pinheiro, por quem tenho afeto e respeito, pelo incentivo as pesquisa sobre os arquivos do professor José Pereira Lins, e pelas intermediações com os familiares do professor Lins; bem como pelas valiosas contribuições durante o exame de qualificação.

Ao Professor Dr. Paulo Bungart, pelas contribuições nas referências bibliográficas, sugeridas na disciplina realizada no Mestrado. Destaco a honra que tive de apresentar trabalho na mesma mesa redonda do professor, na Universidad de Santiago de Chile, no Congresso JALLA-E.

A professora Dr<sup>a</sup>. Neide Araujo Castilho Teno, pelas várias entrevistas e materiais concedidos, uma das entrevistas foi num domingo tarde/noite; bem como pelas enriquecedoras contribuições durante o exame de qualificação.

Ao Presidente da Academia Sul-mato-grossense de Letras, Reginaldo Alves, pela disponibilidade de agendamento de nossa consulta aos arquivos da Academia, em Campo Grande.

Ao Vice-Presidente da Academia Douradense de Letras, Marcos Coelho, pela simpatia de nos ter recebido na Academia e ofertado todos os materiais disponíveis sobre o professor Lins.

A toda a família do professor José Pereira Lins, pela generosidade, disponibilidade, paciência e confiança; em especial, a Elisabete Regina, por ter cedido várias entrevistas e fotografias dos arquivos, na própria casa onde residiu o professor; e a neta do prof. Lins, Débora Letícia Lins Martins, pelo seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) disponibilizado.

Ao coordenador do CDR (Centro de Documentação Regional), da UFGD, professor Paulo Roberto Cimó e toda a equipe: Carlos Barros, Ivanir Martins de Souza, pela receptividade e paciência de nos mostrar o arquivo sobre o professor Lins.

Ao coordenador da Biblioteca Central da UFGD, Paulo Gonçalves de Araujo, pela entrevista concedida e cópia do relatório final de compra do acervo do prof. Lins. E a bibliotecária, Maria Isabel Soares Feitosa, pelas informações sobre a compra e a situação do acervo do professor Lins.

Aos amigos (as) do PPG/Letras, Josué Ferreira, Hélia Márcia, Tailane Flores, pelos incentivos constantes, trocas de livros e reuniões de estudo.

Aos amigos (as) que contribuíram, direta e/ou indiretamente ao longo desta jornada.

Aos colegas participantes do Grupo de Pesquisa Literatura e Práticas Culturais, reunidos durante o ano de 2016, em especial as professoras Leoné Astride Barzotto e Alexandra Santos Pinheiro.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL/FACALE/UFGD.

A CAPES, pela concessão da bolsa de estudo.

## DEDICATÓRIA

A Deus que até aqui tem demonstrado seu grande amor comigo, através de suas bênçãos maravilhosas.

Ao meu pai, Josué Primo da Silva, que sempre me incentivou e apoiou para que eu atingisse este objetivo na vida, bem como pela educação moral. Obrigado por entender minha ausência nesses dias.

A minha mãe, Juraci Alves da Silva (*in memoriam*), fez-se presente em minha vida. Eu sempre refleti seus pensamentos de oração do Santo Expedito, que me deu forças para a conclusão desta dissertação.

A minha irmã, Lais Primo da Silva, que sempre me ajudou nos afazeres domésticos de casa, se sobrecarregando nesses últimos meses da conclusão de escrita da dissertação.

SILVA, Luciano Primo da. *No arquivo do Professor José Pereira Lins: uma leitura entre vida e obra*. 192 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados, 2017.

## RESUMO

O objetivo dessa dissertação é realizar uma “leitura” no arquivo relativo à vida e obra do professor José Pereira Lins, com vistas a analisar a produção de saber e do conhecimento e elaborar uma reflexão teórico-crítica derivada do confronto das fontes desse arquivo. Professor, cidadão, escritor e homem de Letras, cujo nome se tornou emblemático e dos mais representativos para a real compreensão da história e cultura regionais do Estado de MS, em 2004, seu nome batizou a Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FACALE) da UFGD, e em 2009, sua biblioteca, com mais de oito mil títulos, foi adquirida pela mesma Universidade. Considera-se que, por trajetória de vida, (bio)bibliografia, acervo, arquivo e outros conceitos correlatos sejam estudados como perspectivas de análise teórico-críticas, ou como vertentes da crítica cultural, que contribuem para o conhecimento do objeto de estudo. Assim, o interesse sobre a figura do professor Lins desperta inúmeros aspectos relativos à sua biografia, que ganham relevo não só nessa dissertação, como também no espaço-tempo em que se perspectiva sua realização. Para esta investigação, corroboram, portanto, os estudos seminais de DERRIDA (2001), de SOUZA (2003; 2011), de GARRAMUÑO (2011), de PIZARRO (2009) e de ROCCA (2009). A justificativa desta proposta de estudo resulta da convivência com o espólio do escritor, trazendo à luz aspectos inéditos para o tipo de abordagem e sinalizando para a ampliação do foco da pesquisa. Ainda, a pesquisa trouxe descobertas, por meio de documentos, entrevistas, de maneira que as múltiplas atuações que este professor exerceu no Estado mostraram a importância e o “saber dos arquivos” para os estudos sob a perspectiva histórico-cultural.

**Palavras-chave:** José Pereira Lins, Arquivo, Acervo, Literatura sul-mato-grossense, Literatura Comparada.

SILVA, Luciano Primo da. *No arquivo do Professor José Pereira Lins: uma leitura entre vida e obra*. 192 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados, 2017.

### ABSTRACT

The objective of this dissertation is to produce a "reading" in the archive related to the life and work of Professor José Pereira Lins, analyzing the production of knowing and knowledge and to elaborate a critical-theoretical reflection derived from the confrontation of the sources of this archive. Professor, citizen, writer and man of letters, whose name became emblematic and one of the most representative for the real understanding of the history and regional culture in the State of Mato Grosso do Sul, in 2004, his name was given to the Faculty of Communication, Arts and Letters (FACALE) Of the Federal University of Grande Dourados, and in 2009, his library, with more than eight thousand titles, was acquired by the same University. It is considered that, by the life trajectory, (bio) bibliography, collection, archive and other related concepts been studied as perspectives of critical-theoretical analysis, or as aspects of cultural criticism, which contribute to the knowledge of the object of this study. Thus, the interest in the figure of Professor Lins arouses innumerable aspects related to his biography, which gained relevance not only in this dissertation, but also in the space-time in which it is produced. For this investigation, therefore, it is analyzed the seminal studies of DERRIDA (2001), de SOUZA (2003; 2011), GARRAMUÑO (2011), PIZARRO (2009) and ROCCA (2009). The justification of this study results from the coexistence with the writer's estate, bringing to light new aspects for the type of approach and signaling for the broader focus of the research. Still, the research brought discoveries, through documents, interviews, and in the multiple actions that this teacher exerted in the State showed the importance and the "knowledge of the archives" for the studies from the cultural-historical perspective.

**Keywords:** José Pereira Lins, Archive, Collection, Literature of Mato Grosso do Sul, Comparative Literature.

## Lista de Figuras

Figura 1 - Professor Lins no poço em que foi alfabetizado durante a infância.....	51
Figura 2 - Boletim mensal do 5º ano do curso primário, durante o mês de março de 1940 .....	52
Figura 3 - Primeiro emprego de carteira assinada do prof. Lins, na data da admissão de 14 de novembro de 1945.....	54
Figura 4 - Certificado de conclusão do curso científico, no ano de 1948.....	55
Figura 5 - Caderneta de Serventuário da empresa Rede de Viação Paraná S. Catarina, no ano de 1947... 56	56
Figura 6 - Diploma de Licenciado em Letras, no ano de 1953.....	57
Figura 7- Registro de trabalho no Colégio Osvaldo Cruz de Campo Grande, em 1952.....	58
Figura 8 - Imagem do quadro docente do Colégio Maria Constança, assinado pela própria diretora de 1953.....	60
Figura 9 - Imagem do professor Lins na capa da <i>Revista Arandu</i> .....	61
Figura 10 - Local onde funcionou o colégio Osvaldo Cruz, entre 1956 e 1957.....	62
Figura 11 - Fotografias referentes à criação e inauguração do colégio Osvaldo Cruz de Dourados entre as décadas de 50 e 60 .....	64
Figura 12 - Professor Lins em foto de 20/04/1957 e casa que abrigou a escola Osvaldo Cruz de Dourados.....	66
Figura 13 - Prof. Lins recebe título “Cidadão Douradense”, no ano de 1971.....	67
Figura 14 - Prof. Lins e o setor educacional de Dourados, dia 30 de novembro de 1974.....	69
Figura 15 - Imagem recortada da folha 1, do início do contrato social de compra do Colégio Osvaldo Cruz de Dourados.....	70
Figura 16 - Imagem selecionada da folha 2, do contrato social de compra do Colégio Osvaldo Cruz de Dourados.....	71
Figura 17 - Prof. Lins é nomeado no cargo “Agente Regional de Educação de Dourados”, no ano de 1981.....	72
Figura 18 - Professor Lins é nomeado no cargo de “Conselheiro Estadual de Educação”, de MS, no ano de 1982.....	73
Figura 19 - Prof. Lins é homenageado na 11ª Hora Cívica de Dourados, no ano de 1984.....	75
Figura 20 - Prof. Lins recebe “Moção de Congratulação” dos ex-vereadores Laerte Tetila e João Grandão.....	76
Figura 21 - Desativação do Colégio Osvaldo Cruz de Dourados, divulgado em 2003.....	78
Figura 22 - Imagem de divulgação da palestra realizada pelo professor Lins na UNIGRAN, em 2004.....	80
Figura 23 - Carta convite da Unigran ao prof. Paulo Nolasco para homenagear o professor Lins, em 2004.....	83
Figura 24 - Resolução do Conselho do DCO/UFMS que autoriza o prof. Paulo Nolasco a proferir palestra, em 2004.....	83
Figura 25 - Certificado de palestra em sessão solene de Doutor <i>Honoris Causa</i> ao professor Lins, em 2004.....	84
Figura 26 - <i>Revista Arandu</i> divulga vida e concessão de título outorgado pela UNIGRAN, em 2004.....	85
Figura 27 - Professor Lins e a Reitora da UNIGRAN, Rosa Maria De Déa, em 2005.....	86
Figura 28 - Colégio Maria Constança em comemorações pelos seus 50 anos, homenageia o ex-aluno e ex-professor Lins, em 2005.....	89
Figura 29 - Prof. Lins recebe título de Cidadão Sul-mato-grossense, no dia 29 de agosto de 2006.....	90
Figura 30 - Imagem da Ata do concurso, realizado pelo prof. Lins, no dia 27 de março de 1971.....	94
Figura 31 - Termo de abertura da Ata dos professores, do CPD, dia 2 de abril de 1971.....	95
Figura 32 - Contrato de trabalho na instituição Universidade Estadual de Mato Grosso, admissão no ano de 1971.....	96
Figura 33 - Professor José Pereira Lins em sala de aula, com alunos do Curso de Letras/CPD/UEMT, no ano de 1971.....	97
Figura 34 – Imagem da Ata da 1ª Primeira Reunião dos Professores do Centro Pedagógico de Dourados, realizado no dia 1 de abril de 1971.....	98
Figura 35 - Termo de abertura da Ata, de 13 de julho de 1971-1973.....	99
Figura 36 - Cópia do diário de classe da disciplina Língua Latina, no final da 18ª semana de aula ministrada para a primeira turma do Curso de Letras/CPD/UEMT, em 1971.....	100
Figura 37 - Cópia do diário de classe da disciplina Teoria da Literatura I, em 1971.....	101
Figura 38 - Imagem da Ata da 1ª (primeira) reunião do Conselho Departamental, realizado no dia 22 de maio de 1972.....	102

Figura 39 - Cópia do diário de classe da disciplina Língua Latina, no final da 10º semana de aula, do segundo período letivo, de 1972.....	103
Figura 40 - Imagem da Ata da 17ª reunião dos professores (CPD), realizado no dia 18 de novembro de 1972.....	104
Figura 41 - Cópia do diário de classe da disciplina Literatura Portuguesa II, do Curso de Letras V semestre, de 1973.....	106
Figura 42 - Professor José Pereira Lins ministrando palestra no Curso de Letras da FACALES, em 2009.....	108
Figura 43 - Imagem da capa e contracapa do livro <i>Do Livre Arbítrio e da Soberania de Deus</i> (1993), de autoria do professor José Pereira Lins.....	110
Figura 44 - Imagem da capa do livro <i>Lobivar Matos – O poeta Desconhecido</i> (1994), dos autores Lins e Doratildo de Oliveira.....	111
Figura 45 - Imagem da capa do livro <i>Conceitos</i> (1995), de autoria do professor José Pereira Lins.....	114
Figura 46 - Imagem da capa do livro <i>Maria Constança de Barros Machado – Histórias de vida</i> (1995), coordenação do professor José Pereira Lins.....	115
Figura 47 - Imagem da capa do livro <i>Hélio Serejo.... Sublime Poema!</i> (1996).....	116
Figura 48 - O professor Lins assinando autógrafos no livro <i>Hélio Serejo.... Sublime Poema! Cintilações da Alma Poética de Hélio Serejo</i> (1996).....	117
Figura 49 - Imagem da capa do livro <i>O Sol dos Ervais - exaltação à Obra Literária de Hélio Serejo</i> (2002, 112 p.).....	119
Figura 50 - Imagem da capa do livro <i>Os Olhos de Deus</i> (2004), de autoria do professor José Pereira Lins.....	121
Figura 51 - Imagem da capa do livro <i>As Aves de Arribação</i> (2006), de autoria do professor José Pereira Lins.....	123
Figura 52 - Imagem da capa do livro <i>Panacéia – Máximas, Pensamentos e Paradoxos</i> (2010, s/p), de autoria do professor José Pereira Lins, edição artesanal do Colégio Osvaldo Cruz de Dourados.....	123
Figura 53 - Imagem da capa do livro <i>Panacéia – Máximas, Pensamentos e Paradoxos</i> (2010, s/p), de autoria do professor José Pereira Lins, volume de bolso.....	124
Figura 54 - O presidente professor José Pereira Lins na abertura da solenidade.....	129
Figura 55 - O presidente da ASL: professor Lins, no evento maratona cultural.....	130
Figura 56 - O presidente professor José Pereira Lins inaugura miniauditório.....	131
Figura 57 - Nota da Academia, em <i>Correio do Estado/Campo Grande</i> .....	132
Figura 58 - Obra <i>40 anos Letras FACALES/UFGD</i> , que consta o prof. José Pereira Lins, na capa, em sala de aula, com alunos do Curso de Letras/CPD/UFGD, no ano de 1971.....	134
Figura 59 - Sessão coordenada III – 60303: “Ficções e/ou fatos elaborados? As memórias e seu caráter híbrido e contemporâneo”, coordenada pelo professor Paulo Bungart Neto, durante o XII Ciclo de Literatura, com o professor Paulo Nolasco abordando a memória do professor Lins, em 28 de Junho de 2012.....	135
Figura 60 - Carta do prof. Lins, de 22/02/1999, na presidência da academia sul-mato-grossense de Letras.....	136
Figura 61 - Carta-convite – of. 22/87, de 01/10/87, do colégio Osvaldo Cruz de Dourados.....	137
Figura 62 - Certificado de conclusão de curso do Osvaldo Cruz de Dourados, assinado pelo prof. Lins.....	138
Figura 63 - Nota da academia publicada no jornal <i>Correio do Estado</i> , assinado pelo professor Lins, em 04 de agosto de 2001, celebrando o dia do escritor.....	139
Figura 64 - Nota do jornal <i>Correio do Estado</i> , de 13 de novembro de 1998, no qual se publicou o artigo “Neologismos”, do professor Lins.....	141
Figura 65 - Diploma de “ <i>Honoris Causa</i> ” .....	144
Figura 66 - Imagem “Dossiê” Lobivar Matos. Palestra apresentada pelo professor José Pereira Lins, no VI Ciclo de Literatura, em 29 nov. 1998.....	146
Figura 67 - A “Coleção professor Lins”, reservado no andar superior da biblioteca Central da UFGD... 148	148
Figura 68 - Resolução que atribui o nome do prof. Lins ao bloco do Curso de LETRAS/FACALES/UFGD.....	151
Figura 69 - Imagem do professor José Pereira Lins (segundo, da esquerda para a direita), compondo a galeria de ex- Presidentes da ACP/ Sindicato Campo-grandense dos profissionais da educação pública, no ano de 1955.....	154
Figura 70 - Imagem da capa de <i>Crestomatia Arcaica</i> , na 4ª edição, de 1953, editada em Lisboa, das mais representativas do acervo do Professor José Pereira Lins.....	155

Figura 71 - Imagem do prédio da Escola Estadual Professor José Pereira Lins, no Jóquei Clube, em Dourados.....	156
Figura 72 - Placa alusiva à inauguração da Escola Estadual José Pereira Lins .....	157
Figura 73 - Imagem do novo presidente da Academia Douradense de Letras.....	163
Figura 74 - A Academia Douradense de Letras é uma referência cultural.....	164
Figura 75 - Cores do logotipo da Academia Douradense de Letras e seu simbolismo.....	166
Figura 76 - O professor Lins e a nova presidenta da ADL, Odila Lange.....	167
Figura 77 - Concurso “Poetas Dourados” realizado em Dourados.....	168
Figura 78 - Imagem de posse do professor Lins na Academia Sul-mato-grossense de Letras.....	171
Figura 79 - Imagem do professor José Pereira Lins compondo a galeria dos ex-presidentes da ASL/Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, como presidente no ano de 1999/02 e 2002/03.....	172
Figura 80 - O presidente José Pereira Lins destacando os novos rumos da Academia Sul-mato-grossense de Letras, com a sede própria.....	175

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>Cronologia do Professor</b> .....	18
<b>CAPÍTULO 1: ABORDAGEM TEÓRICO-CRÍTICA: PROBLEMATIZAÇÃO DO ARQUIVO</b> .....	24
1.1 O Desarquivamento do Arquivo.....	24
1.2 Vestígios e Resíduos: Teoria e Crítica de Arquivos.....	38
<b>CAPÍTULO 2 – JOSÉ PEREIRA LINS: AUTOBIOGRAFIA COMO ARQUIVO PESSOAL</b> .....	50
2.1 Origem e Caminhos formativos.....	50
2.2 Docência no meio Universitário.....	93
2.3 Produções literárias e vocação para a oratória.....	108
<b>CAPÍTULO 3 – JOSÉ PEREIRA LINS: TRAJETÓRIA E INSERÇÃO SOCIOCULTURAL DO CIDADÃO</b> .....	127
3.1 Reflexões e Memórias na Reconstituição do Arquivo .....	127
3.2 Impressões e Aproximações do Arquivo do professor.....	143
3.3 Um perfil emblemático do sujeito/cidadão efetivo em duas academias.....	158
3.3.1 Na Academia Douradense de Letras.....	161
3.3.2 Na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.....	169
<b>ALGUMAS CONSIDERAÇÕES</b> .....	178
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	181
<b>ANEXOS</b> .....	192

## INTRODUÇÃO

O ideal seria que todos os homens, cada homem escrevesse as memórias de sua vida, e nós pudéssemos ler tôdas elas. Cada destino humano é um tesouro sem fundo de significações, de descobrimentos, de experiências. E cada um de nós, com o seu tempo próprio, vive praticamente ilhado dos demais. As memórias que conseguimos ler no transcurso da existência breve são uma gota de água no oceano. É verdade que temos as obras de arte enumeráveis, as estátuas, as telas, os murais, as músicas, os romances, os poemas de todos os instantes da história, carreando substância do mistério de outras vidas para a nossa. Mas as obras de arte são decantação, estilização, simbolização apenas de experiências vividas. Não nos dão, diretamente, a vida de cada um, as circunstâncias únicas, a face única, singular, da vida de cada um. Vivemos, de fato, emparedados em nós mesmos, adivinhando vagamente, pelo sussurro longínquo das águas e dos ventos, a infinitude do mar lá fora. Também seríamos como Deus, se pudéssemos acaso abranger o mistério total das outras vidas, dos destinos sem número que se escoaram antes que viessemos, e dos que em torno a nós neste mesmo momento se escoam – em dor, alegria, esperança, medo... 28.2.952 (sic)<sup>1</sup>

Tasso da Silveira (1895-1968).

“Memórias”. 1971, p. 114.

Faz-se necessário que este texto se inicie com a epígrafe do renomado Tasso da Silveira. Tanto ela, a epígrafe, como seu autor, indicam aspectos altissonantes no ofício de introduzir este trabalho. Antes de tudo, porque dela espiralam sentidos multiformes, miríades de impressões, aos quais nenhum exegeta poderia suplantá-la em sua vasta representação. Daí que, ela assume o lugar em exergo de propiciadora da translação dela mesma com nosso objeto de estudo, de longo e matizado *corpus*, que fomos levados, contingencialmente, a delimitá-lo na abordagem que procuramos concretizar voltada para vida e obra do professor José Pereira Lins. Assim, justificando a seleção de uma certa perspectiva de estudo, tanto a leitura da epígrafe como a formulação circunscrita de nosso objeto mostram-se em amálgama como procuramos observar; ou seja, a epígrafe não tem apenas o dom, por si só especular, de abrir sendas ou introduzir um texto, mas principalmente de propor uma articulação entre ela e o objeto de estudo. Neste caso, ao recolher a crônica “Memórias”, de Tasso da Silveira, fazemo-lo a partir das primeiras intervenções no arquivo, também na memória, do professor José Pereira

---

<sup>1</sup>SILVEIRA, Tasso da. Memórias. *Diálogo com as raízes* (jornal de fim de caminhada). Salvador: Edições G. H. DOREA, 1971.

Lins. Ao visitar esse acervo meticulosamente e observar a presença de certos títulos e autores, nele deparamos com significativas obras do renomado Tasso da Silveira, que para nós não parecia algo fortuito ou fruto do acaso: além do título em epígrafe, vários outros do crítico brasileiro integram a vasta biblioteca do professor Lins, aqui nomeada em seu sentido “lato”, pois desde já anunciamos a natureza dispersa do espólio desse escritor e homem de Letras, a qual assinalamos. Justificável ainda o registro de Tasso da Silveira, por meio de suas obras presentes na biblioteca do Professor Lins, tais como: *Definição do modernismo brasileiro* (1932); *Tasso da Silveira e o tema da poesia eterna* (1940), de Adonias Filho; *Contos do campo de batalha* (1997); *As mãos e o espírito* (1997); *Tasso da Silveira – poemas*, organização e seleção de Ildásio Tavares (2003), títulos que iluminam, conectando o professor e seu mestre, crítico e comparatista.

Desde aí, é necessário sublinhar o aspecto central em que duas vidas literárias se encontram e relumem fatos e produção de sentidos para toda uma posteridade. Tasso da Silveira, hoje pouco lembrado, a não ser nos manuais da disciplina de literatura comparada, ainda impõe-se como um dos mais ilustres nomes e biografados da história da literatura brasileira, como nos atestam os manuais referidos ou um e outro texto sobre o crítico literário. Lembraríamos tão somente que Tasso da Silveira foi um dos pioneiros no Brasil dos estudos sistemáticos de literatura comparada. Que em 1964 escreveu o primeiro manual brasileiro da disciplina, desenvolvendo um legítimo esforço no sentido de institucionalizar e difundir o comparativismo entre nós, tal como vinha sendo praticado na Europa.

Para nós, é sintomática a leitura do texto “O destino da América Latina”, de 1922, em que Tasso da Silveira já evocava como ofício dos estudos comparados, *fazer falar os silêncios, recuperar o marginalizado, o esquecido, o intencionalmente ocultado*, como nos adverte a crítica literária mais recente, num texto de Tania Carvalhal (1996). Alíás, neste texto, Carvalhal explora os sentidos originários e de fundação no argumento de Silveira, e recupera fazendo ressoar uma preocupação constante com a impressão de identidades e busca das origens da ficção e história, resgate do passado pelo viés do presente, sobretudo enfim, da associação estabelecida entre memória e invenção (CARVALHAL, 1996, p. 207).

Em tudo e por tudo, essa reflexão, derivada da epígrafe acima, tem a ver com o fato de o nosso “biografado”, o professor José Pereira Lins, ter sido não só um leitor assíduo e devoto de Tasso da Silveira, bem como nos seus primeiros anos juvenis ter

sido aluno do próprio Tasso da Silveira, que, diga-se de passagem, formou toda uma geração de intelectuais e homens de Letras no Brasil, inclusive, em nosso Estado ter ministrado aulas para a reconhecida professora Maria da Glória Sá Rosa (esse testemunho foi dado por ambos os professores durante os vários encontros mantidos com o também professor Paulo Nolasco dos Santos, orientador desse trabalho).

Ainda, há que justificar, antes de mais, o título desse trabalho “No Arquivo do Professor José Pereira Lins: uma leitura entre vida e obra”: sublinha-se aqui o aspecto de amplitude e esparso que o nosso olhar busca na recuperação e alcance dessa trajetória; procurando, assim, no reconhecimento da sua complexidade, pontuar os limites e o foco de nosso estudo, tendo em vista o recorte que almejamos com a delimitação desse tema. Ora, o arquivo do professor Lins mostrou-se a nós de uma riqueza e complexidade de informações, produtível de diversas leituras e abordagens, a partir de onde escolhesse o pesquisador focar a sua observação e, sobretudo, se consideradas as diversas vertentes dos estudos literários e culturais contemporâneos.

Destacam-se, desse modo e por conseguinte, representativas fontes de estudo sobre as quais nos ocuparemos em reflexão ao longo de nossa análise: correspondências do professor Lins, cartas, bilhetes, recortes de jornais, fotografias históricas, discursos de exímia oratória, livros de autoria, livros e artigos de crítica literária, dedicatórias em obras raras, representativa fortuna crítica do autor, bem como a consulta ao acervo de 8.000 (oito mil) títulos adquiridos pela biblioteca da UFGD, compondo a “Coleção Professor Lins”, segundo relatório oficial (Cf. **Anexo I**), diferindo de outras informações que registram cerca de 50.000 (cinquenta mil) títulos a integrarem o acervo da universidade (CARNEIRO, 2011, p. 210). Contribuíram também, sem dúvida, as visitas realizadas para recolha de dados em espaços nomeados pelo nome do professor Lins, como a Faculdade de Letras da UFGD, a escola Estadual recém-inaugurada José Pereira Lins, o Centro de Documentação Regional da UFGD (CDR), a ACP/Sindicato Campo-grandense dos Profissionais da Educação Pública, a ASL/Academia Sul-matogrossense de Letras, a ADL/Academia Douradense de Letras, além de visita à família e a amigos do professor Lins – aos quais somos desde já eternos agradecidos.

Tanto os estudos de memória quanto os de história têm ampliado e enriquecido os focos de análise; títulos relevantes como “A memória de Shakespeare”, de J. J. Borges, *Doutor Pasavento*, de Enrique Vila-Matas, debruçam-se sobre a questão da memória e, *grosso modo*, sobre a memória de escritores que “enlouqueceram” na convivência íntima com os livros e com a biblioteca do mundo, como é o caso desse

último livro, que embaralha a “memória alheia” e a “ficção e a realidade”. Para essa discussão, chama a atenção a crítica Eneida de Souza, no singular ensaio “A memória de Borges”, evocando a ideia de Ricardo Piglia (*O último leitor*) e demonstrando em rigorosa análise a empresa da construção dos “limites rígidos entre ciência e ficção”; ao tornar presente a figura do *Mal de Montano*, de Pasavento, Eneida de Souza reelabora uma “história de memória”, enfatizando que nunca se escreveu com tanto entusiasmo sobre a vida literária, do leitor/escritor, de penetrar na vida e nas ficções dos escritores, e que “nunca a *biografia* mereceu lugar maior que a *obra*, mesmo quando era exercida de forma precária e causalista”.

A citação de Souza avaliza nosso interesse em perscrutar as implicações entre biografia e obra, na medida em que procuraremos não descurar da “obra” do professor Lins, enquanto objeto de nosso estudo<sup>2</sup>. Também, interessou-nos como subsídio e provocações o distinguido volume sobre “histórias de vida”, amplo painel publicado pelos pesquisadores Borges e Costa (2008). Esta proposta de estudo mostrou-se embrionária quando do desenvolvimento de nosso trabalho como voluntário na Iniciação Científica – PIVIC/FACALE/UFGD, durante o ano de 2014, sob a orientação do professor Paulo Nolasco dos Santos, resultando em relatório final (SILVA; SANTOS, 2014a).

Desse ângulo, este trabalho tem a finalidade de realizar uma “leitura” nos arquivos relativos ao entorno da vida e obra do professor José Pereira Lins, com vistas a analisar a produção de saber e do conhecimento e elaborar uma reflexão teórico-crítica derivada do confronto desses documentos. Dizendo de outro modo, nosso trabalho visa ao estudo do arquivo do Professor José Pereira Lins, nome dos mais expressivos intelectuais sul-mato-grossenses, que deixou significativo legado à comunidade e à cultura do Estado de Mato Grosso do Sul, e propõe-se, portanto, à leitura e à recuperação de fontes primárias presentes no acervo (bio)bibliográfico do escritor/intelectual José Pereira Lins.

Há que se registrar, ainda, do ponto de vista historiográfico e da fortuna crítica sobre a vida e obra do professor Lins, a total inexistência de trabalhos realizados com esses objetivos e em prol do mérito e divulgação de sua representativa produção intelectual. Entretanto, cabe mencionar, neste momento, o mais recente e relevante

---

<sup>2</sup>Cf. SOUZA, Eneida Maria de. “A memória de Borges”. In: \_\_\_\_\_. *Jornal de Resenhas* (2010, p. 18; grifos nossos). Nesse ensaio Eneida de Souza explora a relação dos “contos de Freud, seus amigos e clientes que ultrapassam os limites da ciência e ficção”.

trabalho intitulado “Cidadania Reconhecida”, crônica de testemunho de vida, na qual a escritora douradense, Maria Eugenia Carvalho do Amaral, em *Celebrando dezembro, janeiro, fevereiro...* (2014, p. 54-57), entretece os maiores louvores e destaca o excelso lugar do professor Lins como cidadão douradense e intelectual, que chegara em Dourados em 1956 para dirigir o colégio Osvaldo Cruz. As palavras da narradora merecem ser destacadas:

Um jovem humilde e idealista que sempre estudou como bolsista e que, ainda hoje [a narradora escreve antes do falecimento do professor Lins] humilde e idealista, é um homem culto e sábio, com a capacidade de transformar qualquer pessoa em alguém muito melhor, com a sua simples convivência. Um educador como poucos. Um semeador de saberes. Um leitor incansável, dono de uma biblioteca invejável, aberta para todos que o procuram. Amigo de minha família há longa data, foi uma espécie de mentor intelectual de meu pai no início de sua carreira no magistério (AMARAL, 2014, p. 56; grifos nossos).

Por conseguinte, a operacionalização deste trabalho centrar-se-á na clave da literatura comparada, voltando-se para as vertentes da biografia, vida e obra do escritor, cujo título desdobrar-se-á no enfoque sobre a história de vida do professor José Pereira Lins, *grosso modo*. Assim, o trabalho está organizado em um texto de “Introdução”, incluindo uma “Cronologia do Professor”; um primeiro capítulo intitulado “Abordagem teórico-crítica: problematização do arquivo”, em que se discutem aspectos relativos à natureza e constituição de arquivos de escritores e de coleções, com vistas à fundamentação da abordagem. Aqui, julgamos necessária a leitura elaborada da teorização sobre arquivo, ainda que sobre o pretexto de chamar à discussão esse aspecto vital e produtivo dos estudos literários contemporâneos.

Um segundo capítulo, “José Pereira Lins: Autobiografia como Arquivo Pessoal”, dedicado à vida e à obra do professor José Pereira Lins, com vistas à recuperação de fontes e documentos considerados raros na configuração do perfil do cidadão e homem de Letras, resultado de consultas às fontes recolhidas ao longo da pesquisa, e, por último, um terceiro capítulo, intitulado “José Pereira Lins Trajetória e Inserção Sociocultural do Cidadão”, voltado à trajetória do intelectual e homem de Letras, que teve um papel fundamental e decisivo na formação do universo cultural regional e universal na história da cultura e da história sul-mato-grossenses e do País.

Por último, compõem ainda este trabalho o item “Algumas Considerações” e os “Anexos” comprobatórios de nossas análises e observações. Sublinham-se ainda e realmente à guisa de considerações finais, que todo o esforço na elaboração deste trabalho, em tudo e por tudo que ele representa, não nos eximiria de constrangimentos

assumidos como decorrência natural do tipo da pesquisa em desenvolvimento. Quer dizer, decerto que, tendo dispendido grande tempo em pesquisas e acesso ao acervo do professor, não surpreenderia o fato de seu amplo legado e espólio ainda ter escapado ao nosso alcance, deixando assim como promessa para continuidade do trabalho e interesse de outros pesquisadores.

Releva o registro nessa introdução do texto a seguir, “cronologia do professor”, pela sua função catalisadora e de citação que se anuncia em exergo, ilustrativa da trajetória de nosso trabalho.

### **Cronologia do Professor**

- 1921 – Nasce José Pereira Lins, em 5 de fevereiro de 1921, na cidade de São José de Piranhas, Estado da Paraíba do Norte, que nem existe mais, filho de Manoel Pereira de Oliveira e Rosa Lins de Oliveira. Vive os primeiros 16 anos na Paraíba, nesta localidade, aprende a tomar gosto pela leitura e aritmética com seu irmão mais velho Guilherme Evangelista.
- 1937 – Muda-se para Campo Grande/MS com seus pais e irmãos
- 1940 – Exame de admissão no Ginásio Estadual Campo-Grandense e Ginásio Osvaldo Cruz, boletins do 2º 3º 4º e 5º ano do Curso Primário
- 1944 – Vence o Concurso 1º lugar, da “Taça Eficiência”, outorgado pelo 1º Tenente-aviador Hostênsio Pereira de Brito, em evento cultural “Semana da Asa, da Base Aérea
- 1944 – Termina o Ginásial em Campo Grande/MS
- 1945 – Muda-se para Curitiba
- 1945 – 1º (Primeiro) emprego – operário comum na fábrica Íncola, com a renumeração de 2 (dois) cruzeiros base de hora
- 1947 – 2º (Primeiro) emprego – auxiliar de escritório na Rede de Viação Paraná S. Catarina, com renumeração de 720 cruzeiros, data de admissão 1 de fevereiro

- 1948 – Casamento com Isabel Figueredo, em Curitiba, no dia 31 de agosto
- 1948 – Certificado de conclusão do curso científico, considerado habilitado no 2º ciclo Secundário, em Curitiba, do Colégio Estadual do Paraná
- 1949 – Nascimento de seu primeiro filho, Antônio Emanuel, em Curitiba
- 1949 – Ingressa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade do Paraná
- 1950 – Curso de extensão Universitária da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná, em outubro
- 1951 – Curso de extensão Universitária de Filologia Portuguesa, na Faculdade de Filosofia, da Universidade do Paraná, em outubro
- 1952 – Termina o curso superior em Letras Neolatinas, pela Universidade do Paraná
- 1952 – Volta para Campo Grande com a sua esposa e seu filho
- 1952 – Nascimento do segundo filho, dessa vez uma menina, Rosa Maria, em Campo Grande/MS
- 1952 – 3º (Terceiro) emprego – Professor secundário, em Campo Grande, Instituto Osvaldo Cruz, data de admissão 1 de março, com renumeração de 3.622.50 (três mil seiscentos e vinte dois cruzeiros e cinquenta centavos)
- 1953 – Recebe o Diploma de Licenciado em Letras Neolatinas, pela Universidade do Paraná, assinado pelo Reitor, em 10 de junho.
- 1953 – Leciona língua Espanhola no colégio Estadual Maria Constança Barros Machado, em Campo Grande
- 1954 – Professor homenageado da turma Ginásial do Colégio Osvaldo Cruz, de Campo Grande
- 1954 – Nascimento da terceira filha, Elisabete Regina, na cidade de Dourados
- 1954 – Fundou o Colégio Osvaldo Cruz, na cidade de Dourados
- 1954-1955 – Membro Fundador da Associação Campo-Grandense de Professores (ACP); e segundo presidente da (ACP)
- 1956 – Funciona o Colégio Osvaldo Cruz, de Dourados em prédio alugado até 1958
- 1957 – Forma a primeira turma de Ginásianos, na cidade de Dourados
- 1958 – Mudança do Colégio Osvaldo Cruz para a sede própria
- 1958 – Nascimento da quarta filha, Isabel Cristina, na cidade de Dourados/MS

- 1960 – Nascimento do quinto filho, Carlos Henrique, na cidade de Dourados/MS
- 1960/61 – Membro da Rotary Club de Dourados, tendo exercido a Presidência por várias vezes;
- 1963 – Fundador do Ginásio Rodrigues Alves, em Itaporã, inaugurado no dia 9 de agosto
- 1971 – Cidadão Douradense, outorgado pela Câmara Municipal de Dourados, em 20 de dezembro
- 1971 – Professor no Ensino Superior, da Universidade Estadual de Mato Grosso, data de admissão 01 de abril, com a renumeração de 18 (dezoito) cruzeiro por aula. Data de saída: 28 de fevereiro de 1973;
- 1972 – Amigo da Base Aérea de Campo Grande, em outubro
- 1972 – Curso de extensão Universitária, na Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciência e Letras, em Campo Grande – Mato Grosso, sobre “Poética de Carlos Drummond de Andrade”, ministrado pelo prof. Affonso Romano de Sant’Ana num total de 15 horas, do dia 4 de maio ao dia de 7 de maio
- 1978 – Palestra apresentada na 1ª Conferência distrital do 447, de Corumbá. “Uma dúvida inquietante”. Dourados: 20 a 23 abr.
- 1981 – Agente Regional de Educação de Dourados, de 8 de janeiro
- 1982 – Membro do Suplente do Conselho Estadual de Cultura (MS), de 23 de março
- 1983 – Membro da organização de Os Gideões Internacionais no Brasil;
- 1986 – Patrono da 11ª Hora Cívica, em testemunho pelos 30 anos de serviços em prol da educação, junto a comunidade douradense, em 1 de fevereiro
- 1991 – Patrono dos formandos do Magistério da Escola Osvaldo Cruz de Dourados, pelo trabalho em prol da educação, em 11 de dezembro
- 1991 – Membro fundador da Academia Douradense de Letras, em 15 de setembro de 1991
- 1993 – Patrono da cadeira de nº 7 (Patrono Lobivar Matos), sendo o primeiro ocupante fundador da cadeira nº 7 José Pereira Lins, da Academia Douradense de Letras, em 23 de março
- 1994 – Certificado de participação na Associação dos Diplomados da Escola Superior de Suerra, com aproveitamento nos trabalhos do II CEPE – Ciclo de

Estudos de Política e Estratégia, realizado no período de 28 de abril à 15 de Julho, na cidade de Dourados

- 1995 – Homenagem “Dia do Professor”, outorgado pelo Rotary Club Dourados, em 15 de outubro
- 1995 – Membro Efetivo da cadeira nº 20, da Academia Sul-mato-grossense de Letras, em 3 de novembro
- 1996 – Homenagem “Cidadão da Paz”, outorgado pela comunidade BAHÁ’I do Brasil, em 23 de outubro
- 1996 – Homenagem da diretoria da (ACP) ao reconhecimento, pela laboriosa iniciativa e contribuição na fundação deste sindicato, Campo Grande, 18 de maio
- 1996 – Mérito Rotário pelo “Dia do Diretor” e aos relevantes serviços prestados à Comunidade Douradense e ao Rotary Internacional, em 12 de Novembro
- 1996 – Sócio benemérito da Associação de Novos Escritores de Mato Grosso do Sul, em 13 de setembro
- Presidente da Academia Douradense de Letras, em 1996/98;
- 1997 – Membro Efetivo da Academia Evangélica de Letras do Brasil, em 8 de abril
- 1997 – Discurso de posse na Academia Evangélica de Letras do Brasil. “O sopro de Deus”. Rio de Janeiro, 8 de abr. 18 f.
- 1997 – Ajudou a construir a história da Escola Joaquim Murтинho, em Dourados
- 1998 – Membro Correspondente da Academia Espírito-Santense de Letras, em 9 de novembro
- 1998 – Sócio Correspondente do Instituto Histórico e geográfico Paraibano, em 7 de setembro
- 1999 – Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, em 16 de junho
- 1999 – Presidente da Academia Sul-mato-grossense de Letras, de 15 de fevereiro
- 2001 – Homenagem da comunidade acadêmica em celebração aos 30 anos do Campus de Dourados

- 2002 – Moção de Congratulações, outorgado pelo vereador Nelso Gabiatti (PFL), ao professor José Pereira Lins, pela posse na Presidência da Academia Douradense de Letras, ano de 18 de setembro
- 2002 – Medalha de Mérito Militar, outorgado pelo Sr. Governador do Estado, em 05 de Setembro
- 2003 – Presidente reeleito da Academia Sul-mato-grossense de letras, em 19 de novembro de 2002 a 30 de janeiro
- Presidente reeleito da Academia Douradense de Letras, em 2002/2004;
- 2004 – Proferiu a Aula Magna – “A Literatura sul-mato-grossense”, na UNIGRAN, em 10 de março
- 2004 – Membro do Conselho Administrativo do Seminário Teológico Batista Ana Wolleman, onde, por várias vezes, exerceu a Presidência
- 2004 – Conselheiro Emérito do Seminário Teológico Batista Ana Wolleman, em 11 de dezembro
- 2004 – Homenagem da APM e da Direção Colegiada da Escola Estadual Maria Constança Barros Machado, pela participação dos 50 anos da história desta escola, que educou os campo-grandenses e deu a luz à cultura de Mato Grosso do Sul, em agosto
- 2005 – Título Cidadão Itaporanense, outorgado pelo município, em 9 de dezembro
- 2005 – Sócio Benemérito do Jornal Arauto, Campo Grande, 5 de março
- 2005 – Título Doutor *Honoris Causa*, outorgado pelo Centro Universitário da Grande Dourados, em 17 de junho
- 2006 – Título Cidadão Sul-Mato-Grossense, outorgado pela Assembleia Legislativa, em 29 de agosto
- 2006 – Discurso: “Nobres Parlamentares”. Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 29 de ago. 2006, 1 f.
- 2007 – Homenagem ao Professor José Pereira Lins, pelo trabalho de disseminação da cultura sul-mato-grossense, outorgado pelos Correios do Estado de MS, na I Oficina de Incentivo a Leitura de Dourados, no dia 21 de abril
- 2009 – Homenagem de Marilda Moraes G. Bruno, pela generosidade e incentivo ao magistério, UFGD, 2009

- 2010 – Presidente de Honra da 64ª Assembleia, em razão dos relevantes serviços prestados ao trabalho Batista neste Estado. Ponta Porã, 2 de junho
- 2010 – A Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados FAED/UFGD – homenageia a sua trajetória de educador e a sua relevante atuação no Estado de Mato Grosso do Sul, em 19 de novembro
- 2010 – Recebe Prêmio Ildefonso Ribeiro, 1ª edição, em Dourados, no dia 22 de Junho
- 2011 - Falece na madrugada de 2 de maio, aos 90 anos, vítima de parada cardiorrespiratória

Nesse percurso de “Introdução”, anunciamos o objetivo, a operacionalização do estudo e apresentamos o personagem da história de vida que ora propomos realizar acompanhada de uma “Cronologia do Professor”.

## CAPÍTULO 1 – ABORDAGEM TEÓRICO-CRÍTICA: PROBLEMATIZAÇÃO DO ARQUIVO

Propomos, neste capítulo, desenvolver uma abordagem teórico-crítica a partir das reflexões dos autores Jacques Derrida (2001), Eneida de Souza (2009; 2011; 2014), Elizabeth Roudinesco (2006), entre outros. Para tanto, essa discussão procura enaltecer a imagem do arquivo, do acervo e da autobiografia, em diálogo com a vida e trajetória do professor José Pereira Lins, nome que se constitui objeto central deste trabalho. A obra de Jacques Derrida, *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*, (2001), servirá ao propósito de conceituar e formular a ideia de arquivo, o que viria a ser: arquivo do mal, o que, em oposição a Eneida de Souza (2011), em “A Biografia: um bem de arquivo”, tratam de trazer à luz pontos relevantes para a discussão acerca do assunto que nos interessa no presente capítulo.

### 1.1 O Desarquivamento do Arquivo

É evidente que não se pode descrever exhaustivamente o arquivo de uma sociedade, de uma cultura ou de uma civilização; nem mesmo, sem dúvida, o arquivo de toda uma época. Por outro lado, não nos é possível descrever nosso próprio arquivo, já que é no interior de suas regras que falamos, já que é ele que dá ao que podemos dizer – e a ele próprio, objeto de nosso discurso – seus modos de aparecimento, suas formas de existência e de coexistência, seu sistema de acúmulo, de historicidade e de desaparecimento. O arquivo não é descritível em sua totalidade; e é incontornável em sua atualidade. Dá-se por fragmentos, regiões e níveis, melhor, sem dúvida, e com mais clareza na medida em que o tempo dele nos separa: em termos extremos, não fosse a raridade dos documentos, seria necessário o maior recuo cronológico para analisá-lo. (Michel FOUCAULT. *A Arqueologia do Saber*, 2013, p. 159).

A epígrafe, extraída da obra representativa do pensamento de Michel Foucault, *A Arqueologia do Saber* (2013), traduz de modo emblemático a perspectiva de abordagem do filósofo em relação à ideia de arquivo – dentre a diversidade de textos e enfoques, o desejo insuperável da seleção individual, a possibilidade de busca por regularidades dentro da dispersão dos elementos.

A partir daí, interessa-nos argumentar acerca da riqueza da obra *Mal de arquivo* (2001), de Jacques Derrida, que é de grande embasamento e provocações para o

desenvolvimento deste trabalho. Resultante de uma conferência realizada no dia 5 de Junho de 1994, em Londres, em um colóquio internacional, organizado por René Major e Elizabeth Roudinesco, intitulado “Memória: a questão dos arquivos”, e patrocinado pela Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise do Museu Freud e do Instituto de Arte Courtauld, a obra de Derrida constitui fundamento basilar de nossas reflexões. Em abertura da referida conferência, texto que também serviu de base para a abertura da obra citada, Derrida assim sublinha o sentimento que gravita em torno dos estudos sobre arquivo, de sua importância na reflexão que se inicia com o milênio:

Os desastres que marcam o fim do milênio são também *arquivos do mal*: dissimulados ou destruídos, interditados, desviados, “recalcados”. Seu tratamento é ao mesmo tempo massivo e refinado ao longo de guerras civis ou internacionais, de manipulações privadas ou secretas. Não se renuncia jamais, é o próprio inconsciente, a se apropriar de um poder sobre o documento, sobre sua detenção, retenção ou interpretação (DERRIDA, 2001, p. 7; grifos do autor).

A citação do filósofo, nascido em 1930, em El-Biar, na Argélia, deverá orientar a perspectiva de nosso trabalho que versa sobre o arquivo, através da modalidade de conceito, utilizado pela crítica textual e genética. A citação se refere à forma de tornar mais compreensível “a experiência da *memória* e o retorno à *origem*, mas também o *arcaico* e o *arqueológico*, a lembrança ou a escavação (...)” (2001, p. 7; grifos do autor). Ou seja, não devemos distinguir o arquivo como um esconderijo onde se armazenam pilhas de arquivos pessoais e culturais que durante o tempo vão sendo esquecidos, ou, antes, com o olhar para o futuro, fazer com que sejam lembrados de tal forma que os limites do passado se tornem presentes<sup>3</sup>.

Ser levado pelo “mal de arquivo” seria o mesmo que experimentar o mal estar de que tudo já foi feito, arquivado, anotado, comentado; então, o que fazer hoje seria apenas uma evocação ao passado, por isso, Derrida trata como “mal”, ou seja: é possível sair desse mal estar e produzir algo novo? Reflexão na qual Derrida afirma que ter a nostalgia e a paixão pelo arquivo são o mesmo que tê-lo pelo esquecimento, isto norteia o trabalho do pesquisador que busca um diálogo com a vida e a morte, elaborando

---

<sup>3</sup>Ver, neste sentido, os trabalhos “A biografia, um bem de arquivo”, do sugestivo título *Janelas indiscretas*, de SOUZA (2011), bem como a obra *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana*, de DERRIDA (2001). Cf. SILVA; SANTOS. “José Pereira Lins: Memória de um educador em Dourados”. Publicado em: *Anais do XII Seminário de literatura, história e memória e III Congresso Internacional de Pesquisa em Letras no Contexto Latino-americano*. CASCAVEL PR: UNIOESTE, 2015, p. 1-19. Disponível em: <http://www.unioeste.br/eventos/lhmseminario/>. Acesso em: 25 jul. 2016.

aspectos infinitos de escavação – assim, possuído pelo “mal”, “evoca sem dúvida um sintoma, um sofrimento, uma paixão: o arquivo do mal; mas também aquilo que arruína, desvia ou destrói o próprio princípio do arquivo, a saber, o mal radical” (DERRIDA, 2001, p. 9).

O termo “mal”, que catalisa a reflexão de Derrida, foi utilizado pela professora Eneida de Souza, em “A BIOGRAFIA um bem de arquivo”, capítulo de *Janelas indiscretas: Ensaio de crítica biográfica* (2011, p. 39-51), com a finalidade de supervalorizar o arquivo para atrair pesquisadores sobre o assunto, pois, até então: “A pesquisa em arquivos é uma atividade que não atrai a maior parte dos estudiosos do texto literário, por se confundir, muitas vezes, com uma atitude conservadora e retrógrada frente à literatura” (SOUZA, 2011, p. 39). Procura-se, então, valorizar o arquivo com a abertura de voltar o olhar para as anotações, rascunhos, etc., com o que contribui a professora Eneida de Souza, ao enfatizar que a obra deve ser estudada como objeto não fechado, e sim aberto a inúmeras transformações interpretativas, uma vez que: “A prática analítica voltada para as fontes primárias não irá revelar um olhar conservador sobre a escrita literária” (SOUZA, 2011, p. 40).

Nesse sentido, a evocação do mal sofrido por uma paixão de arquivo se refere à abordagem histórica:

*ali onde as coisas começam* – princípio físico ou ontológico –, mas também o princípio da lei *ali onde os homens e os deuses comandam*, ali onde se exerce a autoridade, a ordem social, *nesse lugar* a partir do qual a *ordem* é dada – princípio nomológico (DERRIDA, 2001, p. 11; grifos do autor).

Observa bem Derrida, que “o sentido de ‘arquivo’, seu único sentido, vem para ele do *arkheion* grego: inicialmente uma casa, um domicílio, um endereço, a residência dos magistrados superiores, os *arcontes*, aqueles que comandavam” (DERRIDA, 2001, p. 12). Por conseguinte, compilar em recortes de jornais e cartas a biografia do professor José Pereira Lins, que julgamos representativo na cultura do nosso Estado de MS, em um primeiro momento, pode nos dar a ideia de arquivamento, logo, ler tais recortes de jornais, cartas etc., seria desarquivá-los criticamente, equivale a pôr em circulação para o conhecimento de sua biblioteca. Ainda que em preliminares desses arquivos, e o fato de que a biblioteca do professor Lins nos remeta à ideia de arquivamento, a nossa intenção é pôr esses arquivos (recortes de jornais, cartas, dossiês, assinatura em obras relicários) em circulação, ou seja, essa biblioteca/memória como se fosse a “pulsão de morte, acima de tudo, *anarquívica*, poderíamos dizer, *arquiviolítica*. Sempre foi, por

vocação, silenciosa, destruidora do arquivo” (DERRIDA, 2001, p. 21; grifos do autor). Arquivados no espaço “Coleção Professor Lins” da Biblioteca UFGD, o acervo do Professor remete à trajetória de vida do Professor Lins, como pioneiro da educação de Dourados desde a sua criação do colégio Osvaldo Cruz até a sua atividade como professor Universitário do antigo Centro Pedagógico de Dourados (CPD).

Ainda segundo Derrida, apenas os arcontes tinham a responsabilidade sobre o poder de interpretar esses arquivos, ou seja, não era atividade para qualquer indivíduo interpretar, pois “estes documentos diziam, de fato a lei: eles evocavam a lei e convocavam à lei. Para serem assim guardados, na jurisdição desse *dizer a lei* eram necessários ao mesmo tempo um guardião e uma localização” (DERRIDA, 2001, p. 13; grifos do autor). Foi nesse embate de domiciliação / domicílio que pode ser considerada a criação dos arquivos, “do lugar e da lei, do suporte e da autoridade, [ou seja] uma cena de domiciliação torna-se, ao mesmo tempo, visível e invisível” (DERRIDA, 2001, p. 13). É nesse voltar ao lugar de origem, onde tudo começou, que tomamos como base, através do nome “Exergo” (DERRIDA, 2001, p. 17-38) traduzido segundo o *Novo dicionário da língua Portuguesa*<sup>4</sup> (2005, p. 279), que significa: “Espaço de uma medalha ou moeda em que se grava uma data, uma inscrição, etc.”, ou seja, “espaço” que também “pré-arquiva” os documentos. Onde, minuciosamente, o pesquisador terá que primeiro armazenar as cartas, os recortes de jornais, as obras do autor (Lins), para tornar valioso o seu trabalho e iniciar o “poder” de “*dar a ordem*, contentando-se em nomear o problema, isto é, o tema” (DERRIDA, 2001, p. 17).

É assim que a professora Eneida de Souza valoriza a “BIOGRAFIA”, se diferenciando do termo “mal” e retratando como “bem”, ou seja, esse trabalho de armazenar os escritos de escritores iniciou-se em 1971, com Miguel Ángel, que doou seus manuscritos para a Biblioteca Nacional da França, incentivando a criação da “Coleção Archivos”, que influenciaria na preservação do acervo dos escritores como fonte documental, no qual os pesquisadores e escritores teriam aprimoramento das edições comentadas e críticas. Com isso, os pesquisadores, como no caso do professor Lins, com as obras do escritor Lobivar Matos, trabalhariam as obras com objeto não fechado, e sim com interpretações diferentes e várias modificações, na realização de correções de erros de edições e mudanças processadas pelo autor em sua obra.

---

<sup>4</sup>Cf. QUADROS, Jânio da Silva; ROSA, Ubiratan. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1ª ed. São Paulo, SP: Editora RIDEEL, 2005, 765p.

Com efeito, pretendemos pôr em circulação tais fontes documentais do professor José Pereira Lins, fazendo com que o maior número de pessoas conheça as fontes e a recepção do próprio acervo do escritor. Pois, como pesquisador que se tornou o duplo do poeta Lobivar Matos, ou seja, ao abri-los e pôr em circulação/movimento significaria mostrar para o outro “o poeta desconhecido”, cognome com o qual se batizava o poeta Lobivar Matos. Iniciar-se-ia, na prática, o trabalho do pesquisador em realizar os primeiros aportes – sobre o que arquivar? Que tema seria abordado na pesquisa? Respostas que o pesquisador terá a partir de suas escavações, mas que Derrida desconstrói, afirmando:

Por que prendê-los com estas histórias já gastas? Por que todo este tempo perdido? Por que arquivar isto? Por que este investimento em papel, tinta e letras? Por que mobilizar tanto espaço e tanto trabalho, tanta composição tipográfica? Isto merece ser impresso? Estes relatos não estão disponíveis em todo lugar? (DERRIDA, 2001, p. 19-20).

Perguntas essas que abalam o pesquisador em construir o tema e/ou *corpus* da pesquisa, pois, ao estudar a vida de outrem, vivo no passado, porém morto no presente, constitui-se responsabilidade do pesquisador, em ter que primeiramente procurar saber sobre a trajetória de vida do pesquisado – que formação teve? Onde morou? Qual a relevância científica? Ao mesmo tempo se complica em saber dessa trajetória – para quem perguntar? Quando o professor Lins, foco do nosso estudo, foi realmente reconhecido em Mato Grosso do Sul? E, também, como educador em Dourados? Por onde iniciar as buscas pelos arquivos? Nesse instante, relembramos os estudiosos Jacques Derrida e Elizabeth Roudinesco, que refletem em *De que amanhã... Diálogo* (2004):

Insta-me assumir o outro em mim, a fazê-lo viver em mim, a idealizá-lo, a interiorizá-lo, mas também a não consumir o trabalho de luto: o outro deve permanecer o outro. Ele está efetivamente, atualmente, inegavelmente morto, mas, se o assumir em mim como uma parte de mim e se, por conseguinte “narcisizo” essa morte do outro por um trabalho de luto consumado, aniquilo o outro, amenizo ou denego sua morte. A infidelidade começa aí, a menos que assim continue e se agrave mais (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, p. 192).

Portanto, unir e trabalhar com os arquivos do professor Lins, através dos dossiês, imagens, cartas, livros, dentre outros, não constitui tarefa tão simples, pois, também, além disso, o professor tinha um formidável acervo com obras completas de magníficos escritores, que após a sua morte foram adquiridos pela Universidade Federal da Grande Dourados, totalizando mais de 8 (oito) mil títulos de obras. Alguns dos registros citados

encontram-se na obra da professora Maria da Glória Sá Rosa (1999). Com essa “entrevista”, relatada pelo professor Lins, almejamos que o nosso trabalho não seja de “um arquivo reinventado que funciona como dogma”, como diz Elizabeth Roudinesco em *A Análise e o Arquivo* (2006), e, sim, de uma tentativa de estabelecer, como diz Derrida, na observação de Roudinesco:

que se pode manter com o arquivo, com o espectro do arquivo absoluto, com essa ideia louca segundo a qual podemos arquivar tudo”. Existe em todo historiador, em toda pessoa apaixonada pelo arquivo uma espécie de culto narcísico do arquivo, uma captação especular da narração histórica pelo arquivo, e é preciso se violentar para não ceder a ele. Se tudo está arquivado, se tudo é vigiado, anotado, julgado, a história como criação não é mais possível: é então substituída pelo arquivo transformado em saber absoluto, espelho de si. Mas se nada está arquivado, se tudo está apagado ou destruído, a história tende para a fantasia ou o delírio, para a soberania do eu, ou seja, para um arquivo reinventado que funciona como dogma (ROUDINESCO, 2006, p. 9).

Ou, como observa o próprio Derrida, em sua obra capital:

Preliminarmente, e sempre nos limitando a este arquivamento do arquivo freudiano, deveríamos também atentar para uma data. Pensemos no modelo técnico da máquina-ferramenta destinada, aos olhos de Freud, a *representar exteriormente* a memória como arquivamento *interno*, a saber, o *Bloco mágico (der Wunderblock)* (DERRIDA, 2001, p. 24-25; grifos do autor).

É nessa linha de pensamento que Derrida se refere a Freud, já em seu título alusivo *Mal de Arquivo: Uma Impressão Freudiana* (2001), referindo-se à memória de Freud que, como um modelo (*der Wunderblock*), faz representar a memória como arquivamento numa descrição de inúmeras alusões, como “Bloco Mágico”, ou seja, modelo que também foi descrito e analisado no livro de Freud, *Além do princípio do prazer* (1920), quando Derrida, em 1966<sup>5</sup>, comentando a obra freudiana, escreveu:

A máquina – portanto a representação – é a morte e a finitude *no* psíquico. Freud não se interroga mais sobre a possibilidade desta máquina que, no mundo, ao menos começou a se *parecer* com a memória e que se parece cada vez mais e melhor. Bem mais do que este inocente bloco mágico: este é sem dúvida infinitamente mais complexo que a ardósia ou a folha, menos arcaico que o palimpesto; mas, comparado a outras máquinas de arquivar, é um brinquedo de criança (DERRIDA, 2001, p. 26; grifos do autor).

Descrição do livro de Freud, que se refere ao funcionamento do “Bloco Mágico”, o que, na análise de Derrida, representa referência àquilo que está no

---

<sup>5</sup> Cf. nota 5 da obra de Derrida, p. 37: “Freud et la scène de l’écriture”, in: *L’écriture ET la différence*, Paris, Seuil, 1967, p. 336-337. (Ver edição brasileira – “Freud e a cena da escritura”, em *A escritura e a diferença*).

pensamento do “além...”, da estrutura do aparelho psíquico de pensar questões sobre “o conceito freudiano de traço hereditário”. Tentando delimitar o que o arquivo de Freud deu a pensar sobre a antecipação de traçar o horizonte para onde gostaria de avançar, para representar este funcionamento do aparelho psíquico num modelo de técnico *exterior*, pois, “Freud não dispunha dos recursos que, hoje, as máquinas de arquivar, sequer sonhadas no primeiro quarto deste século, nos fornecem” (DERRIDA, 2001, p. 25).

Com efeito, o que na época de Freud era mais difícil de encontrar, hoje está em todo lugar, pois, se, na presença de máquinas de arquivamento,

Freud, seus contemporâneos, colaboradores e discípulos imediatos, em lugar de escrever milhares de cartas à mão, dispusessem de cartões telefônicos, MCI ou ATT, de gravadores portáteis, computadores impressoras, fax, televisão, teleconferências e sobretudo correio eletrônico (*E-mail*) (DERRIDA, 2001, p. 28).

Derrida desconstrói essas ideias de arquivamento, dos meios eletrônicos, pois, “este sismo arquivado não teria limitado seus efeitos ao *registro secundário*, à impressão e à conservação da história da psicanálise” (DERRIDA, 2001, p. 28; grifos do autor). Ou seja, não é o mesmo meio de arquivamento, uma vez que o que importa não é o conteúdo arquivado, e, sim, os processos determinantes de como esses arquivos vão sendo arquivados para não serem apagados ou excluídos durante o tempo:

Isto significa que no *passado* a psicanálise (não mais do que tantas outras coisas) não teria sido o que foi se o *E-mail*, por exemplo, tivesse existido. E no *futuro* não será mais o que Freud e tantos psicanalistas anteciparam, desde que o *E-mail*, por exemplo, se tornou possível (DERRIDA, 2001, p. 29; grifos do autor).

Acostumados com o uso das tecnologias, para nós pesquisadores, a contribuição de Derrida é importante, pois não é somente a psicanálise dele que estaria em perigo, mas também a nossa privacidade sobre questões que arquivamos em nossos computadores, *e-mails*, etc.:

Mas privilegio também o índice do *E-mail* por uma razão mais importante e mais evidente: porque o correio eletrônico está hoje, mais ainda que o *fax*, em vias de transformar o espaço público e privado, o segredo (privado ou público) e o público ou o fenomenal. Não é somente uma técnica no sentido corrente e limitado do termo: em um ritmo inédito, de maneira quase instantânea, esta possibilidade instrumental de produção, de impressão de conservação e de destruição do arquivo não pode deixar de se acompanhar de transformações jurídicas e, portanto, políticas. Estas afetam nada menos que o direito de propriedade, o direito de publicar e de produzir (DERRIDA, 2001, p. 29-30; grifos do autor).

Dessa perspectiva, em meio a essas revoluções tecnológicas, nós pesquisadores nos sentimos acomodados em armazenar todas as escritas em nossos computadores, não percebendo que a qualquer momento podemos perder tudo. Nesse sentido, Derrida faz comparação com os “manuscritos” e “correspondências” de “Freud e família” (Cf. DERRIDA, 2001, p. 30), que muitos deles ainda não foram editados e publicados, mas só pelo fato de estarem escrito em folhas à mão, seus “rascunhos” estarão sempre guardados, ou seja, não teriam o mesmo perigo de perda. Ao diferenciar isto, Derrida se torna ponderável e, ao mesmo tempo, moderno em afirmar que o uso das escritas de manuscritos à mão não é mais estabelecido pelos escritores, como também não é visto como registro conservador:

Mas isto não deve nos fechar os olhos para a revolução sem limites da técnica arquivística atual. Esta revolução arquivística não determina mais, e nunca terá feito, o momento único do registro conservador, mas sim a instituição mesma do acontecimento arquivável. Condiciona não somente a forma ou a estrutura impressora, mas também o conteúdo impresso da impressão: a *pressão da impressão* antes da divisão entre o impresso e o imprime. Está técnica de arquivamento comanda aquilo que no próprio passado instituía e construía o que quer que fosse como antecipação do futuro (DERRIDA, p. 30-31; grifos do autor).

Realmente, não devemos fechar os olhos para o que está acontecendo atualmente, com o avanço das tecnologias via eletrônica, porém, sem descuidar na utilização desses meios eletrônicos em trabalhos de escritas: por conseguinte, tivemos acesso a esses arquivos aos quais o professor Lins manteve “impresso” – os dossiês, as cartas, os discursos de agradecimentos, as poesias, as crônicas, as assinaturas em obras, os rascunhos. Nesse riquíssimo acervo bibliográfico, armazenado na biblioteca da UFGD, seus arquivos impressos estavam realmente sem perigo de perda dos dados registrados. Nesse “imprimir” o que foi escrito, depois de ser digitado, tivemos acesso aos arquivos pessoais do professor Lins, aos seus trabalhos de pesquisas sobre o poeta Lobivar Matos e rascunhos de suas crônicas, textos, etc., atitude essa que já seria o “penhor do futuro”, como afirma Derrida, que o arquivo começa no “imprime” e “co-determina” o futuro (Cf. DERRIDA, 2001, p. 31).

É nesse embate que Derrida se refere em “Preâmbulo”, como uma das “impressões” atribuídas ao sentido de “arquivo”, se perguntando a si mesmo, ao ler, de um lado, Freud e, de outro, Yerushalmi, depois de sua ligação a Elizabeth Roudinesco, ao pedir um título improvisório para a sua conferência, que resultaria nessa obra *Mal de Arquivo* (2001). “Impressão Freudiana”, em cuja palavra “arquivo”, Derrida afirma não ter uma única definição, como também Freud não conseguiu definir:

Ora, quanto ao arquivo, Freud jamais conseguiu formar um conceito digno deste nome. Nós também não. Não temos conceito, apenas uma impressão, uma série de impressões associadas a uma palavra. Oponho aqui o rigor do *conceito* à vaga ou mesmo franca imprecisão, à relativa indeterminação de uma tal *noção*. “Arquivo” é somente uma *noção*, uma impressão associada a uma palavra e para qual Freud e nós não temos nenhum conceito. Temos somente uma impressão que insiste através do sentimento instável de uma figura móbil, de um esquema ou de um processo in-finito ou indefinido (DERRIDA, 2001, p. 43-44; grifos do autor).

O “arquivo” é um conceito complexo, mas tanto Derrida quanto Freud consideram o “arquivo” ao ser retratado por duas essenciais formas: “passado” e “futuro”, que pode haver alguma definição conceitual. Nesse sentido, houve muitas razões no “passado” para que o “arquivo” existisse, como também haverá no “futuro” para mantê-lo vivo. Pois, como houve na psicanálise de Freud, que propôs uma nova teoria de arquivo levando em conta a “tópica” e a “pulsão de morte”, no qual se relacionam com as formas de arquivamento, que implicariam a conjugação que Derrida atribuiria ao conceito de dupla pressuposição: “recalque” (“*repression*”) e “repressão” (“*suppression*”), que significaria deixar uma marca na língua e no discurso (Cf. DERRIDA, 2001, p. 44).

Derrida descreve as “impressões” a partir das ideias freudianas. Freud nos deixou, tanto nas suas relações dos estudos de filosofia, medicina, psiquiatria, etc., como também no que queremos destacar em especial, a “memória” e o “arquivo”, que fizeram parte de sua psicanálise. Portanto, Derrida afirma que: “É impossível e ilegítimo fazê-lo sem ter integrado, bem ou mal, de maneira conseqüentemente ou não, reconhecendo-a ou negando-a, isso que se chama aqui a *impressão freudiana*” (DERRIDA, 2001, p. 45-46).

Nesse sentido, se temos a “impressão” do conceito de arquivo, devemos lembrar que ele não é único e que o nosso trabalho seria de um “tema” fechado:

Dispor de um conceito, ter segurança sobre seu tema é supor uma herança fechada e a garantia selada de alguma maneira por esta herança. E, certamente, a palavra e a noção de arquivo parecem, numa primeira abordagem, apontar para o passado, remeter aos índices da memória consignada, lembrar a fidelidade da tradição. Ora, se tentamos sublinhar este passado desde as primeiras palavras destas questões é também para indicar uma outra problemática. Ao mesmo tempo, mais que uma coisa do passado, antes dela, o arquivo deveria *pôr em questão* a chegada do futuro. E se não dispomos ainda de um conceito confiável, dado, unificado do arquivo, não é sem dúvida uma insuficiência puramente conceitual, teórica, epistemológica na ordem das disciplinas múltiplas e específicas; não é por falta de elucidação suficiente em alguns campos circunscritos: arqueologia, documentografia bibliografia, filologia, historiografia (DERRIDA, 2001, p. 47-48; grifos do autor).

Derrida tem razão, se o nosso “tema” for fechado, como iremos atribuir novas ideias de outros especialistas sobre o assunto arquivo? Ou, como dialogar com os arquivos do professor José Pereira Lins? Respostas que demandariam recorrer também à psicanálise de Freud, a qual tenta se inserir na ciência do arquivo, e da crítica. Que se iniciou, do contrário da autoridade conservadora, revendo, primeiro, questões de “relações orais”, “propriedades públicas”, e “impressões do mundo”, ou seja, Derrida explica que essas relações citadas não teriam nada a ver com o cérebro humano e sim com:

A adesão a uma doutrina biológica dos caracteres adquiridos – do arquivo biológico, em suma, não poderia entrar em acordo, de maneira simples e imediata, com o que Freud reconheceu por outro lado: a memória da experiência das gerações anteriores, o tempo da formação das línguas e de uma simbolicidade que transcende cada língua determinada e a discursividade como tal (DERRIDA, 2001, p. 49).

O que Derrida está tentando alertar é que Freud, em sua psicanálise, praticava tanto na memória quanto no arquivo, para que as pessoas lembrassem o passado como uma experiência ou caráter adquirido. Daí que, nós, enquanto pesquisadores dos arquivos do professor Lins, ao realizarmos uma analogia com o passado do nosso escritor (Lins), somos “sensíveis” ao que é ruim, no que é “reprimível” e “recalcável”, aquilo que de antemão gera descaso com a cultura e histórias, mas se não fossem essas histórias não existiriam “memórias” e “arquivos” (Cf. DERRIDA, 2001, p. 50). Ou seja, Derrida encontrou nessa alternativa de se expressar nos arquivos de Freud, realizando chaves de leituras na “interpretação” e “classificação” do *corpus*, para assim tentar delimitar o método de seu estudo, numa reflexão que seria de “hermenêutica” ou de “historiografia” independentemente da psicanálise freudiana. Esta experiência, que Derrida tentou realizar com os arquivos de Freud, teria sido:

Num sentido enigmático que se esclarecerá *talvez* a questão do arquivo não é, repetimos, uma questão do passado. Não se trata de um conceito do qual nós disporíamos ou não disporíamos *já* sobre o tema do *passado*, num conceito *arquivável de arquivo*. Trata-se do futuro, a própria questão do futuro, a questão de uma resposta, de uma promessa e de uma responsabilidade para amanhã. O arquivo, se queremos saber o que isto teria querido dizer, nós só o saberemos num tempo por vir. Talvez. Não amanhã, mas num tempo por vir, daqui a pouco ou talvez nunca (DERRIDA, 2001, p. 50-51; grifos do autor).

A experiência que Derrida teve com os arquivos de Freud foi mais de uma viagem de volta ao passado, e a tal pergunta que o fez, no presente, tentou a resposta do conceito de arquivo numa possível visão do que viria a ser no futuro. No sentido de uma nova interpretação dos estudos da psicanálise de Freud, como se o passado não pudesse

armazenar para sempre aqueles arquivos e, por isso, o presente e o futuro trariam de volta uma nova visão científica do que estamos estudando e vivenciando atualmente.

Chamamos a atenção para o capítulo “Ficções impuras”, da professora Eneida de Souza, da obra organizada *Sobrevivência e devir da leitura* (2014). Para a pesquisadora, ao retratar o pesquisador, sendo ele a “sobrevida” do escritor, haverá sempre um rompimento entre a vida e a morte do pesquisado, que conferia ao passado e ao futuro, ou seja:

Se, no pensamento de Derrida, o arquivo não trata do passado, mas é questão de futuro, na ação do arquivista em selecionar o que é preciso guardar, corre-se sempre o risco de se estar violentando algo, destruindo o que deveria permanecer arquivado. Nesse sentido, a reconstituição fragmentária do percurso da escrita/leitura do filósofo de seu arquivo não poderá omitir a lição desconstrutora do “mal de arquivo”, a constatação de ser a tarefa infundável, sem limite de tempo e espaço. Como destino, o arquivo se sustenta pela interpretação que lhe proporcionará uma sobrevida, por reunir nessa operação o movimento simultâneo de acender/apagar certezas, de ser fiel/infidel às palavras do autor. A própria noção de futuro precisa ser redimensionada no vocabulário de Derrida, à medida que se descarta a divisão temporal entre os períodos, contaminados pela sobrevivência simultânea de passado, presente e futuro (SOUZA, 2014, p. 111-112).

Derrida descreveu, como exemplo de passado e futuro, na cena do historiador de cultura judaica Yosef H. Yerushalmi, ex-aluno de Freud, que evocou no fim de seu livro *Monólogo com Freud*: “É uma passagem onde Yerushalmi parece suspender tudo, em particular tudo aquilo que podia dizer e fazer até aqui, no fio de uma só frase” (DERRIDA, 2001, p. 51). E que tentou, em diálogo com o seu professor Freud, nas trocas de cartas, uma tentativa de resposta para a ciência judaica em querer estabelecer algum dia o “objeto de saber”. Esse objeto, segundo Derrida, teria que ser definido no ato de um trabalho árduo do que seria a “ciência” e “judeu”. E ao dirigir-se ao nome do professor Freud, na carta, Yerushalmi apresentaria respeito e admiração destacado na primeira linha da carta que dizia assim: “Prezado e muito honrado professor Freud” (DERRIDA, 2001, p. 54). De início, a carta nos mostrou que houve uma honradez da parte de Yerushalmi, sendo por sua vez respeitoso ao “espectro” de Freud, destacando-se uma posição “filial” de “amor” e “respeito de um filho”. Mas, por outro lado, a carta apresentada mostra uma escrita áspera, afiada, impiedosa no sentido de que, para falar do outro e apresentá-lo ao mundo como se Freud tivesse vivo ainda naquele presente, não tivesse nenhuma vulnerabilidade aos fatos transcritos, ou seja, todo o argumento escrito nas páginas do livro de Yerushalmi, *Monólogo com Freud*, destacou a “ficção”. Evidenciando assim a quebra da ruptura com a linguagem freudiana, no sentido de tentar mostrar que Freud ainda estaria vivo, mas, a linguagem relatada foi apenas do

autor da obra (Yerushalmi). A partir dos arquivos de Freud, ele pretendeu falar com toda objetividade das riquezas dos documentos que guardou, como no exemplo dessa carta e também de outros materiais onde permaneceu inacessível aos nossos olhos, pois, por não conhecermos a reconstituição da carta realizada pelo trabalho do pesquisador Yerushalmi, assim tivemos uma nova interpretação.

Depois desse exemplo, tomaremos conta de que, neste caso, nós pesquisadores, depois de conhecermos e dado a conhecer o nosso “escritor” (Lins), ficaríamos ao mesmo tempo lembrados. Como aconteceu também com o famoso personagem Marcelo, de *Hamlet*, que se apoiou em escritas do seu pai morto, antecipando a chegada de outro “scholar do futuro”, figurando a imagem do “fantasma” primeiramente da razão de si mesmo como filho. Assim, o trabalho que teria na realização das escritas do pai morto, é o sentimento que ainda existia em Marcelo, em querer ser o *scholar* (pesquisador) para dar continuidade da “razão” e da “última palavra” ao seu querido pai (DERRIDA, 2001, p. 51-54; grifos do autor, *passim*).

Daí, Derrida afirmar que tanto a carta escrita pelo Yerushalmi, destacado como uma posição de “aspecto” à imagem de Freud, como também a obra *Monólogo com Freud*:

Não, esta ficção tem uma outra originalidade que põe a ficcionalidade do “monólogo” com que em *abismamento* [*em abyme*]: a apóstrofe é dirigida a um morto, ao objeto do historiador transformado em sujeito espectral, destinatário ou interlocutor virtual de um tipo de carta aberta. Outro efeito de arquivo. Em sua própria ficção, esta apóstrofe vem de fato enriquecer o *corpus* do qual ela pretende tratar, mas que ela amplia e do qual passa doravante a fazer parte. No final de uma discussão cerrada com o fantasma, segundo as regras inter cruzadas da psicanálise e do Talmude, “no espírito do *Le-didakh*”, o signatário do livro e da carta termina por interrogar o aspecto de Freud (DERRIDA, 2001, p. 54-55; grifos do autor).

Derrida estabeleceu relações distintas em aproximações do livro de Freud, *Moisés e o monoteísmo*, (*Obras completas*, vol. XXIII, Imago, 1969; Cf. DERRIDA, 2001, p. 103; grifos do autor), entre a carta e o monólogo de Yerushalmi. No *Monólogo com Freud*, há semelhanças parecidas com o último capítulo do livro de Freud, como também é, em primeiro lugar, heterogêneo ao livro pelo seu projeto, estatuto, forma e ficcional por integrar a mesma assinatura do mesmo autor, mas que a tal ficção empregada foi jurídica e, portanto, Derrida classifica como “científicas”, não ficcionais: nem poética, nem romanesca, nem literária, ou seja, procurou em catálogo da bibliografia do livro e encontrou apenas categorias mais clássicas que ficcionais. Em segundo lugar, pela semelhança do *post-scriptum* que se referia em pesquisas do campo judaísmo e ciência, como também no próprio estudo da obra *Mal de Arquivo: Uma*

*Impressão freudiana*, de Derrida, nos subtítulos “exergo”, “preâmbulo” e “anteproposta”, destacados como elementos abissal do monólogo, de Yerushalmi, como uma nova visão de futuro. Mais ainda, no que se destaca como elementos do arquivo, no que se refere em um “título” de livro, que sem um nome estabelecido ao texto, sem a hierarquização, sem ordem, sem classificação não haveria assim o princípio de “arquivamento” (Cf. DERRIDA, 2001, p. 55-56).

Após essas considerações, que Derrida fez com os arquivos de Freud, em diálogo com as cartas, monólogo do pesquisador Yerushalmi, familiares etc., ele tentou deixar claro que o importante é o esforço de nós pesquisadores em abrir os arquivos do pesquisado (Lins) para que tais memórias saiam do esquecimento e continuem a ocupar o lugar na cultura. Não podendo, assim, deixar se entregar pelo arquivo do mal, e sim:

Interminavelmente procurar o arquivo onde ele se esconde. É correr atrás dele ali onde, mesmo se há bastante, alguma coisa nele se anarquiva. É dirigir-se a ele com um desejo compulsivo, repetitivo e nostálgico, um desejo irremediável de retorno à origem, uma dor da pátria, uma saudade de casa, uma nostalgia do retorno ao lugar mais arcaico do começo absoluto (DERRIDA, 2001, p. 118).

São esses “desejos” que buscamos, pois, através do diálogo com especialistas no assunto, mostram-se que não só a obra de Jacques Derrida, a qual dedicamos o primeiro subitem do nosso trabalho; como, também, procuramos suporte para nossa leitura de arquivo, em estudiosos como Eneida Maria de Souza, Elizabeth Roudinesco, Ana Pizarro, Pablo Rocca, entre outros, que nos ajudaram na busca pelo desarquivamento do professor Lins. Para tanto, entendemos que o projeto dos *Arquivos Literários* se impõe como observa, em passagem pontual, o professor Reinaldo Marques, chamando a atenção para o embate entre os *Arquivos Literários* (2003) e *Mal de Arquivo* (2001):

Os arquivos literários resultam do cruzamento daqueles princípios examinados por Derrida em sua descrição arqueológica da própria noção de “arquivo”, ao tomá-la a partir da sua raiz grega – arkhê. Um princípio topológico, de natureza física, relativo a começo e que remete ao lugar, ao suporte do arquivo; e um princípio nomológico, da lei, relativo a comando, implicando um direito, exercício de autoridade. No caso dos arquivos literários, cabe destacar, quanto ao aspecto topológico, uma operação de localização, de domiciliação, em que a casa, a morada do escritor torna-se o depósito/suporte de seu arquivo. Em relação ao segundo aspecto, o nomológico, remete à forma como o escritor ordena, organiza o seu arquivo, revelando uma intencionalidade, garantindo certa autoridade hermenêutica. Outro ponto importante reside naquela passagem – de natureza complexa – do privado ao público apontada anteriormente, em que a casa do escritor torna-se um museu, um arquivo, aberto ao público. Ou em que seu acervo é confiado à guarda de uma instituição pública e de seus arcontes, os guardiães dos arquivos – universidade, centro de memória, de documentação, biblioteca etc (MARQUES, 2003, p. 151-152; grifos do autor).

Contribui nesse sentido a reflexão acerca do “mosaico” não só dirigindo nosso olhar, mas sobretudo pontuando um aspecto de abordagem teórica: o estudo que ora desenvolvo faz uso da história de vida, como método de pesquisa, por meio da oralidade, que segundo BECKER (1999), o fato de a pesquisa utilizar entrevistas, documentos, imagens há uma inter-relação do social e o do individual, buscando compreender, a partir da trajetória de vida individual do sujeito, conhecer os grupos sociais, a coletividade que pertenceu e conviveu o historiado. Assim, a metáfora do “mosaico” utilizada pelo estudioso, não deixa de ser interessante e propícia para pensarmos sobre este tipo de estudo científico.

Cada recorte da história de vida do Prof. Jose Pereira Lins constitui uma “peça acrescentada num mosaico (que) contribui um pouco para nossa compreensão do quadro como um todo” (BECKER, 1999, p. 104). Dentro dessa ideia metafórica podemos destacar o conjunto das relações entre cada parte desse mosaico, e a medida que muitas peças forem compondo este desenho de vida, “podemos ver, mais ou menos claramente, os objetos e as pessoas que estão no quadro, e sua relação uns com os outros” (idem). Podemos falar das relações pessoais, interpessoais, amigas e profissionais que circunscreveram a vida do Prof. Lins, por isso podemos dizer das relações. Para Becker, a percepção do mosaico não se relaciona naquilo que é funcional, pois “nenhuma das peças tem uma função maior a cumprir, se não tivermos sua contribuição, há ainda outras maneiras para chegarmos a uma compreensão do todo” (BECKER, 1999, p. 104-105).

Essa metáfora de Becker (1999) aponta também para a ideia de continuidade e rupturas conforme escolha das verbalizações. O mosaico pode estar pronto para aquele momento, até porque foi o modo que o pesquisador entendeu ser melhor contar a história de vida. Outro escritor, entretanto, não necessariamente precisa seguir o mesmo padrão. O pesquisador da história de vida que vai estabelecer os sentido para as diferentes buscas e efetuar a ligação entre os fatos e as pessoas a eles relacionados. Como também pode ser solícito voltar aos entrevistados para esclarecer fatos e/ou buscar nos documentos, relatórios oficiais, fotografias, recortes de jornais confrontando o dito com as imagens e os lugares. O mosaico que fechamos com as narrativas do professor Pereira Lins permeou esse método de pesquisa, como uma forma de romper com as dúvidas e buscar as veracidades dos fatos.

## 1.2 Vestígios e resíduos: teoria e crítica de arquivos

Em *Arquivos Literários* (2003), os organizadores, Eneida de Souza e Wander Miranda, se referem à questão do arquivo como todo lembrete, carta, rascunho, mas que, também, por isso mesmo, durante as transformações tecnológicas as formas de arquivamento se converteram em perdas de muitos arquivos dos escritores. A obra é resultado do colóquio “A Invenção do Arquivo Literário”, realizado em setembro do ano de 2000, em Belo Horizonte, com o principal objetivo de debater ideias sobre a preservação dos manuscritos literários para uma nova interpretação na área arquivística, e reuniu notáveis escritores como: Silviano Santiago, Amos Segala, Fernando Colla, Louis Hay, Guilherme Giucci, Bernhild Boie, dentre outros (Cf. MIRANDA; SOUZA, 2003, p. 10).

Destacamos a principal colaboração desta obra, do notável representante da crítica textual e genética Jean-Louis Lebrave, que no capítulo “O Manuscrito Será o Futuro do Texto”, expressa com cautela sobre a prática arquivística:

Desde o início, a coleção *Archivos* se fixou em um duplo objetivo: salvar a obra e os manuscritos dos grandes autores latino-americanos do século XX – criando, assim, um arquivo –, ao mesmo tempo, efetuar a exploração editorial dessas obras, pesquisando, desse modo, o arquivo criado (LEBRAVE, 2003, p. 83).

Ao salvar as obras e os manuscritos dos escritores para fonte de pesquisa dos pesquisadores, estabeleceu, portanto, um cânone do século XX dos autores a seus

pesquisadores, propondo esse arquivamento das obras, textos de jornais, restituírem a letra, etc. Essas técnicas pelas quais “a filologia é o responsável pelo surgimento da Archivos” (LEBRAVE, 2003, p. 83) certamente são as próprias análises dos textos, estudos da escrita que dão entendimento e clareza aos arquivos dos escritores.

São nos estudos dos arquivos do escritor que no capítulo intitulado “Casa de Jorge Amado”, a professora Eneida Leal Cunha propõe um trabalho parecido com o nosso (Lins), na visita à “casa” do escritor, no intuito de encontrar materiais originais que foram armazenados na fundação nas décadas de 1950, no qual se encontrariam cerca de 200 mil documentos distribuídos em três acervos, como, também, mais de 45 mil documentos em sua biblioteca pessoal, resultante de sua trajetória de vida:

A parte do “Acervo Jorge Amado” aberta ao público é primordialmente relativa à obra do escritor. Inclui os manuscritos originais dos romances, na sua maioria integrais, as edições, traduções e adaptações havidas e numerosos registros da fortuna crítica. Para cada livro foi montado um dossiê da sua repercussão, principalmente na mídia impressa, com recortes de jornais guardados pelo escritor. Outros documentos da vida pública, como prêmios, condecorações, diplomas, discursos, além de uma vasta coleção de teses, biografias, estudos, citações, roteiros, vídeos e filmes resultantes de adaptações, cartazes e entrevistas do escritor, ou sobre ele e sua obra, integram o acervo (CUNHA, 2003, p. 119).

Localizado na Bahia, no centro histórico de Salvador, onde é conhecida como “Casa de Jorge Amado”, a professora Eneida Cunha descreveu que a fundação guardou registros do escritor, mas que, hoje em dia, esses acervos se mantêm fechado para a consulta das obras. Para tanto, os pesquisadores teriam acesso apenas aos arquivos sobre a trajetória profissional do autor, ou seja, depois da morte de Jorge Amado aumentaram a procura de suas obras. Nisso, fez com que a administração dos acervos tomasse medidas rigorosas, tais como:

Por um lado, a atenção permanente à circulação da imagem pública e à máquina promocional bem articulada, que estimularam o arquivamento, estão também na origem da publicização do acervo, da constituição e da gerência da Casa; por outro, o grande valor comercial de tudo aquilo que porte o nome Jorge Amado e a competente administração familiar desse patrimônio; sobre tudo isso, o fato incontornável de que o trabalho com o acervo do escritor vivo pressupõe um nível alto de dificuldades e permanentes estratégias de negociação com os seus representantes (CUNHA, 2003, p. 122).

Essa atenção maior sobre a imagem de Jorge Amado, como também de seus arquivos, fez com que a biblioteca da Bahia integrasse um acordo de que “Se for de paz, pode entrar” com os pesquisadores, ou seja, “modo de dizer característico das antigas casas de famílias baianas” (CUNHA, 2003, p. 124). Cuidados que serviram para tantos

outros escritores e administrações de acervos, em estabelecerem certas medidas com os arquivos depositados. Pois, ao realizar a pesquisa na “Casa” de Jorge Amado, teriam também acesso ao “imaginário da baianidade” presente na obra do autor. Nisso, a pesquisadora, por ser, professora titular, da Universidade Federal de Bahia, tem, de certa forma, uma “convivência íntima do diverso, da amizade fácil e fértil, que produziram a mestiçagem das raças e a hibridação cultural *daquele povo baiano*” (Cf. CUNHA, 2003, p. 125; grifos meus).

De certa forma, os amigos e poetas Carlos Drummond de Andrade e Abgar Renault, no qual destacou o professor Reinaldo Marques, em “O Arquivamento do Escritor”, foram arquivísticos de uma “compulsão para arquivar papéis, recortes de jornais, cartas, bilhetes, cartões postais etc” (MARQUES, 2003, p. 141-142). No sentido de “alimentação” de seus próprios arquivos, nas suas trocas de jornais de publicações, onde acusam o recebimento e agradecem um ao outro. Promovendo, assim, os seus próprios arquivamentos. O professor Reinaldo nos ensina práticas e técnicas de como arquivar esses recortes de jornais, cartas, dentre outros:

Guardar papéis ou documentos em pastas, gavetas ou cofres; montar álbuns fotográficos; manter um diário ou, ainda, redigir uma autobiografia. São executadas diferentes operações intelectuais e manuais: analisar, selecionar, fazer triagem, manipular, omitir, sublinhar, rasurar, riscar, recortar etc. Nesses procedimentos importa salientar, a meu ver, tanto o gesto seletivo e classificatório quanto a intencionalidade por parte do indivíduo que constitui seu arquivo pessoal (MARQUES, 2003, p. 146-147).

Ao realizar esse arquivamento, teríamos a “autobiografia” do escritor, como resultante do nosso trabalho em unir, selecionar, organizar os acontecimentos que marcaram a sua trajetória de vida, ao “Escrever um diário e guardar papéis equivale a escrever uma autobiografia” (MARQUES, 2003, p. 147). Ou seja, forjando assim, a sua outra imagem de si, como “coleccionador”:

Percebe-se nos nossos escritores um empenho zeloso para guardar papéis e documentos, armazenar recortes de jornais, arquivar e ordenar originais manuscritos ou datiloscritos, correspondências (cartas, bilhetes, cartões postais, telegramas), acumular fotografias, montar bibliotecas, preservar objetos pessoais. E também a prática do colecionador: revistas, suplementos literários, obras de artes, obras de artesanato. Disso dão testemunho, por exemplo, os álbuns fotográficos de Abgar Renault, registrando sobretudo a trajetória do homem público, ocupado e preocupado com os rumos da educação no país; a correspondência de Henriqueta Lisboa, evidenciando uma rede de relações literárias e afinidades intelectuais e afetivas; a coleção de peças de artesanato popular, de Oswaldo França Júnior, figurando nádegas femininas e cenas eróticas; a coleção do *Suplemento Literário* de Murilo Rubião, sua biblioteca pessoal. Este é talvez o escritor mais atacado pela prática arquivística, marcada pelo rigor na ordenação e classificação dos materiais, pelo cuidado com sua conservação e preservação, como indica seu hábito de colocar capa dura em todos os livros (MARQUES, 2003, p. 147-148; grifos do autor).

Desse ângulo, destaca-se a figura do José Pereira Lins, escritor, pesquisador, diretor, intelectual Sul-mato-grossense, que em sua trajetória de vida colecionou muitas obras de outros autores em seu acervo pessoal, formando, assim, seu riquíssimo acervo presente na Biblioteca central da UFGD, no espaço “Coleção professor Lins” e também no Centro de Documentação Regional (CDR) da Faculdade de Ciências Humanas, da mesma Universidade. Chamamos a atenção para o capítulo “Acervos de Murilo Mendes”, de Terezinha Maria Scher Pereira (2003), destacando que o trabalho da professora propõe, juntamente com os professores do Curso de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, o objetivo de construir uma bibliografia literária de Murilo Mendes, depois de doado todo o seu acervo para a Universidade. De fato, os professores, ao perceberem que estavam diante de duas coleções, sendo elas, de livros e textos, onde, durante a sua vida Murilo guardou muitos catálogos de exposições de arte, fragmentos de correspondência, e também suas próprias anotações. Entrecruzando gestos, a pesquisadora propôs em seu ensaio não mais mostrar o poeta Murilo como autor, mas, sim, como leitor, interlocutor e colecionador (Cf. PEREIRA, 2003, p. 157). Como afirma a autora:

Esses caminhos de reflexão nasceram das suas próprias coleções, sobretudo da sua coleção de livros, mais que da sua obra literária. Mais de Murilo Mendes leitor do que Murilo Mendes autor. Diante da sua coleção de livros podemos dizer que nós, pesquisadores, nos sentimos um pouco como Benjamim se sentiu um dia, ao desempacotar sua biblioteca, e registrar num dos seus mais belos textos sobre o trabalho de colecionar e sobre o colecionador. Nesse texto, há um destaque especial para o colecionador de livros.

Isso é possível por causa da relação especial entre o colecionador e suas coisas: não é que eles estejam vivas dentro dele; ele é que vive dentro delas. Como o colecionador Murilo Mendes vive nas suas coleções, julgamos que pesquisá-las é, de alguma forma, encontrá-lo (Cf. PEREIRA, 2003, p. 163-165).

Logo, a pesquisadora descreve que o trabalho com os acervos de Murilo foi fascinante, pois conseguiu resgatar a vida e as obras do poeta modernista, como, também, as várias formas do discurso da identidade brasileira, uma vez que, como o poeta tinha muita influência com os representativos intelectuais da arte do século XX, que o ajudaram com doações de muitos quadros e gravuras, favorecendo e ampliando na formação de seu próprio acervo.

Com relação à realização de pesquisa no acervo do escritor, vale ratificar, a relação do “leitor” na “biblioteca”, como destacamos o capítulo “O leitor na biblioteca”, da professora Vera Lúcia Andrade (UFMG), da obra *Limiaries Críticos* (1998). Ensaio que se refere a uma pesquisa realizada na biblioteca do escritor Murilo Rubião, ao qual durante 20 anos a professora dedicou-se ao estudo:

A partir de 1922, no entanto, tendo passado a trabalhar diretamente com o acervo, doado ao Centro de Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, ainda em vida, pelo próprio escritor, meu campo de trabalho viu-se largamente ampliado. Constituído por biblioteca, hemeroteca, documentos, correspondências, fotografias, memorabilia, objetos de arte e outros objetos pessoais do escritor, o acervo Murilo Rubião revela-se como um espaço privilegiado de pesquisa e reflexão, permitindo-nos recuperar parte da história cultural e literária de Minas e do Brasil (ANDRADE, 1998, p. 89).

Em pesquisas no Centro de Estudos Literários da UFMG, a autora reconstituiu a imagem de Murilo Rubião, não mais como escritor, mas sim como leitor e desconhecido até os anos 1970, depois de sua publicação muito famosa, *O pirotécnico Zacarias* (1974), entre outras, que na revolução do *boom* da literatura latino-americana se tornou muito conhecida (Cf. ANDRADE, 1998, p. 91). Mas relembra Vera Andrade, que Murilo Rubião era de gerações de escritores como também foram os seus pais, avós e tios, que eram reconhecidos em Minas Gerais, pelas suas escritas, publicações e paixão pelas Letras:

Menino criado em biblioteca e nos “claros-escuros da fantasia”, muito cedo brincou com palavra. Seu avô, Francisco Alves de Barros Rubião, deixou um livro de memórias e outros de pensamentos, ambos inéditos. Seu pai, Eugenio Rubião, era poeta e filólogo, membro da Academia Mineira de Letras. Tinha tios e primos que também escreviam, o mais famoso deles sendo Godofredo Rangel (ANDRADE, 1998, p. 90).

Faz sentido essa paixão de Murilo Rubião como leitor, que desde menino lia memórias e escrevia contos fantásticos como o “Ex-mágico”, publicado em 1947. Podemos reconhecer que a época de sua infância, bem como seu contexto familiar contribuíram favoravelmente para o sucesso e a realização profissional do grande homem de Letras que foi Murilo Rubião. Talvez não se possa negar esse fato. Entretanto, também não podemos esquecer que outros sujeitos leitores, de ontem e de hoje, que não tiveram a mesma fortuna de Rubião, conseguiram superar suas histórias de adversidades, logrando êxitos tão formidáveis quanto os do escritor Mineiro.

Vale destacar, também, a história de vida do escritor Moacyr Scliar, que em capítulo “A função educativa da leitura literária” (SCLIAR, 1995), lembra sua infância, na qual havia um conjunto de pessoas comentando histórias e que seu pai participava, bem como ouvia todas as histórias de pessoas analfabetas. Na época não tinha televisão, e o teatro estava fora de seu alcance. Scliar se recorda que em sua infância ocorria muita imaginação e que as pessoas relatavam as dificuldades e suas experiências de vida, o que o pressionava muito. Portanto, o autor passa para o papel as histórias que ouviu, relatando a importância para a vida como escritor; foi influenciado pelos seus pais: era filho de professora; podia comprar quantos livros ele quisesse que seu pai pagava. Enfim, todo o processo favoreceu para a sua formação de leitor e de escritor. Daí a afirmação de Scliar: “A arte da interpretação é uma arte fundamental, ela deve ser conjugada com a emoção do texto” (SCLIAR, 1995, p. 176). Quer dizer, quando o escritor faz anotações, escreve cartas, crônicas, este se direciona a um mundo que vai além da interpretação, pois o leitor, em cada estrofe, interage com o contexto diferente e carregado de emoção. Por isso, Moacyr Scliar sustenta que “Palavras são tudo para quem escreve, ou quase tudo. Como a serra, o martelo, a plaina, a madeira, a cola e os pregos para o marceneiro” (SCLIAR, 1995, p. 163). A partir daí, criando filamentos com a vida do leitor e estudioso professor Lins, não com a mesma sorte de Murilo Rubião e Moacyr Scliar, que foram descendentes de professores e escritores, mas, com a sua história de superação, dedicação e ajuda de muitos, amigos ao que ele não nega em dizer que é “fruto de terceiros”. De qualquer forma, tornou-se escritor, intelectual sul-mato-grossense e douradense, que hoje põe em demanda estudos ancorados nas

vertentes teóricas da biografia, do arquivo, do memorialismo, amplamente reconhecidas e reveladoras das *Trajetórias de vidas na história* (2008), cujo capítulo “Eduardo Prado: o último dos lusíadas”, da professora Nanci Leonzo (USP), retratou a trajetória de vida do plantador de café, escritor, político, Eduardo Prado. Queremos destacar o modo pelo qual a pesquisadora obteve a realização de sua pesquisa, numa aproximação que fez com biógrafos, historiadores e amigos de Eduardo Prado, para reconhecer que:

Livros e amigos sempre tiveram presentes na vida do bacharel Eduardo Paulo da Silva Prado, nascido em 1860 na cidade de São Paulo, no seio de uma família tradicional, cuja mãe, D. Veridiana Valéria da Silva Prado, ficou conhecida como uma das mais perfeitas anfitriãs da sociedade local. Assim o *Catalogue de la Bibliothéque Eduardo Prado*, elaborado em 1916, com vistas à venda de sua preciosa biblioteca e onde, justamente, livros e amigos formalmente se entrelaçam, foi o instrumento que utilizei para conhecer mais de perto o intelectual e fugir dos estereótipos que a historiografia brasileira, em suas diferentes vertentes, lhe atribuiu, todos motivados por leituras apressadas e oportunas de suas obras, bem como as de seus contemporâneos (LEONZO, 2008, p. 377-378; grifos da autora).

Há que salientar que a pesquisa em torno do assunto cresce em produtividade e revigorada por uma bibliografia específica. O renovado interesse pela pesquisa em arquivos, hoje em dia, transpõe a inércia de grande parte dos estudiosos que, na supervalorização do texto literário, frequentemente confundiam a pesquisa de fontes primárias como atitude conservadora e retrógrada. Como bem observa Eneida de Souza, que assim valoriza a reflexão nessa área:

É significativa esta retomada crítica da figura do autor, seu retorno por meio de traços e resíduos, da assinatura, abolindo-se o procedimento de recalque como produto do pacto ficcional com a escrita, inscrita de modo asséptico e distanciado (SOUZA, 2011, p. 39).

Daí, chamarmos a atenção para o capítulo “Pedro Nava se Desenha”, de Eneida de Souza, que se refere ao memorialista Pedro Nava como fonte riquíssima de uma pesquisa biográfica. Eneida divide seu ensaio em três partes, explorando as obras, os folhetos de jornais, os pedaços de papel, as anotações, os desenhos ilustrativos do autor etc. Materiais de grande “riqueza documental”, pois, Pedro Nava tinha relações de amizade com os poetas modernistas Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault, Emílio Moura, entre outros, que o ajudaram no compromisso de publicar alguns de seus poemas “Mestre Aurélio entre as Rosas” e “O defunto”, poemas que foram reeditados pelo poeta Manuel Bandeira e publicado na obra *Antologia dos Poetas Bissexto* (1946). Considerado memorialista e poeta bissexto, Pedro Nava fez de seus arquivos um *Baú de Ossos* (1972), recriando as lembranças de sua infância mineira, propondo uma reflexão “patriarcal e latifundiária” (Cf. SOUZA, 2003, p. 187), como destacou Eneida de Souza:

Pelo fato de ser um arquivo de um memorialista, que iniciou sua obra em 1968, aos 65 anos, é natural que a maior parte do material utilizado tenha sido o resultado da experiência acumulada pelos anos, somada à reconstrução de um discurso da memória sempre de segunda mão. Nesse sentido, a revista ao passado vale-se tanto de ajuda dos amigos que contribuem com textos e reflexões já publicados – como é o caso de Drummond, cronista e poeta de Minas, voz que ecoa nos livros de *Memórias* – quanto pela pesquisa realizada através da leitura, troca de cartas e de fragmentos textuais retirados do noticiário contemporâneo à escrita, nos quais se confrontam fatos do presente com os do passado. A escrita da memória se exercita ainda pela articulação entre grafia e desenho, em que se condensa o traço caricatural dos perfis com a descrição de cada tipo físico das personagens que irão integrar o texto de Nava (SOUZA, 2003, p. 186; grifos da autora).

O grande nome do memorialismo brasileiro, Pedro Nava, firmou-se em escrita de seu passado, com histórias da família, da sua formação profissional e na escrita dos intelectuais da geração à qual pertencia. Ainda, descreve Eneida de Souza que algumas narrativas de Nava são de dimensão épica e monumental, mas que o ajudaram a nortear pelo “caminho da ficção e do documento, pela reinvenção dos fatos vividos tanto pelo escritor quanto pela sua geração” (SOUZA, 2003, p. 188). Ou seja, na realização da pesquisa dos arquivos de Nava, para saber como ele se desenhava, a estudiosa fez o entrecruzamento de sua memória, da sua escrita e de seus arquivos contemporâneos presentes na Fundação Casa de Rui Barbosa, para assim afirmar:

Como se desenha, portanto, o gesto autobiográfico de um escritor que se comporta ao mesmo tempo como obsessivo colecionador de provas legitimadoras da veracidade dos fatos e como desmitificar dessa verdade? Ao transformar as pessoas de seu convívio em personagens, pelo grau de ficcionalização a elas conferido, ou ao se inspirar em imagens presentes nos livros e nas obras de arte, Nava embaralha os limites entre ficção e realidade. A composição das *Memórias*, marcada pela distância em relação ao vivido, o que permite reconhecer o efeito mediatizado e oblíquo do texto (SOUZA, 2003, p. 190).

É oportuno chamar a atenção para a discussão que Florência Garramuño, em *Crítica e Coleção* (2011), propõe acerca da vitalidade do arquivo na cultura contemporânea; da perspectiva da estudiosa, a função do “arquivo” é anterior à recordação, o que quer dizer que ele atenta “contra as memórias já construídas, *contra as histórias já contadas, posto que em suas prateleiras e estantes pode sempre morar escondido um documento que desdiga ou corrija essas histórias*” (GARRAMUÑO, 2011, p. 207; grifos meus).

Quer dizer a estudiosa que a postulação do arquivo, “apesar de indispensável para a memória, ele abriga sempre uma ameaça para essa mesma memória” (GARRAMUÑO, 2011, p. 207); daí que, se torna primordial uma investigação fundada

na conservação dos vestígios e resíduos do professor Lins, que demandariam outra “realidade”, que, abandonando os fragmentos do passado, lança-se em favor da presença. Enfim, a lição da autora sustenta a ideia de que o estudo do arquivo resultaria em uma voz que obriga o passado morto, aquilo que o morto levou para o túmulo, diríamos, a dizer o que (aquilo que) ainda não foi dito. Ou seja:

(...) a lógica do arquivo trabalha nessas obras contemporâneas com uma noção de presença pós-fundacional que coloca no presente a sua pedra de toque, que localiza na contemporaneidade a sobrevivência e se pergunta pelo modo de lidar, no presente, com o esquecimento, os restos, a amnésia e os vestígios vivos (GARRAMUÑO, 2011, p. 213).

Em consonância com isso, evocamos o volume dedicado à “invenção do arquivo literário”, *Modernidades Alternativas na América Latina* (SOUZA; MARQUES, 2009, p. 351-491), com a contribuição do conhecido capítulo de Ana Pizarro (2009), que salienta, neste capítulo, o papel fundamental do arquivo para a América Latina, ao acentuar que os relatos geram novos ritos de uma outra tradição, cujo gesto seria o do autoritarismo. Em suas palavras:

É a luta pelo poder no campo simbólico, uma luta que passa pela destruição de bibliotecas, arquivos, monumentos, centro de informação. A memória é, pois, manipulável: alteram-se documentos, manipulam-se fotografias, constroem-se simuladas evidências e a invenção toma o campo da realidade (PIZARRO, 2009, p. 353).

Em sintonia, o crítico uruguaio Pablo Rocca (2011) discute o papel do estudioso de arquivo como um policial, pois que caberia ao pesquisador saber ouvir a voz com a qual o arquivo ordena, “classifica e vigia as diversas camadas da vida social e, entre elas uma muito perturbadora: a república das letras” (ROCCA, 2011, p. 251). Outro capítulo dedicado à temática, acrescenta luzes ao assunto, ao se destacarem em palavras da estudiosa, em título altamente significativo, o sentido mais contundente sobre uma visita de estudos à escrivania ou biblioteca dos escritores:

O título de um livro, a marca de uma caneta, uma carta postada da Rússia ou de Paris, um caderno de anotações, os aros de um óculos ou uma caixa de remédios, a fotografia de nossos avós – ainda que jogados, empilhados ou guardados em uma gaveta – podem servir de indícios para a construção de uma biografia (CARNEIRO, 2011, p. 327).

Neste capítulo, a autora salienta o fato de que “todo arquivo é uma *invenção* e toda narrativa é uma *construção*” (CARNEIRO, 2011, p. 328; Grifos da autora). O que, dizendo de outro modo, nesse tipo de conhecimento “entram em jogo elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição”, pois, quando deparamos diante de uma caixa ou arquivo pessoal, tratamos de ler esses sinais:

São esses sinais – muitas vezes resíduos de um arquivo pessoal – que devemos perceber como elementos reveladores de fenômenos gerais: visões de mundo de uma classe social, de um escritor, de um grupo político, de uma comunidade. Vestígios que podem nos remeter a um passado não muito distante, mas ainda desordenado, desconectado como pérolas soltas de um colar arrebitado. Quem sabe, um dia, iremos nos interessar por aquela caixa de papéis velhos que, assim como a “caixa de Pandora”, nos colocará diante de um mundo fantástico, povoado por personagens reais e imaginários. Lembra-se da expressão “caixa de Pandora”, herdada do mito grego, que narra a história de uma caixa enviada com bagagem de Pandora e Epimeteu, irmão de Prometeu, como presente de Zeus? A referência à “caixa” (ânfora ou jarra, de acordo com as diferentes traduções) recorda algo que gera curiosidade, mas que é melhor não ser revelado ou estudado, sob pena de mostrar algo terrível, que possa fugir do nosso controle. Segundo a lenda, Epimeteu teria aberto a caixa, liberando os males que haveriam de afligir a humanidade: o trabalho, a doença, a loucura, a mentira, e a paixão. No fundo da caixa, restou a Esperança (ou, segundo algumas interpretações, a Crença irracional ou Credulidade). Lembro aqui que Prometeu – condenado a ficar 30 mil anos acorrentado no Monte Cáucaso, tendo o abutre Éton comendo seu fígado todos os dias – já havia alertado seu irmão quanto ao perigo em aceitar presentes de Zeus (CARNEIRO, 2011, p. 331).

Com efeito, dessas palavras compreende-se a história de vida do professor José Pereira Lins intelectual e homem de Letras, que queremos não só exaltar, mas registrar com vistas a um processo de visitação e conhecimento da riqueza desta biblioteca que se preservou e se perpetuou em cada uma das centenas de milhares de páginas desses livros, que reúne desde obras e primeiras edições raras, manuscritos originais e livros de autoria própria; enfim, trata-se de acervo representativo, inclusive pelo resgate de obras de outros tantos escritores regionais, em especial dos escritores Lobivar Matos e Hélio Serejo, da fronteira Brasil–Paraguai. Assim, releva observar, do ponto de vista da crítica literária e biográfica, Eneida de Souza, autora de *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica* (2011), que, no caso do nosso escritor (Lins), pode-se dizer de uma vida dedicada à biblioteca e a uma extrema paixão pelos livros, quer dizer, “paixão pelo conhecimento e por uma particular forma de saber” (SOUZA, 2011, p. 17), que o envolvera desde o início até a sua morte. Aliás, como enfatiza a própria crítica literária, ao definir nosso campo de atuação através da vertente biográfica:

*A crítica biográfica se apropria da metodologia comparativa ao processar a relação entre a obra e a vida dos escritores pela mediação de temas comuns, como a morte, a doença, o amor, o suicídio, a traição, o ódio, as relações familiares, como o tema dos irmãos inimigos, da busca do pai, da bastardia, do filho pródigo e assim por diante. Reunidos por um fio temático e enunciativo, independente de intenções ou da época em que viveram, escritores e pensadores constituem matéria biográfica a ser explorada no nível teórico e ficcional. A comparação conta, portanto, com a ajuda de critérios biográficos ao promover encontros entre escritores e incentivar a criação de diálogos muitas vezes inesperados (SOUZA, 2011, p. 20; grifos nossos).*

Ainda a ensaísta latino-americana, Ana Pizarro, observa com propriedade:

A América Latina como arquivo literário precisa da urgência do registro, do testemunho, do documento, devido à precariedade de sua condição histórica. Necessita também de reler os monumentos, abordando-os de forma crítica, desconstrutiva, para re-situar permanentemente o documento e o monumento. É um trabalho de intelectuais e de arquivistas com capacidade de situá-los no foco de um olhar interdisciplinar, em que possam convergir a história, a paleografia, o direito, a semiologia, linguística, entre outras disciplinas, além das técnicas de conservação e restauração com seus respectivos conhecimentos auxiliares (PIZARRO, 2009, p. 357).

De outra forma, a pesquisadora Helena Carvalho Buescu, da Universidade de Lisboa, em capítulo intitulado “Inventar a Ler. Literatura-Mundo em Português” (2014), chama a atenção para a vasta organização da biblioteca do historiador de arte Aby Warburg, que “organizou a sua biblioteca segundo a lei do ‘bom vizinho’, que parece ter tido grande impacto em vários dos pensadores a ele ligados, mais direta ou mais indiretamente” (BUESCU, 2014, p.73). Essa lei, segundo a professora, foi descrita pelo assistente de Warburg, Fritz Saxl, que afirmou:

[Warburg] fala da “lei da boa vizinhança. O livro que se conhecia não era na maioria das vezes o livro de que se precisava. O vizinho desconhecido na estante continha a informação vital, embora tal não se adivinhasse a partir do seu título. A ideia predominante era a de que, juntos, os livros – cada um contendo a sua maior ou menor parte de informação e sendo complementados pelos seus vizinhos – deveriam guiar o estudante, pelos seus títulos, para uma tomada de consciência das forças essenciais da mente humana e da sua história. os livros eram para Warburg mais do que instrumentos de pesquisa. Reunidos e agrupados, expressavam o pensamento da humanidade nos seus aspectos constantes e mutáveis (*apud* BUESCU, 2014, p. 73).

Na esteira dessas reflexões, a professora Helena Buescu retoma e associa a ideia de “coleccionismo”, proposta por Walter Benjamin, com a ideia de “bom vizinho”, sobre a biblioteca do escritor Warburg, as suas propostas de que essas leis não seguem uma ordem pré-determinada e obrigatória, e que:

A minha proposta é a de que olhemos para uma antologia como um objeto análogo à biblioteca (e à coleção), repousando sobre a criação/descoberta de compatibilidades vindas de formas de associação, até por contiguidade, dos diversos textos nela incluídos (e, quiçá, dos excluídos...). Significa isso que essa proposta de *forma* (a “matéria organizada”) esgota os fenômenos e as experiências possíveis de contabilidade? É certo que não, antes pelo contrário. A partir do princípio de que não existe apenas *uma forma obrigatória*, a antologia (a biblioteca, a coleção) leva a interrogar criticamente (e por isso inventivamente) aquela que foi efetivamente adotada, e por isso outras que poderiam ser igualmente viáveis (BUESCU, 2014, p. 75; grifos da autora).

Assim, a recuperação de fontes primárias, representativas na rica cronologia do escritor e intelectual José Pereira Lins, por meio da elaboração de um cronograma

fundamentado no decorrer de sua vida, justifica os objetivos deste estudo, bem como abre perspectivas para a análise de facetas de sua (bio)bibliografia, o que abordaremos nos próximos capítulos desta dissertação.

## **CAPÍTULO 2 - JOSÉ PEREIRA LINS: A AUTOBIOGRAFIA COMO ARQUIVO PESSOAL**

A vida e a trajetória do professor José Pereira Lins constituem-se matéria de amplo e espesso espectro, cuja análise mostra-se como instigante desafio para o estudioso que queira destrinçar os meandros de tão produtiva história de vida. Aludir à autobiografia e arquivo tão somente denotam um sentido direcionador de um percurso de difícil reconstrução, porém, perscrutáveis nas entrelinhas dos textos, das imagens e dos testemunhos orais e/ou materiais que emblematizam o caráter de alta representatividade do nome do cidadão e homem de Letras que procuraremos esboçar. Sob a perspectiva de “Origem e caminhos formativos”, bem como na tentativa de materializar as principais homenagens, nomeações e títulos honoríficos, por ordem cronológica, procuramos descrever o papel da figura do educador e de sua atuação e inserção na região da grande Dourados e do Estado de Mato Grosso do Sul. Nesse aspecto, a significativa produção literária do professor Lins e as atividades correlatas serão objeto de reflexão neste capítulo.

### **2.1 Origem e caminhos formativos**

Toda vida tem epígrafe, título, editor, preâmbulo, prefácio, texto, notas etc. Quer dizer: ou os têm, ou pode tê-los. (Novalis *apud* Marthe ROBERT, 2007, p. 11)

Da perspectiva iluminada pela epígrafe, voltamo-nos para a figura do professor José Pereira Lins, procurando contemplar seu testemunho de vida, revelado nalguns signos emblemáticos que rondam a figura do mestre. A sua trajetória de vida registra profundas e indeléveis marcas, ou seja, nascido em 5 de fevereiro de 1921, no Estado da Paraíba do Norte, na cidade de São José de Piranhas, o professor Lins permaneceu no Estado da Paraíba até 1937, depois toda a sua família residiu em Campo Grande, onde estudou o Secundário no colégio Osvaldo Cruz e o Ginásial no colégio Estadual Campo-Grandense, entre os anos de 1940 a 1944. Sobre isso, informa a estudiosa, Maria da Glória Sá Rosa, que o professor ingressou pela primeira vez nos bancos

escolares aos 18 (dezoito) anos de idade, quando “O ensino daquela época era ministrado dentro de métodos tradicionais, isto é, o professor dava a matéria, passava as tarefas, e o aluno devia tratar de aprender por si mesmo” (LINS *apud* ROSA, 1990, p. 176).

O professor Lins é fruto do terceiro casamento; seus pais, Manoel Pereira de Oliveira e Rosa Lins de Oliveira, eram nordestinos e analfabetos – ao todo a família “constava de 25 filhos, frutos de dois casamentos de minha mãe e três do meu pai” (LINS *apud* ROSA, 1990, 176). Na adolescência, o professor Lins foi alfabetizado pelo seu irmão mais velho, Guilherme Evangelista. Juntos sentavam à beira de um poço, no fundo do quintal onde aprendeu a ler e a escrever as primeiras letras, como se registra na primeira imagem a seguir:

**Fig. 1.** Professor Lins no poço em que foi alfabetizado durante a infância (s/d).



**Fonte:** Imagem fotográfica de câmera digital de nossa autoria, extraída do acervo pessoal da filha do prof. Lins, Elisabete Lins, no dia 24/05/2015.

Depois de “maduro”, o professor Lins voltou à sua cidade de origem para colher as lembranças e registrar em câmera digital os lugares que fizeram parte de sua memória. No capítulo 21, Sá Rosa relata a vida difícil por que o professor Lins passou durante a sua trajetória para se tornar um dos mais respeitados educadores do nosso Estado.

A partir de uma autobiografia relatada pelo professor, descrevendo que nasceu na Paraíba, filho de pais pobres, daí encarando a vida como pôde, trabalhando e estudando, como ele mesmo relembra: “(...) como tinha que trabalhar na limpeza do colégio, para me sustentar, não tinha tempo a perder, sabia de cor todos os versos” (LINS *apud* ROSA, 1990, p. 176). Lins era dedicado, lia e escrevia várias páginas de

versos de poesia que declamava, muitas vezes para decorá-los, pois o seu professor de português, Rafael Gioia Martins, ex-padre, obrigava-o a decorar e conjugar corretamente os verbos e poesias<sup>6</sup>. Como Lins trabalhava de zelador na escola, “muitas vezes, fazia o serviço com um livro ou as lições amarradas a meu pescoço com um cordão”, informa o próprio professor (LINS *apud* ROSA, 1990, p. 176). Nota-se aí que, de zelador de escola nosso biografado chegou a professor de Latim e dono de colégio, entre outros atributos que conferimos nesse trabalho. O emprego fornecido pela diretora, D. Maria Constança<sup>7</sup>, que viu uma possibilidade de vitórias naquele garoto, por isso passou a ajudá-lo. O incentivo permitiu que o professor Lins terminasse os estudos primários no Ginásio Osvaldo Cruz, conforme recupera a imagem do boletim do 5º ano, no qual apresenta excelentes notas:

**Fig. 2:** Boletim mensal do 5º ano do curso primário, durante o mês de março de 1940

Disciplina	Nota
Português	90
Aritmética	100
História	80
Geografia	80
Ciências Físicas e Naturais	90
Caligrafia	90
Desenho	—
Trabalhos manuais	—
Ginástica	—
<b>Total</b>	<b>100</b>

Comportamento 100  
Média 90  
Professor Vitalia Antonia da Silva

**Fonte:** Imagem fotográfica de câmera digital de nossa autoria, extraída do acervo pessoal da filha do prof. Lins, Elisabete Lins, no dia 24/05/2015.

No 5º ano primário, do Ginásio Estadual Osvaldo Cruz, em 1940, o professor Lins obteve conceitos excelentes desde as disciplinas que ele mais gostava que era português e aritmética, tendo nota de comportamento 100 e média final de todas as

<sup>6</sup>Destacamos no subitem 2.3, “A produção Literária do professor e vocação na oratória”, os nomes de alguns dos ex-professores, do prof. Lins, que os influenciaram no seu percurso, para se tornar “orador”, (Cf. p. 125).

<sup>7</sup>Mais tarde, o nome da professora será homenageado como “Colégio Estadual Maria Constança Barros Machado”, a quem o professor Lins será tributário durante toda a vida, tanto à professora quanto à escola pela definição da sua carreira e pela homenagem à mestra. A este assunto voltaremos em momento oportuno deste subitem (Cf. p. 88).

disciplinas 90, pois pretendia terminar o ensino científico e cursar medicina em Curitiba, no Paraná, como ele mesmo dizia: “Pretendia fazer o vestibular para medicina, mas na véspera um amigo me convenceu que o Curso de Letras era mais adequado à minha personalidade e estava com razão” (LINS *apud* ROSA, 1990, p. 177).

Em 1944, no colégio Estadual Campo-grandense, o professor Lins escrevia textos regularmente para o jornal *A Pena*, como ressalta a própria diretora Maria Constança: “Escreviam regularmente no jornal José Pereira Lins, Ivonete Chaves e Sá, Mary de Oliveira Melo, Paulo Bustamente” (*apud* LINS, 1995, p. 21). Como aluno da escola Estadual Campo-grandense, Lins participou do concurso cultural “Semana da Asa”, organizado pela “Base Aérea” e direcionado pelo 1º Tenente Hortênsio Pereira de Brito, em 1944. As competições eram realizadas no espaço cine Trianon, aos domingos, ou seja, consistia em perguntas elaboradas pelos próprios organizadores do evento, e também pelos professores das escolas Estadual Campo-grandense, Dom Bosco, Osvaldo Cruz e Nossa Senhora Auxiliadora. Os alunos tinham que decorar os livros da sua série, para disputarem o primeiro lugar e garantirem a “Taça Eficiência – 1º lugar em 1944”.

Nessas disputas, os alunos da escola Estadual se dedicaram para conquistar a referida taça, como lembra a entrevistada Maria Constança: “Houve alunos que até decoraram o livro das disciplinas da série. Alguns, como José Pereira Lins, Ivonete Chaves e Sá e Ivete Alves Correa brilharam nas respostas, sabiam tudo na ponta da língua” (*apud* LINS, 1995, p. 22). Quando deram o resultado final dos vencedores do 1º lugar, os professores e alunos da escola Estadual Campo-grandense, a qual o professor Lins fazia parte, se abraçavam, riam, pulavam, pegaram a fanfarra e desfilaram pela rua, tocando e cantando, por terem recebidos o tão esperado troféu de prata (Cf. LINS, 1995, p. 22).

Após terminar o ginásio em Campo Grande, o professor Lins, em 1945, embarca no trem rumo a Curitiba, para estudar o “curso científico”, como era conhecido naquela época. O professor relembra este momento decisivo de sua vida, que retrata em fortes cores:

Em 1945, no dia 5 de novembro, fui à estação ferroviária de Campo Grande, decidido a embarcar para Curitiba, onde pretendia fazer o curso científico, sem o dinheiro da passagem, enganando se possível o próprio chefe do trem. Sabendo disso, meus irmãos e meus amigos foram até lá e me deram dinheiro. Um deles, na hora da despedida, me ofereceu uma caixinha de sabonete. Achei engraçado e pensei será que ele quer me forçar a tomar banho em Curitiba? No meio do caminho, já perto da chegada, abri a caixinha e encontrei nela uma quantia que deu para enfrentar as despesas iniciais em Curitiba. Lá chegando, fui morar na rua João Negrão, debaixo de um viaduto [em uma casa alugada] por cima do qual passava o trem (LINS *apud* ROSA, 1990, p. 177).

A primeira tarefa do professor foi a de encontrar um emprego. Conseguiu trabalho numa fábrica de cola, conhecida pelo nome de “Íncola”, das indústrias RENARD LTDA, tendo o salário de dois cruzeiros por base hora, para exercer a profissão de operário comum. O trabalho fazia mal para a sua pele, pois, juntamente com o frio, seus pés e suas mãos rachavam e seus lábios sangravam, por não ter roupas suficientes para enfrentar aqueles meses de inverno, como o professor esclarece:

O frio foi a coisa mais terrível de vencer. Minhas mãos racharam, meus pés e meus lábios sangravam, porque eu trabalhava numa fábrica de cola, que fabricava um produto nocivo para a pele. Trabalhei nessa fábrica de Curitiba, chamada Incola, como operário comum, nas máquinas, fazendo e ensacando a cola, empilhando sacas e sacas desse material. Minhas mãos ficaram estragadas (LINS *apud* ROSA, 1990, p. 177).

Nessa fábrica de cola, foi o primeiro registro de sua carteira de trabalho, como recuperamos na imagem a seguir:

**Fig. 3:** Imagem do primeiro emprego de carteira assinada do prof. Lins, na data da admissão de 14 de novembro de 1945

EMPREGOS OCUPADOS	
Nome do estabelecimento, empresa ou instituição	INDUSTRIAS RENARD LTDA.
Cidade	Curitiba
Estado	Paraná
Rua	Silva Jardim
Espécie do estabelecimento	Fábrica de cola n. 960
Natureza do cargo	Operário
Data da admissão	14 de novembro de 1945
Data da saída	de de 19
Remuneração (especificada)	R\$ 2,00 (dois cruzeiros) base de hora
Percentagens	
Observações	
	INDUSTRIAS RENARD LTDA.
	Assinatura do empregador:

**Fonte:** Imagem fotográfica de câmera digital de nossa autoria, extraída do acervo pessoal da filha do prof. Lins, Elisabete Lins, no dia 24/05/2015.

Trabalhando na fábrica de cola e estudando no curso científico do colégio Estadual do Paraná, onde concluiu o 3º ano do curso, no ano letivo de 1948, sendo habilitado no 2º ciclo secundário, como se vê na imagem a seguir:

**Fig. 4:** Imagem do certificado de conclusão do curso científico, no ano de 1948

ESTADO DO PARANÁ  
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ  
CURITIBA - PARANÁ

CERTIFICADO DE CONCLUSÃO DO CURSO

Certificamos que   
nascido em  , natural de   
Estado de  , filho de

tendo em vista os resultados finais obtidos no ANO LETIVO DE   
na  série do curso  é considerado habilitado no  ciclo  
Secundário, nos termos da

Curitiba, 08 de novembro de 19.72.

Secretário Geral  
Adil Cury.-

Diretor Geral  
Prof. Osny Antonio Dacól.-

VII. 1972  
Chefe da Seção de Arq. e Documentação

**Fonte:** Imagem fotográfica de câmera digital de nossa autoria, extraída do acervo pessoal da filha do prof. Lins, Elisabete Lins, no dia 24/05/2015

Após o término do curso científico, o professor Lins já estava trabalhando, desde a data de admissão do dia 1 de fevereiro de 1947, como auxiliar de escritório classe “A”, no departamento de finanças e contadoria, da empresa “Rede de Viação Paraná S. Catarina”, onde passou a ter salário melhor do que o da fábrica de cola: recebia mensalmente 720 (setecentos e vinte cruzeiros). Na imagem a seguir, a caderneta de serventuário fornece os dados salariais e a data de seu casamento:

**Fig. 5:** Caderneta de Serventuário da empresa Rede de Viação Paraná S. Catarina, no ano de 1947

CADERNETA DE EMPREGADO N.º 13.338 Rp 4		Data do nascimento	5 de fevereiro de 1921
Emitida em 7 de fevereiro de 1948		Local	S. José de Piranhas
A favor de JOSÉ PEREIRA LINS		Estado	Paraíba do Norte
Categoria Aux. de Escritório classe "A"		Data da admissão	1 de fevereiro de 1947
Estado civil Solteiro		Local da função	Departamento de Finanças
Filiação { Pai Manoel Pereira de Oliveira Mãe Rosa Lins de Oliveira		Divisão	
Fotografia tirada em 2 1 48		Vencimentos	Cr\$720,00 mensais
Impressão digital do polegar da mão direita V-3333 V-3122		Local onde reside	Curitiba
Assinatura do empregado José Pereira Lins		Outras informações	Contraiu matrimônio em 31 de agosto de 1948.
O chefe da Repartição do Pessoal			
VISTO			
Superintendente			

**Fonte:** Imagem fotográfica de câmera digital de nossa autoria, extraída do acervo pessoal da filha do prof. Lins, Elisabete Lins, no dia 24/05/2015

Nesse sentido, o emprego e a cidade lhe favoreceram novas amizades, como a de Eli Correa, que influenciou o professor Lins a cursar Letras na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade do Paraná, tendo ingressado no início de 1949, com bolsa de estudo:

Esse amigo solicitou para mim uma bolsa de estudos, com que pudesse pagar a Faculdade particular, pertencente aos Irmãos Maristas. Engraçado que esse amigo, Eli Correa pediu também uma bolsa para ele, e só veio a minha. Coisa de sorte (LINS *apud* ROSA, 1990, p. 177).

O professor Lins também relata que, durante o curso de Letras, teve bons professores, que marcaram a sua vida de universitário, entre esses: Mansur Guérias e Wilson Martins, os quais fizeram o professor Lins ter amor pela filosofia e pela obra *História da Inteligência Brasileira*, que consta em sua biblioteca até hoje. Terminou o curso superior no dia 9 de Dezembro de 1952, tendo assim o diploma de licenciado em

Letras Neolatinas, como consta no diploma assinado pelo Reitor, no dia 10 de Junho de 1953:

**Fig. 6:** Diploma de Licenciado em Letras, no ano de 1953



**Fonte:** Imagem fotográfica de câmera digital de nossa autoria, extraída do acervo pessoal da filha do prof. Lins, Elisabete Lins, no dia 24/05/2015.

Dessa perspectiva, o sonho de ter o diploma de formação em nível superior foi realizado pelo professor Lins, ou seja, por ser o filho mais carente de atenção por parte do pai, que antes de morrer recomenda à mãe que tivesse o maior cuidado, pois o menino nordestino era raquítico. Por isso, a mãe, Rosa, sempre o incentivou a estudar, como informa o próprio professor:

Minha mãe, apesar de não saber ler nem escrever, fez de tudo para que eu estudasse a fim de que um dia eu pudesse ampará-la, como de fato aconteceu. Quando faleceu aos 86 anos de idade, eu havia recentemente terminado na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Curitiba, Paraná, o curso de Letras (LINS *apud* ROSA, 1990, p. 176).

Terminando o curso de Letras em Curitiba, surgiram imediatamente propostas de serviço naquela cidade, e também em Campo Grande. O diretor Dr. Luís de Oliveira, da escola Osvaldo Cruz, o convidou por meio de uma carta de próprio punho para lecionar na escola. Conforme informa o professor Lins, em sua carteira de trabalho, em 1948<sup>8</sup>, já era casado com Isabel Figueredo, e tendo o seu primeiro filho, Antônio Emanuel,

<sup>8</sup>Cf. (Fig. 5).

nascido em 1949<sup>9</sup>, em Curitiba, “Minha mulher, uma pernambucana radicada em Curitiba, onde vivia toda sua família, concordou imediatamente, e assim chegamos a Campo Grande, em 1952” (LINS *apud* ROSA, 1990, p. 178).

No ano de 1952, tinha iniciado sua profissão de professor, na escola Osvaldo Cruz e no Ginásio Barão do Rio Branco, que fazia parte da Companhia de Educandários Gratuitos. A propósito, recuperamos o registro da carteira de trabalho, folha 4 (quatro), quando o professor Lins lecionou em Campo Grande, no cargo de professor Secundário, como se vê na imagem a seguir:

**Fig. 7:** Registro de trabalho no Colégio Osvaldo Cruz de Campo Grande, em 1952

4

**EMPREGOS OCUPADOS**

Nome do estabelecimento, empresa ou instituição Instituto  
"Osvaldo Cruz"

Cidade Campo Grande

Estado Mato Grosso

Rua Anhanduá

n. 323

Espécie do estabelecimento Educandário

Natureza do cargo Professor Secundário

Data da admissão 1º de março de 19 52

Data da saída \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 19 \_\_\_\_\_

Remuneração (especificada) R\$ 3.622,50 (três mil  
sessentos e vinte dois reais e cinquenta  
centavos).

Percentagem \_\_\_\_\_

Observações \_\_\_\_\_

**P. p. Instituto Osvaldo Cruz**

Assinatura do empregador:  
Carlos Schneider  
 Carlos Schneider

**Fonte:** Imagem fotográfica de câmera digital de nossa autoria, extraída do acervo pessoal da filha do prof. Lins, Elisabete Lins, no dia 24/05/2015.

O professor Lins lecionou, também, na escola estadual Campo-Grandense, conhecida hoje, “Maria Constança Barros Machado”, durante todo o ano letivo de 1953. Esse colégio foi o único no qual o “ensino médio” era reconhecido como “curso científico”, pois o colégio Osvaldo Cruz tinha apenas o ensino secundário e o curso de contador; e a escola Dom Bosco era apenas para os meninos. Dessa forma, destaca a pesquisadora Rosana Sant’Ana de Moraes, em dissertação de Mestrado A *História da disciplina língua espanhola expressa nas leis e na cultura escolar do*

<sup>9</sup>Tivemos a oportunidade de realizar várias entrevistas na própria casa onde residiu o prof. Lins, em Dourados, na Rua Hilda Bergo Duarte – Centro, quando fomos recebidos pela sua filha Elisabete Regina, no dia 30 de março de 2016, tendo concedido, dentre tantos outros documentos, os dados de nascimento dos seus cinco irmãos, incluindo ela, e também a data de casamento dos seus pais.

*colégio 'Maria Constança' em Campo Grande MT (1953-1961)* (2007), a participação do professor Lins no ensino de língua espanhola da escola Maria Constança:

Ao longo de nove anos de ensino de espanhol no colégio, três professores lecionaram essa disciplina. O professor José Pereira Lins, em 1953, a professora Maria da Glória Sá Rosa, de 1954 a 1957, e em 1960 a 1961, e o professor Adair José de Aguiar, que substituiu em 1957 e 1958. Os três professores tiveram trajetórias de vidas diferentes, embora com um ponto em comum. Todos se tornaram cidadãos atuantes no campo da cultura.

O Professor Lins ficou apenas 1 ano no colégio. Foi convidado a assumir essa disciplina, quando retornava a Campo Grande, depois de ter se formado em Letras Neolatinas na Universidade Federal do Paraná. O convite partiu da Diretora Maria Constança, que já o conhecia de longa data, como afirmou o professor, pois havia sido aluno do Ginásio Estadual anos antes e, aluno dedicado e estudioso, foi zelador do antigo prédio do Ginásio, na Avenida Afonso Pena e “adotado pela Benemérita professora Oliva Enciso” (MORAIS, 2007, p. 87).

Torna-se relevante, também, o depoimento da professora Maria Constança de Barros Machado, dona da escola e mestra do professor Lins, que registrou em entrevista para o livro que veio a ser organizado e publicado pelo professor Lins, no ano de 1995.

Observa a referida professora:

Esqueci de dizer que o Ginásio Estadual passou a Colégio Estadual em 1952 – surgiu o velho problema – os alunos terminavam o ginásio e quem não podia pagar escolas particulares era obrigado a interromper os estudos. Fui a Dr. Fernando e ele me fez ver que não tinha verba, para arcar com nomeações de novos professores, mas eu respondi que daria um jeito. Falei com os professores do ginásio e todos os professores do ginásio e todos se comprometeram a lecionar no curso colegial sem qualquer acréscimo em seus vencimentos, o que fizeram durante dois anos. Lecionaram sem receber um tostão a mais. O Prof. José Pereira Lins concordou em dar Espanhol, Prof. Cavalon comprometeu-se a lecionar Física e Matemática, Profª. Glorinha assumiu a cadeira de Português, Prof. Virgílio a de Química e assim por diante (*apud* LINS, 1995, p. 28).

A citação de Maria Constança (1995) traz um dado importante acerca da disponibilidade do professor Lins em trabalhar em prol da educação, assumindo a disciplina de espanhol com o comprometimento de não receber acréscimos em seus vencimentos durante dois anos. Dados dessa natureza faz referências a importância que o professor Lins dava à educação, assim como fez ao longo de sua vida.

Neste caso, repercutimos a imagem do corpo docente em exercício do curso científico do ano de 1953, que consta o nome do professor José Pereira Lins na lista de professores da 1º série, recuperada pela pesquisadora Rosana de Morais:

**Fig. 8:** Imagem do quadro docente do Colégio Maria Constança, assinado pela própria diretora de 1953.

CAMPO-GRANDE		MATO-GROSSO		
ANO LETIVO DE 194 53				
CORPO DOCENTE EM EXERCÍCIO CURSO CIENTÍFICO				
SÉRIE	Materia	NOME DO PROFESSOR	N.º Registro	Reservado para o nome do titular do Registro
1ª.	PORTUGUÊS	Maria da Glória Sá Rosa	D. 2.819	
1ª.	FRANÇÊS	Anna Luiza Prado Bastos	P.14.073	
1ª.	INGLÊS	Magib Raslan	D.10.633	
1ª.	ESPAHOL	José Pereira Lins	- -	
1ª.	MATEMÁTICA	Luiz Cavallon	D. 1.835	
1ª.	FÍSICA	Luiz Cavallon	D. 1.835	
1ª.	QUÍMICA	Virgílio Alves de Campos	D.16.631	Ciências
1ª.	HIST.GERAL	Ercilina M. Alvoa de Lima	- -	
1ª.	GEOG.GERAL	Dr. Alinoz de Lima Bastos	D.12.554	
1ª.	DESENHO	Catarina de Campos Leite	D. 3.033	
1ª.F.	EDUC.FÍSICA	Eva Cabral Jordão	D.3.094	
1ª.M.	EDUCAÇ.FÍSICA	Alcídio Pimentel		

M. Constança B. Machado  
 Maria Constança Barros Machado

Dr. Amélio C. Baís

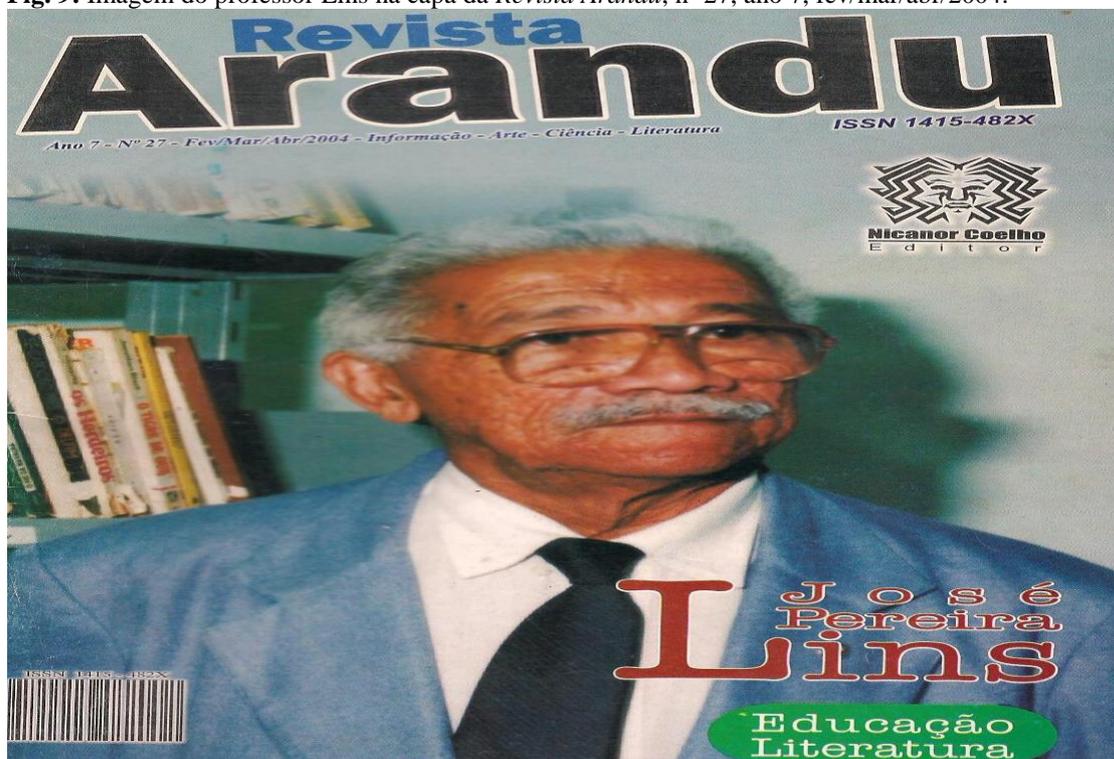
Fonte: (apud MORAIS, 2007, p. 115)

No ano de 1954, com o excesso de trabalho exercido pelo professor Lins<sup>10</sup>, o diretor do Colégio Osvaldo Cruz, de Campo Grande, convidou-o para fundar a escola Osvaldo Cruz, na cidade de Dourados. A decisão de se mudar com a sua família para perto da fronteira do Paraguai, não foi definitiva. O professor Lins ficou viajando dois anos para administrar o *campus* da escola Osvaldo Cruz em Dourados, e voltando para Campo Grande para visitar a sua família. A necessidade que o professor Lins teve de mudar para a referida cidade de Dourados foi, também, devido ao fato de não poder deixar a sua esposa Isabel morando sozinha em Campo Grande com seus dois filhos, pois, em 1952 tinha recém-nascido o segundo filho do casal, dessa vez uma menina, Rosa Maria Lins.

<sup>10</sup>Neste ano de 1954, a turma de 40 formandos do curso Básico Ginásial, do colégio Osvaldo Cruz de Campo Grande, direcionado por Luiz Alexandre de Oliveira e Carlos Henrique Scharader, homenagearam os professores José Pereira Lins, João Candido de Soares, Virgílio Alves Campos, La Reine Layon de Souza, Alberto Elpídio F. Dias, Ernesto Garcia de Araujo, e Waldo Russo; teve como Paraninfo da turma o Dr. Philadelfo Garcia. Registros que constam no álbum "Formandos de 1954 - Curso Básico e Ginásial", do colégio Osvaldo Cruz de Campo Grande. Pesquisado nos arquivos CDR, caixa azul (1954-1995), no dia 21/06/2016.

O depoimento sobre a mudança para a cidade de Dourados foi registrado pelo próprio professor Lins e publicado na *Revista Arandu*. A edição de nº 27, de fev/ mar/ abr/ de 2004 foi dedicada integralmente à figura do professor, que teve sua imagem reproduzida na capa:

**Fig. 9:** Imagem do professor Lins na capa da *Revista Arandu*, nº 27, ano 7, fev/mar/abr/2004.



**Fonte:** Imagem fotográfica de câmera digital de nossa autoria, extraída da edição de 2004, da *Revista Arandu*, no dia 31/05/2016.

Dessa perspectiva, o professor Lins inicia o primeiro capítulo da *Revista Arandu*, cujo título “A trajetória da minha vida” (LINS, 2004, p. 4-8), relatando como transferiu residência para a cidade de Dourados, com a finalidade de administrar o colégio vendido pelo diretor da escola Osvaldo Cruz, de Campo Grande, Dr. Luís Alexandre. Traz também as sugestões de seu amigo e professor de português, Ariano Passos: “- Lins, se você fosse solteiro, eu não aconselharia a ir sozinho para uma terra estranha, perto da fronteira. Mas, como você é casado. Acho até aconselhável tentar uma vida nova” (LINS, 2004, p. 7).

Neste momento, a outra filha do casal, Elisabete Regina, estava para nascer em Campo Grande, era o ano de 1954, ou seja, nessas idas e vindas de Campo Grande a Dourados para administrar o colégio Osvaldo Cruz, nos anos de 1954 a 1956, como esclarece o próprio professor: “Vim para os exames de admissão, e, durante dois anos, fiquei indo e vindo ao Ginásio Osvaldo Cruz” (LINS, 2004, p. 7). No decorrer dos meses do ano de 1956, o diretor Dr. Luís Alexandre de Oliveira, sem condições de

manter o prédio alugado do *campus* do colégio Osvaldo Cruz na cidade de Dourados, então ofereceu a proposta de vender pelo preço “módico”, que definitivamente o professor Lins com a sua esposa e os seus filhos mudaram para Dourados, onde residiram na casa da mesma quadra que funcionava o colégio.

Entre os anos de 1956 e 1957, o colégio Osvaldo Cruz, que o professor Lins veio a criar em Dourados, funcionou em um local ainda improvisado, como conta o professor, que “tinha a primeira e a segunda séries e era carente de tudo. Funcionava numa das salas do Grupo Escolar Joaquim Murinho, na mesma rua onde estava localizado” (LINS, 2004, p. 7), logo depois transferido para um espaço alugado, que considerava um “pardieiro”: “Era uma casa de madeira, paredes caindo, galinhas passeando por debaixo do assoalho. Quando alguém se assustava com as minhas atitudes, eu respondia que se tratava de um desafio: dar continuidade ao colégio” (LINS, 1990, p. 178). Neste prédio permanecera até a formatura da primeira turma ginasial, no ano de 1957, como se vê na imagem e comentários abaixo:

**Fig. 10:** Local onde funcionou o colégio Osvaldo Cruz, entre 1956 e 1957



**217 – Local onde funcionou o Colégio Osvaldo Cruz, entre 1956 e 1957.**

*O Colégio Osvaldo Cruz foi fundado em 1954, por Luís Alexandre de Oliveira – Diretor e proprietário. Nesse ano, foi realizado o primeiro Exame de Admissão da cidade. Por dois anos, a escola funcionou em uma sala do Grupo Escolar Joaquim Murinho, cedida pelo Governo Estadual. Em 1956, o estabelecimento foi comprado pelo professor José Pereira Lins – Secretário Geral do Colégio Osvaldo Cruz em Campo Grande. O novo proprietário transferiu as aulas para esta velha casa da foto, e, em 1957, formou a primeira turma de ginasianos.*

*Em 1958, a escola foi para sua sede própria, na Rua Mato Grosso esquina com Onofre de Mattos, onde funciona até hoje.*

**Fonte:** (apud MOREIRA, 1990, p. 78)

Ainda sobre esse aspecto, no ano de 1957, o colégio Osvaldo Cruz oferecia tanto o ensino primário como também o ensino ginasial diurno e noturno, que ocorriam em salas cedidas pelo grupo escolar Joaquim Murinho, primeiro educandário da região. Em

1957, formou a primeira turma de ginásianos, e, em 1958, já na sede própria, localizada à rua Mato Grosso, ofereceu os cursos de Contabilidade, Clássico e Normal. Nesta época, poucos políticos davam valor ao ensino, exceção do Prefeito Dr. Nelson de Araujo, em cuja gestão ajudou no funcionamento do colégio Osvaldo Cruz<sup>11</sup>, como observa a autora de “A história da Escola Normal Olavo Bilac”, que fora encampada e acoplada pelo colégio Osvaldo Cruz de Dourados:

A escola de educação pré-escolar 1º e 2º grau Graus de Dourados era mantida pela entidade particular denominada Centro Educacional Osvaldo Cruz e representada nas pessoas do Professor José Pereira Lins e da Professora Isabel Figueiredo Lins, ambos responsáveis pela direção da escola (MARTINS, 2012, p. 25).

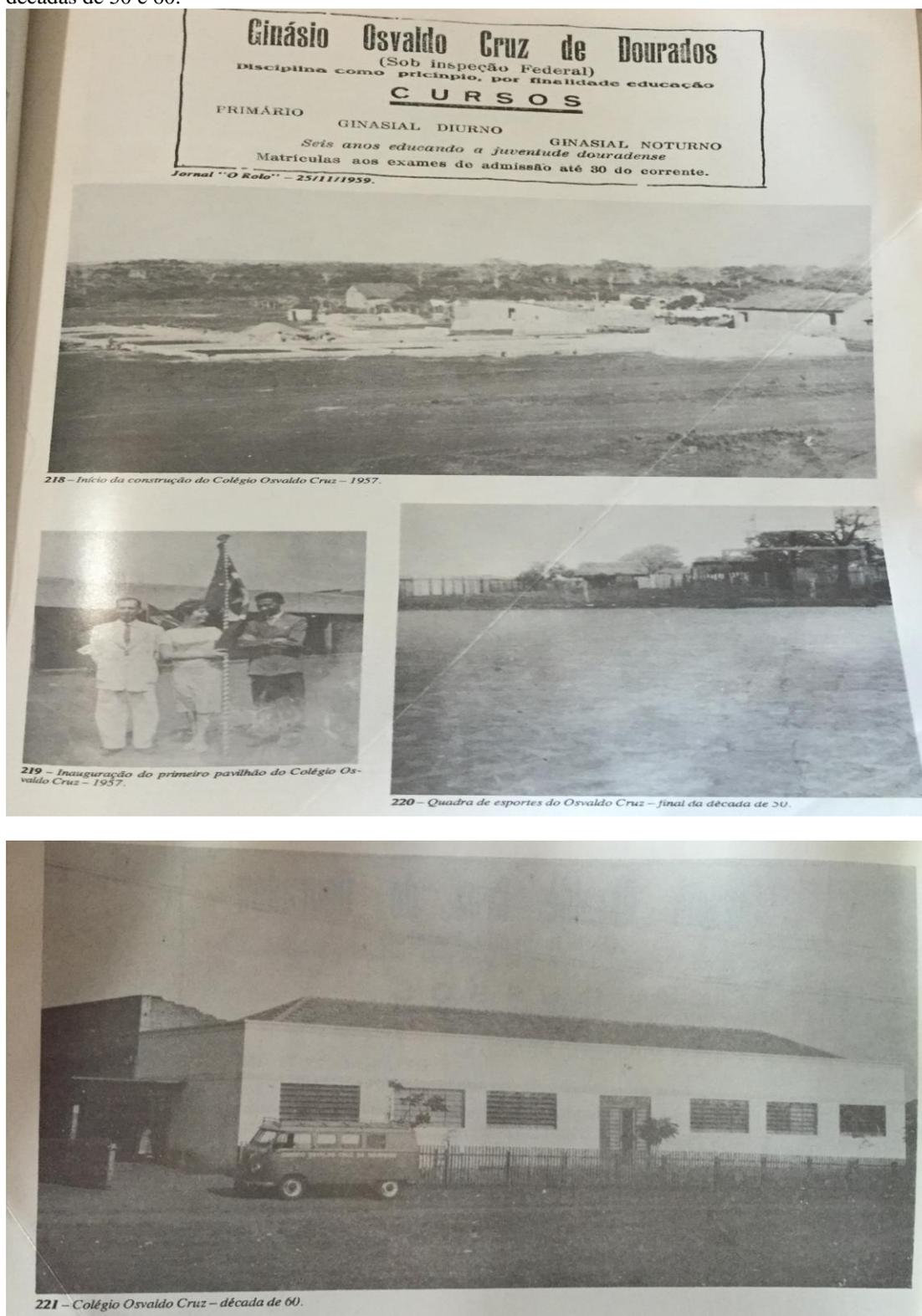
Por isso, o próprio professor Lins afirma que: “(...) o prédio do Colégio Osvaldo Cruz, de Dourados foi idealizado e construído por um irmão meu já falecido” (LINS, 2004, p. 4), ou seja, nas imagens a seguir, recuperamos o folder do colégio Osvaldo Cruz de Dourados e os seus cursos oferecidos, bem como o início da construção<sup>12</sup>, do colégio, e a sua inauguração, com quadra de esportes, e a sua fachada.

---

<sup>11</sup>Relembrando que no ano da fundação da escola Osvaldo Cruz de Dourados, em 1954, o Prefeito da cidade era o Dr. Nelson de Araujo, que acompanhou de perto os inícios das atividades, ou seja, por meio de convite do Dr. Luis Alexandre de Oliveira, aos profs. Lins e Celso Muller do Amaral, que fundaram a escola Osvaldo Cruz de Dourados. (Cf. LINS, 2004, p. 7)

<sup>12</sup>A construção da sede própria foi firmada em cartório mais tarde (Cf. p. 70).

**Fig. 11:** Fotografias referentes à criação e à inauguração do colégio Osvaldo Cruz de Dourados entre as décadas de 50 e 60.



Fonte: (apud MOREIRA, 1990, p. 79-80).

Da leitura dessas imagens, evocativas da atividade mestra do professor Lins, o educador em Dourados, podemos afirmar da existência de uma escola particular em Dourados, oferecendo cursos Diurno e Noturno. Registra-se em seus arquivos as

inúmeras vezes em que o professor foi lembrado por suas atividades, como por exemplo, o depoimento e as fotografias que o acompanham, publicados pelo Dr. José Pessoa, amigo e companheiro do professor Lins. No dia do falecimento do professor, ele lembrou o dia 20 de abril de 1957, quando a casa “velha” abrigou a escola Oswaldo Cruz de Dourados:

PROFESSOR JOSÉ PEREIRA LINS  
Colégio Oswaldo Cruz de Campo Grande e de Dourados

A primeira vez que o vi, foi há anos, em um domingo. No final do culto, na Primeira Igreja Batista em Campo Grande, estava conversando com o Carlos Rocha, quando vi um rapaz alto fechando uma das janelas do templo e eu lhe perguntei quem era ele. Me disse que era o novo zelador da Igreja o Zé Lins. Disse-me que seu pai foi pedreiro, grande construtor no Nordeste. José Pereira Lins veio para Campo Grande, também foi pedreiro, trabalhou bastante, alimentando sempre o desejo de um dia se tornar professor. Esforçou-se, fez os cursos fundamentais e secundários. Se preparou de acordo com suas possibilidades e numa noite pegou o trem da Noroeste do Brasil e se foi para Curitiba. Enfrentando dificuldades, mas, com garra consegue fazer o tão almejado curso na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná. Lá fica apaixonado e fascinado, casa-se com a linda e prendada jovem Isabel, exímea pianista. Volta para Campo Grande e é convidado por Dr. Luiz Alexandre para ajudá-lo na administração do Colégio Oswaldo Cruz naquela cidade. Com pulso firme e austeridade o professor Lins foi de grande valia naquele estabelecimento de ensino.

Tempos depois, Luiz Alexandre, prevendo o desenvolvimento de Dourados, fundou aqui O Colégio Oswaldo Cruz de Dourados, que funcionava em salas cedidas na Escola Joaquim Murtinho. Professor Lins adquiriu o referido colégio e o transferiu para um prédio de madeira na rua Presidente Vargas, esquina com a Onofre Pereira de Matos de propriedade do senhor Joaquim de Oliveira, do cartório do terceiro ofício. Eu vinha sempre a Dourados, para visitar minha irmã Maria Floreza e frequentava a congregação Batista na casa do Pio Goti. Foi lá que reencontrei o Lins. Eu trabalhava em Maracaju e me mudei para Dourados em 5 de janeiro de 1958. **Em 20 de abril de 1957**, quando conheci a Aydê em Ponta Porã, o professor Lins estava comigo, **vide foto**. À convite do Lins lecionei Inglês e Ciências no Colégio. A Aydê foi minha aluna. Fui vice-diretor, enfim, fiquei no Oswaldo Cruz cerca de 15 anos. Foi muito bom, gratificante. Passaram-se os anos, mas entre nós continua ainda a grande e firme amizade. Com imenso pesar participamos de seu funeral no dia **2 de maio de 2011**. Findou-se a jornada de um grande educador. Amizade de mais de 60 anos.

MAIO 2011  
José Pessoa<sup>13</sup>

O testemunho de José Pessoa retrata não só o grau de amizade, confiança e reconhecimento com o professor Lins, como também abre as janelas do tempo e

---

<sup>13</sup>A nota do Dr. José Pessoa, testemunho de amizade e de uma vida inteira, com as respectivas fotografias, foram recuperadas pelo professor Paulo Nolasco, que as publicou em “Memória e Crítica biográfica: um possível retrato de José Pereira Lins” (2013b, p. 356-357).

recupera a frequência assídua do professor na primeira igreja Batista em Campo Grande, e dá a conhecer a história de uma família nordestina frente a sua trajetória de vida. E assim, as janelas vão se abrindo e recordando os cursos que o professor Lins realizou, as amizades que conquistou e a austeridade do professor na abertura da escola Osvaldo Cruz de Dourados. E antes que todas as janelas se fechassem, José Pessoa fala de seus reencontros com o professor na Congregação Batista de Dourados e dos convites realizados pelo professor Lins para lecionar inglês e ciências no colégio Osvaldo Cruz, como também, declara o nome de Aydê como uma de suas alunas e finda o seu depoimento selando uma amizade de 60 anos. A imagem que segue rememora a casa que abrigou a escola Osvaldo Cruz de Dourados e a formatura da primeira turma Ginásial da escola:

**Fig. 12:** Professor Lins em foto de 20/04/1957 e casa que abrigou a escola Osvaldo Cruz de Dourados



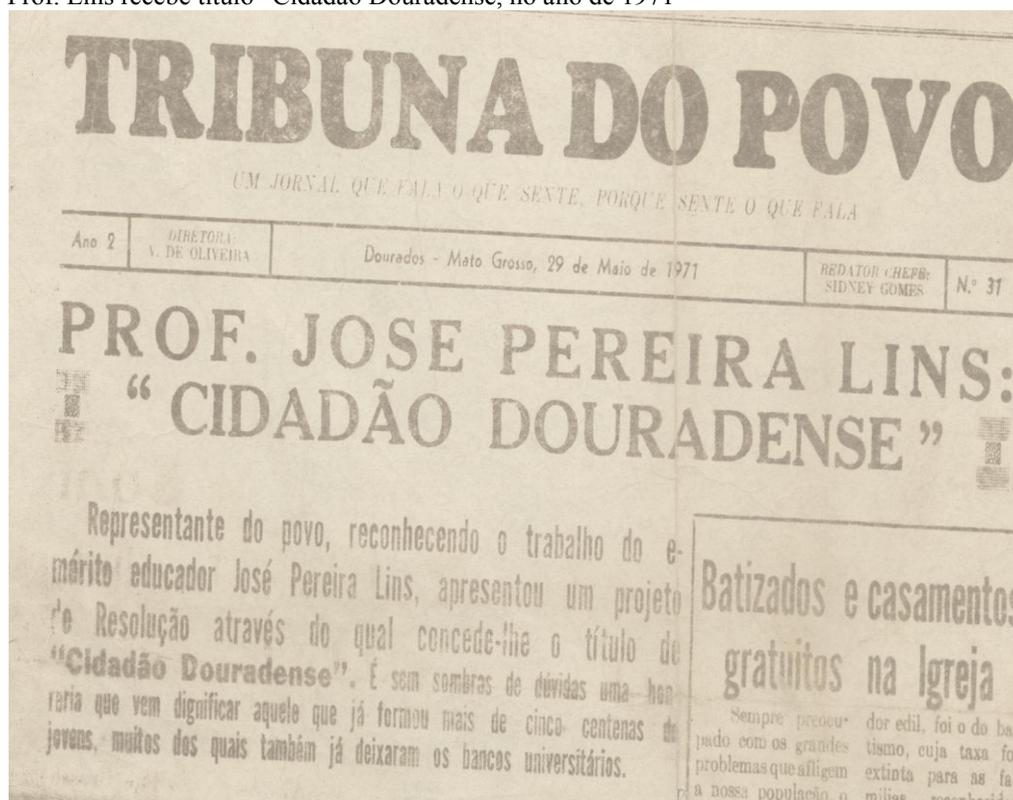
**Fonte:** (apud SANTOS; ALVES, 2013b, p. 357-358).

Vale destacar que a escola fundada pelo professor Lins, em Dourados, foi a escola na qual ele estudou para o seu primeiro exame de admissão, abrindo caminho para a sua vida profissional: “Preparei-me para os exames de admissão no Osvaldo Cruz de Campo Grande, com a professora Vitália Antonia da Silva, que me marcou profundamente pela competência” (LINS, 2004, p. 5). Para tanto, na imagem do lado “esquerdo”, o professor Lins configura no meio dos demais alunos da primeira turma ginásial, da escola Osvaldo Cruz de Dourados, formatura realizada no ano de 1957, da qual o professor Lins era o Secretário Geral do colégio, que também ministrava aulas nessa casa “velha”, registrada na foto do lado “direito” (**fig. 12**), a qual, no decorrer das

décadas de 60 a 70, foi transferida para a sede própria da rua Mato Grosso, em Dourados.

Da mesma forma, a figura do cidadão devotado à educação, que, explícita ou implicitamente, deixa-se entrever nos diversos arquivos compulsados, até mesmo num jogo de espelhos, palavra-puxa-palavra, das inúmeras homenagens às quais o Cidadão Douradense fez jus. Nota-se, por exemplo, a outorga do título “Cidadão Douradense”, conferido ao professor, como se vê na imagem do jornal *Tribuna do Povo*, de 29 de maio de 1971:

**Fig. 13:** Prof. Lins recebe título “Cidadão Douradense, no ano de 1971



**Fonte:** Imagem fotográfica de câmera digital de nossa autoria, extraída do arquivo CDR, do jornal *Tribuna do Povo*, ano 2, nº 31, de 29 de maio de 1971, no dia 24/02/2016.

O referido mérito de “Cidadão Douradense” se justificou pelo variado compromisso do professor Lins com a educação em Dourados e região, pois a fundação do colégio Osvaldo Cruz antecedeu a de outros Colégios, como o das Irmãs, o Estadual Presidente Vargas, e outros estabelecimentos de ensino que culminaram com a criação de um colégio de curso secundário. Pela primeira vez na história da vizinha cidade de Itaporã, evento que foi galhardamente celebrado com o professor Lins hasteando a bandeira nacional e com a inauguração do pavilhão, cuja fita simbólica foi desatada pela dona Rosa Lins, progenitora do professor, que completava naquela data 80 (oitenta) anos de idade.

Usaram das palavras eminentes autoridades, como: Dr. Jorge Siufi Adalberto Cordeiro, prof. Celso Amaral, além do vereador José Floriano de Freitas, Neil Fioravanti, Ruy Gomes, Sr. Alrenor Cordeiro, e o Dr. Ítalo Jordano, Juiz de Direito da Comarca. As honrarias deste dia são relevantes e importantes sublinhar, que no *Jornal dos Municípios* publicou essa homenagem em 30 de novembro de 1974:

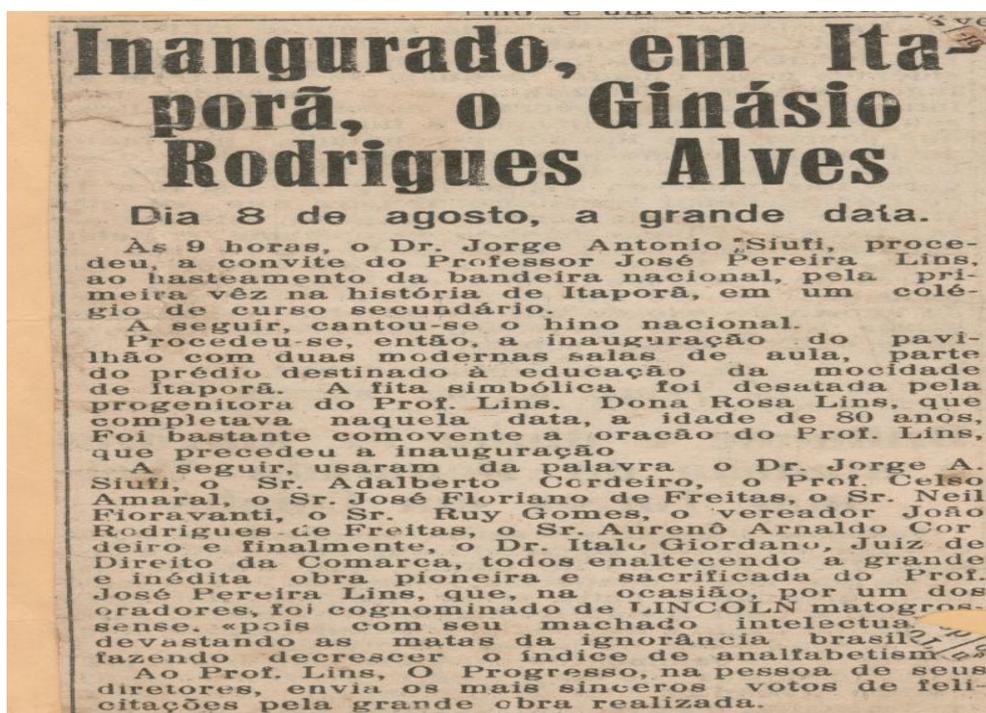
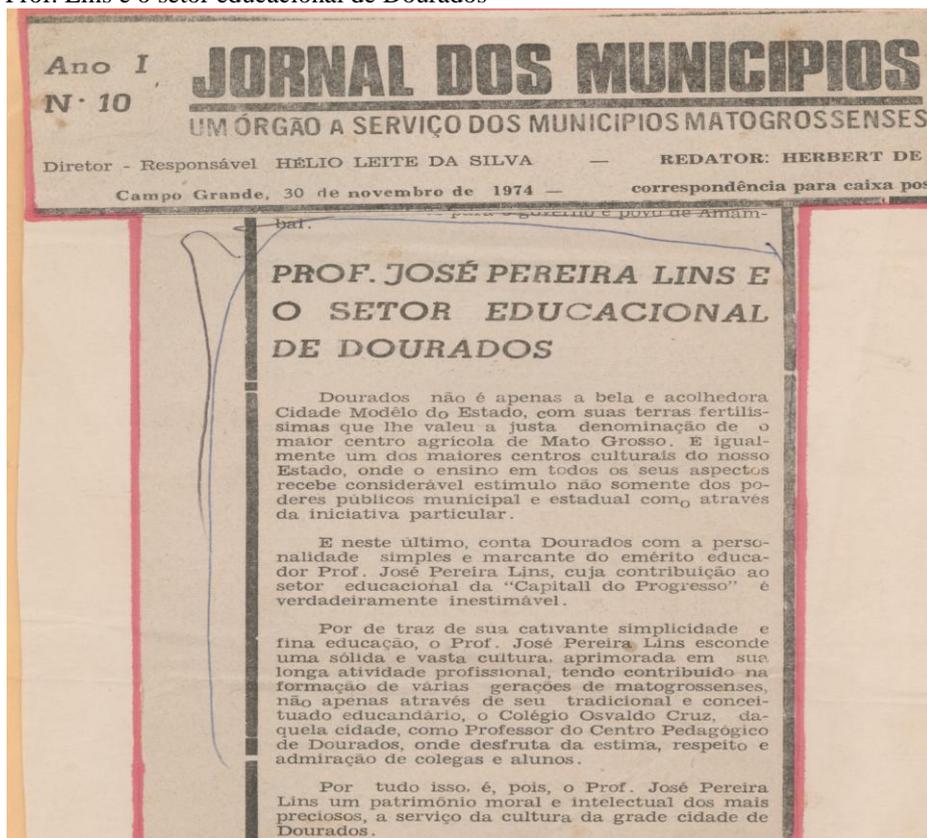
Por de traz de sua cativante simplicidade e fina educação, o prof. José Pereira Lins esconde uma sólida e vasta cultura, aprimorada em sua longa atividade profissional, tendo contribuído na formação de várias gerações de matogrossenses, não apenas através de seu tradicional e conceituado educandário, o colégio Osvaldo Cruz, daquela cidade, como professor do Centro Pedagógico de Dourados, onde desfruta da estima, respeito e admiração de colegas e alunos. Por tudo isso, é, pois, o prof. José Pereira Lins um patrimônio moral e intelectual dos mais preciosos, a serviço da cultura da grande cidade de Dourados<sup>14</sup>.

A seguir, a cópia do jornal (**Fig. 14**) ilustra trechos da matéria do referido jornal, enaltecendo este feito:

---

<sup>14</sup>N.B: Nota-se, já aí, o registro do professor Lins como elogiado docente do CPD/UEMT. Cf. *Jornal dos Municípios*, Campo Grande, 30 nov. 1974. (Cópia extraída do arquivo CDR, em 24/02/2016).

Fig. 14: Prof. Lins e o setor educacional de Dourados



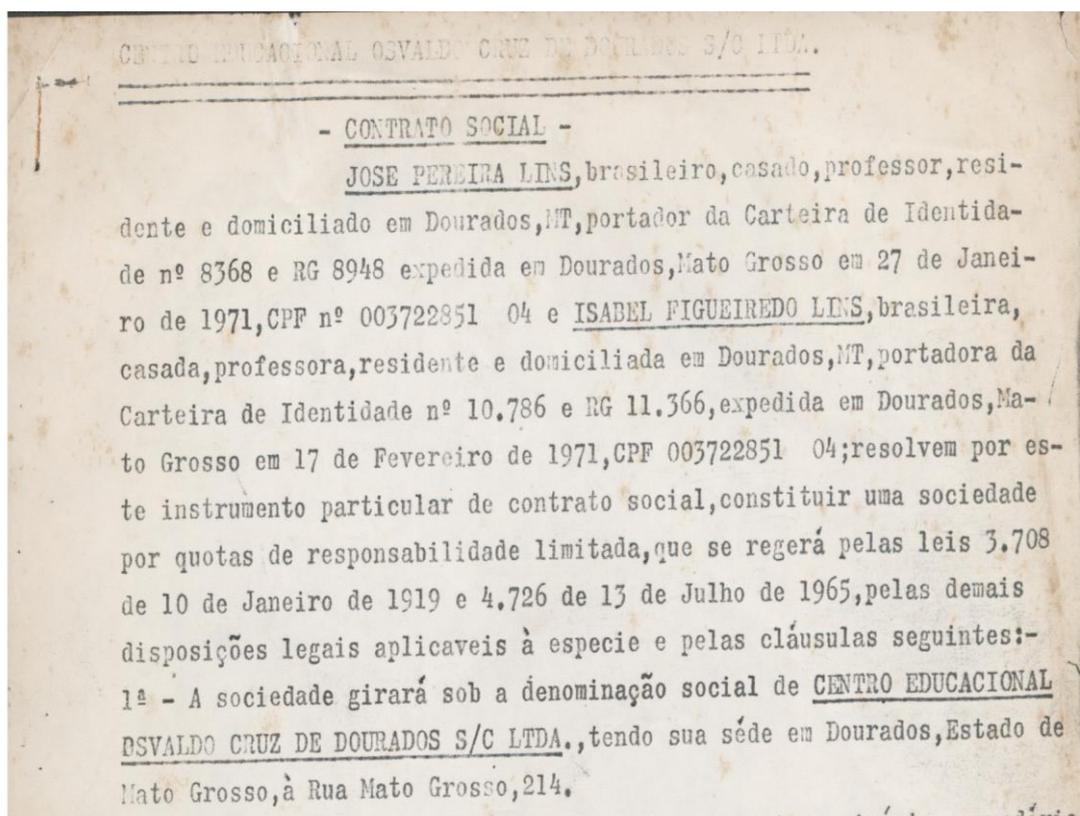
**Fonte:** Imagem fotográfica de câmera digital de nossa autoria, extraída do arquivo CDR, no dia 24/02/2016.

Registros dessa natureza compõem a articulação das homenagens do professor Lins com seus feitos, no decorrer de sua trajetória de vida. Há que destacar a

abrangência da intenção do professor Lins em expandir a educação para os diferentes municípios de Dourados, como, por exemplo, a cidade de Itaporã.

Voltamos a destacar que a construção do colégio Osvaldo Cruz se deu com a compra do terreno próprio, firmado em cartório no ano 1974, no valor de R\$ 50.000 (cinquenta mil cruzeiros); o Centro Educacional Osvaldo Cruz S/C LTDA de Dourados passou a ser definitivamente dos proprietários: professor Lins e sua esposa Isabel. Recuperamos o “contrato social”, em nossas pesquisas realizadas no Centro de Documentação Regional da UFGD (CDR), no dia 24 de fevereiro de 2016, conforme a imagem a seguir (apenas o recorte dos nomes dos compradores, valor da compra e as assinaturas das testemunhas, como também o carimbo que consta registrado em firma no Tabelionato Fioravanti, do dia 22 de outubro de 1974, pois o contrato social contém duas folhas e as letras estão “esmaecidas” para uma leitura mais completa do documento como um todo):

**Fig. 15:** Imagem recortada da folha 1, do início do contrato social de compra do terreno da sede própria do Colégio Osvaldo Cruz de Dourados, no ano de 1974



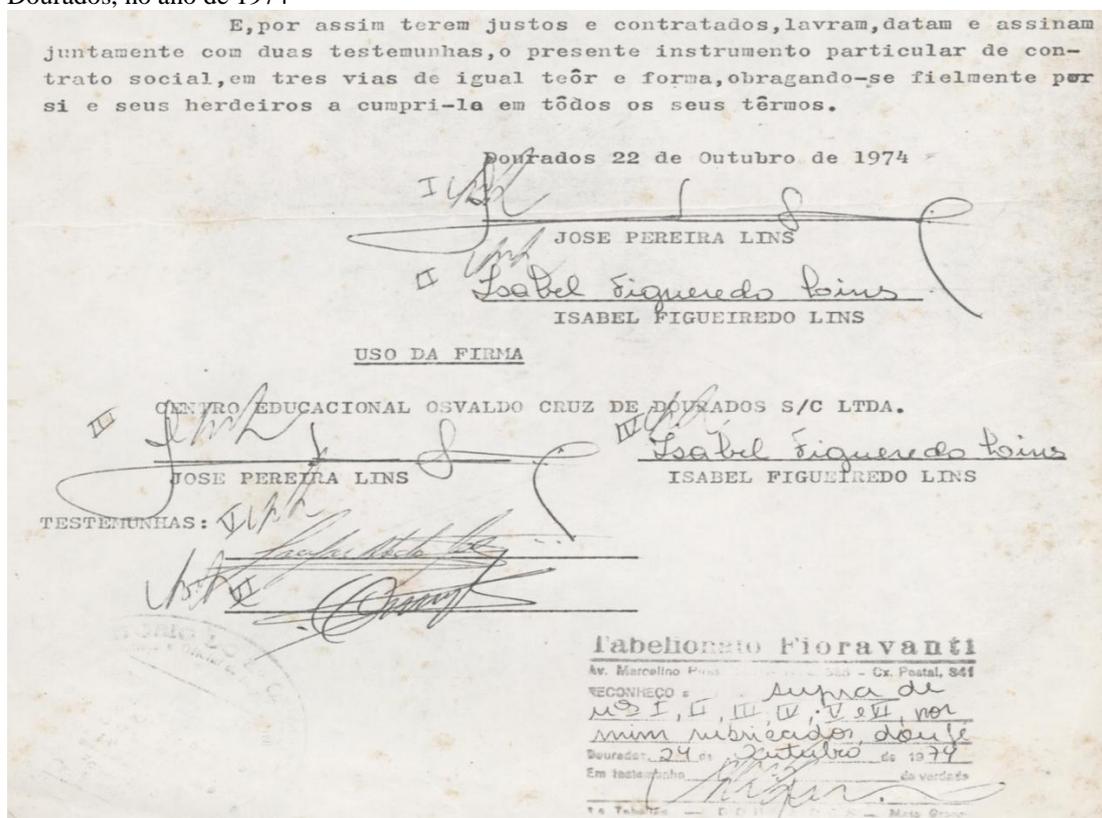
**Fonte:** Imagem fotográfica de câmera digital de nossa autoria, extraída do arquivo CDR, no dia 24/02/2016.

Refletindo acerca da periodicidade, consta nos registros do Centro de Documentação Regional da UFGD (CDR) que a compra do colégio Osvaldo Cruz de Dourados ocorreu nos anos de 1954 a 1956 (ocasião em que o Dr. Luiz Alexandre de

Oliveira repassou o prédio alugado do colégio Osvaldo Cruz, por um preço módico ao professor Lins) e o registro do colégio em seu nome só foi firmado em 1974.

Faz-se necessário dizer que o Centro Educacional Osvaldo Cruz de Dourados, que era localizado no centro da cidade de Dourados, à rua Mato Grosso, nº 214, foi dividido no contrato social por 500 (quinhentas) cotas de R\$ 100 (cem cruzeiros), destinando para o casal, José Pereira Lins e Isabel Figueredo, uma parcela de 250 (duzentos e cinquenta) cotas, num total de R\$ 25.000 (vinte e cinco mil cruzeiros) integralizadas em moeda corrente do país. Para tanto, os dois assinaram o contrato social, do qual selecionamos a folha 2, que mostra as assinaturas e o carimbo de registro em cartório:

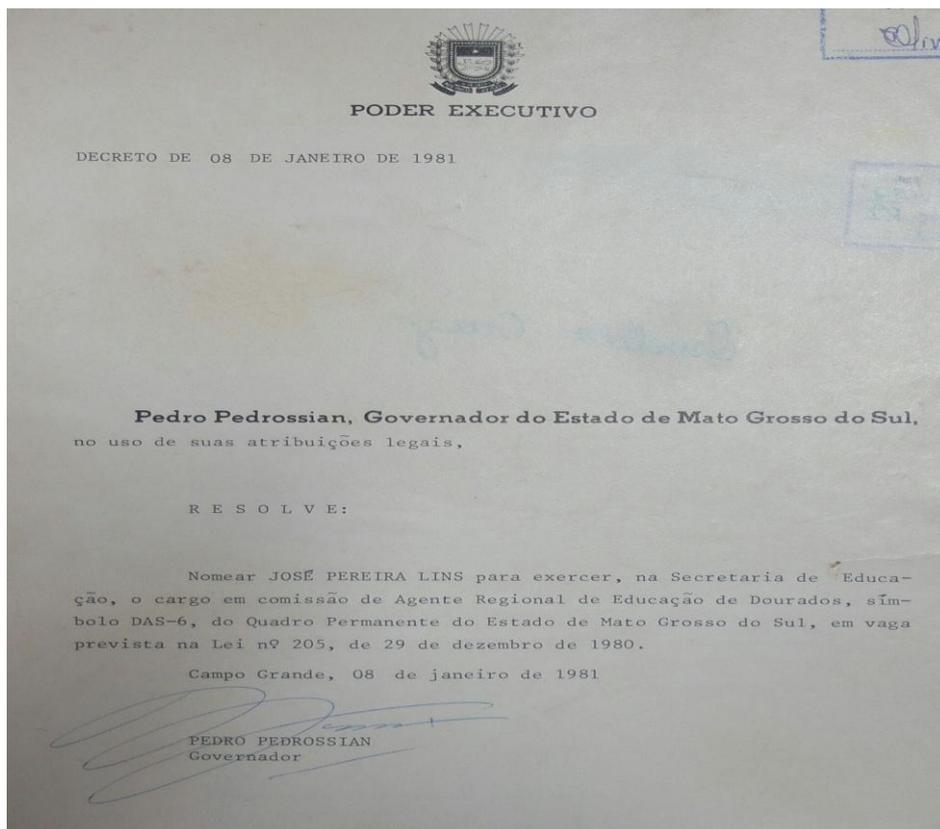
**Fig. 16:** Imagem selecionada da folha 2, do contrato social de compra do Colégio Osvaldo Cruz de Dourados, no ano de 1974



**Fonte:** Imagem fotográfica de câmera digital de nossa autoria, extraída do arquivo CDR, no dia 24/02/2016.

Nesse interim, entre implantação do colégio Osvaldo Cruz e sua jornada para a docência na cidade de Dourados, o professor Lins também foi nomeado pelo Governador Pedro Pedrossian, do Estado de Mato Grosso do Sul, para exercer o cargo na secretaria de educação, de “Agente Regional de Educação de Dourados”, conforme o Decreto de 8 de janeiro de 1981, do documento abaixo:

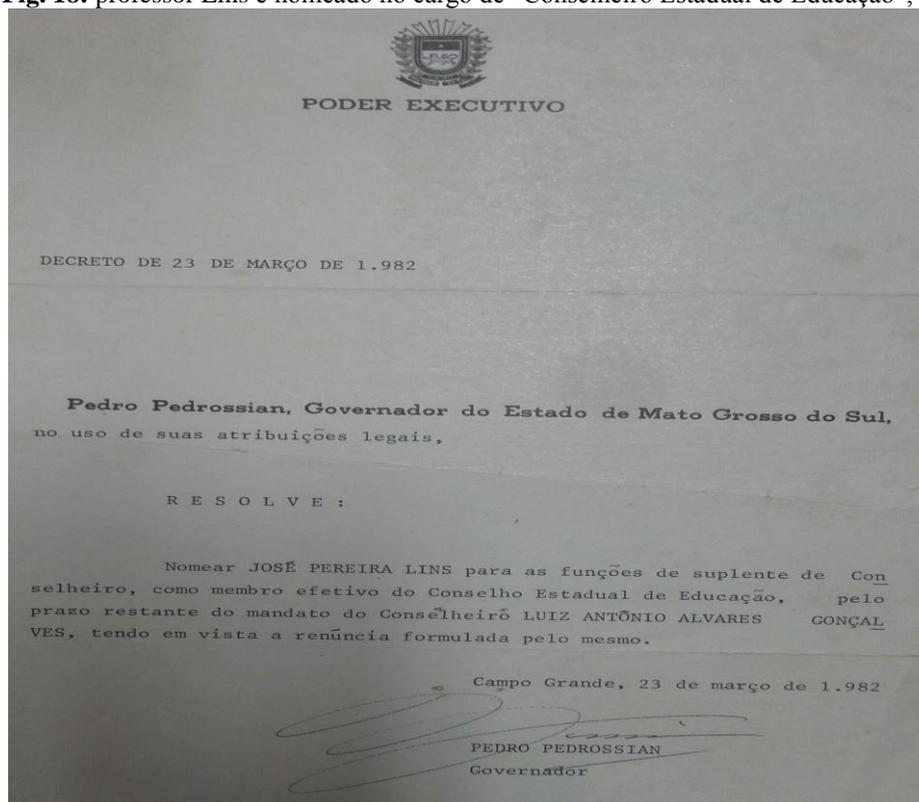
**Fig. 17:** Prof. Lins é nomeado no cargo “Agente Regional de Educação de Dourados”, em 1981



**Fonte:** Imagem digital de nossa autoria, extraída do arquivo CDR, em 24/02/2016.

Ao exercer o cargo de “Agente” da Secretária de Educação de Dourados, o Governador Pedro Pedrossian, no ano de 1982, ao mesmo tempo, nomeia o professor Lins como “Conselheiro do Estado de MS”:

**Fig. 18:** professor Lins é nomeado no cargo de “Conselheiro Estadual de Educação”, de MS, em 1982



**Fonte:** Imagem digital de nossa autoria, extraída do arquivo CDR, em 24/02/2016.

Os arquivos mostram que, na jornada de docência, o professor Lins exerceu várias funções, algumas delas concomitantemente com a construção do colégio Osvaldo Cruz; lembrando que, ao exercer o cargo de Agente e Conselheiro da educação do Estado de MS, na cidade de Dourados, ele também trabalhava no fim da construção de sua escola, em terreno próprio, regularizado, e no dia 30 de abril de 1980 o jornal *O progresso* divulgou a situação das escolas em Dourados e confirmou que as únicas escolas que estavam plenamente regularizadas eram o colégio Decisivo e o colégio Osvaldo Cruz, conforme registra o delegado Regional de Educação, prof. Ivan Araujo Brandão, em matéria, “Em Dourados só duas escolas regularizadas”:

Os colégios Decisivo e Osvaldo Cruz são os únicos estabelecimentos de ensino em Dourados, com situação plenamente regularizada junto à Secretária Estadual de Educação e Conselho Estadual de Educação, situação decorrente principalmente da morosidade da tramitação dos processos em Cuiabá e que com a Divisão de Mato Grosso, ficaram paralisados<sup>15</sup>.

Nesse sentido, a matéria veiculada no jornal *O Progresso*, de 14/15 de dezembro de 1985, cujo título “O honor Educacional do professor Lins”, assinado pelo Dr. Altair da Costa Dantas, destaca o valor da escola Osvaldo Cruz em Dourados, sendo que com

<sup>15</sup>Cf. *O progresso*. “Em Dourados só duas escolas regularizadas”, 30 abr. 1980.

as novas salas do pré-escolar, autorizados pelo Conselho Estadual de Educação, o ensino na cidade tenderia a crescer ainda mais, como esclarece Altair Dantas:

Entre tantas homenagens e homenageados que estão enfeitando e condecorando o peito heroico do cinquentenário da independência política-administrativa de Dourados, notamos, com tristeza, a ausência de qualquer alusão, mínima que seja, mesmo de passagem, ao legendário e nobre educador de diversas gerações de douradenses – o inigualável idealista, o professor JOSÉ PEREIRA LINS.

E constatamos isso ao nos depararmos com a DELIBERAÇÃO nº 1.176, de 07 de novembro de 1.985, inserida na edição nº 1.711 do nosso Diário Oficial de 05 de dezembro de 1.985, em que o Secretário de Estado de Educação homologou a unânime decisão do CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO, cuja ementa emocionados transcrevemos a seguir:

“AUTORIZA O FUNCIONAMENTO DE ESTUDOS ADICIONAIS EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR na escola de 1º e 2º graus ‘OSVALDO CRUZ DE DOURADOS’, no município de Dourados/MS”.

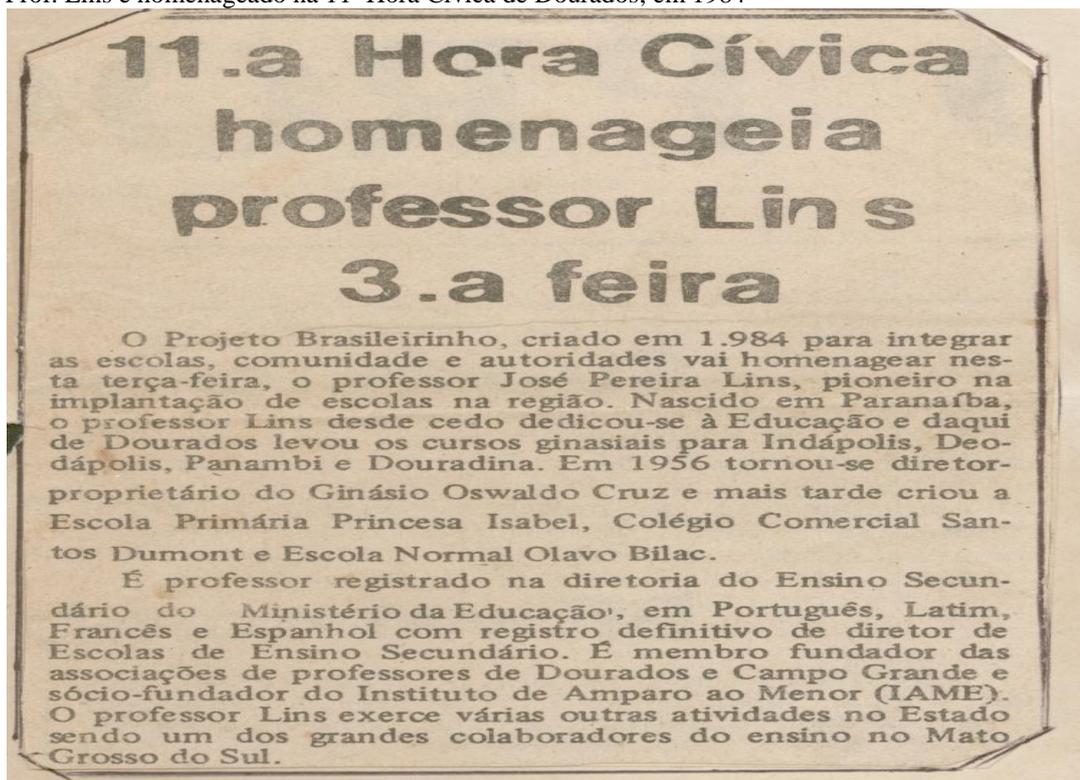
Decisão histórica e sumamente útil e agradável, que, doravante os mestres locais e porque não dizer sem medo de tergiversar, de toda a região do GRANDE DOURADOS, que pretenderem fazê-lo, O CURSO PRÉ-ESCOLAR, o farão sossegadamente, sem atropelos e sem os sacrifícios de outrora quando tinham de se deslocarem para outros Estados ou então se aproveitarem das férias, sempre longe de nossa comunidade, para parceladamente completá-lo, agora, repete-se com veemência demostênica, poderão, todos eles, fazê-lo no tradicional estabelecimento de ensino de nossa cidade e região – O COLÉGIO OSVALDO CRUZ<sup>16</sup>.

Da mesma perspectiva, registra-se também momento especial do caminho do professor Lins, quando foi homenageado pela 11ª Hora Cívica, realizada em frente à Prefeitura de Dourados, onde se lê o registro da criação de outros cursos ginásiais nas cidades de Indápolis, Deodápolis, Panambi e Douradina, entre outras, destacando-se também sua atividade de sócio-fundador do IAME- Instituto de Amparo ao Menor. Como se constata na imagem a seguir, do Jornal *O progresso*, de 5 de fevereiro de 1986:

---

<sup>16</sup>Cf. Jornal *Diário MS*, de 14/15, de dezembro de 1985, Dourados MS.

**Fig. 19:** Prof. Lins é homenageado na 11ª Hora Cívica de Dourados, em 1984



**Fonte:** Imagem fotográfica de câmera digital de nossa autoria, extraída do arquivo CDR, no dia 24/02/2016.

Em outra matéria de jornal *O Progresso*, de 9 de fevereiro de 1991, em “Oswaldo Cruz: 37 anos de ensino em Dourados”, relata a trajetória da escola durante esses anos, ou seja:

Ao longo de 37 anos, o colégio Oswaldo Cruz, tem se colocado a serviço da comunidade douradense, procurando sempre se reciclar e aperfeiçoar os cursos de formação básica, dando o melhor ensino, com professores capacitados na área de educação, para que o aluno aprenda de verdade. Prova disso, são os inúmeros alunos que concluem o 3º ano do 2º grau, e têm sido aprovados nos vestibulares de várias partes do país.

Fundado em março de 1951 [1954], pelo professor José Pereira Lins, o colégio já teve quatro nomes: Centro de formação Oswaldo Cruz, Ginásio Princesa Isabel, colégio Santos Dumont, colégio Olavo Bilac, e no ano de 1971, a escola voltou a utilizar o nome de Oswaldo Cruz<sup>17</sup>.

Enquanto a comunidade douradense comemorava os 37 anos de funcionamento do colégio Oswaldo Cruz, nessa década de 1990, o casal Lins comemorava o 50º (cinquentésimo) aniversário de casados, comemorado com recebimento de moções de congratulações outorgado pelos ex-vereadores da Câmara Municipal de Dourados,

<sup>17</sup>Cf. Jornal *O progresso*, de 9 de fevereiro de 1991, Dourados/MS. A informação da data de março de 1951, deste jornal, não corresponde com a informação descrita em depoimento do prof. Lins publicado na *Revista Arandu* (2004), em que afirma a data correta de 1954, onde o Dr. Luis Alexandre de Oliveira lhe convidou para fundar em Dourados, um colégio (Cf. LINS, 2004, p. 7).

Carlinhos Cantor<sup>18</sup>, Laerte Tetila e João Grandão. Separamos apenas uma moção do dia 25 de agosto de 1998, como se lê na imagem a seguir

**Fig. 20:** Prof. Lins recebe “Moção de Congratulação” dos ex-vereadores Laerte Tetila e João Grandão

**CÂMARA MUNICIPAL DE DOURADOS**

PROTÓCOLO: CÂMARA MUNICIPAL DE DOURADOS - MS  
**PROTOCOLO GERAL**  
 PROCESSO Nº: 1364  
 ENTRADA: 25/08/98

Projeto de Lei  
 Projeto Decreto Legislativo  
 Projeto de Resolução  
 Requerimento  
 Indicação  
 Moção  
 Emenda

Nº 305

AUTOR: Vereadores: **LAERTE TETILA**  
**JOÃO GRANDÃO**

**MOÇÃO**  
 aprovada em 25/08/98

Os Vereadores, que a esta subscrevem, de acordo com as normas regimentais, requerem à Mesa seja endereçada **MOÇÃO DE CONGRATULAÇÕES** ao Prof. José Pereira Lins e Sra. Isabel F. Lins, pelos 50 anos de união, no próximo dia 29.08.98.

**JUSTIFICATIVA:**

A Câmara Municipal de Dourados, legítima intérprete da sociedade douradense, não poderia deixar de congratular-se com o Prof. Lins e sua esposa, em tão importante data.

Plenário da Câmara municipal, 25 de agosto de 1998

LAERTE TETILA  
 VER. PT

JOÃO GRANDÃO  
 VER. PT

**LIDO**  
 SESSÃO 25/08/98  
 Ver. Luis A. Oshiro  
 1º Secretário

**Fonte:** Imagem fotográfica de câmera digital de nossa autoria, extraída do arquivo CDR, no dia 24/02/2016.

Essas singelas homenagens dos Vereadores de Dourados, que relembrou do casal Lins, demonstrando afeto e reconhecimento pelos trabalhos prestados à sociedade douradense, como descrevemos das palavras do ex-vereador Carlinhos Cantor, que justifica:

<sup>18</sup>As cópias das moções de congratulação constam no arquivo CDR, da UFGD, na caixa de homenagens ao prof. Lins. Pesquisado no dia 21/06/2016.

Com esta singela homenagem, gostaríamos de poder tocar nos corações dessas pessoas pelas quais temos como exemplo de vida a quem dedicamos respeito e carinho mesmo que de longe, pois as vicissitudes da vida não nos permite um contato mais próximo.

Sempre juntos, desenvolveram um trabalho árduo e profícuo em nossa cidade, dedicando-se e formando jovens que hoje trabalham nas mais diferentes áreas e que, com certeza, não esquecem do Colégio Osvaldo Cruz dirigido pelo Professor Lins, que zelava pela ordem e disciplina e da prof<sup>a</sup> Isabel que nos ensinou a cantar os hinos na mais perfeita nota.

São cinquenta anos de exemplo e respeito de vida em comum, pela qual agradecemos ao Senhor e festejamos como aluno, cidadão e Vereador.

Plenário da Câmara Municipal de Dourados, em 25 de agosto de 1998.

Cordialmente, assina o Vereador<sup>19</sup>.

Ampliando as homenagens, a *Folha de Dourados*<sup>20</sup>, em manchete registra: “Professor Lins, o mestre escola”, e traça um vasto panorama e perfil do educador que se sintetiza no subtítulo da manchete: “Numa época em que as aulas noturnas nem tinham luz elétrica, o professor José Pereira Lins investiu em educação e cultura para transformar o Colégio Osvaldo Cruz em Centro Educacional”. Nesta matéria, de página inteira, assinada por Karine Segatto, lêem-se os subtítulos que tematizam a trajetória do professor: “Do menino raquítico a professor”, e “A valorização do regional nos livros do professor Lins”, destacando-se as fotos do professor Lins em sua biblioteca, e do casal Lins com a professora Neide Araujo Castilho Teno, que fazia pesquisa na biblioteca do professor. Dessa matéria, destacamos um depoimento do professor sob a perspectiva da jornalista:

Encerrando as atividades do Centro Educativo Osvaldo Cruz em 2002, o professor Lins afirma que mesmo sabendo que o colégio podia ser transformado em empresa e continuado em funcionamento, o fechamento não foi por falta de empreendedorismo. “Eu sempre falo que o colégio cumpriu sua missão, isso é uma questão mais complicada, filosófica”<sup>21</sup>.

A partir desse momento, decorreu-se um longo período relativo ao desativamento da escola Osvaldo Cruz de Dourados, relatada em minúcias no artigo da jornalista, que veio a resultar, dentre outros, em matéria do jornal *O progresso*, de 6 de fevereiro de 2003, como se pode ler na edição do jornal abaixo:

<sup>19</sup>Cf. “Moção de Congratulação”, outorgado pelo Vereador Carlinhos Cantos, protocolo nº 302, processo nº 1342, entrada 25/08/1998, aprovada em 25/08/1998, Dourados/MS. Pesquisado nos arquivos CDR, no dia 22/06/2016

<sup>20</sup>Cf. *Folha de Dourados*, de 30 de outubro de 2005, Dourados/MS.

<sup>21</sup>Cf. *Jornal Folha de Dourados*, caderno dois, 30 de outubro de 2005, p. 4.

**Fig. 21:** Desativação do Colégio Osvaldo Cruz de Dourados, divulgado em 2003

08 VARIEDADES ■ Quinta-feira, 06 de fevereiro de 2003 Diário MS

Estabelecimento foi fundado em 1954 e por muito tempo as salas foram iluminadas por lâmpada

## Escola Osvaldo Cruz é desativada

**D**epois de 49 anos educando e formando jovens o colégio Osvaldo Cruz deixa de exercer suas atividades. Fundado em 1954 por José Pereira Lins e Luiz Alexandre de Oliveira (in memoriam), a escola foi a primeira em Dourados e região que trouxe o ensino ginasial, o curso técnico em contabilidade e supletivo.

Segundo o professor Lins, a fundação do colégio Osvaldo Cruz abriu as portas do progresso para Dourados, pois, trouxe inovações na educação na cidade. Antes de a escola ser instalada havia somente três escolas: Imaculada Conceição, Erasmo Braga e Patronato de Menores. Na época meninos e meninas não podiam estudar numa mesma escola e o Osvaldo Cruz quebrou essa tradição, o que representou um grande escândalo. "O preconceito foi ainda maior quando o colégio passou a oferecer aulas no período noturno, pois as mulheres eram proibidas de estudarem ou saírem à noite", contou.

A primeira turma de formandos da escola foi de 25 alunos. Lá estudaram milhares de pessoas que hoje exercem atividades nos mais diversos ramos. "É um grande orgulho para nós sabermos que a escola contribuiu para a educação de tantos nomes importantes na sociedade".

Naquela época, quando ainda não existia luz elétrica, alunos e professores usavam o lampião a gás para iluminar as salas de aula. José Lins disse que até chegar a rede elétrica, a escola usou lampião "Petromax" (que tinha luz mais brilhante do que o modelo a gás) e motor a diesel. Contou ainda que quando chegou luz elétrica na cidade, teve que puxar a rede desde a praça Antônio João para a escola por conta própria, pois, a prefeitura não tinha recursos para tal.

Diante de toda uma trajetória de pioneirismo o professor Lins explica que a escola foi desativada porque, para ele, "os pioneiros não tem estrutura para acompanhar o progresso" e ele não conseguiu sobreviver a isso. Hoje o prédio da escola, localizado na rua Mato Grosso, está parcialmente desativado. Parte do imóvel está alugado para a escola estadual Armando da Silva Carmelo.

"Agora só nos resta zelar pela conservação desse patrimônio histórico, pois a escola Osvaldo Cruz já cumpriu sua missão", disse o professor, informando que pretende alugar o prédio e que tem todos os documentos de alunos guardados em sua casa localizada na rua Antônio Emílio de Figueiredo, 2771.



Professor Pereira Lins diz que a escola cumpriu a sua parte



FOTOS HÉLIO FAZ

Colégio Osvaldo Cruz provocou escândalo quando admitiu meninas e meninos em suas salas

**Fonte:** Jornal *Diário MS*, 6 fev. 2003, extraída do arquivo CDR, no dia 24/02/2016.

Com a desativação da Escola Osvaldo Cruz, em Dourados, inúmeras reportagens cobriram a matéria da época. O jornal *O progresso* de Dourados (06/02/2003), por exemplo, reconhece o pioneirismo do professor no âmbito da educação, e das três escolas que existiam em Dourados: o Imaculada Conceição, o Erasmo Braga, e o Patronato de Menores; ou seja, a escola Osvaldo Cruz era a única que oferecia condições para os estudantes, pois era a que cobrava uma mensalidade de menor valor. Acrescido a isso, foi a escola que podemos considerar um divisor de águas, pois quebrou as regras e os preconceitos quanto à questão de gênero, e passou a ofertar cursos no período noturno, dando condições para as meninas estudarem no período noturno, o que era uma proibição na época. O professor Lins, nessa época, rompe com paradigmas culturais e implanta uma nova visão de sociedade. Assim, muitas mulheres puderam obter sua

formação e ainda hoje exercem suas funções na sociedade em seus diversos segmentos.

As alunas que estudaram no período noturno, da 1ª série da turma única, do curso ginásial do colégio Osvaldo Cruz de Dourados, foram divididas em duas turmas, a primeira de 29 alunos, com apenas duas mulheres: Maria do Carmo Pessoa de Melo, e Delcia Pires Ferreira. E a segunda com 26 alunos, sendo apenas 5 mulheres: Adelma Moraes Valente, Itaciana Sandre, Maria Natalina de Carvalho, Eunice de Oliveira, e Maria Teresa Coelho. Já na 2ª série do curso ginásial, do período noturno, constavam 9 alunos, tendo apenas duas mulheres: Iracema Marques Martins, e Lucia Helena Leal Ferreira. E na 3ª série do curso ginásial, período noturno, estudaram Auta Martins Marques, Dilma Fernandes Leite, Eulalia Vilhalva Chagas, Maria da Silva Monteiro, e Larizete Melo<sup>22</sup>. Sendo assim, por sequência, registra-se nos arquivos CDR/UFGD, outros nomes de mulheres que estudaram no período noturno do colégio Osvaldo Cruz.

As homenagens de reconhecimento pelo trabalho e funções desempenhadas pelo professor Lins iniciam-se desde muito cedo, dado o seu envolvimento em diferentes órgãos da comunidade, sendo o principal, na área educacional. Por meio da escola Osvaldo Cruz, de Dourados, que, no ano de 2004, comemorou os seus 50 anos com grande festividade. Em realização de uma palestra proferida pelo professor Lins, no anfiteatro da UNIGRAN, publicada pelo jornal *O Progresso*, de 8 de março de 2004, trazia no título “Professor Lins faz palestra na UNIGRAN”, cujo objetivo principal era a comemoração da escola: “O educador comemora 50 anos da criação do Colégio Osvaldo Cruz por onde passou várias gerações”; e a divulgação de que a palestra aconteceria na noite de quarta-feira:

---

<sup>22</sup>Esses nomes constam nas “atas de resultados finais”, nos arquivos CDR/UFGD, na caixa azul: “JPL/COC – Relatório I Grau 1954-1960 ginásial” e na outra caixa azul “JPL/COC – 1954-1985”. Pesquisado em 21/06/2016 (Cf. **Anexo 2**).

**Fig. 22:** Imagem de divulgação da palestra realizada pelo professor Lins na UNIGRAN, em 2004.

Dourados, Mato Grosso do Sul, segunda-feira, 8 de março de 2004

Literatura

# Professor Lins faz palestra na Unigran

Educador comemora 50 anos da criação do Colégio Osvaldo Cruz por onde passou várias gerações

Divulgação

Nicanor Coelho

**D**OURADOS – O escritor e professor José Pereira Lins, vai participar na noite da próxima quarta-feira de uma noite cultural no Anfiteatro da Unigran. Ele vai fazer uma palestra enfocando os vários aspectos da literatura sul-mato-grossense.

Na mesma noite, o professor Lins vai lançar o seu sexto livro, intitulado “Os olhos de Deus”, uma seleção de escritos sobre textos bíblicos e outros nomes da literatura estadual e nacional.

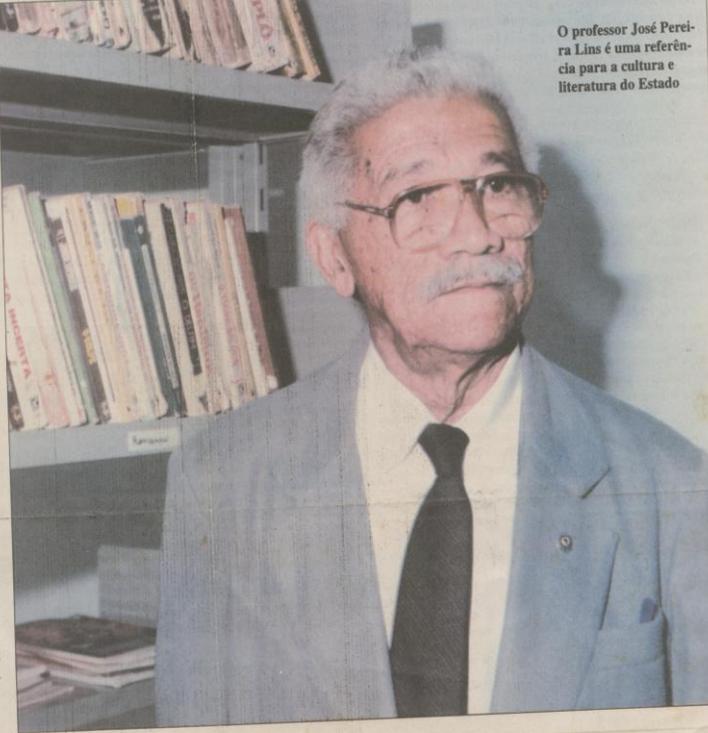
O professor José Pereira Lins comemorou na última sexta-feira, 50 anos na cidade de Dourados. Ele foi o responsável pela criação do Colégio Osvaldo Cruz, em 1954, que foi a primeira escola a oferecer o curso ginásial para os jovens douradenses que até então precisavam se deslocar até Campo Grande para prosseguir os seus estudos. “O Osvaldo Cruz contribuiu para a Educação de várias gerações de jovens douradenses”, disse Lins, que encerrou as atividades da escola há dois anos.

A Noite Cultural é uma promoção do curso de Letras e da Faculdade de Educação da Unigran com o apoio do Grupo Literário Arandu, que durante o evento vai lançar a edição 27ª da Revista Arandu, considerada a mais importante publicação de cunho científico da região Centro-Oeste.

Esta edição da Arandu conta com artigos de Magno Mieres, Solange Neves de Brito, Onildo Lopes dos Santos, Ivonaldo Negromonte Vasconcelos, Edegar Alves Martins, Nicanor Coelho, Gleiciani Buscioli, Milton Froes, Terezinha Bazé, Nôe de Oliveira, Edemar Benedetti Filho, Waldrovany dos Santos Silva, Magda Cristina Franco, Rosana Zanelatto e Paulo Nolasco.

**“Os olhos de Deus” é o título do novo livro que está sendo lançado**

O professor José Pereira Lins é uma referência para a cultura e literatura do Estado



Televisão

**Fonte:** Jornal *O progresso*. “Professor Lins faz palestra na UNIGRAN”, 8 de março, 2004, extraída do arquivo CDR, em 24/02/2016.

Esta matéria do jornal *O progresso* foi editada pelo escritor Nicanor Coelho, que destacou o professor Lins na mesma ocasião em que lançou seu sexto livro *Os Olhos de Deus* (2004). Nicanor Coelho também teceu algumas palavras acerca do colégio Osvaldo Cruz:

O professor José Pereira Lins comemorou na última sexta-feira, 50 anos na cidade de Dourados. ele foi o responsável pela criação do Colégio Osvaldo Cruz, em 1954, que foi a primeira escola a oferecer o curso ginásial para os jovens douradenses que até então precisavam se deslocar até Campo Grande para prosseguir os seus estudos. “O Osvaldo Cruz contribuiu para a educação de várias gerações de jovens douradenses”, disse Lins, que encerrou as atividades da escola há dois anos<sup>23</sup>.

<sup>23</sup>Cf. *O progresso*. “Professor Lins faz palestra na UNIGRAN”, 8 mar. 2004.

No mesmo ano de 2004, em comemorações aos 50 (cinquenta) anos do professor Lins em Dourados, o editor da *Revista Arandu*, Nicanor Coelho, teceu os seguintes comentários em abertura da revista:

O dia 6 de março de 2004 é uma data muito importante para o professor José Pereira Lins.

Neste dia ele comemora os cinquenta anos de história em Dourados. Há exatamente cinco décadas ele aportou no segundo maior município de Mato Grosso do Sul onde fundou o Colégio Osvaldo Cruz, sinônimo de educação de qualidade e de competência profissional.

Para comemorar esta data estamos dedicando, de forma especial, esta edição da *Revista Arandu* ao professor Lins em reconhecimento a contribuição que deu e tem dado para o desenvolvimento sócio-econômico de Dourados e do Estado através da educação.

Escritor e membro fundador da Academia Douradense de Letras, onde atualmente é o presidente, nosso homenageado é um dos ícones da Literatura-Sul-Mato-Grossense.

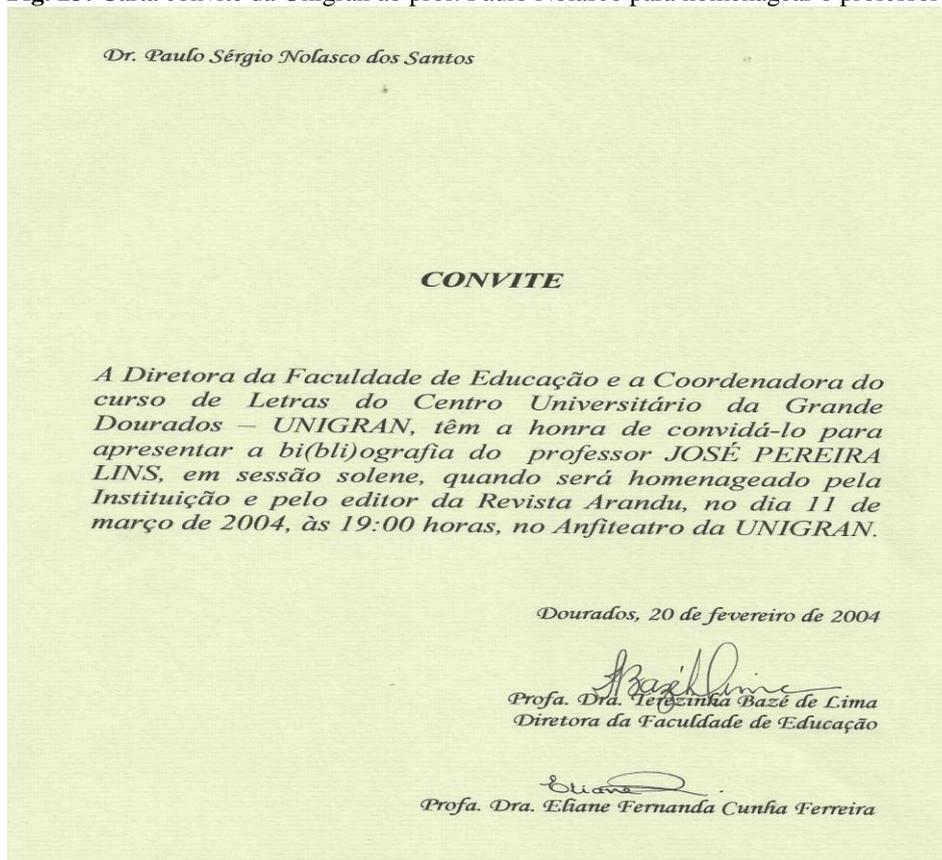
Nesta edição o leitor além de conhecer a história de Lins, vai saborear uma entrevista cheia de informações preciosas e ainda saber detalhes dos seis livros de sua autoria (COELHO, 2004, p. 2).

De acordo com este número da *Revista Arandu* (2004, 92 p.), que procurou esboçar um perfil do professor Lins a partir das suas principais obras, ou seja, registra-se a resenha elaborada por Carlos Amarilha, intitulada *Hélio Serejo... Sublime Poema! Cintilações da Alma Poética de Hélio Serejo* (1996. 120 p), na qual o autor comenta o propósito da obra crítica de Lins, enaltecendo sobretudo o regionalismo de Hélio Serejo (p. 15-17). Já em comentário à obra *Do Livre Arbítrio e da Soberania de Deus na Salvação do Homem*, Solange Brito tece comentários críticos a essa obra, enaltecendo a espiritualidade e religiosidade do nosso escritor (p. 18-20). Com relação à *O Sol dos Ervais: Exaltação à Obra Literária de Hélio Serejo*, Carlos Amarilha resenha a proposta desse livro do professor Lins, que enaltece a obra de Serejo e a cultura de fronteira, além do prefácio da ilustre professora Neide Araujo Castilho Teno (p. 21-22). Edegar Martins contribui com uma resenha do representativo livro de crítica *Lobivar Matos, O poeta Desconhecido*, onde traça o perfil do escritor crítico – aqui o professor Lins é mostrado na sua atividade de crítico literário que homenageia o ilustre poeta corumbaense Lobivar de Matos (p. 23-24). Quanto ao livro *Conceitos*, Onildo dos Santos destaca a natureza desse livro de diversa formatação e gêneros, reunindo textos religiosos, acadêmicos, discursos, incluindo o de posse na Academia Douradense de Letras (p. 25); e por último, Ionaldo Vasconcelos comenta o livro *Os Olhos de Deus* (2004), crônicas literárias de acentuado teor de religiosidade (p. 26).

Nesse aspecto, tanto o editor da *revista Arandu*, Nicanor Coelho, quanto a Coordenadora do Curso de Letras, Eliane Fernanda Cunha Ferreira, e a Diretora da

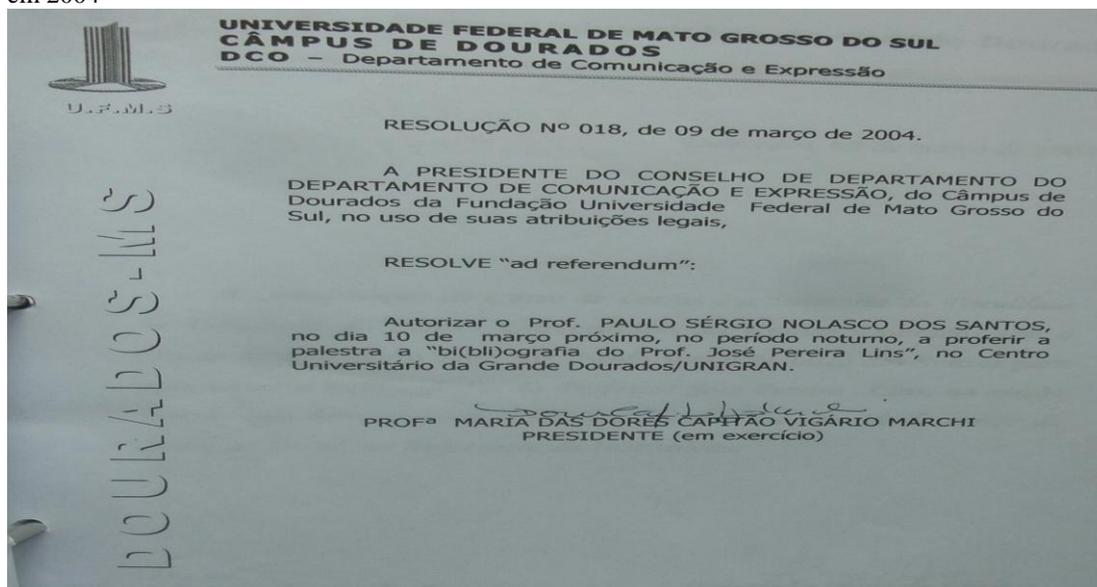
Faculdade de Educação, Terezinha Bazé de Lima, ambas da UNIGRAN, organizaram a semana de atividades culturais, evento ocorrido no mês de fevereiro de 2004, no anfiteatro da UNIGRAN, ocasião em que convidaram um professor de outra instituição, para mostrar para a comunidade acadêmica e não acadêmica, a vida e obra do professor Lins. Atendendo ao convite dos organizadores do evento, o professor Paulo Nolasco, da UFGD, proferiu palestra em que recuperou amplamente “a cronologia do autor”, e enaltecendo a figura ímpar do professor Lins para a educação douradense, para a Academia e enquanto homem de Letras. A seguir cópias dos certificados dessas atividades ocorridas em 2004, ou seja, do convite da Reitora da UNIGRAN, e da resolução de autorização da Presidente do DCO/ Departamento de Comunicação e Expressão:

**Fig. 23:** Carta convite da Unigran ao prof. Paulo Nolasco para homenagear o professor Lins, em 2004



**Fonte:** Imagem fotográfica de nossa autoria, extraída do arquivo do prof. Paulo Nolasco, no dia 22/06/2016

**Fig. 24:** Resolução do Conselho do DCO/UFMS que autoriza o prof. Paulo Nolasco a proferir palestra, em 2004



**Fonte:** Imagem fotográfica de nossa autoria, extraída do arquivo do prof. Paulo Nolasco, no dia 22/06/2016.

Registramos, também, o certificado do professor Paulo Nolasco, por ter proferido a palestra “Bi(bli)ografia do prof. José Pereira Lins”, na UNIGRAN, assinado

pela Coordenadora do Curso de Letras, Eliana Fernanda Cunha Ferreira e da Diretora da Faculdade de Educação, Terezinha Bazé de Lima, em 10 de março de 2004, como se vê abaixo:

**Fig. 25:** Certificado de palestra em sessão solene de Doutor *Honoris Causa* ao professor Lins, em 2004

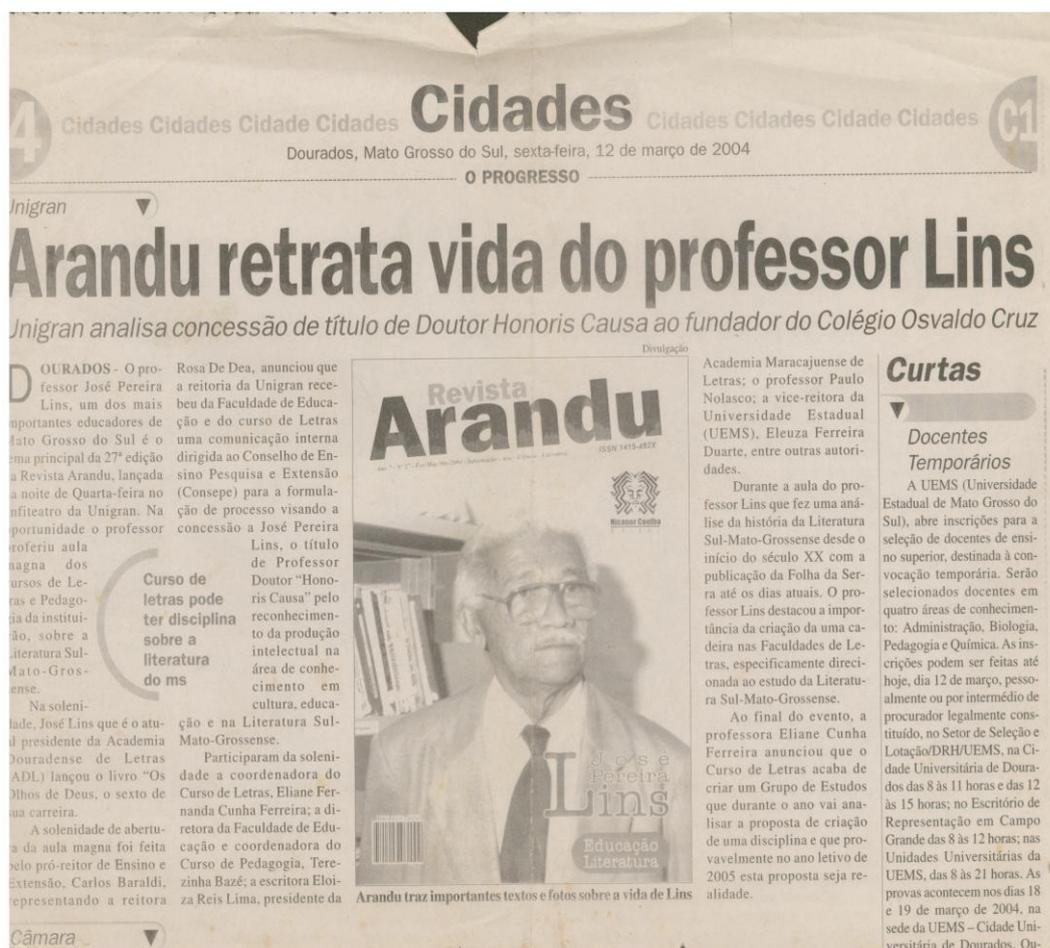


**Fonte:** Imagem fotográfica de nossa autoria, extraída do arquivo do prof. Paulo Nolasco, no dia 22/06/2016

Esses aspectos memoráveis dos caminhos trilhados pelo professor Lins diz respeito às homenagens que recebeu, inclusive no que estamos referindo ao seu próprio envolvimento com o movimento educacional do Estado de Mato Grosso do Sul. Não à toa, a homenagem prestada ao professor Lins, no dia 17 de junho de 2005, a revista *Arandu* divulgou a análise da concessão feita pelo Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN), ao título Doutor *Honoris Causa*<sup>24</sup>, concedido para o professor Lins, conforme extrato do jornal a seguir:

<sup>24</sup>O Diploma do título *Honoris Causa* é registrado no subitem: 2.3, “Impressões e Aproximações com o Arquivo do professor”, deste trabalho. (Cf. p. 143).

**Fig. 26:** Revista *Arandu* divulga vida e concessão de título outorgado pela UNIGRAN, em 2004



**Fonte:** Jornal *O progresso*, 12 de março de 2004, extraída do arquivo CDR, em 24/02/2016.

Desse ponto de vista, ganha relevo a outorga do título *Honoris Causa* que o professor Lins recebeu da UNIGRAN<sup>25</sup>, e que teve ampla repercussão no meio sociopolítico cultural do Estado de Mato Grosso do Sul.

Vejamos:

Durante a sessão de outorga do título *Honoris Causa*, no dia 17 de junho de 2005, às 19h30min, um dos aspectos que se salienta diz respeito à matéria veiculada pelo *O progresso*, “Professor Lins recebe título *Honoris Causa*”, na qual se justifica explorando amplamente o caráter meritório da causa Doutor *Honoris Causa*, onde muitos coadjuvantes testemunharam e falaram favoráveis à causa do nordestino que fazia 86 anos de idade. O próprio professor Lins, assim se manifestou:

<sup>25</sup>Em pesquisa nos arquivos do CDR, no dia 21 de junho de 2016, encontramos nas caixas, o convite da Reitora da UNIGRAN, Rosa Maria D’ Amato De Déa, para o prof. Paulo Nolasco participar da solenidade de outorga do referido título ao prof. Lins, no dia 17 de junho de 2005.

Eu recebi a indicação com surpresa e muita emoção. Das homenagens recebidas, nunca supus que essa estivesse reservada para mim nessa época, quando já estivesse afastado da vida escolar e literária. Então, para mim, renasceu todo aquele entusiasmo dos meus tempos de professor, disse o homenageado<sup>26</sup>.

Esta é portanto, a manifestação do professor Lins, após ter recebido o título *Honoris Causa*, publicada no jornal *O Progresso*, de 20 de junho de 2005, como se vê, o professor segurando o título ao lado da Reitora:

**Fig. 27:** Professor Lins e a Reitora da UNIGRAN, Rosa Maria De Déa, em 2005



**Fonte:** *Jornal O progresso*, 20 jun. 2005.

No contexto da cerimônia que agraciou o professor Lins, vários testemunhos e documentos foram produzidos. Dentre eles, principalmente o “Discurso de agradecimento” proferido pelo próprio professor Lins, no qual não se esquivava em agradecer à Magnífica Reitora da UNIGRAN, a memória de sua mãe que morrera aos 92 anos de idade<sup>27</sup>, as duas mulheres coparticipantes de sua caminhada, Maria Constança Barros Machado e dona Oliva Enciso, as professoras da UNIGRAN, Eliana Fernanda Cunha Ferreira e Terezinha Bazé de Lima, além de menções especiais aos escritores douradenses Emmanuel Marinho e Paulo Sérgio Nolasco, este “erudito professor na área Literatura Comparada que tem seu valor reconhecido internacionalmente, exemplo para outros países”<sup>28</sup>.

<sup>26</sup>Cf. *O Progresso*. “Professor Lins recebe título *Honoris Causa*”, 20 jun. 2005, p. 3.

<sup>27</sup>Informação da morte de sua mãe que se contradiz na revista *Arandu* (2004), em que o prof. Lins afirma que a sua mãe faleceu aos 86 anos de idade. (Cf. LINS, 2004, p. 4)

<sup>28</sup>Cf. Discurso de Agradecimento pelo título Doutor *Honoris Causa*, proferido pelo prof. Lins no Anfiteatro do Centro Universitário da Grande Dourados – UNIGRAN em 17 jun. 2005, f. 6.

Distinguindo o professor Lins, agora com todas as honras e justiça, Doutor *Honoris Causa*, e repercutindo pelas mídias e jornais de Dourados e região: “Unigran homenageia professor Lins amanhã”, *Dourados News*, 16 de junho de 2005; “UNIGRAN concede título inédito de Doutor *Honoris Causa* a José Pereira Lins”, *UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados*, 16 de junho de 2005; “Professor José Pereira Lins é Doutor *Honoris Causa*”, *Dourados Agora*, 20 de junho de 2005; “UNIGRAN concede título inédito de Doutor *Honoris Causa* a José Pereira Lins”, Primeira Igreja Batista em Dourados, 19 de junho de 2005.

Essas referidas informações constam impresso, no arquivo CDR, dentro da caixa amarela<sup>29</sup>, onde encontramos, também, vários documentos de amigos e familiares parabenizando o professor Lins pelo título Doutor *Honoris Causa*, em correspondências, *e-mails*, telegramas, cartas, folhas escrita à mão etc., como descrevemos alguns nomes: a prof<sup>a</sup>. Dores Marchi, em nome do Reitor Manuel Catarino Paes-Peró, na carta do dia 17 de junho de 2005; a escritora Raquel Naveira, em carta com poesia “As Parcas”, de 13 de junho de 2005; o escritor Humberto Del Maestro, em telegrama de 18 de junho de 2005; os netos Marcinha e Cristiano, em telegrama de 17 de junho de 2005; de Airton Barbosa, em telegrama de 20 de junho de 2005; do Gabriel Laet, em *e-mail* de 17 de junho de 2005; do ex-aluno e Presidente do Coral Santa Cecília, Adilvo Mazzini<sup>30</sup>, em carta de 20 de junho de 2005; o Presidente Venâncio Josiel dos Santos, da Academia Maçônica de Letras Ciências e Artes, em carta de 14 de junho de 2005; do Desembargador Gilberto da Silva Castro, em carta escrita à mão, de 20 de junho de 2005, entre outras.

Paralelamente, o professor Lins, em seu discurso de agradecimento pelo renomado título de Doutor *Honoris Causa*<sup>31</sup>, relembra da sua ex-professora e coparticipante de sua caminhada, Maria Constança Machado, ou seja, é notável a ligação osmótica do professor Lins ao Colégio Maria Constança, de Campo Grande. Desde o início, o professor Lins tinha sido aluno da ex-diretora Maria Constança, que mais tarde teria seu nome ligado àquele colégio. Dessa forma, é relevante destacar a imensurável simpatia do professor com aquela professora, tanto que, quando este colégio celebrou seus 50 (cinquenta) anos, no dia 31 de agosto de 2005, o professor é

---

<sup>29</sup>Cf. Caixa Amarela: “JPL/COC DOC Pessoais do Professor José Pereira Lins recebe título Doutor *Honoris Causa*, Dourados, 17 de junho de 2006”. Pesquisado no dia 21/06/2016.

<sup>30</sup>Adilvo Mazzini foi grande amigo e ex-aluno do prof. Lins, no curso de Letras CPD/UEMT (1971-1973), conforme explicitado no subitem “Docência no meio Universitário”, p. 92.

<sup>31</sup>Cf. Discurso de Agradecimento pelo título Doutor *Honoris Causa*, proferido pelo prof. Lins no Anfiteatro do Centro Universitário da Grande Dourados – UNIGRAN em 17 jun. 2005, 8f.

aclamado como um de seus alunos e dentre as figuras mais importantes do Estado que frequentaram aulas naquele colégio. Conhecido como o “Colégio Estadual”, de Campo Grande, esta escola tornou-se referência da educação com qualidade, tendo formado gerações de homens e mulheres da política e da educação sul-mato-grossense. Tendo como mestra a professora Maria Sá Rosa, o colégio Maria Constança registra inúmeros ex-alunos como a ex-senadora Marisa Serrano e o ex-senador Juvêncio César da Fonseca, o ex-secretário estadual Américo Calheiros, dentre outros:

Além do professor Lins, outras personalidades foram homenageadas, como Marisa Serra (ex-aluna e ex- professora), Juvêncio César da Fonseca. Maria da Glória de Sá Rosa, Hélio de Lima, Nelly Elis Bacha, César Galhardo, Marlene Rufato, Paulo Simões Correa e tantos outros foram lembrados<sup>32</sup>.

Nesta escola, o professor Lins aprendeu lições que tinham como preocupação o aluno, a educação, a cultura e a arte, como testemunha a ex-aluna e ex-professora da escola, Maria da Glória Sá Rosa<sup>33</sup>. Por ocasião dos seus 50 (cinquenta) anos, o colégio Maria Constança homenageou o professor Lins, segundo matéria do jornal *O Progresso*, intitulada “Colégio faz homenagem a professor na Capital”<sup>34</sup>. Em particular testemunho, falando sobre o colégio Maria Constança, neste momento comemorativo, a professora Maria da Glória Sá Rosa assim avalia o item “Educação, cultura, arte...”, intercaladas às palavras da jornalista Daniella Arruda:

A qualidade do ensino é outra característica marcante. “O colégio tinha uma reputação tão boa que dispensava cursinho. Os alunos saíam daqui e passavam nas faculdades de fora. Naquela época, ainda não havia faculdade em Mato Grosso”, disse<sup>35</sup>.

Nesse sentido, recuperamos a imagem do jornal *O Progresso*, que mostra a figura do homenageado Lins:

---

<sup>32</sup>Cf. Jornal *O progresso*. “Colégio faz homenagem a professor na Capital”, 16 set. 2005, p. D 1.

<sup>33</sup>Cf. Colégio Maria Constança comemora meio século. *Correio do Estado*, 31 de ago. 2005, p. 6-a

<sup>34</sup>Cf. *O Progresso*. “Colégio faz homenagem a professor na Capital”, 16 set. 2005, p. D1.

<sup>35</sup>Cf. *id. Ibidem*.

**Fig. 28:** Colégio Maria Constança em comemorações pelos seus 50 anos, homenageia o ex-aluno e ex-professor Lins, em 2005

50 Anos

# Colégio faz homenagem a professor na Capital

**D**OURADOS – O Colégio Estadual Maria Constança Barros Machado, completou dia 31 de agosto, 50 anos e comemorou em grande estilo o aniversário ao som da Banda Municipal de Campo Grande. Um douradense, porém, foi destaque especial no evento. O ex-aluno e professor José Pereira Lins foi homenageado e recebeu uma honrosa placa da vice-prefeita Marisa Serrano.

De acordo com a diretora, Marisa Sanches, a finalidade do evento era manter viva na memória da comunidade o nome de algumas personalidades e apresentar às novas gerações os valores eternizados pelo Colégio. “Nos bancos escolares do colégio, formaram-se grandes personalidades que construíram e ainda constroem



o desenvolvimento humano, social e intelectual”, completou a diretora.

Além do professor Lins, outras personalidades foram homenageadas, como Marisa Serra (ex-aluna e ex-professora), Juvêncio César da Fonseca, Maria da Glória de Sá Rosa, Hélio de Lima, Nelly Elis Bacha, César Galhardo, Marlene Rufato, Paulo Simões Correa e tantos outros foram lembrados.

O auditório do colégio serviu de palco para o referido evento com um belíssimo resgate histórico. “Quem se fez presente, pode presenciar o entusiasmo do encontro de todos os ex-alunos, ex-educadores e ex-funcionários”, afirmou a diretora do colégio Maria Constança Barros, Marisa Sanches.

**Prof. José Pereira Lins**  
a história de Campo Grande e de Mato Grosso do Sul e queremos homenageá-los”, afirmou.

“São advogados, professores, empresários, artistas, políticos, médicos, entre tantos outros profissionais liberais, enfim, uma verdadeira plêiade de homens e mulheres, que são testemunhas, de que a educação é fundamental para

**Fonte:** Jornal *O progresso*. “Colégio faz homenagem a professor na Capital”, 16 set. 2005, p. D 1, extraída do arquivo CDR, em 24/02/2016

Outra emblemática homenagem, que vale destacar, é o título de “Cidadão Sul-mato-grossense”, outorgado pela Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul, no ano de 2006, proposta da deputada Bela Barros, que em ofício ao professor Lins, comunica-lhe:

Eminente Amigo Professor Lins,

Estou muito feliz em poder comunicar-lhe que, em sessão plenária ocorrida hoje, 09 de agosto, por unanimidade de votos, foi aprovado nosso Projeto de Resolução que lhe confere o título honorífico de Cidadão Sul-Mato-Grossense.

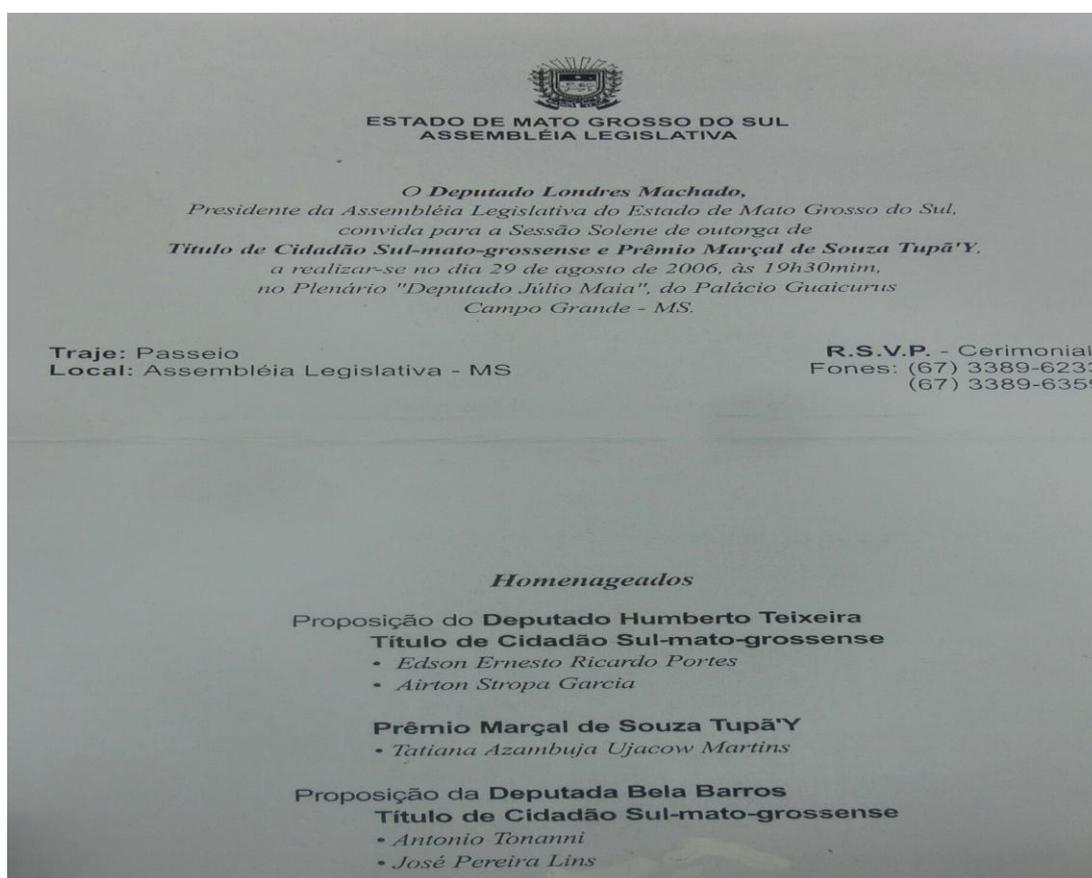
Entendo que a homenagem que propus lhe ser conferida é apenas uma questão de justiça porque méritos, realmente, não lhe faltam.

A sessão solene de entrega do título está marcada para o dia 29 de agosto de 2006, às 19:30 h no “Plenário Deputado Júlio Maia” do Palácio Guaicurus. Tão logo nos sejam encaminhados os convites oficiais para a cerimônia- elaborados pelo Poder Legislativo- nós os remetemos ao amigo para que os faça chegar às mãos de seus ilustres convidados para a histórica ocasião.

Cordialmente, assinatura da Bela Barros (PDT) <sup>36</sup>.

A sessão solene foi realizada no dia 29 de agosto de 2006, em Campo Grande/MS, como se lê no convite a seguir:

**Fig. 29:** Prof. Lins recebe título de Cidadão Sul-mato-grossense, no dia 29 de agosto de 2006



**Fonte:** Imagem fotográfica de câmera digital de nossa autoria, extraída do arquivo CDR, no dia 24/02/2016.

<sup>36</sup>Cf. OFICIO GB – Nº 025/06, da Deputada Estadual Bela Barros (PDT). Campo Grande: Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso do Sul, 9 de ago. 2006. Pesquisado no arquivo CDR, no dia 22/06/2016.

De acordo com o discurso proferido pelo professor Lins, naquela sessão solene de homenagens, relembrou da capital morena, Campo Grande, considerada por ele, o “berço de ouro”. Ele reconheceu muitas pessoas que o ajudaram na sua caminhada para o setor educacional de Dourados e região, como se lê, no 4º (quarto) parágrafo de seu discurso:

É tempo de paz. Eu amo Campo Grande. Foi aqui o berço da minha iniciação nas letras. Mais tarde, frequentei outros centros culturais. Mas, foi aqui, que após repousar à sombra dos meus mestres e modelos, abençoado por eles, sai, para cumprir a tarefa que me foi proposta: Fundar em Dourados, o primeiro curso ginásial, a primeira escola técnica de comércio, a primeira escola normal, no período noturno para moços e moças, quebrando, assim, uma tradição e preconceito. E na década dos anos 50 e início dos 60, levamos esse ensino para as localidades de Itaporã, Douradina, Panambi, Vila Brasi, Caarapó, Glória de Dourados, Deodapolis e adjacências. Neles, incorporamos o lema que logo se popularizou: “Não importa se o ninho quando o ovo é de águia”. E mais: “NÃO ESMOERECER PARA NÃO DESMEREER”. Muitos daqueles jovens, que se assentaram nos toscos bancos das nossas escolas, são hoje, profissionais respeitados, e nossos legisladores, nossos mestres e governantes<sup>37</sup>.

A referida notícia do título de “Cidadão sul-mato-grossense” foi de grande impacto na maioria dos jornais e mídias do Estado de MS e região, bem como noticiou o jornal *O progresso*, de Dourados, no dia 31 de agosto de 2006, cuja manchete “Assembleia Homenageia douradenses”; e do jornal *Diário MS*, do dia 29 de agosto de 2006, em matéria “AL homenageia cinco douradenses”. Sendo que, também, o professor Lins recebeu os parabéns dos deputados, amigos e familiares, como: do Deputado Geraldo Resende, em telegrama do dia 31 de agosto de 2006; da professora Terezinha Bazé de Lima, em carta escrita à mão, do dia 29 de agosto de 2006; dos Presidentes da UNIGRAN, Murilo Zauith e Cecilia Zauith, em carta do dia 28 de agosto de 2006; do Presidente do Coral Santa Cecília, Adilvo Mazzini, em carta do dia 25 de agosto de 2006; do professor Paulo Nolasco, em telegrama do dia 29 de agosto de 2006; e do amigo Paulo Correa de Oliveira, em telegrama do dia 29 de agosto de 2006; entre outros<sup>38</sup>.

Podemos dizer que todas essas homenagens ao professor Lins foram resultado de seu caminho percorrido, desde o seu primeiro exame de admissão no colégio Campo-grandense e Osvaldo Cruz de Campo Grande, com seus ex-professores Oliva Enciso e Maria Constança, e na cidade de Dourados com a criação e administração do Colégio

<sup>37</sup>Cf. LINS, José Pereira. Discurso “Nobres Parlamentares”. Campo Grande: Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso do Sul, 29 de ago. 2006, 1 f. Pesquisado nos arquivos CDR, no dia 21/06/2016.

<sup>38</sup>Cf. Caixa Amarela: “JPL/COC DOC Pessoais do Professor José Pereira Lins recebe título Doutor *Honoris Causa*, Dourados, 17 de junho de 2006”. Pesquisado no arquivo CDR, no dia 21/06/2016.

Oswaldo Cruz<sup>39</sup>. Como foi sublinhado, então, neste subitem, com um dos aspectos que mais marcaram a personalidade do professor e homem de Letras, José Pereira Lins, muito bem traduzido nas palavras de uma das mais autorizadas testemunhas e intérpretes de sua trajetória, como observa a professora Maria Sá Rosa, pois, além de tecer uma imagem do professor Lins, já na introdução de sua obra (1990), de que foi um homem modesto e ultrapassou dificuldades para se tornar respeitado na educação do Estado de Mato Grosso do Sul, também retrata a vida difícil que o professor enfrentou:

Extremamente modesto, o Prof. Lins tem dificuldade de falar de qualquer assunto que possa parecer uma alusão a seus méritos pessoais, que são muitos. Menino pobre, lutou com incrível força de vontade, para ultrapassar as condições adversas de seu meio, até se tornar um dos mais respeitados educadores do Estado. Suas lembranças estão ligadas a Dourados e Campo Grande (ROSA, 1990, p. 175).

Com efeito, a história de vida do professor Lins entranha-se à sua própria vocação para o ensino e para uma disposição inabalável para os estudos e o conhecimento da cultura, que o tornaram um dos homens de Letras mais ilustres e exemplos de disciplina e perseverança. Visamos a uma conclusão acerca de sua origem e caminhos formativos, destacado pelo seu envolvimento com o magistério, na criação e na administração do Colégio Oswaldo Cruz, de Dourados, que figuraram como uma das mais ricas páginas da nossa história regional, publicado em forma de depoimento gravado pela professora Maria Sá Rosa<sup>40</sup>. Mas, ainda, explicitaremos no próximo subitem, seu envolvimento no ensino de nível superior, do Centro Pedagógico de Dourados CPD/UEMT, anos de 1970 a 1973, como bem relembra o professor Lins em continuação do 5º parágrafo de seu discurso de agradecimento pelo título Cidadão Sul-mato-grossense, destacado em negrito: **“Também participei da equipe técnica e pedagógica, que viabilizou a criação de cursos universitários na cidade, culminando com a fundação do CEUD, início e cerne do Ensino Superior na Região”**<sup>41</sup>; ou seja, o professor Lins teve sua atuação indelével na criação do Curso de Letras, daquele Centro, que foi, também, registrado numa das obras mais significativas de aniversário dos 40 anos do Curso de Letras/FACALE/UFMGD<sup>42</sup>.

---

<sup>39</sup>Outros reconhecimentos e homenagens, prestados ao prof. Lins, foram relatados na “Cronologia do Professor”, p. 18, registrado especialmente para este trabalho. Todos os certificados, os títulos honoríficos, as moções de congratulação, etc., foram extraídas dos arquivos CDR, que estavam já digitalizadas no computador daquele Centro.

<sup>40</sup> Cf. ROSA, 1990, p. 174-178

<sup>41</sup>Cf. LINS, José Pereira. Discurso “Nobres Parlamentares”. Campo Grande: Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso do Sul, 29 de ago. 2006, 1 f. Pesquisado no arquivo CDR, no dia 21/06/2016.

<sup>42</sup>Cf. FERREIRA; MARCHI, 2012.

## 2.2 Docência no meio Universitário

No que se refere à história do ensino na cidade de Dourados, no Estado de MS, e particularmente no que nos interessa sublinhar aqui, com a criação, implantação e funcionamento do Curso de Letras, no ano de 1971<sup>43</sup>, no antigo Centro Pedagógico de Dourados – CPD/UEMT<sup>44</sup>, o professor Lins realizou atividades importantes. Já no primeiro contrato do Curso de Letras, daquele Centro, autorizado pelo Reitor Dr. João Pereira Rosa<sup>45</sup>, com inscrições abertas no período de 15 a 20 de março de 1971, os candidatos, como o professor Lins, fizeram as inscrições para concorrer às vagas dos Cursos oferecidos, como afirmam as autoras:

O exame abrangia as seguintes disciplinas: Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Conhecimentos Gerais e as provas foram elaboradas por uma comissão designada por ato normativo do Diretor do Centro Pedagógico de Dourados, Dr. José de Paula (FERREIRA; MARCHI, 2012, p. 15).

Em outras palavras, as professoras Lori Gressler, Gertrude Kurtz e Luiza Vasconcelos (org.), em *Avaliação dos Cursos de Licenciatura do Centro Universitário de Dourados – Segundo os egressos período 1971 a 1982* (1984), destacam que:

O Centro Pedagógico de Dourados iniciou suas atividades em abril de 1971, com 80 alunos matriculados nos cursos de Licenciatura Curta em Letras e Estudos Sociais, contando com 9 professores e 9 funcionários. (GRESSLER; KURTZ; VASCONCELOS, 1984, p. 5)

Para tanto, em comprovação dos fatos sobre o concurso do CDP/UEMT, registraram a Ata do vestibular<sup>46</sup>, que consta o nome do professor Lins, após aprovado, foi designado a ministrar as disciplinas Língua Portuguesa e Conhecimentos Gerais, como se lê na imagem a seguir:

<sup>43</sup>O prédio que se instalou o CPD, foi doado por Vlademiro Muller do Amaral, localizado na rua João Rosa Goes, inaugurado no dia 20 de dezembro de 1970, pelo Governador Pedro Pedrossian. A autorização do funcionamento do Curso de Letras, e seu reconhecimento ocorreram por meio do Decreto nº. 79.623, de 26/1/1971, conforme a Resolução do CEE de 26/2/1971. (Cf. FERREIRA; MARCHI, 2012, p. 17)

<sup>44</sup>A UEMT foi criada em 16 de setembro de 1969, pela Lei nº 2. 947, do Decreto nº 10.072, a qual foi integrada pelas Unidades de Ensino e Pesquisa das cidades de Campo Grande, Corumbá, Três Lagoas e Dourados, no dia 30 de Janeiro de 1970. (Cf. GRESSLER; KURTZ; VASCONCELOS, 1984, p. 5).

<sup>45</sup>Cf. Portaria nº 23/71 (FERREIRA; MARCHI, 2012, p. 14).

<sup>46</sup>As provas do concurso tiveram início conforme as datas agendadas para cada etapa: dia 27 prova de português, e dia 28 prova de Inglês ou Francês e Conhecimentos Gerais; como constam no edital, do dia 6 de março de 1971. Cf. Arquivos CDR: caixa vermelha: CPD/CEUD - Documentos Históricos / Secretaria Acadêmica. Pesquisado no dia 21/06/2016. E também constam cópias na obra: FERREIRA; MARCHI, 2012, p. 55-56.

Fig. 30: Ata do concurso, realizado no dia 27 de março de 1971

Ata do Concurso Vestibular, realizado pelo Centro Pedagógico de Dourados, Unidade Integrante da Universidade Estadual de Mato Grosso, ano de 1971 (hum mil novecentos e setenta e hum).

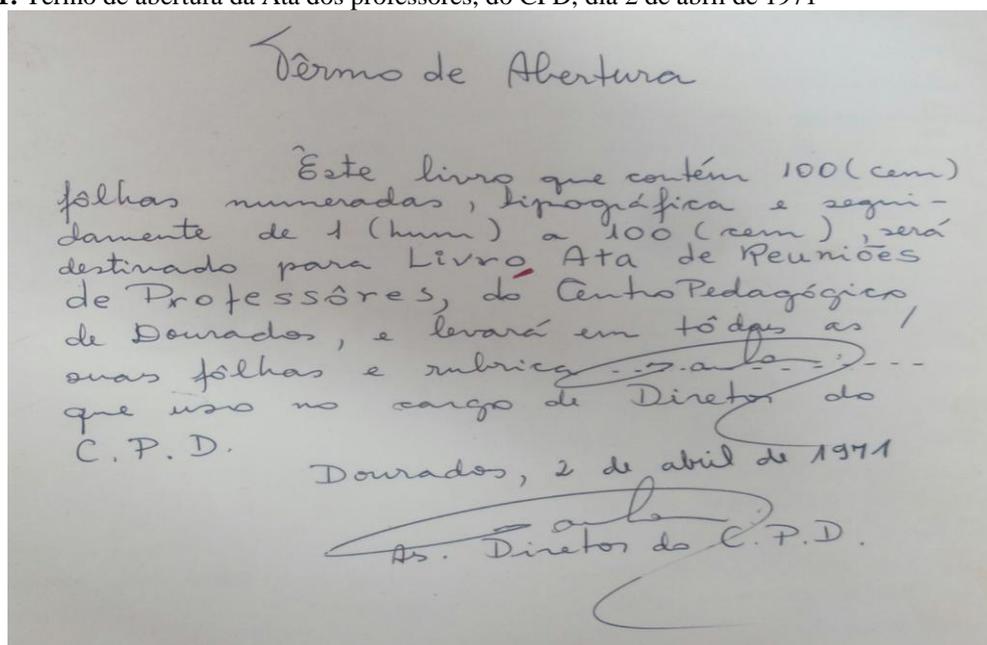
Os vinte e sete dias do mês de março do ano de hum mil novecentos e setenta e hum (27-03-71), no Centro Pedagógico de Dourados, Unidade Integrante da Universidade Estadual de Mato Grosso, tiveram início as provas do primeiro concurso vestibular para os Cursos de Letras e Estudos Sociais, autorizados a funcionar no Centro Pedagógico de Dourados, através da Resolução 26-A/71 do Conselho Estadual de Educação a realização do Concurso Vestibular obedeceu a Portaria número vinte e três, barra setenta e hum, do Magnífico Rector da Universidade Estadual de Mato Grosso. Os programas e as provas foram elaborados por uma comissão designada pelo ato normativo número hum, barra setenta e hum (01/71) do Director do Centro Pedagógico de Dourados, assim constituída: Língua Portuguesa - professores José Lins e Emilia Alves de Dourado; Língua Inglesa - Josephine B. Bloppenberq e Terzinha Dourado Ischiedel; Língua Francesa - José Pereira Lins e Flávio Racher; Conhecimentos Gerais - Miyoshi Rachi e Anísio M. Schneider. As provas foram aplicadas na seguinte ordem de data: Língua Portuguesa, dia vinte e sete de março do ano de hum mil novecentos e setenta e hum (27-03-71); Língua Inglesa e Francesa, dia vinte e oito de março do ano de hum mil novecentos e setenta e hum (28-03-71); Conhecimentos Gerais, dia vinte e oito de março do ano de hum mil novecentos e setenta e hum (28-03-71). As provas tiveram início às oito horas, com duração prevista para duas horas. O local para a realização das provas foi o próprio Centro Pedagógico de Dourados. A introdução dos candidatos, nos salas de prova se deu logo após a apresentação da carteira de identidade. A aplicação das provas foi realizada com a colaboração dos professores designados pelo ato normativo número hum, barra setenta e hum (01/71) do Director do Centro Pedagógico de Dourados, acima mencionados. Dos cento e dois candidatos inscritos compareceram cento e hum. Os primeiros dias do mês de abril do ano de hum mil novecentos e setenta e hum, foram encaminhados a esta secretaria, pela comissão responsável, os resultados das provas do Concurso Vestibular do ano de hum mil novecentos e setenta e hum (1971), que passamos a publicar:

**Fonte:** Imagem digital de nossa autoria, extraída do arquivo CDR, da caixa vermelha: CPD/CEUD - Documentos Históricos / Secretaria Acadêmica, no dia 21/06/2016.

No dia 16 de abril de 2016, em busca de mais informações sobre a atuação do professor Lins neste Centro Universitário de Dourados, realizamos pesquisa no Centro de Documentação Regional da UFGD (CDR). Na “caixa azul”, guardada em um dos

armários daquela sala<sup>47</sup>, encontramos a “Ata de Reuniões de Professores” (1971, 100 f.), com todas as reuniões realizadas naquela época (da 1ª (primeira) reunião até a 25ª (vigésima quinta), todas escritas à mão e rubricadas em todas as folhas, pelo Diretor do CPD, Dr. Milton José de Paula), os registros nas Atas da primeira reunião do dia 2 de abril de 1971 até o registro da 17ª (décima sétima) reunião dos professores daquele Centro Pedagógico de Dourados, de 18 de novembro de 1972, constavam o nome do professor Lins. Diante dessa informação, registramos a imagem do termo de abertura da “Ata de Reuniões de Professores, do Centro Pedagógico de Dourados” (1971, 100 f):

**Fig. 31:** Termo de abertura da Ata dos professores, do CPD, dia 2 de abril de 1971



**Fonte:** Imagem digital de nossa autoria, extraída do arquivo CDR, no dia 16/06/2016.

Daí, por exemplo, conseguimos o registro da carteira de trabalho, na página 7 (sete), que mostra o contrato de trabalho do professor, nesse ensino superior, referente a data de admissão do empregador no dia 1 de abril de 1971, e saída no dia 28 de

<sup>47</sup>Cf. As 5 (cinco) caixas (duas pretas, uma azul, uma vermelha, e uma amarela), estão escrito: “CPD/CEUD – Documentos Históricos / Secretária Acadêmica”; e a “caixa amarela” está escrito: “Acervo Izaura Higa”. Nossa sorte que neste dia 16/06/2016, à tarde, o professor coordenador Paulo Cimó estava no CDR, e tirou nossas dúvidas sobre esses arquivos do CPD, mostrando-nos as 5 (cinco) caixas que ele e sua equipe tinham armazenado no CDR; pois o que restou dos arquivos daquela época, como o próprio prof. Cimó disse que alguns dos materiais do antigo CPD/UEMT foram encontrados numa das salas do antigo CEUD; e com a mudança para a unidade II, no campus da UFGD, alguns desses arquivos foram espalhados por toda as unidades da Universidade. Antes de encontrar algumas dessas Atas no CDR, realizamos duas pesquisas tarde/noite, na FACALE/UFGD, uma tarde auxiliado pela secretária da graduação do Curso de Letras, Gisélia Lopes, procuramos essas atas na sala do andar superior, do “arquivo morto”, do bloco da FACALE/UFGD, mas sem êxito; então, também, encaminhamos carta para a PROGESP/ Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, ao Srº Prof. Dr. Caio Luiz Chiarello, no dia 3 de maio de 2016, ao qual informou-nos por e-mail que os arquivos do prof. Lins não constam nos registros funcionais da UFGD.

fevereiro de 1973, com renumeração de R\$18 (dezoito cruzeiros) por aula, como se vê na imagem a seguir:

**Fig. 32:** Contrato de trabalho na instituição Universidade Estadual de Mato grosso, admissão no ano de 1971

41-825838819-7  
CONTRATO DE TRABALHO

Nome do estabelecimento, empresa ou instituição: *Universidade Estadual de Mato Grosso*  
 Cidade: *Campo Grande*  
 Estado: *Mato Grosso*  
 Rua: *Cidade Universitaria*

Espécie do estabelecimento: *Ensino Superior*  
 Natureza do cargo: *Professor*  
 Data da admissão: *01* de *abril* de 19 *71*  
 Registro n.º: *00402* a fls. \_\_\_\_\_  
 Remuneração (especificada): *Cr\$ 18,00 (dezoito cruzeiros) por aula, inclusive R\$ 2,50.*

*João Pereira da Rosa*  
 Dr. João Pereira da Rosa  
 Reitor U. B. M. T.  
 Data da saída: *28* de *maio* de 19 *71*  
*João Pereira da Rosa*  
 Dr. João Pereira da Rosa  
 Reitor U. B. M. T.

**Fonte:** Imagem fotográfica de câmera digital de nossa autoria, extraída do arquivo pessoal da filha do prof. Lins, Elisabete Lins. no dia 17/06/2016.

O professor Lins assumiu o concurso do CPD/UEMT e teve a assinatura do Reitor João Pereira da Rosa em sua carteira de trabalho. As aulas daquele Centro iniciaram no ano de 1971, conforme o parecer do Delegado Regional de Ensino, enviado ao Conselho Estadual de Educação, de Campo Grande<sup>48</sup>. Nisso, repercutimos da referida obra *40 anos LETRAS/FACALE/UGD*: percursos, memórias em tempos e espaços (FERREIRA; MARCHI, 2012), que comemorou o Curso de Letras, no ano de 2011, seus quarenta anos de vida e história, resultando em importante publicação, a fotografia do professor Lins ministrando aulas para a primeira turma de alunos do Curso de Letras daquele Centro<sup>49</sup>, cuja imagem registramos na sequência<sup>50</sup>:

<sup>48</sup>Cf. Texto de Paula (1975), que descreve a elaboração do processo incumbido pelo Delegado Regional de Ensino, solicitando a devida autorização das aulas do CPD/UEMT, através do parecer n° 26-A de 26 de fevereiro de 1971 (*apud* FERREIRA; MARCHI, 2012, p. 14).

<sup>49</sup>Cuja imagem do professor Lins ministrando aula para a primeira turma de Letras CPD/UEMT, em pesquisas no CDR, encontramos na caixa vermelha: CPD/CEUD - Documentos Históricos / Secretaria Acadêmica, no dia 21/06/2016.

<sup>50</sup>A referida imagem do prof. Lins ao lado do quadro negro, com os alunos do Curso de Letras CPD/UEMT/ (1971), encontramos, também, a cópia nos arquivos do CDR, na caixa vermelha, no dia 21/06/2016.

**Fig. 33:** Professor José Pereira Lins em sala de aula, com alunos do Curso de Letras/CPD/UEMT, no ano de 1971.



**Fonte:** (apud FERREIRA; MARCHI, 2012, p. 30).

Dessa maneira, o nome do professor Lins já constava na 1ª primeira reunião dos professores do Centro Pedagógico de Dourados, realizada no dia 2 de abril de 1971, às 9 horas da manhã, na sede do CPD; mas o professor Lins esteve ausente na primeira reunião, como registra o Diretor Dr. Milton José de Paula, na imagem a seguir:

**Fig. 34:** Ata da 1ª Primeira Reunião dos Professores do Centro Pedagógico de Dourados, realizado no dia 1 de abril de 1971

0001

Ata da 1ª Reunião dos Professores  
do Centro Pedagógico de Dourados.

Finalidade: Elaboração do Horário  
e preenchimento da Carga Horária.

Nos dois dias do mês de  
abril do ano de hum mil novecen-  
tos e setenta e um, às 9,00 horas,  
nesta cidade de Dourados, Estado  
de Mato Grosso, na sede do Centro  
Pedagógico de Dourados, realizou-se  
a 1ª Reunião dos professores, aten-  
dendo à convocação feita pelo Sr.  
Diretor, em 01/04/71, estando presentes,  
o Diretor do Centro Pedagógico de  
Dourados, Dr. Helton José de Paula  
e os professores Kiyoshi Rachi, Antonio  
Alves de Miranda, Mário Geraldine,  
Emília Alves de Luroz, Josephine Hedwig,  
Cloppenburg, Tetna Valle, Izaura Kiga  
e Nadyr Martins, estando ausente o prof.  
José Pereira Lins, sendo a reunião  
secretariada por mim, Paulo Roberto  
Cortes, responsável pela Secretaria do  
Centro Pedagógico de Dourados.

A sessão foi aberta pelo Diretor,  
fazendo um rápido histórico e explicando  
aos presentes, a carga horária a ser  
obedecida, em virtude de li...

**Fonte:** Imagem digital de nossa autoria, extraída do arquivo CDR, da “Ata de Reuniões de Professores, do Centro Pedagógico de Dourados” (1971, f. 0001), no dia 16/06/2016.

Dentre outras Atas que observamos naquele Centro de Documentação Regional da UFGD (CDR), na caixa preta, estava uma segunda “Ata de Avaliação G1-G2 – Média e Prova Final Curso de Letras” (1971-1973, 200 f.), que constava as atividades realizadas pelo professor Lins, como se lê no termo de abertura da Ata a seguir:

**Fig. 35:** Termo de abertura da Ata, de 13 de julho de 1971-1973

Termo de Abertura

Este livro que contém 200 (duzentas) folhas numeradas, tipográfica e seguidamente de 1 (um) a duzentos (200), será destinado para registro de notas: G<sub>1</sub>, G<sub>2</sub>, Média, Prova Final dos alunos do C.P.D. (Curso de Letras), e levará em todas as suas folhas a rubrica aula que uso no cargo de Diretor do CPD.

Dourados, 13 de julho de 1971

aula  
Ass. do Diretor.

**Fonte:** Imagem digital de nossa autoria, extraída do arquivo CDR, da “Ata de Avaliação G1-G2 – Média e Prova Final do Curso de Letras” (1971-1973, termo de abertura), no dia 16/06/2016.

Conforme a Ata (1971-1973, 200 f), o professor Lins lecionou Língua Latina no curso de Letras CPD/UEMT, no primeiro e segundo período letivo de 1971, na 8<sup>o</sup> (oitava) e 9 (nona) semanas de aulas, conforme o registro de 1 de junho de 1971 (Cf. f. 0003; 0028); no primeiro período do ano letivo da 16<sup>a</sup> (décima sexta) semanas de aulas, conforme assinatura do dia 5 de julho de 1971 (Cf. f. 0010); da 17<sup>a</sup> (décima dezessete) semanas de aulas, do segundo período letivo, do curso de Letras, assinado no dia 10 de dezembro de 1971 (Cf. f. 0035). Na ocasião registramos a “Ata de Avaliação da Aprendizagem”, que constam os 25 (vinte e cinco) nomes e as notas dos ex-alunos matriculados na disciplina de Língua Latina, que tiveram a oportunidade de serem alunos do professor Lins, dentre eles, destacamos alguns conhecidos: Adilvo Mazzini, maestro de orquestra; Luiza Vasconcelos, atualmente editora da UEMS; Tereza Silvério Parré, atualmente professora aposentada do Estado, entre outros. E, no final da lista dos ex-alunos, estão as assinaturas do professor Lins, da secretária Wanyr Alves Scamardi e do diretor do CPD, Dr. Milton José de Paula, como se lê no documento, do dia 9 de dezembro de 1971, na 18<sup>o</sup> semana de aula<sup>51</sup>:

<sup>51</sup>Todas as numerações das folhas da ata (1971-1973, 200 f) foram conferidas juntamente com o técnico do CDR, Calos Barros Gonçalves, a qual agradecemos pela declaração de comparecimento ao CDR, no dia 21 de junho de 2016 (Cf. **Anexo 2**).

**Fig. 36:** Cópia do diário de classe da disciplina Língua Latina, no final da 18ª semana de aula ministrada para a primeira turma do curso de Letras/CPD/UEMT, em 1971

*Ata de Avaliação da Aprendizagem*

Do final da 18ª semana de aula, do segundo período letivo do ano de 1971, foi processada a média aritmética entre os graus G1 e G2, dos alunos matriculados na disciplina Língua Latina do Curso de Letras sendo adotado o critério de avaliação exposto no Regulamento Geral da Universidade Estadual de Mato Grosso.

Nome	M. G1 e G2	Observação
Abelina da Silva	8,0	
Adilso Mezzani	10,0	
Celia Ferreira V. Oliveira	9,0	
Elza Amália Brandão	7,0	
Godi Amélia de Faria	7,0	
Esmeralda Ap. Santos Turine	7,0	
Fernando Perez Loles	5,0	
Heilcio Freis	—	não compareceu
José Ferreira Barbosa	8,0	
José Pereira	7,0	
José S. Martins Ferreira	9,0	
Lúcia Sadano	4,5	
Luizsy de Matos	7,0	
Moana Ap. Faria Barbosa	7,5	
Moana Dolores Duas Paganha	9,0	
Moana José F. de Barbosa	8,0	
Moana Jaci Lagmeister	6,0	
Moana Moacir Tobias	8,0	
Medina Santos Bonfim	7,0	
Neemia Mespolo	8,0	
Patrícia Mo. Heilho F. Pinto	9,0	
Régina Sadano	5,5	

**Fonte:** Imagem digital de nossa autoria, extraída do arquivo CDR, da “Ata de Avaliação G1-G2 – Média e Prova Final do Curso de Letras” (1971-1973, f. 0041), no dia 20/06/2016.

Vale destacar algumas das disciplinas que os professores José Pereira Lins e Isaura Higa fizeram parte da banca examinadora, dos 40 alunos matriculados na disciplina Teoria da Literatura, adotado como critério de avaliação G2, conforme o documento, assinado no dia 8 de julho de 1971, abaixo:

**Fig. 37:** Cópia do diário de classe da disciplina Teoria da Literatura I, em 1971.

0019

Ata de Avaliação da Aprendizagem

Em 16 de Junho de 1971, realizou-se a prova final de Teoria da Literatura do I Semestre, dos alunos matriculados na referida disciplina do Curso de Letras. Constituíram a banca examinadora os seguintes professores: Isaura Higa e José Pereira Lins.

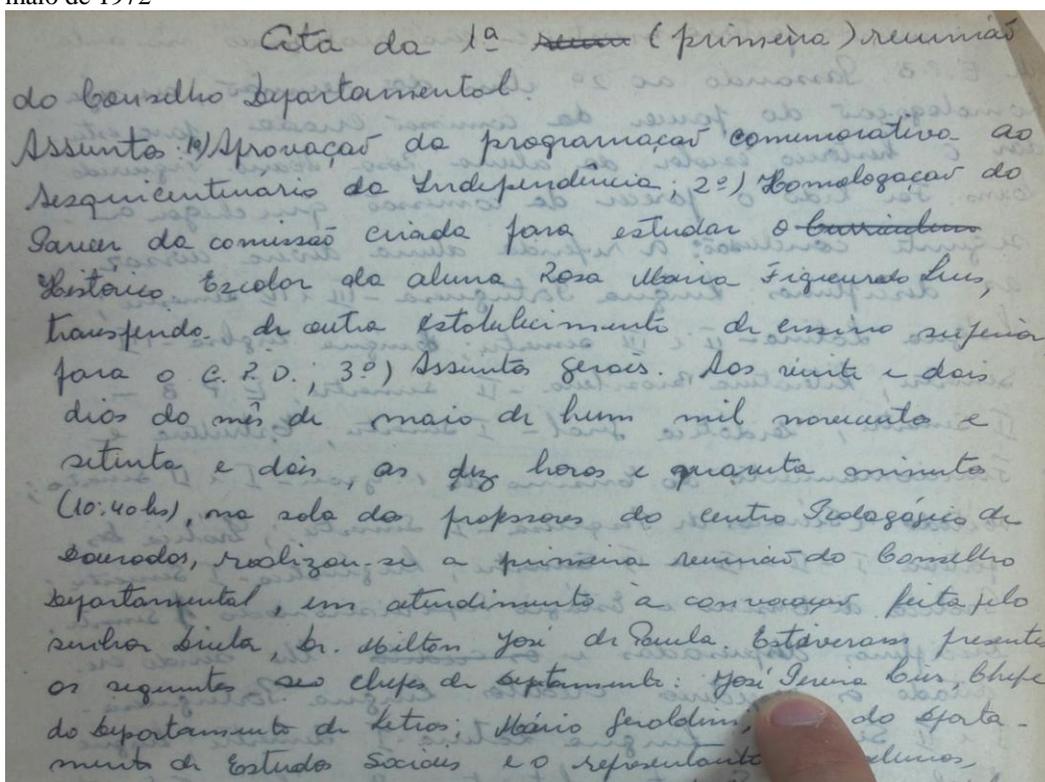
nº	Nome	P.F.	Obs.
1	Abelina da Silva	6,0	
2	Adilvo Magzini		
3	Alfredo Antunes Soares		Reprovado Direto
4	Aphrodite Lattouf Velloso		
5	Célia Ferreira Vasconcelos Oliveira	7,5	
6	Doracy Marques Nery		
7	Elza Amarelia Brandão	5,2	
8	Eli Zabeth de P. Pereira Almeida	5,5	
9	Ércilí Amélia de Faria	5,5	
10	Esmeralda Ap. Santos Lins		
11	Fernando Peres Sales	6,8	
12	Getúlio Lina Teixeira		
13	Jélio Índes		Reprovado por faltas
14	Jéda Elias Belmont	5,3	
15	Jure Nogueira Rojas Nunes		não compareceu
16	José Pereira Barbosa	6,8	
17	José Pereira	5,3	
18	José Sibiriga M. Ferreira	8,2	
19	Lidia Sadano	6,3	
20	Liracy de Mattos		

**Fonte:** Imagem digital de nossa autoria, extraída do arquivo CDR, da “Ata de Avaliação G1-G2 – Média e Prova Final do Curso de Letras” (1971-1973, f. 0019) da no dia 16/06/2016.

No ano de 1972, na referida Ata da 1ª (primeira) reunião do Conselho Departamental, o professor Lins foi eleito Chefe do Departamento de Letras e o professor Mário Geraldini, Chefe do Departamento de Estudos Sociais, aos quais foram eleitos por meio de votação dos professores de cada Departamento, dos alunos, e também do Diretor Dr. Milton José de Paula. Nessa convocação realizada pelo Reitor Dr. Milton José de Paula, aos Chefes de cada Departamento que discutiram assuntos diversos, como descrevemos e registramos a imagem desse documento, que tinham por objetivos tais interesses:

a) aprovação da programação comemorativa ao sesquicentenário da Independência; 2) Homologação do Parecer da comissão criada para estudar o histórico Escolar da aluna Rosa Maria Figueredo Lins, transferida de outro estabelecimento de ensino superior, para o CPD; 3º) Assuntos gerais. Aos vinte e dois dias do mês de maio de hum mil novecentos e setenta e dois, às dez horas e quarenta minutos (10:40 hrs), na sala dos professores do Centro Pedagógico de Dourados, realizou-se a primeira reunião do Conselho Departamental, em atendimento À convocação feita pelo senhor Reitor, Dr. Milton José de Paula. Estiveram presentes os seguintes Chefe do Departamento: José Pereira Lins, Chefe do Departamento de Letras; Mário Geraldini, Chefe do Departamento de Estudos Sociais e o representante dos alunos. [...].<sup>52</sup>

**Fig. 38:** Imagem da Ata da 1º (primeira) reunião do Conselho Departamental, realizado no dia 22 de maio de 1972



Fonte: Imagem digital de nossa autoria, extraída do arquivo CDR, da “Ata de Reuniões de Professores, do Centro Pedagógico de Dourados” (1971, f. 1), no dia 16/06/2016.

Nesse sentido, o professor Lins, como Chefe do Departamento de Letras, lecionou a disciplina de Língua Latina, no III semestre do curso de Letras, da 10º (décima) semana de aulas, do 2º (segundo) período letivo de 1972<sup>53</sup>. E no 3º (terceiro) semestre do curso de Letras daquele Centro, lecionou a disciplina Literatura Brasileira, na 10º (décima) semana de aula, do primeiro período letivo, assinada no dia 8 de junho de 1972, como se lê na imagem abaixo<sup>54</sup>:

<sup>52</sup>Cf. “Ata da 1º (primeira) reunião do Conselho Departamental”. Centro Pedagógico de Dourados CPD/UEMT, Dourados/MS, 1971, f. 1.

<sup>53</sup>Cf. “Ata de Avaliação G1-G2 – Média e Prova Final do Curso de Letras” (1971-1973, f. 0075)

<sup>54</sup>Cf. “Ata de Avaliação G1 – G2 – Média e Prova Final do Curso de Letras” (1971-1973, f. 0074).

**Fig. 39:** Cópia do diário de classe da disciplina Língua Latina, no final da 10ª semana de aula, do segundo período letivo, de 1972

*Ata de Avaliação da Aprendizagem*

Ao final da 10ª semana de aula do primeiro período letivo do ano de 1972, foram encaminhados a esta secretaria, o Gráfico G1 dos alunos matriculados na disciplina de Português do Curso de Letras de São Luís, Literatura Brasileira do Curso de Letras III Semestre.

nome	G1	Obs.
Abelina da Silva	6,5	
Adilso Mazzini	8,2	
Alia F. Vasconcelos Oliveira	7,7	
Elyza Amarília Brandão	7,7	
Ercilí Amélia de Faria	8,0	
Fernando Pires Sôler	7,0	
Jose Ferreira Barbosa	8,5	
Jose Pereira	6,7	
Leidiana Sodano	6,2	
Leiracy de Mota Sobrinho	8,0	
maria H. Faria Barbosa	6,7	
maria Thales R. Bogartka	8,2	
maria Jose Fernandes Barbosa	8,0	
marilda Moraes Garcia	-	
maria morais Sobrinho	7,7	
medina Santos Assunção	7,5	
Marcia Respold	8,0	
Patricia M. M. F. Pinto	7,7	
Rosa Maria Figueiredo Faria	9,0	
Sarah Marini Yamamoto Mazoni	8,5	
Sonia Maria Lygubya Ujacov	-	
Taeko Aida	8,5	

**Fonte:** Imagem digital de nossa autoria, extraída do arquivo CDR, da “Ata de Avaliação G1-G2 – Média e Prova Final do Curso de Letras” (1971-1973, f. 0074), no dia 16/06/2016

Como Chefe do Departamento de Letras, o professor Lins viabilizou na 17ª (décima sétima) reunião de professores, como consta o registro na Ata, realizado na sala do departamento de Letras, novas convocações de professores para assumirem as respectivas disciplinas de Linguística e Literatura Inglesa. Como descrevem as autoras:

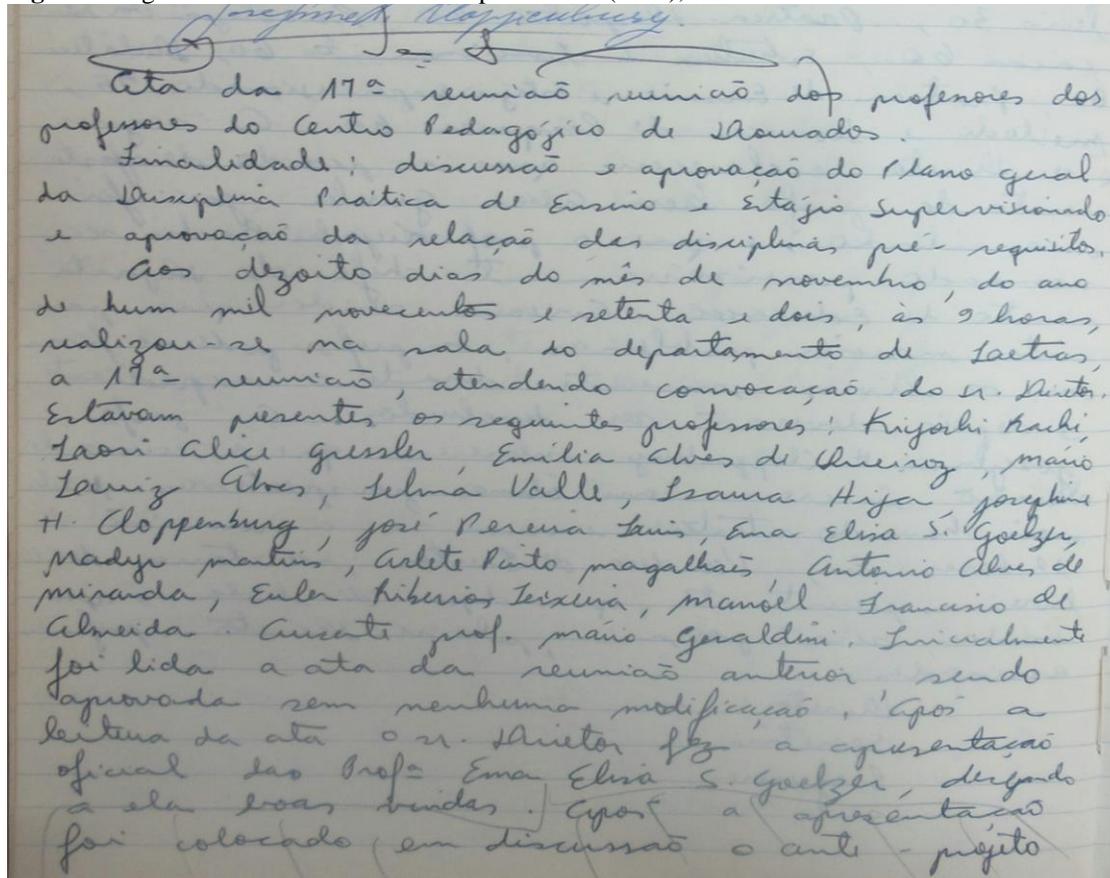
A essa época, ainda em 1972, verifica-se a necessidade de aumentar o quadro de professores para ministrar as disciplinas que deveriam ser oferecidas no Curso: “[...] o senhor presidente [Diretor do CPD] leu o ofício enviado pelo professor José Pereira Lins [Chefe do Departamento de Letras] solicitando a contratação de mais um professor para o Departamento, para ministrar a disciplina Linguística e posteriormente Literatura Inglesa. Comprovada a efetiva necessidade de contratação, a solicitação foi aprovada.” (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO, 1972-1977, p. 6 b). O quadro de professores vai sendo completado e o Curso vai se solidificando (FERREIRA; MARCHI, 2012, p. 23).

Dessa perspectiva, registramos a fotografia da 17ª reunião dos professores daquele Centro<sup>55</sup>, realizada no dia 18 de maio de 1972, que tinha por finalidade vários

<sup>55</sup> Cf. “Ata de Reuniões de Professores, do Centro Pedagógico de Dourados” (1971, f. 0020).

assuntos que foram resolvidos, como também, a apresentação dos novos professores Ema Elisa<sup>56</sup> e Lauro Chociai<sup>57</sup>, que lecionaram respectivamente Filosofia, Língua Latina, Língua Inglesa e Didática Geral, como se vê na imagem a seguir:

**Fig. 40:** Imagem da Ata da 17ª reunião dos professores (CPD), realizado no dia 18 de novembro de 1972



**Fonte:** Imagem digital de nossa autoria, extraída do arquivo CDR, da “Ata de Reuniões de Professores, do Centro Pedagógico de Dourados” (1971, f. 0020), no dia 16/06/2016.

Relembramos do volume referido (FERREIRA; MARCHI, 2012), que celebra os quarenta anos do Curso, onde se destaca relevante depoimento de uma professoras do Centro, Lori Alice Gressler, também pioneira no ensino daquele Curso de Letras, no qual enfatiza a professora Lori, que, ao chegar a Dourados, transferida da Universidade Federal de Santa Maria, contratada em Janeiro de 1972, assim dá seu testemunho sobre a equipe de professores que ao seu lado garantiram o funcionamento e a longa história do Curso de Letras e do próprio Centro, tal como o conhecemos nos dias de hoje. Registra a estudiosa professora:

<sup>56</sup>O nome da prof. Ema Elisa Steinborst Goelzer consta nessa Ata, a partir da 17ª (décima sétima) reunião dos professores do CPD, recebendo as boas vindas do Diretor Milton José de Paula (1971, f. 0020). Atualmente a profª. Ema é aposentada do CEUD/UFMS, foi professora da primeira turma de Letras, e também, a primeira Chefe eleita do Departamento de Letras. (Cf. FERREIRA; MARCHI, 2012, p. 93).

<sup>57</sup>O prof. Lauro Chociai é aposentado do CEUD/UFMS, foi professor da primeira turma do curso de Letras CPD/UEMT. (Cf. FERREIRA; MARCHI, 2012, p. 95).

Cumpridas as formalidades, fui contratada em janeiro de 1972. Inicialmente minhas atividades no CPD, tendo como colegas, nesta data, Emilia Alves de Queiroz, Kiyoschi Rachi, Mario Geraldini, Antonio Alves de Miranda, Izaura Higa, Telma Valle, *José Pereira Lins* e Josephine Kloppenburg, posteriormente, ainda no mesmo ano, Mario Luiz Alves, Zonir Freitas Tetila e Nadyr Martins. (GRESSLER, 2012, p. 90). (Grifos nossos).

A citação é relevante, acima de tudo por se tratar de um relato especialmente intitulado “Aspectos históricos do curso de Letras - 1971/1973 - Dourados” (GRESSLER, 2012, p. 89-93), no qual a autora pontua o papel decisivo que o professor Lins desempenhou durante a sua atuação no ensino de um dos primeiros cursos superiores criados na cidade de Dourados, registrando, assim, de modo inicial, o ponto de partida do que se tornaria uma história de vida dedicada ao ensino e à educação, com honrosas conquistas e atividades, que se podem inventariar até os dias de hoje.

No ano de 1973, atendendo as convocações do Chefe do Departamento do Curso de Letras, professor Lins, e do Conselho Departamental de Letras, foi aprovada a convocação do professor Lauro Chociai, que consta na Ata, a partir da 18º (décima oitava) reunião dos professores do CPD, realizado no dia 13 de fevereiro de 1973, às 8 horas da manhã, na sala do Departamento de Educação, estavam presentes, o Diretor do CPD, Dr. Milton de Paula, e os seguintes professores, Lori Alice Gressler, Zonir Freitas Tetila, Telma Vale, Kiyoschi Rachi, Ema Elisa, Antonio Alves, entre outros<sup>58</sup>. Para tanto, em capítulo intitulado “40 anos do curso de Letras” (2012, p. 95-97), afirma o professor Lauro Chociai: “No ano de 1973, iniciamos nossas atividades docentes, ministrando as disciplinas Linguística e Língua Latina, sob a orientação pedagógica do Prof. Dr. Eurico Bach, da Universidade Católica do Paraná”. (CHOCIAI, 2012, p. 96).

Sendo que os últimos registros na referida ata (1971-1973, f. 0158-61), assinada pelo professor Lins, foi na data de 1 (primeiro) de fevereiro de 1973, registram as atividades da folha “Ata de Avaliação da Aprendizagem”, a qual no dia 31 de janeiro de 1973, foram registrados as notas do diário de classe, da turma do Curso de Letras, V semestre, da disciplina Literatura Portuguesa II, conforme se lê na imagem a seguir:

---

<sup>58</sup>Cf. Ata do 18º (décimo oitavo) reunião de professores do CPD/UEMT, 1971, f. 0022.

**Fig. 41:** Cópia do diário de classe da disciplina Literatura Portuguesa II, do curso de Letras V semestre, de 1973

Ata de Avaliação da Aprendizagem

No dia 31 de janeiro de 1973, foram encaminhados a esta secretaria o grupo G2 dos alunos matriculados na disciplina de Literatura Portuguesa II, do curso de Letras, V semestre (compactação).

Nome	G. 2	Aluno
Abelina da Silva	8,3	
Adilvo Mazzini	8,6	
Célia F. Vasconcelos Oliveira	7,8	
Elza Amália Brandão	8,5	
Ercle Amália de Faria	8,0	
Fernando Pires Soller	7,8	
Jose Ferreira Barbosa	8,3	
Jose Pereira	8,3	
Láudia Sodano	8,6	
Lauracy de Matos Sobrinho	7,8	
Mariana F. Barbosa	8,6	
Mariana Silveira Hugo Aragão	8,0	
Mariana José Fernandes Barbosa	7,6	
Mariana Moura Sobrinho	8,3	
Medina Santos Bonfim	8,0	
Márcia Meszolo	8,0	
Patrícia H. M. F. Pinto	8,6	
Priscila Maria F. Lins	8,3	
Sarah Maria J. Macagnani	8,3	
Taísia Costa	8,0	
Vilma B. Vieira Pizzoni	8,0	
Zenaida Soares Almeida	8,0	

Dourados, 1º de fevereiro de 1973

Ass. prof. Lins      Ass. secret.      Prof. Vanda de Lins      Ass. diretor      Dr. Milton José de Paula

**Fonte:** Imagem digital de nossa autoria, extraída do arquivo CDR, da “Ata de Avaliação G1-G2 – Média e Prova Final do Curso de Letras” (1971-1973, f. 0160-161), no dia 16/06/2016.

Dos alunos que estavam matriculados nas disciplinas ministrados pelo professor Lins, Língua Portuguesa, Latim, Conhecimentos Gerais, Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa, naqueles anos de 1971 a 1973, registra-se o ex-aluno Adilvo Mazzini, isto é, seu nome e excelentes notas mencionados nas Atas dos arquivos, revelando respeito e admiração com o seu ex-professor Lins, que prevaleceu após o término da sua Faculdade de Letras CPD/UEMT, nas cartas de felicitações do Centro Cultural “Coral Santa Cecília”, de Dourados, presidida por Adilvo<sup>59</sup>.

Com relação aos reconhecimentos que foram surgidos sobre a criação do Curso de Letras, onde o Professor Lins teve papel de fundamental expressão, colhemos da *Revista Textos* histórico Editorial, assinado pelo Coordenador de Publicação, Prof. José

<sup>59</sup>Cf. Carta do Sr. Adilvo Mazzini, do dia 20 de Junho de 2005. Pesquisado nos arquivos CDR, no dia 21/06/2016.

Luís Sanfelice, que assim inicia registrando em itálico o espírito comemorativo do evento:

*1977. Ano que o C. F. E. reconhece os cursos superiores – Estudos Sociais e Letras (Licenciaturas Curtas); História e Letras (licenciaturas Plenas) – pioneiros deste estabelecimento e de toda a região do Grande Dourados*<sup>60</sup>(TEXTOS, 1977, p. 5).

De fato, o ex-aluno Adilvo Mazzini, que foi orador da primeira formatura da turma do Curso de Letras CPD/UEMT, do ano de 1977, em depoimento cujo título “Curso de Letras – 40 anos”<sup>61</sup>, relembra do tão sonhado bloco de Letras:

Em Dourados o prédio da sonhada faculdade estava pronto. À sua frente, a placa com a denominação FACULDADE DE AGRONIMIA. Todavia, os primeiros cursos não foram os anunciados pela placa. O primeiro vestibular abriu vagas para Letras e Estudos Sociais (MAZZINI, 2012, p. 100).

Diante desses fatores comemorativos do referido Curso de Letras, que em 1979 foi transformado em Centro Universitário de Dourados, como descrevem as autoras Lori Gressler, Gertrude Kurtz e Luiza Vasconcelos (1984):

Transformado em Centro Universitário de Dourados c/ a implantação Federal da Universidade no final de 1979, iniciou o primeiro semestre de 1980 c/ 340 alunos matriculados nos cursos de Licenciatura Plena em Letras e História, Licenciatura Curta em Estudos Sociais e Ciências, com 94 alunos e Pedagogia, com 40 alunos; este último como extensão do Centro Universitário de Corumbá (GRESSLER; KURTZ; VASCONCELOS, 1984, p. 5).

Assim, este Centro Universitário viria a se tornar o que hoje conhecemos como Universidade Federal da Grande Dourados, e que no ano de 2004<sup>62</sup>, o nome memorável do professor José Pereira Lins batizou o Bloco da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FACALE). No ano de 2009, o professor Lins esteve pela última vez no Bloco da FACALE. Na ocasião, ministrou aula sobre o Arcadismo para os alunos do segundo ano de Letras, turma 2008-2011, conforme foto abaixo:

<sup>60</sup>REVISTA *Textos*, Ano 3, n. 1, jul./1977. Dourados. Centro Pedagógico de Dourados, da UEMT / Universidade do Estado de Mato Grosso.

<sup>61</sup>Depoimento publicado em forma de ensaio no livro das autoras (FERREIRA; MARCHI, 2012, p. 100-102)

<sup>62</sup>No capítulo III, do subitem 3.2 “Impressões e Aproximações com o arquivo do professor”, registramos a imagem da Resolução nº 9, de 2/3/2004, que atribui o nome do professor Lins ao Bloco da FACALE/UFGD. (Cf. p. 150).

**Fig. 42:** Professor José Pereira Lins ministrando palestra no Curso de Letras da FACALE, em 2009.



**Fonte:** Imagem fotográfica em câmera digital, extraída de *40 anos LETRAS/FACALE/UGD: percursos, memórias em tempos e espaços* (FERREIRA; MARCHI, 2012, p. 148).

A trajetória de docência no meio Universitário, demonstrada pelos arquivos, muito bem registra a contribuição do professor José Pereira Lins na implantação do Curso de Letras em Dourados, bem como no seu empenho na contratação de professores que hoje fazem parte da história da educação da grande Dourados.

O próximo subitem contempla toda a produção literária do professor José Pereira Lins e sua vocação para a oratória.

### **2.3 Produções literárias e vocação para a oratória**

Vistas a partir de hoje, as imagens de portentosa significação avultam quando visitamos o espaço que abriga a biblioteca e o acervo do professor Lins, na Biblioteca

Central, “Coleção Professor Lins”<sup>63</sup>, em merecido setor da UFGD. ali pode se ver os livros que publicou: *Do livre Arbítrio e da Soberania de Deus* (1993), *Lobivar Matos - O Poeta Desconhecido* (1994), *Helio Serejo, Sublime Poema!* (1996), *Os olhos de Deus* (crônicas) (2004), tudo isso respaldado pela presença do seu nome em capítulo especial reservado à Literatura Sul-mato-grossense, de autoria da professora Glorinha (Cf. ROSA, 2006, p. 35-42). Isto é significativo, na medida em que, novamente, a professora Maria Sá Rosa, em obra recente, *A Literatura Sul-Mato-Grossense na ótica de seus construtores* (2011), registra a passagem pontual acerca da literatura douradense nos dias de hoje, enaltecendo mais uma vez a autoria desses livros do professor Lins (ROSA; NOGUEIRA, 2011, p. 327)<sup>64</sup>.

Desse ponto de vista, torna-se relevante destacar, ainda que brevemente, cada uma dessas obras de autoria do professor Lins, objetivando realçar um dos pontos altos da contribuição intelectual do professor, materializada em suas obras literárias de temática frequentemente diversificada. Assim, iniciamos por registrar a primeira publicação do professor Lins, uma obra de conteúdo “evangélico”, intitulada *Do Livre arbítrio e da Soberania de Deus na salvação do homem* (1993). Segundo o Pr. Altino Vasconcelos, ao prefaciá-la, desde garoto, o professor Lins gostava de ser chamado de “Zélins”, pois se sentia mais à vontade diante dos seus amigos, considerado “irmão” do fiel escudeiro Pr. Altino, desde o tempo de Campo Grande, ao ressaltar que:

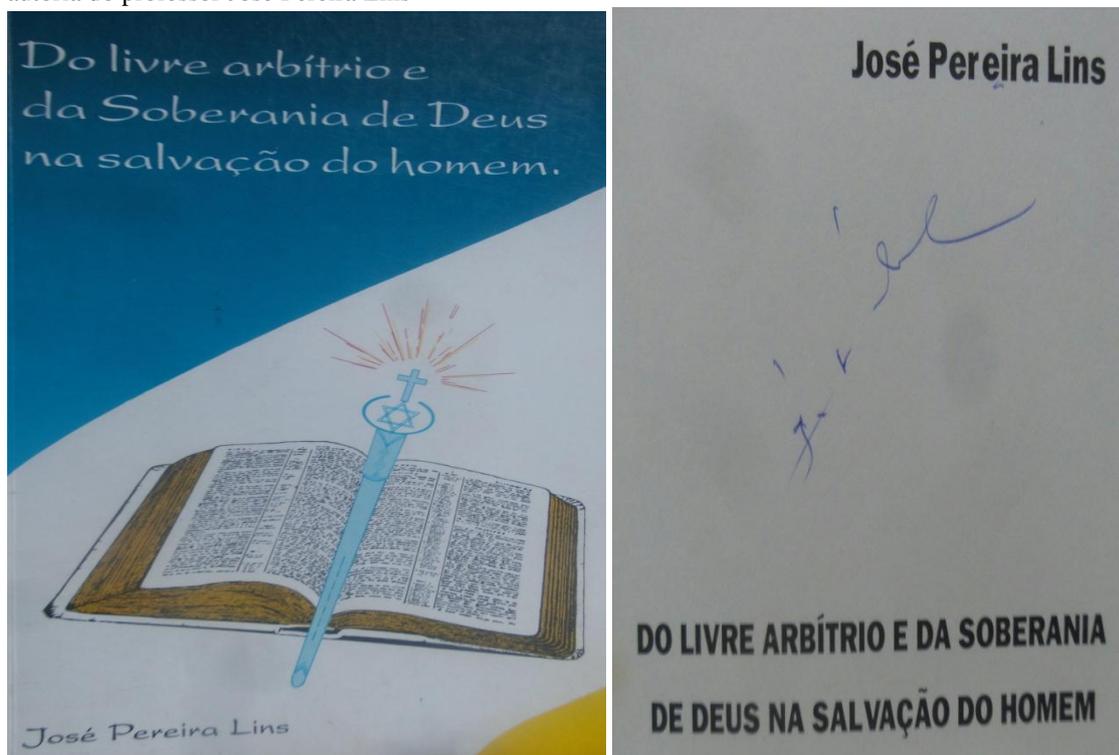
O prof. José Pereira Lins, com destreza e segurança, esgrima a reluzente espada de sua cultura sólida e de grande vivência religiosa, desde que, moço ainda, sentiu-se um “escolhido” por Cristo, por Deus e para Deus. Começou, então, sua caminhada para os céus eternos, prestando ao seu Deus, toda a glória nas variadas atividades através das Igrejas em que, com a sua família de ouro, serviu e serve ao Senhor (VASCONCELOS *apud* LINS, 1993, p. 9).

<sup>63</sup>Cf. “Relatório da investigação acerca das condições do acervo do professor José Pereira Lins”, documento cedido pelo Setor de Biblioteca Central da UFGD, conforme verificação *in lócus* (**Anexo 1**). Neste relatório, constam os nomes dos professores Alexandra Santos Pinheiro, Renato Suttana e Thissiane Fioreto e pela bibliotecária Maria Isabel Soares Feitosa, designados por Portaria da Reitoria para avaliar o acervo do professor Lins. Trata-se da Portaria 95, de 12 de fevereiro de 2009, assinada pelo Reitor Damião Duque de Farias, cuja comissão de avaliação do acervo vem assinada pela professora Dr. Alexandra Santos Pinheiro. O *Diário* oficial da união, nº 244, de 22 de dezembro de 2009 publicou o extrato de contrato nº 70/2009, do processo nº 23005001449200997, cujo objeto foi a aquisição do acervo bibliográfico do Sr. José Pereira Lins.

<sup>64</sup>De fato, nesta edição, observa a professora Glorinha ROSA: “José Pereira Lins publicou: *Do Livre Arbítrio e Soberania de Deus*, *Lobivar Matos*, *O poeta Desconhecido*, *Helio Serejo Sublime Poema* e *Os Olhos de Deus* (crônicas).” [*sic.*] (ROSA, 2011, p. 327). Trata-se de um livro histórico este, que teve seu lançamento em Dourados, em noite de autógrafos, no dia 12/04/2011, no saguão da FACALE/UFGD, conforme noticiou o *Jornal Diário MS*: “Lançamento do livro *A Literatura Sul-Mato-Grossense*”, de 16-17/04/2011, edição de final de semana, quando a Professora Glorinha e amigos acadêmicos Albana Xavier, Valter Jerônimo, Paulo Nolasco, passaram, na manhã do dia 13 de abril, para visitar o Professor Lins em sua residência. Decerto a última vez em que os dois mestres, confrades e amigos se encontraram em vida.

Dessa maneira, esta obra abrange uma ampla bibliografia sobre as escritas “Sagradas”, à que o professor Lins defende com determinada segurança e posição. Para tanto, a obra está organizada em 10 subitens, sendo eles: Os Decretos de Deus; Israel e Gentios, Alvos da Eleição; Quem Elege, Escolhe; Eleição: Antes da Fundação do Mundo; A igreja de Deus: Eleita e Preciosa; O homem Natural Está Morto; Romanos 8: 28-30 e a Presciência de Deus; Evangelizar é preciso; Jesus Cristo – Causa Eficiente da Salvação; Bibliografia. Diante disso, registramos a imagem da capa e contracapa, com a assinatura do autor do livro, a seguir:

**Fig. 43:** Imagem da capa e contracapa do livro *Do Livre Arbítrio e da Soberania de Deus* (1993), de autoria do professor José Pereira Lins



**Fonte:** imagem em câmera digital de nossa autoria, extraída no dia 25/05/2016.

Noutra obra, o professor Lins, em coautoria com Doratildo P. de Oliveira, publicou *Lobivar Matos - O Poeta Desconhecido* (1994), faz explicação que justifica a importância dessa obra crítica:

Este é um trabalho de pesquisa e nele se incorpora o esforço de muitos, no sentido que tivemos de consultar livros e revistas a fim de obtermos mais subsídios literários “*lato sensu*”, dos mestres, como que fichas comprobatórias das nossas afirmações (LINS; OLIVEIRA, 1994, p. 63; grifos dos autores).

Essa obra organiza-se em importantes facetas do escritor Lobivar Matos, pois que os autores recuperam: (i) a imagem do registro de nascimento do poeta Lobivar, (ii)

extraíram das duas obras *Areôtorare* – poemas boróros (1935) e *Sarobá* - poemas (1936) os poemas que identificam a vida do moleque sambista, (iii) rastros de miséria e amargura, identificados no poema “Ritmo Novo”, da obra *Areôtorare* – poemas boróros (1935), (iv) realizaram pesquisas na cidade de Corumbá, onde fotografaram, em câmera digital de suas autorias, as imagens da casa onde nasceu o poeta Lobivar, (v) as imagens da vida social apresentados nos poemas “Beco sujo”, “Lavadeiras”, “Aranha Tecedeira”, “Maria Bolacha”, “Destino do Poeta Desconhecido”, “Chevalier de Azeviche”, e entre outros, (vi) o retrato da “Vida Simples” do poeta Lobivar naquela cidade, bem como (vii) trocas de correspondências com os familiares do poeta Lobivar, inclusive com a dona Nair, que contribuiu enviando em anexo o resumo da vida do seu esposo. Nesse sentido, veja-se a imagem da capa da obra a seguir:

**Fig. 44:** Imagem da capa do livro *Lobivar Matos – O poeta Desconhecido* (1994), dos autores Lins e Doratildo de Oliveira



**Fonte:** Imagem fotográfica em câmera digital, de nossa autoria, extraída diretamente do livro de autoria do professor Lins, no dia 28/05/2016.

A lição mais fundamental dessa obra é a constatação de que o professor Lins e Doratildo viam nos poemas o reflexo do autor, realizando os estudos em torno do contexto vivido pelo poeta Lobivar Matos, para explicar que ele foi um homem casado, amargurado, sofrido, e que o cognome “desconhecido” do poeta era por andar sozinho como um estranho pelas ruas, observando e registrando a vida social, pois não foram os

autores que inventaram esse título e sim o próprio poeta Lobivar, que se sentindo isolado, escreveu num de seus poemas: “Eu sou o poeta Desconhecido”. Trata-se de um fato relevante, uma vez que o professor Lins também teve a sensibilidade de ouvir outras vozes críticas, pois com frequência ele acolhia as outras análises, como no caso dos professores Tasso da Silveira, Maria da Glória Sá Rosa, Manoel de Barros, para guardar e promover a visão crítica de outros pesquisadores<sup>65</sup>.

Sobre o aspecto fundamental dessa obra crítica do professor Lins, a professora Susylene Araujo, em seu trabalho sobre o Lobivar Matos, traz um dos últimos registros em obra original sobre o professor Lins, merecedor de citação:

(...) outro texto que em Mato Grosso do Sul tem servido para divulgação do nome de Lobivar Matos é a publicação, de 1994, intitulada *Lobivar Matos – O Poeta Desconhecido*, assinada por José Pereira Lins e por Doratildo P. de Oliveira. O pequeno livro de 68 páginas foi escrito como uma singela homenagem ao poeta, já que os autores se limitam a ilustrar o livro com fotos da cidade natal de Lobivar, com fotocópia de seu registro de nascimento e com a transcrição de alguns de seus poemas retirados dos livros publicados. (...) Na verdade, a citação dessa obra serve para lembrar que José Pereira Lins, hoje falecido, grande divulgador da literatura produzida em Mato Grosso do Sul, era também um dos grandes admiradores da obra de Lobivar Matos. José Pereira Lins conservou por muito tempo em seu acervo pessoal os inéditos de Lobivar Matos e exemplares originais de *Areotorare* e de *Sarobá* (ARAUJO, 2014, p. 49)<sup>66</sup>.

Também sobre a relevância da obra de Lobivar, de sua representação no contexto da crítica do professor Lins, o professor Paulo Nolasco (2008), em sua obra *Fronteiras do Local*, referiu o fato salientado por Tasso da Silveira, que notara:

Lobivar Matos vem jogando com as cadências novas. Nasceu para a poesia em pleno ambiente modernista. Há um ímpeto forte em vários dos seus poemas. O sangue boróro que traz nas veias possivelmente nos reserva alguma surpresa para o futuro (*apud* SANTOS, 2008, p. 85).

Observa ainda o professor que Manoel de Barros, em jornal do Rio de Janeiro, registrou com propriedade a roupagem modernista que justifica a atualidade de Lobivar Matos:

<sup>65</sup>Registramos as seguintes matérias em que o professor Lins analisa a obra e perfil de Lobivar Matos: “A revelação do perfil de um poeta”, o *Correio do Estado*, 17 nov. de 1995; “Onde os Inéditos de Lobivar Matos?”, *Correio do Estado* 20 dez. 1995; “Lobivar, Ulisses e Maria Bolacha”, *Correio do Estado*, 7 dez. 1995; “Lobivar Matos no contexto das definições”, *Correio do Estado*, 2/3 dez. 1995; A volta de Lobivar Matos”, *Correio do Estado*, 11 jun. 1996. Devemos a indicação dessas fontes a Elisabete Regina, filha do prof. Lins, em entrevista no dia 24/04/2016.

<sup>66</sup>O capítulo da professora Susylene Araujo integra a coletânea sobre os escritores Sul-mato-grossenses, intitulada *Voices da Literatura*, publicada pela Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul (2014).

Aprecio a roupagem simples com que Lobivar Matos vestiu seus poemas. Não possuem aquele entochamento da terminologia clássica-acadêmica. Pelo contrário, seu vocabulário é folclórico, apanhado pelo povo distante, de lá de Mato Grosso. Os estudiosos de costumes regionais têm em Sarobá uma fonte de estudos. Estou certo de que o livro de Lobivar Matos, bem lotado de imagem e de realismo abriu para os jovens do Brasil a janela ampla que dá para a arte moderna, humana e sem preconceito (BARROS *apud* SANTOS, 2008, p. 85).

Ainda sobre a relevância de Lobivar Matos, salienta-se que o professor Lins demonstraria muita alegria, hoje, ao saber que o poeta Corumbaense está sendo homenageado como escritor representativo da FLIB 2016 – Feira Literária de Bonito, realizada de 6 a 9 de julho, como noticiam matérias do jornal *Diário MS*, de 5, 7 e 8 de julho de 2016.

Para tanto, em continuidade ao seu estudo de realização de pesquisas em torno de crítica literária, o professor Lins lançou a obra *Conceitos* (1994), livro que segundo o autor é totalmente descompromissado com a mídia, pois são textos diversos que o professor escreveu durante a sua trajetória de vida, cujos títulos reconhecemos de outras publicações, nos jornais *O progresso*, de Dourados, e *Correio do Estado*, de Campo Grande; como também em discurso de posse na Academia Douradense de Letras, atribuído com o mesmo título “Jardim de Academo” (LINS, 1994, p. 41-44), ou seja, nesta obra *Conceitos* (1995), destacado pelo “prefácio” do escritor Brígido Ibanhes, ao afirmar que depois da publicação da obra sobre o poeta Lobivar Matos, o professor Lins fez também um estudo das obras e vidas dos intelectuais sul-mato-grossenses neste referido trabalho:

Para quem já se deliciou com “Lobivar Matos, o Poeta Desconhecido”, este novo lançamento é praticamente a continuação, abrangendo, da mesma maneira magistral, outros autores. “Conceitos” nos leva a conhecer o melhor das obras de Perciliano Bueno Cavalheiro, Victor Lima, Rosamaria Casarin, Dr. Joaquim Lourenço Filho, Emmanuel Marinho, e tantos outros, cujos nomes não pretendo aqui revelar para não tirar o prazer dessa descoberta pelos leitores, que com certeza serão milhares (IBANHES *apud* LINS, 1994, p. 7).

Desse ponto de vista, vale a imagem a seguir da capa do livro *Conceitos*, de 1995, publicado pelo departamento cultural do colégio Osvaldo Cruz de Dourados:

**Fig. 45:** Imagem da capa do livro *Conceitos* (1995), de autoria do professor José Pereira Lins



**Fonte:** imagem em câmera digital de nossa autoria, extraída no dia 25/05/2016.

Ainda nesse ano de 1995, o professor Lins “coordenou” a publicação de um livro intitulado *Maria Constança de Barros Machado – Histórias de vida* (1995), que consiste de entrevista realizada pela professora Maria da Glória Sá Rosa (Glorinha), abordando a trajetória da ex-diretora do colégio Estadual Campo-Grandense, professora Maria Constança de Barros Machado. O livro é uma edição artesanal do colégio Osvaldo Cruz de Dourados, como esclarece o próprio professor Lins na “apresentação” da obra:

Nenhuma homenagem maior, poderia eu prestar a MARIA CONSTANÇA DE BARROS MACHADO, além daquela de lhe seguir os passos, tornando-me, também, professor, atraído pela fixação do seu exemplo, embora guardadas as devidas proporções e distâncias, semelhantes às existentes entre o artístico e o admirador, que mandando imprimir este opúsculo.

Quem o ditou foi a própria MARIA CONSTANÇA DE BARROS MACHADO, numa entrevista à notável educadora MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA, em documentário inserido no MEMÓRIA DA CULTURA E DA EDUCAÇÃO DE MATO GROSSO DO SUL. Solicitei e obtive a graça da Professora Glorinha de reimprimi-la e divulgá-la, amplamente, entre as escolas e as gerações que vivenciaram os fatos nesta narrados, transmitidos às vindouras (LINS, 1995, p. 3).

O referido livro divide-se em XXI (vinte e um) subitens, os quais são leituras da trajetória de vida da professora Maria Constança, que, em vários momentos da entrevista se refere ao professor Lins, e também à própria entrevistadora Glorinha, que coletou esses depoimentos e os publicou também em *Memória da Cultura e da*

*Educação de Mato Grosso do Sul – Histórias de Vida* (1990). Por isso, registramos a capa da obra coordenada pelo professor Lins, como se vê abaixo:

**Fig. 46:** Imagem da capa do livro *Maria Constança de Barros Machado – Histórias de vida* (1995), coordenação do professor José Pereira Lins

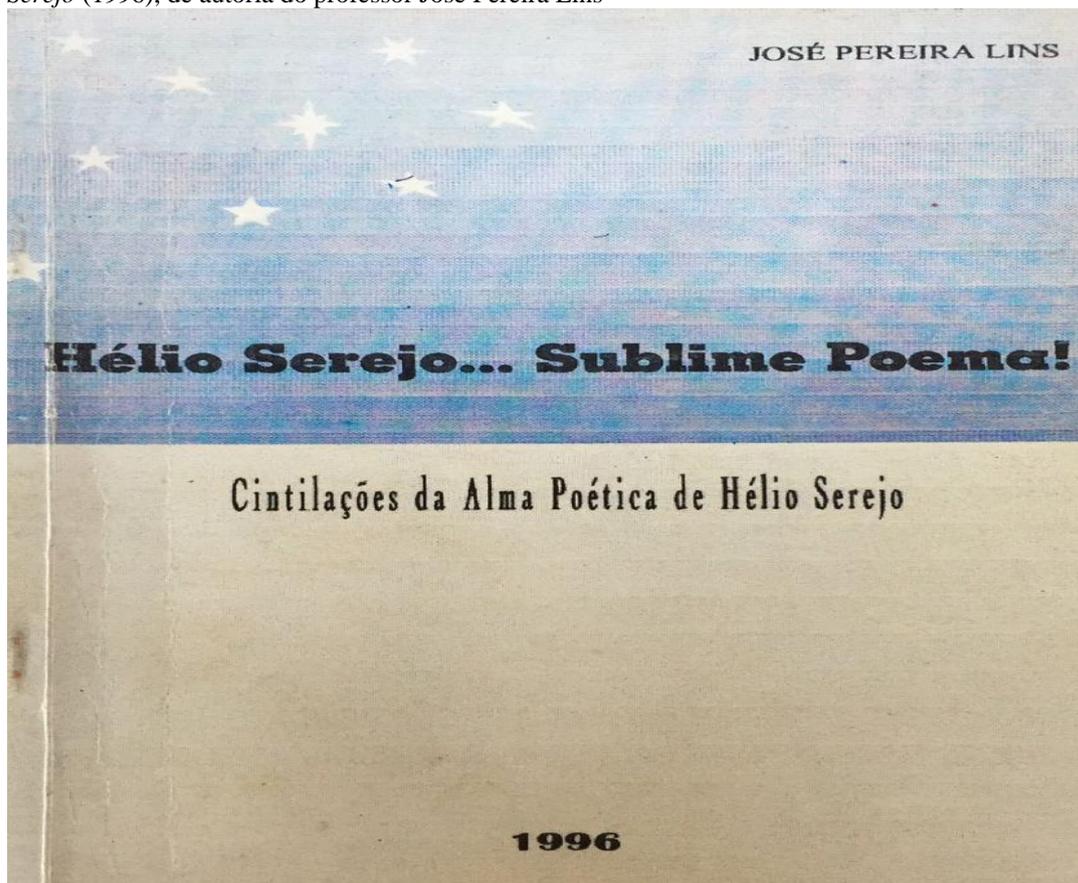


**Fonte:** imagem em câmera digital de nossa autoria, extraída no dia 25/05/2016.

Como vimos, esta obra memorialística, organizada e publicada pelo professor Lins, no colégio Osvaldo Cruz de Dourados, registra inúmeros elogios às realizações do professor, especialmente como aluno daquela escola e que, também por isso, assumiu a tarefa de organizador da obra, no mais claro libelo homenageando sua professora Maria Constança.

De outro lado, a 5ª (quinta) publicação foi a pesquisa do professor Lins, obra de grande relevância que repercutiu nesse aspecto: *Hélio Serejo... Sublime Poema!* (1996), são poemas para melhor conhecimento sobre o escritor Hélio Serejo. Cujas imagens abaixo ilustra a capa do livro:

**Fig. 47:** Imagem da capa do livro *Hélio Serejo... Sublime Poema! Cintilações da Alma Poética de Hélio Serejo* (1996), de autoria do professor José Pereira Lins



**Fonte:** Imagem fotográfica em câmera digital, extraída da capa do livro *Hélio Serejo... Sublime Poema!* (1996), no dia 21/05/2016.

Sobre tais aspectos, registra o professor José Pereira Lins em *Hélio Serejo... Sublime poema!* (1996), enaltecendo a escrita de Hélio Serejo:

Mas os seus livros não são apenas compostos de lendas, crônicas, poesias sertanejas. Há também histórias verdadeiras como aquela do *Homem Mau de Nioaque*, que, certamente, ele ouviu contar quando era criança e a pesquisou depois de grande (LINS, 1996, p. 24; grifos do autor).

Destaca ainda que Serejo é mais um “estudioso dos costumes e do folclore brasileiro” (LINS, 1996, p. 13), pois, por ele ter estilo fronteiro e ter nascido e vivido na região Brasil-Paraguai, sabemos que uma das principais características da literatura é retratar os fatos ocorridos em determinada época, e é exatamente isso que o escritor Serejo fez: um resgate da história do Mato Grosso do Sul. Desse modo, o professor José Pereira Lins colaborou para a compreensão da história e da educação do Estado, em especial para a cidade de Dourados, local onde realizou o lançamento desta obra, no espaço cultural Casa Arandu, na Academia Douradense de Letras, como recuperamos através da imagem cedida por Elisabete Regina, filha do professor Lins:

**Fig. 48:** O professor José Pereira Lins assinando autógrafos, no livro *Hélio Serejo... Sublime Poema!* (1996)



**Fonte:** Imagem Fotográfica extraída do arquivo pessoal da filha do prof. Lins, Elisabete Regina, no dia 25/05/2016.

A partir das “evocações” retratadas nas obras, não foi em vão que o professor Lins, em *Hélio Serejo... Sublime Poema!* (1996), afirma que os livros do escritor Serejo não são apenas compostos por lendas, crônicas, poesias sertanejas:

Há também histórias verdadeiras como aquela do “Homem Mau de Nioaque”, que certamente, ele ouviu contar quando era criança e a pesquisou depois de grande Jornalista, fez reportagens marcantes para a época, alertando o povo e o governo para os perigos e problemas reinantes (LINS, 1996, p. 24).

Dentre os diversos temas abordados, encontra-se, no prefácio, a denúncia de exploração do trabalho na fronteira, bem como o retrato da miséria do trabalhador, suas dificuldades e a brutalidade do meio em que vivia. Isso, bem traduzido nas palavras de Doratildo Pereira de Oliveira, que afirma:

Em boa oportunidade o Professor Lins, nos traz, talvez, o melhor dos seus poemas. Aquele que jamais discursara ou escrevera. Mas que sentira intensamente, com certeza, durante uma vida toda de paixão pela literatura. Manifesta-se nesta obra sem os merecidos títulos que tem, mas com a grandeza nova dos libertos do jugo da formalidade. Subiu até onde estão os que podem entendê-lo, e não o fez de um salto só, certamente. A experiência aquilatou, ajustou e coadunou diferenças meramente formais (*apud* LINS, 1996, p. 9).

Salienta-se também, a importância que a filha de Hélio Serejo, Nohara Tatiana, atribui a esse trabalho, elogiando o professor Lins:

Professor Lins, seu livro desenvolveu-me o passado, enteneceu-me, fez-me rir e chorar... Revi meu pai, Hélio Serejo, menino livre e curioso, andando nas ruas de Ponta Porã e Pedro Juan, já ensaiando o “guarani” e se iniciando nos versos e contos. Parabéns, professor, por sua fidelidade de registros e sensibilidade no enfoque dos fatos (*apud* LINS, 1996, p. 11).

Dessa forma, o professor Lins possibilitou a construção de uma memória social do Mato Grosso do Sul, em que os segmentos de contaminação da história e da literatura se misturam e interpenetram, onde o passado se formula por via literária, e a história é subsidiada para figurar como tradição, como se fossem fragmentos de lembranças cravadas na memória coletiva do povo da região.

Dessa perspectiva, o próprio escritor enaltecido pelo professor Lins, o escritor Hélio Serejo, em *Meus Bisnetos* (2002), dedica o capítulo VI, “Eu, Pelas minhas filhas”, como se suas duas filhas falassem por ele, mas Serejo inicia a abertura do capítulo:

Em 1.996, o escritor José Pereira Lins, honrou-me sobremaneira, escrevendo um livro: “Hélio Serejo Sublime Poema!” Pediu o mesmo para suas avós, Tatiana e Helita, escreverem algo sobre mim, que ele iria incluir no livro (SEREJO, 2002, p. 26).

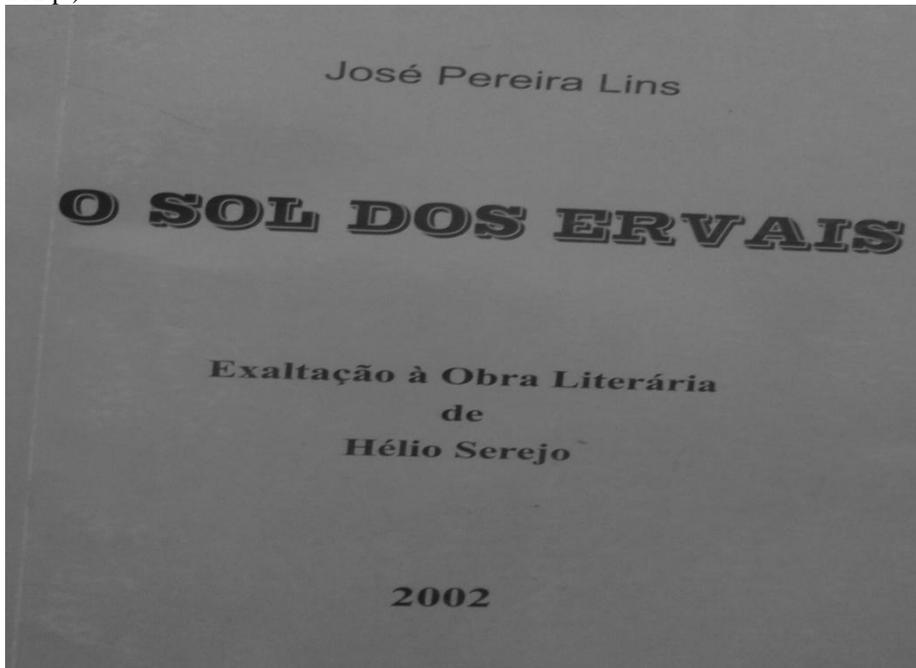
Outros estudiosos da literatura sul-mato-grossense referem-se a Hélio Serejo como “Mestre do Regionalismo”, dentre outros, Otavio Gonçalves Gomes, que registra a predileção do escritor principalmente pelo folclore, pelo homem o “[...] carreteiro, o carreiro, o tropeiro, o boiadeiro, o roceiro e o fronteiriço de poncho – puitã, sugador de chimarrão ou de tereré” (GOMES, 1983, p. 73).

Também o professor Paulo Nolasco dos Santos, ao realizar pesquisas sobre fronteiras e cultura, afirma que a obra de Hélio Serejo “constitui manifestação literária das mais importantes da região, e a que de forma mais completa se voltou para o registro da história e da vida na fronteira Brasil/Paraguai” (SANTOS, 2012, p. 60). E reconhece que as obras como a do escritor Hélio Serejo são um imenso painel de análise de aspectos múltiplos de questões tanto da linguística como da literatura e cultura.

A 6ª (sexta) obra foi *O Sol dos Ervais – exaltação à obra literária de Hélio Serejo* (2002), publicada no ano em que Hélio Serejo completou 90 anos de idade; então, o professor Lins, para homenageá-lo e eternizá-lo, organizou assim a tradução da vivência de um povo, tão bem registrada por Serejo, da forma mais completa, voltando-se para a memória da história e da vida na fronteira Brasil-Paraguai. O reconhecimento da exploração e colonização da região Sul do Mato Grosso do Sul é vislumbrado claramente por meio das obras do escritor José Pereira Lins. Também, a presença de

Serejo como autor/narrador e/ou personagem é uma constante em seus relatos, conferindo, assim, maior autenticidade aos fatos narrados por ter sido testemunha ocular da formação da história dessa gente. Daí justifica-se a recolha da imagem a seguir, especialmente recuperada para este trabalho:

**Fig. 49:** Imagem da capa do livro *O Sol dos Ervais - exaltação à Obra Literária de Hélio Serejo* (2002, 112 p.)



**Fonte:** Imagem fotográfica em câmera digital, de nossa autoria, extraída no dia 21/05/2016.

A propósito, o professor Lins destaca: “O objetivo deste é homenagear Hélio Serejo pela passagem dos seus 90 anos de idade, com os quais o ETERNO o agraciou” [sic] (LINS, 2002, p, 17). Também procurou fazer uma seleção dos conceitos sobre Hélio Serejo, por meio de cartas pessoais de juizes, advogados, engenheiros, jornalistas, professores e tantos outros, que o elogiaram nessas cartas, cuja modéstia do professor registrou: “Procurei, apenas organizar uma ‘seleção’ dentre centenas de conceitos a respeito de Serejo, pela imprensa e através de cartas pessoais” (LINS, 2002, p. 17). Em subitem, “Cantando espalharei por toda parte” (LINS, 2002, p. 19), o professor Lins faz a reflexão de que seria mais um livro sobre Hélio Serejo e que muitos livros ainda viriam, porque todos os dias cresce a demanda de pesquisas e admiração pelo escritor sul-mato-grossense, que conta hoje com 60 livros escritos, nenhum repetido. Por isso, o professor Lins desenvolveu projetos, palestras, trabalhos de pesquisas em escolas de todos os níveis; fazendo com que organizasse uma “orquestra” de Serejo: “Evitei biografia e a crítica Literária. Enfoquei a “Exaltação”, porque assim me aprouve” (LINS, 2002, p. 20). O professor Lins selecionou trechos e referências do escritor

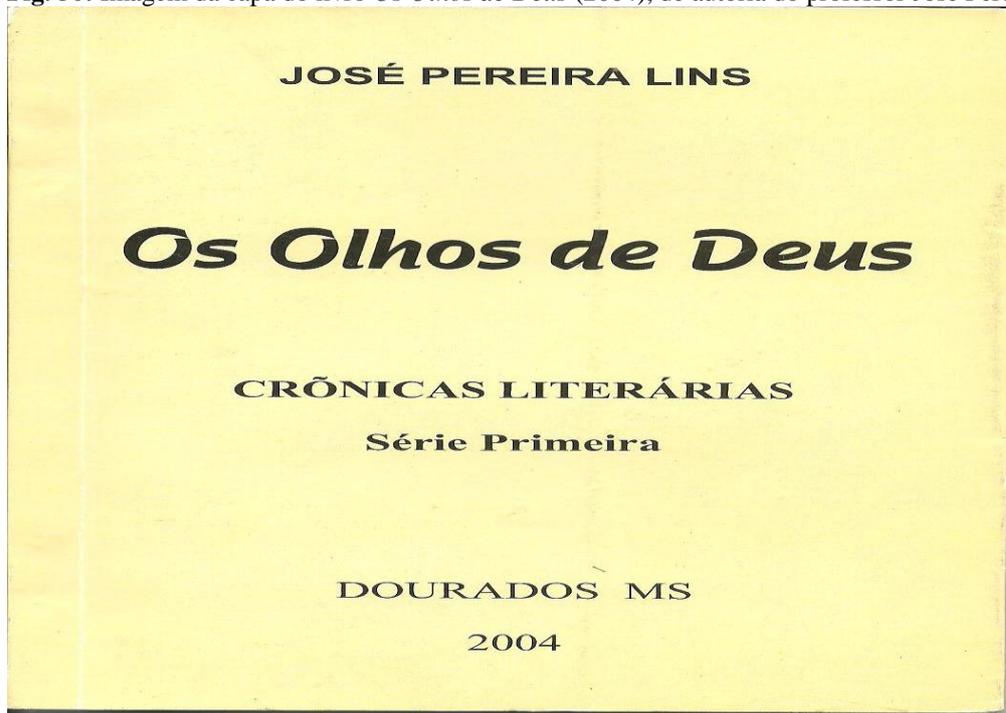
Serejo, e utilizou a sua própria dependência das palavras, como ele mesmo afirma, “evocou” da sua própria mente para escrever o livro *O sol dos ervais* (2002). O lançamento desse livro, *O sol dos ervais*, foi amplamente celebrado pela temática e pela abordagem da vasta produção do escritor Hélio Serejo, sendo que, no jornal *O progresso*, a articulista Neide Araujo Castilho Teno destacou “O professor José Lins já escreveu dois livros sobre a obra do mais importante escritor regionalista do MS”, e o jornal *O Imparcial*, de Presidente Prudente, registrou importante comentário crítico acerca dessa obra<sup>67</sup>.

Em seguida, por ordem dos anos de publicação, a obra *Os Olhos de Deus* (Crônicas Literárias – Série Primeira), de 2004, cujo próprio título diz que são crônicas literárias, mais precisamente sobre o conteúdo de temática evangélica, pois traz versos bíblicos: do livro de provérbios; do Evangelho de Mateus; do livro do profeta Isaías; de provérbios de Salomão; de Davi, Rei de Israel; do Evangelho de João; entre outras, que tinha também em cada uma dessas crônicas: Os Olhos de Deus; Parábola do Cotidiano; A Família de Nazaré; Eram Dois Garotos; Exaltação à Cigarra; Destinos Oposto; A Fragilidade das Línguas; Alegoria; A Fascinação de Um Olhar; Bom dia, Tristeza; Vereda Escabrosa da Eloquência; Ternura e Desespero; Grilos, Malho e Bigorna; O grão de Mostarda; as dedicações para os familiares e amigos. Sobre tais aspectos, recuperamos a imagem da capa do livro, como mostramos a seguir:

---

<sup>67</sup>Cf. *Sol dos Ervais* homenageia Hélio Serejo, de Neide Araujo Castilho Teno. *O progresso*, 5 jan. 2004; e também “O sol dos hervais”, de Raymundo Farias de Oliveira. *O Imparcial*, 26 nov. 2003, p. 3- a. A propósito, agradecemos à professora Neide Castilho Teno por ter cedido cópia dessas matérias.

**Fig. 50:** Imagem da capa do livro *Os Olhos de Deus* (2004), de autoria do professor José Pereira Lins

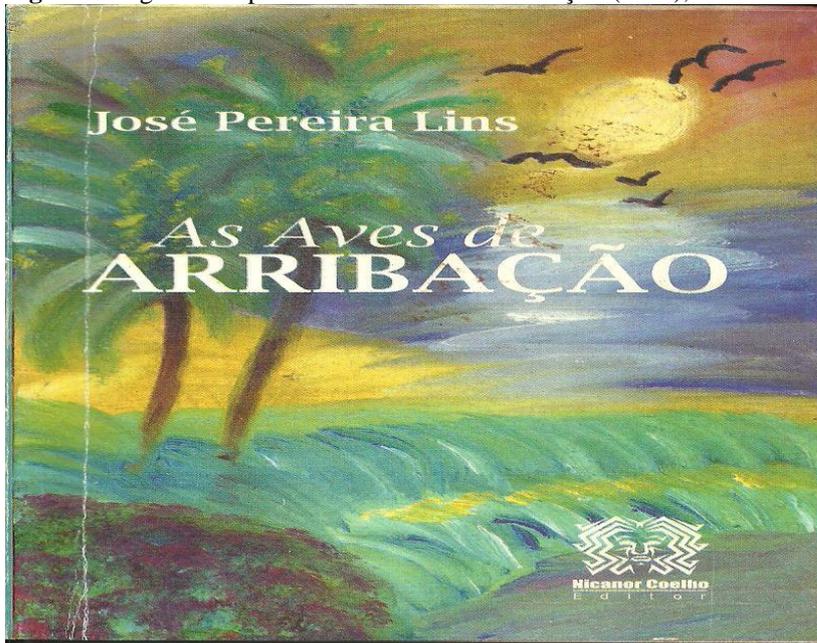


**Fonte:** imagem em câmera digital de nossa autoria, extraída no dia 25/05/2016.

Dessa perspectiva, a outra emblemática obra, *As Aves de Arribação* (2006), são crônicas curtas que ocupam todas as linhas. Nos sons há uma poeticidade, lirismo, e figuras de linguagem, que faz o leitor mergulhar no imaginário e repensar a vida atual do País, como, por exemplo, na própria abertura da obra, cujo título do texto, “As aves de Arribação” (LINS, 2006, p. 12), tem como enfoque o verso de D. Aquino Corrêa que expressa: “– Vem cá, perdiz! / – Não!, Nunca Mais!” / (*apud* LINS, 2006, p. 11). O qual o professor Lins dialoga no seu texto, para repensar as promessas dos candidatos que as pessoas elegeram, pois elas ainda sonham com Brasil melhor, sem fome e sem miséria, acreditando em esperanças de mais empregos, fartura e sem corrupção, mas ao escutar apenas promessas desses candidatos eleitos, meditamos na utopia dos escritores e obras que o professor Lins cita: “Thomas Morus; no *Elogio da Loucura*, de Erasmo; na piedade da *Imitação de Cristo*; no suspiro das jurutis; no vôo da perdiz; no salto do cão perdigueiro; no ziguezaguear das andorinhas” (LINS, 2006, p. 14; grifos do autor). Para tanto, esta obra é organizada em prosas cujos títulos são: *As Aves de Arribação*; *A mosca azul*; *O Ancião*; *O lenhador*; *é tarde!*; *É muito tarde!*; *Humilhados e Vencedores*; *A propósito de um Telefonema*; *Monstros e Sagrados*; *Colos Privilegiados*; *Uma História de Amor*; *Mala Direta*; *A Mula de Balaão*; *Para um amigo ausente*; *Coração*

Galanteador; Nota 10; prosas que compõem esta obra, como se vê na imagem da capa a seguir:

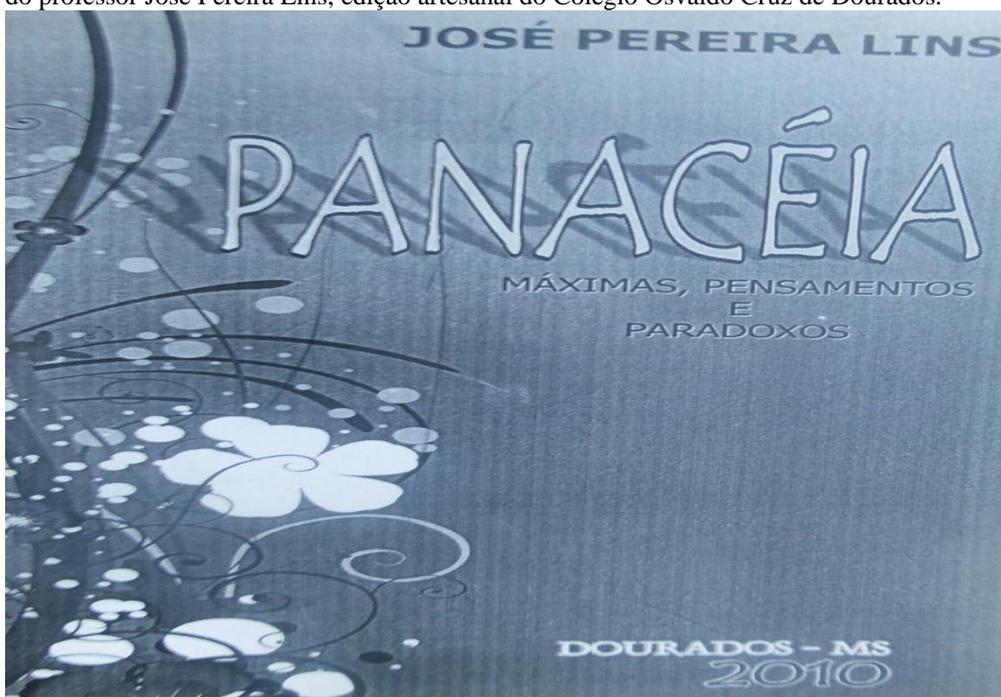
**Fig. 51:** Imagem da capa do livro *As Aves de Arribação* (2006), de autoria do professor José Pereira Lins



**Fonte:** imagem em câmera digital de nossa autoria, extraída no dia 25/05/2016.

E o último livro publicado pelo professor Lins, antes de seu falecimento, foi *Panacéia – Máximas, pensamentos e Paradoxos* (2010). Como o próprio título afirma, são versos e pensamentos curtos reunidos nesta coletânea, que foram dedicados aos seus queridos pais, Manoel Pereira de Oliveira e Rosa Lins de Oliveira, em sentimento de saudades. Dividida em duas partes, esta obra conta com uma segunda parte intitulada “Divulgações sobre o ideal”, cujos pensamentos são relacionados ao “idealismo”, em versos sobre a conquista, vida, força, segredo, família, dentre outros. Desse modo, mostramos a imagem da capa do livro como um todo:

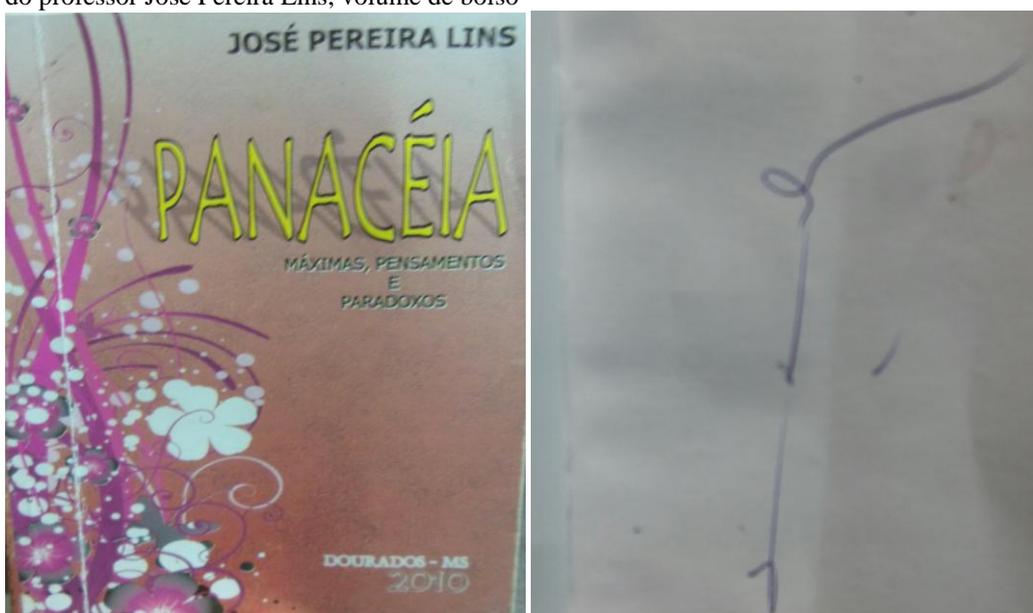
**Fig. 52:** Imagem da capa do livro *Panacéia – Máximas, Pensamentos e Paradoxos* (2010, s/p), de autoria do professor José Pereira Lins, edição artesanal do Colégio Osvaldo Cruz de Dourados.



**Fonte:** imagem em câmera digital de nossa autoria, extraída no dia 25/05/2016.

Com relação a esta edição, o professor Lins editou um volume de bolso em formato correspondente, que reproduzimos abaixo, deste a capa, assinatura do professor e a dedicatória:

**Fig. 53:** Imagem da capa do livro *Panacéia – Máximas, Pensamentos e Paradoxos* (2010, s/p), de autoria do professor José Pereira Lins, volume de bolso



**Fonte:** imagem em câmera digital de nossa autoria, extraída no dia 25/05/2016.

Em contiguidade à atividade de escritor, como vimos, o Professor José Pereira Lins exerceu com maestria a “Oratória”<sup>68</sup> como se em decorrência da escrita ou da arraigada prática da leitura, que o notabilizou enquanto homem de letras. Neste aspecto, também foi lembrado durante toda a vida e homenageado em livro dos mais importantes da nossa literatura sul-mato-grossense, de amplo conhecimento, de circulação e distribuição em nível nacional. Referimo-nos ao capítulo do representativo livro *Manifestações Literárias em Dourados* (1985), de autoria das professoras universitárias e douradenses, Telma Loro e Áurea Rita Lima Ferreira, cujo registro em trecho significativo merece ser destacado. Sublinham as autoras:

---

<sup>68</sup>Como no exemplo de sua prática na oratória, destacamos, também, no subitem 3.3.1 “José Pereira Lins e a Academia Douradense de Letras” p. 160, ao qual o prof. Lins, era considerado o mais “sábio”, foi escolhido pelos 15 confrades cofundadores para ser o orador da ADL. Nisso, em discurso de agradecimento, o prof. Lins agradeceu os acadêmicos pela função de orador. (Cf. **Anexo 3**).

No momento, indiscutivelmente, o nome de maior destaque na oratória em Dourados é José Pereira Lins, que, segundo Altair da Cosa Dantas, ‘é um manancial de cultura e experiências e vida.’

Nasceu em São José de Piranhas, extremo agreste da Paraíba, a 5 de fevereiro de 1921.

Aprendeu as primeiras letras com o irmão mais velho, à beira de um poço. Só frequentou escola a partir do curso ginasial, concluído em 1944 no Colégio Estadual Campo-grandense (hoje, Maria Constança de Barros Machado). Fez o curso colegial no Colégio Estadual do Paraná, Estado em que cursou o 3º grau, licenciado que é em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Curitiba. Ainda na mesma cidade casou-se com D. Isabel, cuja influência em sua vida foi muito profunda: ‘influência de água a fecundar as raízes’.

Seu relacionamento com as palavras data de muito cedo. Quando cursava o 1º ano colegial foi premiado num concurso literário com um trabalho sobre Camões. Foi orador de sua turma e indicado para orador da faculdade, mas disso abriu mão ao beneficiar a concorrente com seu voto de minerva.

Quando residente em Campo Grande e presidente da Associação Campo-grandense de Professores, assinava uma coluna (*A voz do magistério*) em jornal local, onde publicou mensagens veementes em favor da classe.

Já nessa época a oratória cativava seu espírito, gosto que tem apurado com o tempo, através do contato com bons oradores, pela leitura de grandes nomes ou pessoalmente. Tem viajado longas distâncias somente para ouvir um bom orado.

Com relação a sua produção pessoal, considera-se um orador bissexto, cuja mensagem oratória é eventual. De formação literária clássica, admite a influência de Olavo Bilac, a quem preiteia desde cedo a mocidade (cujos versos decorou com entusiasmo), e, entre os mais modernos, de Guilherme de Almeida.

Inicialmente, seus escritos eram mais de cunho patriótico, tendo discursado em praças públicas.

Marca muito profunda em sua obra foi a religião, da qual, segundo ele, nunca pôde libertar-se.

Pequena parte de sua produção foi divulgada em jornais (inclusive do Rio de Janeiro e de São Paulo) ou em folhetos. Reluta em publicar, por ser orador de improviso; seus discursos expressam o sentimento da alma no momento, o que se passado para o papel perde grande parte de seu significado. Ele mesmo afirma: ‘A palavra tem espírito, é coisa. Quando falo eu dou tudo de mim. Quando escrevo, perco esse arroubo. A máquina não acompanha o pensamento; a letra mata. Há a preocupação com o acerto do discurso.’

Ultimamente tem-se voltado para os estudos e reflexões sobre os clássicos, bem como para a religião.

Apesar de considerarmos e respeitarmos a posição do autor diante da preferência ao discurso oral, achamos imperdoável de nossa parte não apresentarmos, embora em forma de fragmento, uma pequena amostra do indiscutível trabalho de elaboração da linguagem que caracteriza tão bem o discurso do Prof. Lins:

*Ó Deus e Senhor nosso, tu que permitiste que o Teu filho derramasse o seu sangue sobre a terra maldita para que ela tivesse menos espinhos e a nossa alma fosse redimida, também permitiste que o sangue do nosso irmão Tiradentes fosse derramado pelos caminhos da Pátria, para que ela fosse mais próspera e feliz, e nós pudéssemos sair da ignominiosa condição de escravos para a de senhores da casa-grande. Aceitai a nossa gratidão (LORO; FERREIRA, 1985, p. 45-47)<sup>69</sup>.*

Nesse aspecto, não estranha a vocação do professor Lins na realização de “oratórias”, pois surgiu de estímulos dos seus professores, do tempo de ginasial, na

<sup>69</sup>A nota ao rodapé do capítulo das autoras informa: (*Discurso proferido por ocasião da Semana da Pátria pelo Prof. José Pereira Lins e publicado em O Progresso, em 12-9-1970.*). O trecho das autoras é representativo em muitos aspectos, dentre esses pelo reconhecimento da elaboração estética da obra do professor Lins, da sua modéstia e grandeza de espírito, além de testemunhar um quadro de produção provavelmente disperso em jornais do Rio e São Paulo e da sua copiosa fortuna crítica. Cf. LORO, Telma ; FERREIRA, Áurea Rita. *Manifestações Literárias em Dourados*. Rio de Janeiro: Presença Edições; Dourados: FUNCED/Prefeitura Municipal de Dourados: 1985.

escola Osvaldo Cruz. Época em que o professor Lins destaca a Dona Sofia Berenice e Nagib Rasslan, que foram seus professores de Língua Inglesa; o professor Caetano Murare e Luis Cavalon, com os quais ele aprendeu a gostar de Geografia; e também, o ex-padre Jorge Naschreiner, que ensinava Latim. O professor Lins se refere a esses ex-professores com gratidão por tê-lo ajudado na sua carreira profissional; e principalmente por ele ter aprendido a falar em público, com o seu ex-professor, bem como destacamos:

Em matéria de Portugues tive em Rafael Gioia Martins um professor extraordinário, ex-padre que nos obrigava a conjugar corretamente os verbos e a decorar poesias. Orador eloquente estimulou a vocação literária, o gosto por línguas que tenho até hoje (LINS, 2004, p. 5).

O estímulo deste professor ex-padre, não só aguçou a veia literária do professor Lins, como serviu de alavanca para que tornasse um eloquente orador, há que registrar a sua facilidade nas pregações na 1ª igreja Batista<sup>70</sup>, que o frequentava na cidade de Dourados.

Não a toa que a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), em primeira publicação de sua *revista premissas*<sup>71</sup>, de dezembro de 2009, trouxe uma matéria realizada com o professor Lins, destacando a sua trajetória de vida em vocação na oratória. A referida matéria relembra do seu passado, no ginásio em Campo Grande, dos ex-diretores, Oliva Enciso, da sociedade Miguel Couto; e Maria Constança, da escola estadual Campo-grandense; que contribuíram, também, para o professor Lins se tornar orador, como destaca o próprio professor: “Eu aproveitei todas as oportunidade que ambas me proporcionaram. Fui orador, era muito popular e estudava um pouco a mais que a turma” (LINS, 2009, p. 11).

---

<sup>70</sup>A 1ª (Primeira) Igreja Batista, localizada na rua João Cândido Câmara, nº 10, CEP: 79826-010. Disponível em: <http://www.pibdourados.com.br/>. Acesso em: 23/06/2016.

<sup>71</sup>Cf. *Revista Premissas* (2009). Disponível em: <http://www.ufgd.edu.br/comunicacao/downloads/materia-com-professor-lins-na-premissas>. Acesso em: 16 jun. 2016, p. 9-11.

## **CAPÍTULO 3 - JOSÉ PEREIRA LINS: TRAJETÓRIA E INSERÇÃO SOCIOCULTURAL DO CIDADÃO**

Este capítulo toma como eixo de reflexão aspectos centrais da figurativização da existência dos arquivos e suas diversas manipulações, aspectos de enquadramento e abordagem, com o objetivo específico de discutir e confrontar variadas manifestações de fontes em situações de contextos múltiplos, procurando demonstrar, na reunião dos diferentes materiais, textos escritos e imagéticos, a proeminência que se configura em torno da trajetória e da inserção sociocultural do professor José Pereira Lins. Para tanto, essa inserção se fundamentará na seleção de arquivos particulares e em fontes geralmente reservadas, que, como se observará, advêm de bibliotecas e de associações culturais que resguardam amplo e variado material de pesquisa que interessam ao nosso trabalho.

### **3.1 Reflexões e Memórias na Reconstituição do Arquivo**

Mulheres, negros, homossexuais judeus, imigrantes, trabalhadores e tantos outros grupos historicamente subalternizados têm em comum o registro e a reflexão sobre suas vidas por meio da literatura. A experiência é um dos elementos-chave do poder que obras literárias têm de nos colocar no lugar do outro, ver o mundo a partir de seus olhos e, a partir da sensibilidade, nos fazer compreender o que permaneceria distante ou – de outra maneira – seria relegado à indiferença. “Uma outra compreensão da realidade” (Richard Miskolci, 2015, p. 27; grifos nossos)

Selecionamos a epígrafe acima como representativa do universo de discurso que abordaremos, particularmente pelo seu teor culturalista e pela relevância de seu autor na abordagem contemporânea dos Estudos Culturais<sup>72</sup>.

---

<sup>72</sup>O autor da epígrafe, professor Richard Miskolci, é o responsável pelo “Dossiê” organizado pelo recente número da *Revista Cult*, intitulado Literatura e Experiência, cuja chamada diz: “Excluídos da produção simbólica hegemônica, grupos historicamente subalternizados produzem narrativas, nomeiam suas experiências e desafiam o mundo que limita a sua fala” (Cf. *Revista Cult*, 2015, p. 27).

Diante disso, procuramos basear-nos em arquivos armazenados durante as pesquisas de iniciação científica (2014), em escritos e documentos, em folhetos de jornais, cartas e capítulos de obras que o professor Lins deixou registrado. Neste momento, torna-se de fundamental importância o “arquivo” e anotações armazenados em uma das bibliotecas particulares de que dispusemos, a do professor Paulo dos Santos, amigo de longa data e confrade do professor Lins, tanto na Academia Douradense de Letras como na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Nas referidas agremiações literárias, o professor Lins foi membro-associado e Presidente em mais de uma gestão. Destaca-se assim um dos aspectos relevantes da trajetória do professor, que diz respeito às relações literárias e de amizade que pautaram significativa página de sua trajetória e história de vida. A partir dessas considerações, este subitem desenvolve uma abordagem das fontes referidas e redimensionadas pelos Estudos Culturais<sup>73</sup>.

No dia 10 de junho de 2015, à tarde, na biblioteca do professor Paulo Nolasco dos Santos, realizamos pesquisas de arquivo inédito do professor José Pereira Lins. Em uma das estantes estava uma pasta com documentos de natureza diversificada, recortes de jornais, cartas, convites, imagens, dentre outros.

Dentre os documentos referidos, destacamos a seguir a do professor Lins discursando durante a abertura da solenidade de posse na Academia Sul-mato-grossense de Letras. Ele foi ladeado pelo escritor Reginaldo Alves de Araujo, presidente da ANE/ Associação de Novos Escritores, que elogiou o professor e a sua cidade de Dourados:

---

<sup>73</sup>Para tanto, o embasamento de nossa reflexão provém de Maria Elisa Cevasco, em particular, que buscou de forma primordial “recensear” a bibliografia sobre o assunto com vistas ao início da formação dos Estudos Culturais. De fato, a estudiosa chama a atenção para a polêmica e a falta de direções consagradas nessa área de estudos, pois considera que analisa um campo novo e em expansão. Destaca, sobretudo, as atividades do Centro, onde os Estudos Culturais eram vistos tanto como diagnósticos de bloqueios quanto perspectivas de ir além das restrições aos trabalhos disciplinares. Segundo Cevasco, é Raymond Williams, em 1986, quem enfatiza a mudança de foco no ensino das artes e da literatura em relação com a história e com a sociedade contemporânea – projeto que não tinha sido iniciado em nenhum outro lugar (Cf. CEVASCO, 2003, p. 61).

**Fig. 54:** O presidente professor José Pereira Lins na abertura da solenidade



**Fonte:** Imagem fotográfica em câmera digital, de nossa autoria, extraída diretamente do jornal *Correio do estado* (s/d), do acervo pessoal do professor Paulo dos Santos, em 6/01/2016.

Como Presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, o professor Lins trabalhou arduamente em prol da Academia, realizou palestras, reuniu vários escritores do Mato Grosso do Sul para a programação de uma maratona cultural, que ocorreu no dia 25 de Julho de 2001, em Campo Grande, no Teatro Aracy Balabanian, a partir das 20 horas (**Fig. 55**). O evento teve como objetivo abordar temas como música, dança e poesia, além de mesas redondas sobre a prática literária no Estado; contou com a participação do professor Lins que discorreu, na abertura, sobre “A cultura literária de MS”; também se apresentou durante o evento a vencedora do concurso da Noite de Poesia (2001), a poeta Elizabeth Fonseca, cuja presença foi mencionada e se pode ler na imagem / registro a seguir:

**Fig. 55:** O presidente da ASL: professor Lins, no evento maratona cultural.

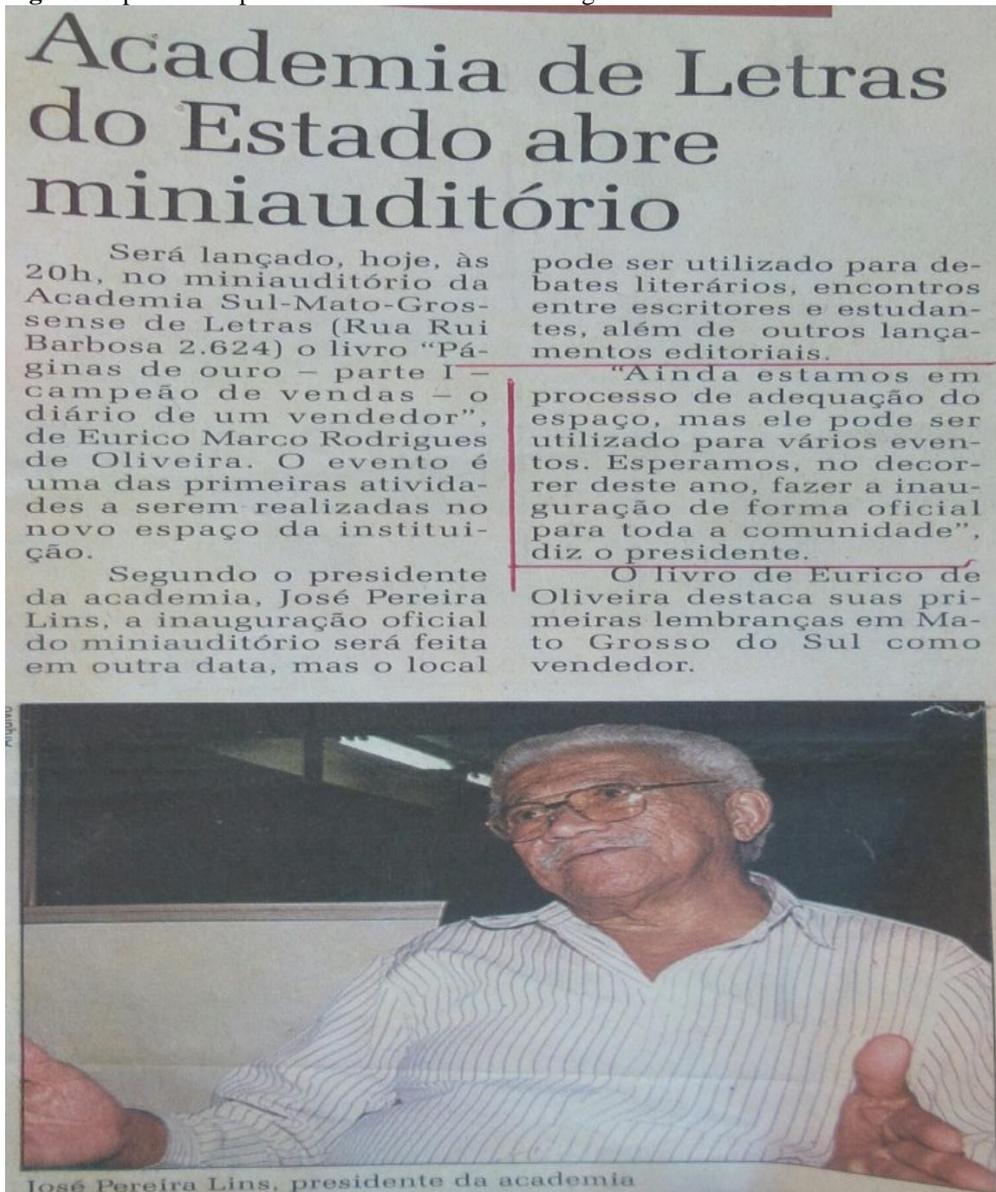


**Fonte:** Imagem fotográfica em câmera digital, de nossa autoria, extraída do jornal *Correio do Estado*, de 25 de julho de 2001, do acervo pessoal do professor Paulo dos Santos, em 6/01/2016.

O professor Lins, com sua humildade e força de vontade, na qualidade de Presidente da ASL, ajudou a fundar o miniauditório localizado à rua Rui Barbosa, nº 2.624, em Campo Grande<sup>74</sup>. O espaço teria como objetivo discutir projetos a respeito da Academia Sul-mato-grossense de Letras e também ser utilizado para vários outros eventos referentes à educação, como lançamento de livros. Ali o escritor Eurico de Oliveira lançou seu livro, ainda com o espaço inacabado para todas as suas finalidades. Daí, o professor Lins ter esclarecido: “Ainda estamos em processo de adequação do espaço, mas ele pode ser utilizado para vários eventos. Esperamos, no decorrer deste ano, fazer a inauguração de forma oficial para toda a comunidade” (cf. **fig. 56**). Segundo o professor, as primeiras ações da nova entidade, fundada no ano de 1991, seriam direcionadas a debates literários, encontros entre escritores e estudantes, como registramos na imagem a seguir:

<sup>74</sup>Cf. <http://acletrasms.com.br/historico.asp> . Acesso dia 25 de julho de 2016.

Fig. 56: O presidente professor José Pereira Lins inaugura miniauditório



**Fonte:** Imagem fotográfica em câmera digital, de nossa autoria, extraída diretamente do jornal *Correio do Estado* (s/d), do acervo pessoal do professor Paulo dos Santos, em 6/01/2016.

Em decorrência do seu trabalho na Academia Sul-mato-grossense de Letras (ASL), o professor Lins promoveu o projeto intitulado “Encontro com Escritores Sul-mato-grossenses”, que, originariamente, previa a publicação de edições e reedições de obras da literatura regional<sup>75</sup>. Esse projeto fora originariamente encomendado ao professor Paulo Nolasco, que o redigiu e submeteu à apreciação dos acadêmicos, como observamos na imagem abaixo:

<sup>75</sup>O Projeto ENCONTRO COM ESCRITORES SUL-MATO-GROSSENSSES foi submetido à Academia Sul-mato-grossense de Letras, atendendo pedido do Prof. LINS, Presidente da Academia, que o divulgou em matéria publicada no Jornal *Correio do Estado*, em 05/07/2001.



ENCONTRO COM OS ESCRITORES SUL-MATO-GROSSENSES foi submetido à Academia Sul-mato-grossense de Letras, atendendo pedido de seu Presidente, Professor José Pereira Lins, em Junho de 2001, publicado, em nota da Academia, no Jornal Correio do Estado de 05/07/2001 (SANTOS, 2010, p. 11).

A ideia de realização desse projeto foi mais circunstanciadamente descrita pelo professor Paulo Nolasco, que assim justificou o pedido do professor Lins: um projeto em função de uma rica produção literária regional para o Mato Grosso do Sul, no qual iria abordar as raízes e práticas culturais em pesquisa do ensino da área de literatura, ministrada pelo professor Nolasco, na UFGD, enfatizando a situação de:

Descaso e precariedade a que estão sujeitas as mais relevantes obras de escritores e homens de Letras, somando-se a isso o representativo número de documentos, fontes e manuscritos, testemunhos historiográficos, que requerem urgente atenção de estudiosos e de linhas de pesquisa nos Programas de Pós-Graduação e, de outro lado, recuperação por parte dos órgãos públicos e governamentais (SANTOS, 2010, p. 12).

Vale lembrar o ano de 2008, no dia 7 de maio, na cerimônia de abertura do XII Ciclo de Literatura, evento do qual resultou o livro organizado pelo Professor Paulo Nolasco, *Literatura e Práticas Culturais* (2009), em cuja “aba” do livro registra-se importante evento em homenagem ao professor Lins:

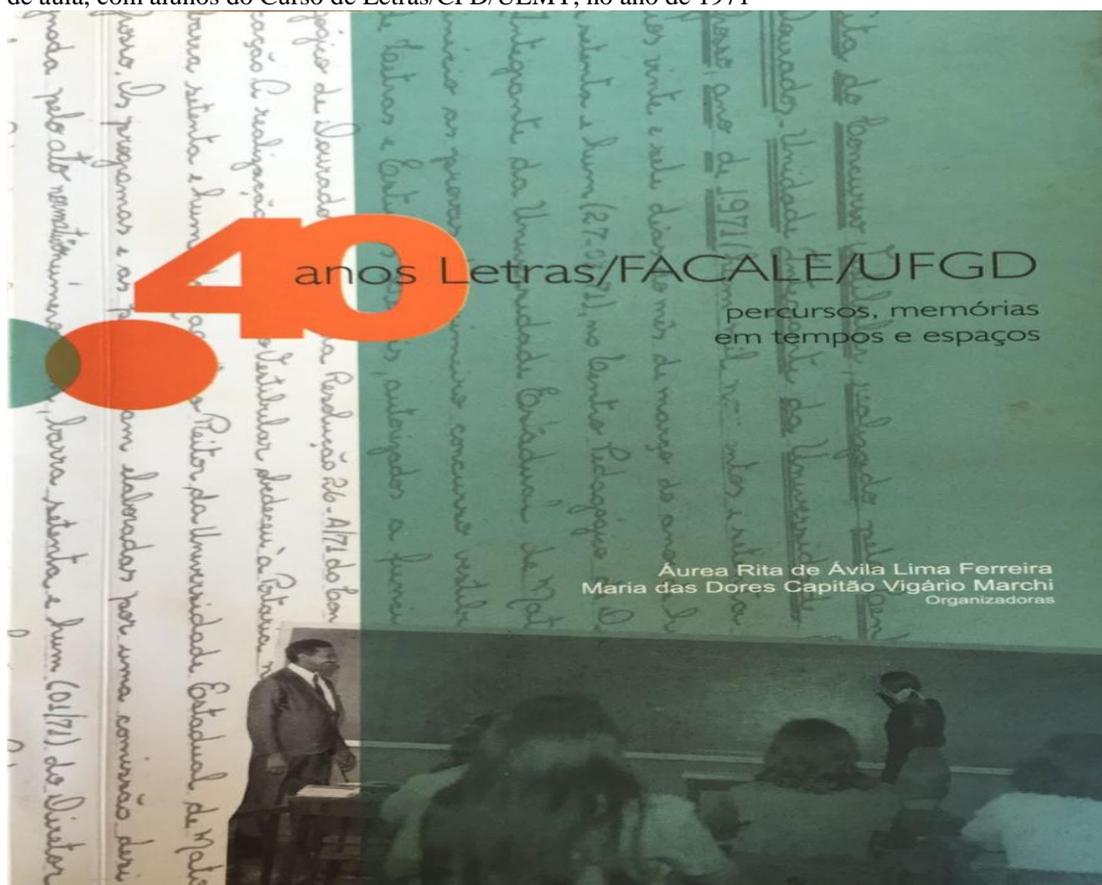
Também assim, reconstruindo os fatos, a cerimônia homenageou o Professor José Pereira Lins. Ilustre regionalista douradense, que empresta seu nome ao Edifício da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras. Assim perspectivadas, aquelas palavras entranhadas em lembranças e alusões representavam todo o longo percurso que se pode rastrear nas diversas páginas de nossa vida acadêmica até a consagração, hoje, do Mestrado em Letras da Facale/UFGD (SANTOS, 2009, aba do livro).

A propósito, o próprio professor Paulo Nolasco, ao apresentar ensaio intitulado “Memória e crítica biográfica: um possível retrato de José Pereira Lins”, durante XII Ciclo de Literatura, em 2013, ressalta a importância que o professor Lins teve na UFGD, pois, na época da criação, implantação e funcionamento do Curso de Letras, no ano de 1971, no antigo Centro Pedagógico de Dourados – CPD/UEMT, cujos 40 anos deste curso superior foi comemorado no ano de 2011, tendo resultado em importante publicação<sup>77</sup>, de onde recuperamos a fotografia da capa dessa obra, que consta o professor Lins ministrando aula para a primeira turma de alunos do curso de Letras daquele Centro.

---

<sup>77</sup>Foi relevante repetir as informações da criação do curso de Letras, e a referida capa dos 40 anos do Curso, pois estamos referindo as atividades do Ciclo de Literatura, realizados no bloco da FACALE/UFGD. Cf. Subitem: 2.2 “Docência no meio Universitário”, p. 92.

**Fig. 58:** Obra *40 anos Letras FACALE/UFGD*, que consta o prof. Lins José Pereira Lins, na capa, em sala de aula, com alunos do Curso de Letras/CPD/UFGD, no ano de 1971



**Fonte:** Imagem em câmera digital de nossa autoria, extraída da capa do livro *40 anos Letras FACALE/UFGD percursos, memórias em tempo*, das autoras (FERREIRA; MARCHI, 2012, 165 p.), no dia 18/06/2016.

Por tais razões, o professor foi o homenageado do evento Ciclo de Literatura no qual se celebrava a criação do Mestrado em Letras da FACALE. Com efeito, o professor Nolasco registraria em livro resultante daquele XII Ciclo

A referida homenagem precedeu a mesa-redonda do evento, e, com a presença do Professor Lins, evocamos dados relevantes de sua “bibliografia” e a exposição de vídeo-documentários com várias imagens relativas à história de vida do professor, especialmente seu pioneirismo na educação ao abrir sendas e instalar a “casa” onde funcionou durante décadas a escola Oswaldo Cruz de Dourados. Tanto a homenagem como as conferências do evento estão registradas no livro que organizei [Cf. SANTOS, 2009], onde se registra a presença, durante a homenagem, dos seguintes professores e críticos literários: Benjamim Abdala Júnior, Eduardo Coutinho, Miguel Ángel Fernandez, Edgar Cezar Nolasco, Lori Alice Gressler, Luiza Melo Vasconcelos, Rita de Cássia Limberti, além de professores da Faculdade, da Universidade de um modo geral, em especial do Magnífico Reitor Damião Duque de Farias, dentre outros (SANTOS; ALVES, 2013b, p. 348).

Em consequência, recuperamos a imagem fotográfica abaixo, de sessão coordenada, em que se debateu o tema da memória, e na qual o professor Paulo Nolasco

apresentou palestra acerca da pesquisa que há algum tempo venha elaborando sobre a obra e vida do professor Lins.

**Fig. 59:** Sessão coordenada III – 60303: “Ficções e/ou fatos elaborados? As memórias e seu caráter híbrido e contemporâneo”, coordenada pelo professor Paulo Bungart Neto, durante o XII Ciclo de Literatura, com o professor Paulo Nolasco abordando a memória do professor Lins, em 28 de junho de 2012.

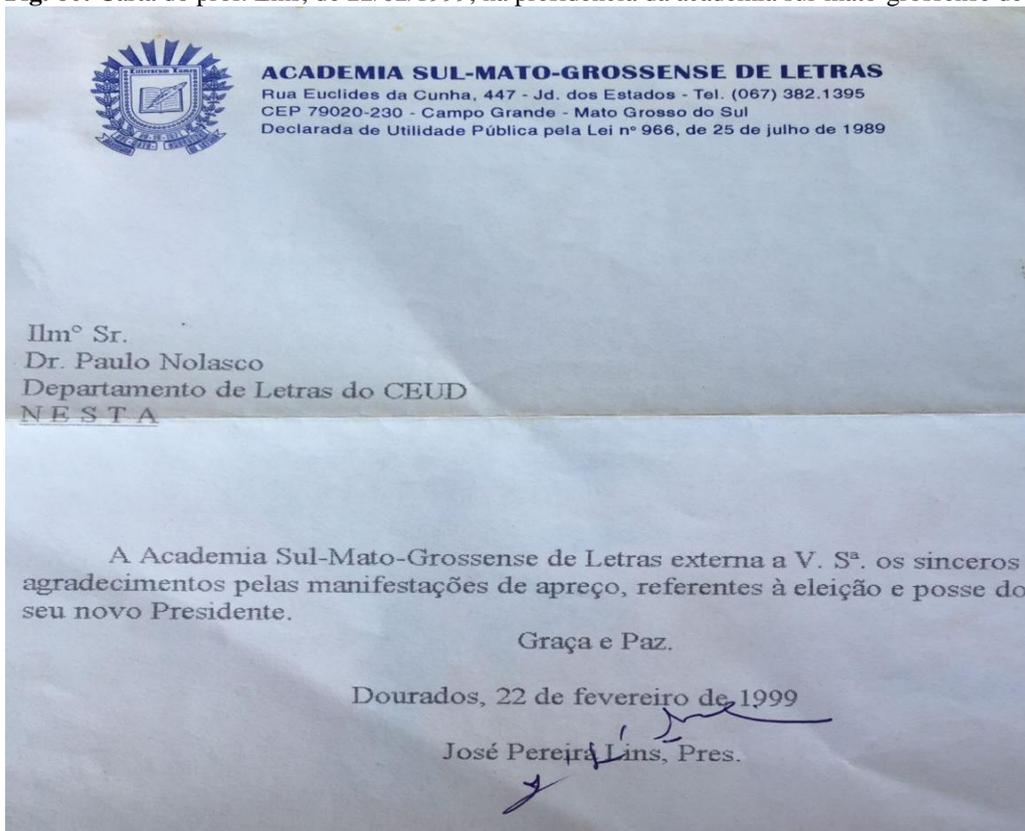


**Fonte:** Imagem fotográfica em câmera digital do professor Paulo Nolasco.

Como se vê na figura acima, o professor Paulo Nolasco não aparece ao lado dos professores Alexandra, Bungart e Gregório. O registro em câmera não o enquadrava na fotografia.

Nas três figuras a seguir, recuperamos, ainda constantes do arquivo do professor Paulo, imagens dos documentos estritamente de seu acervo pessoal, que refletem a singularidade da amizade e filiação entre os dois professores: a figura 60 demonstra a atenção do professor Lins em agradecer os cumprimentos recebidos pela sua posse na academia sul-mato-grossense de Letras, em carta endereçada ao professor Paulo Nolasco, assinada em 22 de fevereiro de 1999.

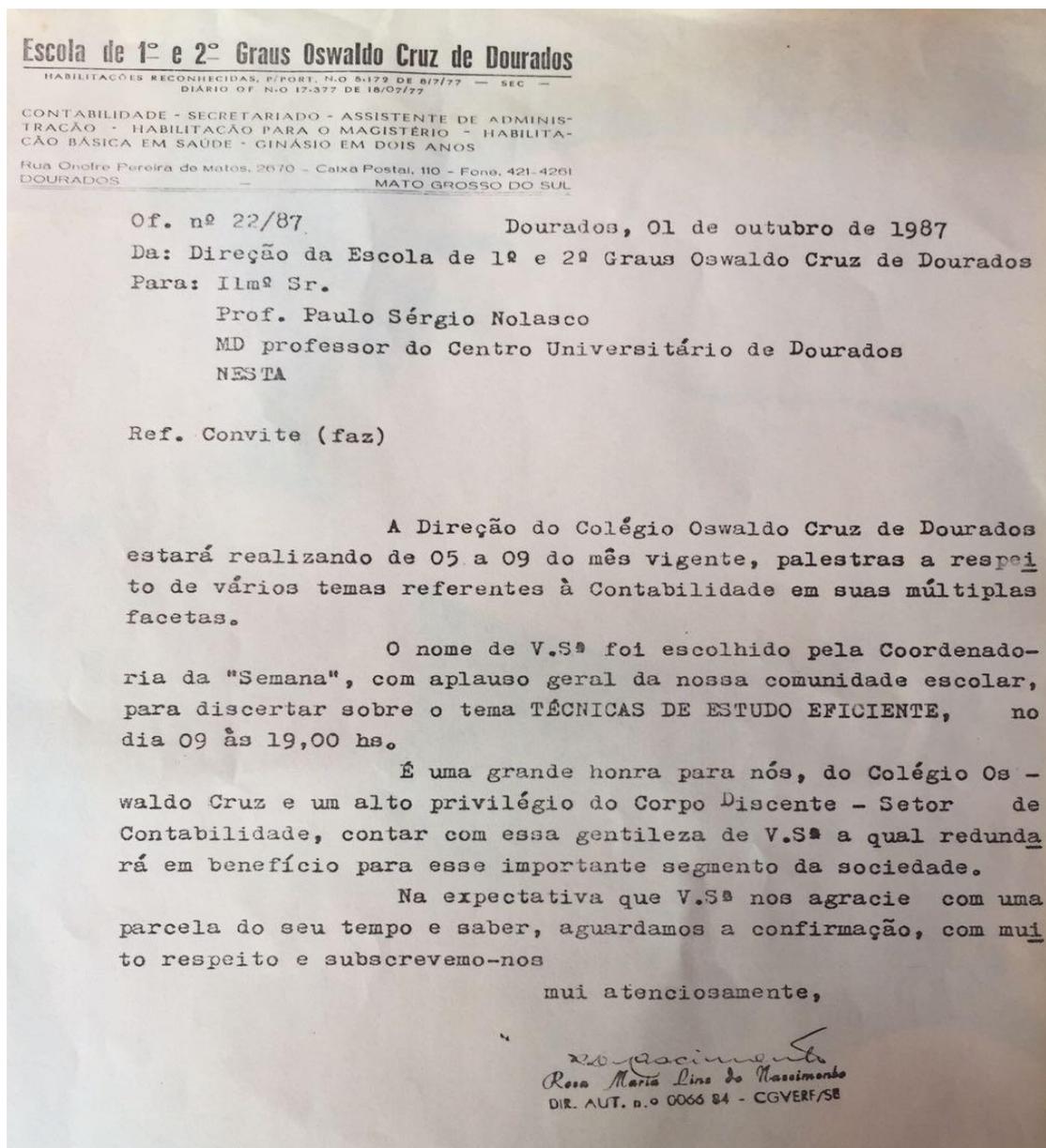
**Fig. 60:** Carta do prof. Lins, de 22/02/1999, na presidência da academia sul-mato-grossense de Letras



**Fonte:** Imagem fotográfica em câmera digital, de nossa autoria, extraída diretamente do acervo pessoal do professor Paulo dos Santos, em 02/01/2017.

Já a figura 61, traduz-se no ofício, carta-convite, em que o professor Lins dirige um convite gentil e elogioso para que o professor Paulo ministrasse palestra em seu renomado colégio Osvaldo Cruz de Dourados, o que, depois de atendido o convite, veio agraciado numa carta de agradecimento, que o professor Paulo guarda com muito carinho e zelo.

**Fig. 61:** Carta-convite – of. 22/87, de 01/10/87, do colégio Osvaldo Cruz de Dourados



**Fonte:** Imagem fotográfica em câmera digital, de nossa autoria, extraída diretamente do acervo pessoal do professor Paulo dos Santos, em 02/01/2017.

A figura 62, por sua vez, é uma imagem dos certificados de conclusão de curso emitidos pelo colégio Osvaldo Cruz de Dourados e que traz a assinatura do professor Lins, que neste caso ilustrativo outorgou certificado de 2º grau ao professor Paulo Nolasco.

**Fig. 62:** Certificado de conclusão de curso do Osvaldo Cruz de Dourados, assinado pelo prof. Lins

  
**TÉCNICO EM CONTABILIDADE**  
 Aut. p/ Port. n.º 33 61/MEC  
 Rec. p/ Port. n.º 5.172 de 08-07-77/SEC  
 D.O. n.º 17.377 de 18-07-77

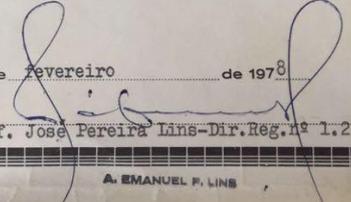
**Sec. em Assist. de Administração**  
 Aut. n.º 38/75/DIAE/DE - Rel. p/ Dec. n.º 949/76  
 Rec. p/ Port. n.º 5.172 de 08-07-77/SEC  
 D. O. n.º 17.377 de 18-07-77

**CERTIFICADO DE CONCLUSÃO DE CURSO**  
**CENTRO EDUCACIONAL OSVALDO CRUZ DE DOURADOS**  
 Criação: Portaria n.º 103 de 18/02/55 da D. E. S.  
**Dourados** **Mato Grosso**

O Diretor do **Centro Educacional Osvaldo Cruz de Dourados**, de acordo com o art. 16 da Lei n.º 5.692/71, confere a Paulo Sergio Nolasco dos Santos, filho de Paulo dos Santos e de Zilda Nolasco dos Santos, natural de Dourados, Estado de Mato Grosso, nascida a 1º de junho de 1.958, o presente certificado de conclusão de 2º Grau, tendo em vista os termos de sua aprovação na Terceira série do Curso Téc. de Contabilidade, concluído no ano de 1.977, para que possa gozar de todos os direitos, regalias e prerrogativas concedidas a este título pelas leis do país.

Dourados - Mato Grosso, 10 de fevereiro de 1978

Cladir Moraes  
 Cladir Moraes - Sec. Reg. n.º 3.866

  
 Prof. José Pereira Lins - Dir. Reg. n.º 1.236  
 A. EMANUEL P. LINS

**Fonte:** Imagem fotográfica em câmera digital, de nossa autoria, extraída diretamente do acervo pessoal do professor Paulo dos Santos, em 02/01/2017.

Tento em vista o foco de nossa análise, sobretudo os documentos acessados em arquivo e biblioteca particulares, no que se refere ao percurso e história de vida do professor José Pereira Lins, torna-se ainda fundamental pensar nos Estudos Culturais e em seus desdobramentos entre literatura e sociologia. No ensaio “Uma outra compreensão da realidade”, Richard Miskolci (2015) elabora significativa síntese das ideias contemporâneas e dos nossos objetos de estudo:

Em outras palavras, se os temas explorados pelos Estudos Culturais e Pós-coloniais na esfera de língua inglesa tivessem envolvido apenas a literatura, aqui os mesmos nos incitariam a explorar outras formas de expressão cultural mais abrangentes e populares. Mas não é o que se passou. Desde a ascensão de Stuart Hall nessa linha, a partir de 1968, os Estudos Culturais expandiram seu escopo para a pesquisa das mídias contemporâneas e reforçaram o debate teórico que reconhece a centralidade cultural na vida social desde, ao menos, a segunda metade do século 20. Constatação que pouco ecoou na sociologia dos trópicos (MISKOLCI, 2015, p. 30).

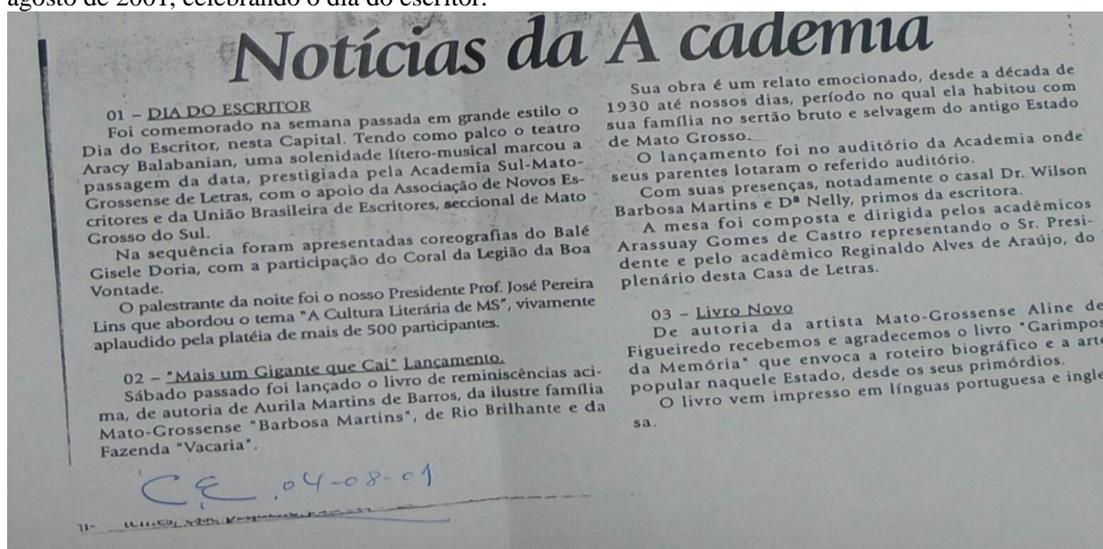
Nessa citação, o estudioso fundamenta o vigor dos estudos culturais e de sua validade para os estudos de cultura, na atualidade. Na sequência, em trecho também

significativo, Richard Miskolci sublinha em seu representativo texto o vigor e a produtividade de diversificados objetos de estudos bem como de uma renovada perspectiva que, hoje, podem ser lançados como rede de apreensão no campo dos Estudos Culturais e pelo viés da transdisciplinaridade:

Obras literárias como cartas e memórias, mas também outras fontes, como fotos e relatos orais, nos trazem uma perspectiva vivida de fatos que a história e as ciências sociais tenderam a reduzir ao objetivo, apagando seu conteúdo subjetivo, muitas vezes ambíguo, às vezes de resistência e outras raras vezes de simples rebelião. Em comum, essas abordagens alternativas trazem ruído às narrativas monolíticas e certeiras sobre o que se passou ou vivemos em nosso presente. A dissonância e a ambiguidade adentram a cena problematizando as ambições de coerência e racionalidade férreas que ainda tendem a reger as pesquisas (MISKOLCI, 2015, p. 31).

Diante disso, formulamos a nossa leitura dos documentos, notas de jornais que compreendem o arquivo que vimos analisando, e dentre os quais destacam-se as reproduções a seguir:

**Fig. 63:** Nota da academia publicada no Jornal *Correio do Estado*, assinado pelo professor Lins, em 04 de agosto de 2001, celebrando o dia do escritor.



**Fonte:** Imagem fotográfica em câmera digital, de nossa autoria, extraída diretamente do acervo pessoal do professor Paulo dos Santos, em 6/01/2016.

Esta notícia foi de grande repercussão, pois o professor Lins, como presidente da ASL, comemorou o dia do Escritor em grande estilo, realizando uma palestra em Campo Grande, no Teatro Aracy Balabanian, e abordando o tema "A cultura Literária de MS", pelo que foi aplaudido por uma plateia de mais de 500 pessoas. Nesse sentido, ainda no mesmo dia, o professor Lins fez homenagens especiais a Sul-mato-grossense Aurila Martins de Barros, que lançou o livro *Mais um Gigante que cai* e também da artista Aline de Figueiredo, *Garimpos da Memória*. O dia do Escritor foi, assim,

marcado por muitas comemorações, pois os familiares dos diversos escritores do Estado estiveram no evento, com o auditório lotado.

Vale lembrar que em forma de agradecimento ao jornal *Correio do Estado*, pela repercussão do evento do dia do Escritor, os Acadêmicos da ASL, Júlio Guimarães, Reginaldo Araujo, Arassuay Gomes de Castro, como também o Presidente José Pereira Lins, estiveram na sede do jornal, e foram recebidos pelo diretor-presidente, professor J. Barbosa Rodrigues. Na oportunidade, conversaram a respeito da Academia. O professor Lins agradeceu a grande contribuição de J. Barbosa, que fundou a Academia de Letras e História de Campo Grande, em 1961, transformada na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras depois da divisão de Mato Grosso (1977), e que conquistou seu espaço definitivo.

Em nota do Jornal *Correio do Estado*, de 13 de novembro de 1998 (**fig. 64**), lê-se importante artigo do professor Lins, no qual discute os usos e criações de neologismos. A relevância do artigo prende-se ao fato de o professor Lins referir-se à poética do escritor Lobivar Matos como adjetivo substantivado “Lobivariana”, dizendo estar usando pela primeira vez esta adjetivação que, segundo ele, estaria se apropriando de uma prática de escrita do professor Paulo Nolasco, como se lê na escrita dedicatória do professor Lins, que assim anotou sobre a página do jornal: “Doutor Paulo: mande patentear o seu neologismo, bem feito e apropriado. Já comecei a difundi-lo. O propósito dessa crônica teve apenas essa finalidade. Farei sempre referência ao fato. Abraço do (assina o professor Lins)”.

**Fig. 64:** Nota do Jornal *Correio do Estado*, de 13 de novembro de 1998, no qual se publicou o artigo “Neologismos”, do professor Lins.

*De Paulo;*  
 Maluco, polêmico o seu neologismo; já começa a difundir-se. O propósito é apenas uma expressão vivazidade. Fani sempre infelizmente.

**CORREIO DO ESTADO**  
 Jornal Diário do Mato Grosso do Sul  
 SEXTA-FEIRA – 13 DE NOVEMBRO DE 1998

José Pereira Lins  
**Neologismos**



Enquanto o fanatismo exagerado e insustentável prima pelo uso do termo clássico, alegando que Gil Vicente empregou, Camões disse, Vieira citou e Rui Barbosa repetiu, a criação de um neologismo bem feito traz a fala o viço de uma flor exótica, que pela primeira vez deslumbra o nosso olhar.

A beleza de um neologismo está na graça da espontaneidade quando surge, em ocasião oportuna, seja no discurso de homens de letras, seja na linguagem improvisada das crianças e mesmo no Jargão do operário em sua clã.

De certa vez perguntaram a Coelho Neto onde estava a irrequieta menina que, com a meiguice dos pequeninos, costumava pular no colo dos visitantes, e ele, em resposta, disse pausadamente “Ela está na sala de música dó-ré-mi-solando ao piano”. Esse precioso neologismo, forte e preciso, valeu apenas para aquela ocasião. Todavia, há outros que ficam e vão para o “aurélio”. Há alguns que, momentaneamente, servem de “gozação” mas abrem espaço e tendem a ficar, abrindo “veredas” para inúmeros outros, como os que agora pertencem à família do “imexível”, dado à luz pelo desavisado Ministro.

Não há língua viva, por mais rico que seja o seu vocabulário, que não necessite de novas palavras ou termos, em substituição a antigos e a outros desaparecidos, por motivos vários, cuja exumação seria nociva. Chegamos a conclusão “que o neologismo é uma fatal necessidade, e os rebates dos puristas, só conseguem impedir o complemento natural de uma lei inexorável da linguística”, pois que não são criados em laboratórios, porém nas ruas e praças, nos salões de gala, nos becos e vielas e onde quer se faça a oportunidade. Ora, ele surge filho da índole de um povo e da sua fala.

Rui Barbosa é de parecer que “quando nos reconhecem o direito de cunhar em sendo bem cunhados, vocábulos novos, para significar novas idéias, ou idéias correntes, de que não dispúnhamos”, ... damos à oração o sentido que desejamos ressaltar.

Lobivariana deve ser a literatura que trate do poeta Lobivar Matos, ou que emane dele, à semelhança de tantos outros neologismos originários das celebridades a quem se refere o articulista ou palestrante.

Assim, o neologismo é uma das mais poderosas forças de expressão: dá vivacidade e dinamismo à conversação, ou à escrita. Mal feito é ridículo e desprezível. Não merece acolhimento.

A língua, como organismo vivo, nasce, cresce, transmigra, reproduz-se. Renova as suas células com os neologismos; ou as mata e sepulta com os arcaísmos.

Nunca exorcisar os verdadeiros neologismo, senão no devido tempo e quando necessário.

**Fonte:** Imagem fotográfica em câmera digital, de nossa autoria, extraída diretamente do acervo pessoal do professor Paulo dos Santos, em 16/08/2015.

O artigo “Neologismos”, de autoria do professor Lins, retrata também a evocação dos discursos dos homens de Letras que, nas linguagens, representavam marcantes usos de neologismos, através de palavras improvisadas. Num exemplo, citou o intelectual e político Rui Barbosa pela criação de um neologismo que traz a flor exótica que se deslumbra no nosso olhar, como o viço de uma fala. Nisso, percebemos que o professor Lins registrou não ser necessário o uso de uma boa linguagem para a evocação de um amigo, e sim a humildade de querer homenageá-lo, seja como for, uma vez que: “A língua, como organismo vivo, nasce, cresce, transmigra, reproduz-se. Renova as células com os neologismos” (LINS, 1998, *op. cit.*), ou seja, os vocábulos foram criados para traduzir uma ideia, todavia, essa ideia somos nós que atribuímos o sentido que queremos. Portanto, o professor Lins tentou recuperar os usos de neologismos muito presentes nas falas dos seus amigos, confrades da Academia, como também na obra “lobivariana” e referindo-se a pessoas de sua época.

O uso de termos ligados à linguística, à gramática, aos renomados escritores Coelho Neto, Camões, Rui Barbosa, Gil Vicente, demonstra a formação do professor Lins e sua preferência pela língua culta e seu gosto por criação de termos novos na sua produção literária, a exemplo, o termo “lobivariana”, criado por ele na ocasião em que escreveu em seu livro *Lobivar Matos – o Poeta Desconhecido* (1994). O professor Lins joga com as palavras para justificar as camadas sociais presentes na sociedade, uma vez que, convivia com pessoas ligadas a “homens de Letras”; com “crianças e mesmo no jargão do operário em sua clã” (LINS, 1998, *op. cit.*).

Este subitem, como dissemos, trata-se de alguns dos arquivos inéditos do professor José Pereira Lins, materiais arquivados na biblioteca pessoal do professor Paulo Nolasco dos Santos. Frequentemente, alguns dos recortes de jornais (Cf. **fig. 54, 56, 57**) não trazem data e nem números de páginas, pois foram armazenados apenas as notas que se referiam à figura do professor Lins, de modo muito pessoal e particular. Tentamos procurar, no site do Jornal *Correio do Estado*, a matéria inteira da notícia daquele dia, porém, sem êxito, pois já foram retiradas para acesso público atualmente. Então, exploramos a imagem apenas no que tínhamos em mãos, que se referiam ao professor Lins em seu trabalho na ASL, como Presidente, onde contribuiu com a criação da nova entidade na cidade de Campo Grande, capital do Estado. Também tivemos conhecimento dos diversos eventos que coordenou, para assim, conseguirmos várias impressões e aproximações dos seus arquivos, que, explicitaremos melhor no próximo subitem.

### 3.2 Impressões e Aproximações do Arquivo do Professor

Sempre Arquivamos as nossas vidas em função de um futuro leitor autorizado ou não (nós mesmos, nossa família, nossos amigos ou ainda nossos colegas). Prática íntima, o arquivamento do eu muitas vezes tem uma função pública. Pois arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte. (Phillippe Artières, “Arquivar a própria vida”, 1998, *Apud* MINÉ, Elza, 2014, p. 172).

Este subitem discorre acerca das nossas impressões e aproximações dos arquivos do professor Lins, registra cenas de passagens relacionadas às histórias, memórias, imagens fotográficas de eventos e a relação do arquivo com a trajetória pessoal deste pesquisador. Registra-se, também, neste subitem, as impressões pessoais advindas de encontros com pessoas ligadas ao professor Lins, relacionadas à educação, à política, à religião e à Academia Sul-mato-grossense e Douradense de Letras, entre outros.

A nossa aproximação com o arquivo do professor Lins deu-se não só na Iniciação Científica PIVIC, orientado pelo professor Paulo Nolasco, no ano de 2014, bem como em projeto de extensão PIBID/Programa Institucional de Bolsista de Iniciação à Docência, coordenado pelas professoras Alexandra Santos Pinheiro e Edilaine Buin, e em participações de eventos com apresentação e publicação de trabalhos, realizados na UFGD, UNIGRAN, UFMS, UEMS, UNIOESTE, e ainda vale destacar a nossa primeira viagem ao exterior, na Universidad de Santiago de Chile (USACH), no Congresso JALLA-E, entre outros. Essa aproximação dos arquivos do professor Lins deve-se ao fato de ser um notável escritor e erudito sul-mato-grossense, de reconhecidos serviços prestados à educação e às Letras Sul-mato-grossenses.

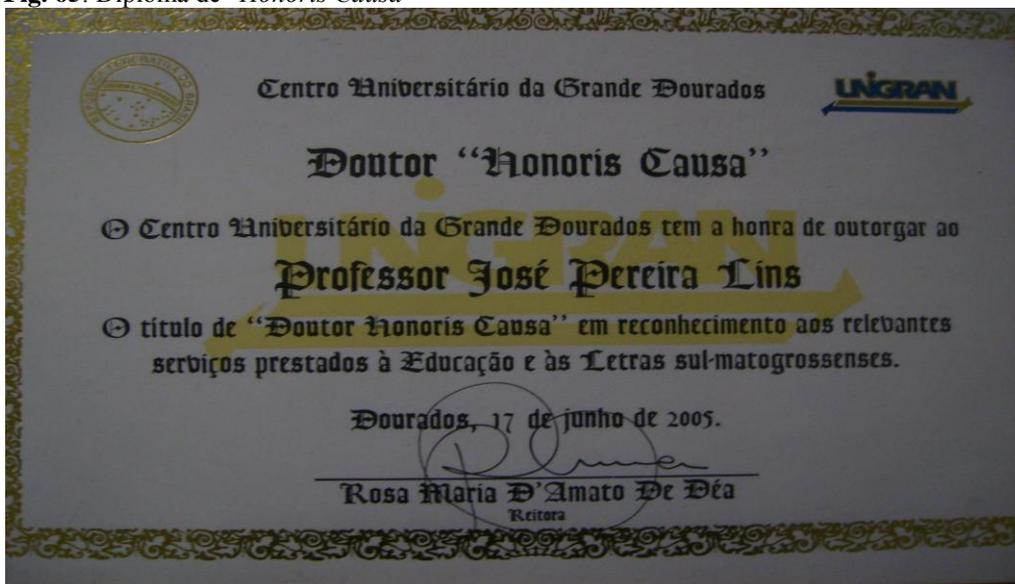
A inserção nos arquivos do professor Lins adveio, mais ainda, após a nossa participação no evento do NECC<sup>78</sup>, cujo encerramento se deu no dia 27 de Junho de 2014, no Anfiteatro do LAC da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, o ministrante, professor e crítico literário reconhecido mundialmente, Silviano Santiago<sup>79</sup>, compareceu pela primeira vez à capital de Campo Grande para abordar o tema: “A Literatura Brasileira da perspectiva Pós-Colonial (Depoimento)”. Vale lembrar, pois,

<sup>78</sup>O evento III Colóquio NECC (Núcleo de Estudos Culturais Comparados): Entre lugares pós-coloniais, ocorrido no período de 9 de maio a 27 de junho de 2014, foi coordenado pelo professor Edgar Cézár Nolasco.

<sup>79</sup>Silviano Santiago nasceu em 1936, em Formiga, Minas Gerais, e vive hoje no Rio de Janeiro. É ficcionista e crítico literário.

uma das frases de Silviano, ao responder à pergunta a respeito de “quais pesquisadores escolher para a realização de uma pesquisa”, sendo a resposta do professor Silviano, objetiva e despertando o interesse, ao afirmar que “você não escolhe o pesquisador, você é escolhido por ele”. De imediato, a frase foi de grande impacto, pois não somos nós que escolhemos a quem pesquisar, e sim somos escolhidos pelos objetos e sujeitos que deixaram suas ricas fortunas críticas, como parece ser o caso do professor José Pereira Lins. No caso dos arquivos do professor Lins, que além de notável escritor e erudito sul-mato-grossense, *Doutor Honoris Causa*<sup>80</sup>, concedido pelo Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN), em 17 de Junho de 2015, pelo reconhecimento aos serviços prestados à educação e às Letras Sul-mato-grossenses, como se pode observar na imagem a seguir:

**Fig. 65:** Diploma de “*Honoris Causa*”



**Fonte:** Imagem fotográfica em câmera digital, de nossa autoria, extraída diretamente do acervo pessoal do Professor José Pereira Lins, em 10/06/2016.

O contato que realizamos com a fortuna crítica do professor Lins deixa transparecer que este conseguiu expressar e deixar registrado, por meio de seus livros, a importância de recuperar as produções literárias ao longo da história e assim se tornou o grande nome da literatura e da poesia do Estado, com uma vida dedicada à educação e à extrema paixão pelos livros.

<sup>80</sup>O título de *Doutor Honoris Causa* foi concedido pelo Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN), em 17 de Junho de 2005, que resultou em um texto definitivo oferecido para as professoras Dotoras Eliane Fernanda Cunha Ferreira e Terezinha Bazé de Lima: Discurso de agradecimento pelo título de *Doutor Honoris Causa* proferido pelo Prof. José Pereira Lins no anfiteatro do Centro Universitário da Grande Dourados – UNIGRAN, em 17 de junho de 2005, 8 f.

As aproximações que tivemos com alguns dos documentos, inclusive manuscritos, como, por exemplo: o “Dossiê” Lobivar Matos, do dia 29 de outubro de 1998, o qual o professor Lins pronunciou por ocasião no VI Ciclo de Literatura no Centro Universitário de Dourados (CEUD), demonstram que o professor Lins pautou sua vida exclusivamente dedicando-se à língua Portuguesa e à Literatura, mormente a literatura regional, tanto que deixou de legado um “dossiê” de seu amigo e dileto escritor Lobivar de Matos.

Não é demais enfatizar que o professor Lins dedicou um longo período de sua vida a pesquisar sobre a vida e as obras do poeta Lobivar Matos, seja em viagens de pesquisa, consultando arquivos de jornais, bibliotecas, antigas livrarias (sebos) e na sondagem de parentes longínquos, revelando-se ele próprio o maior interessado e arquivista da obra de Lobivar.

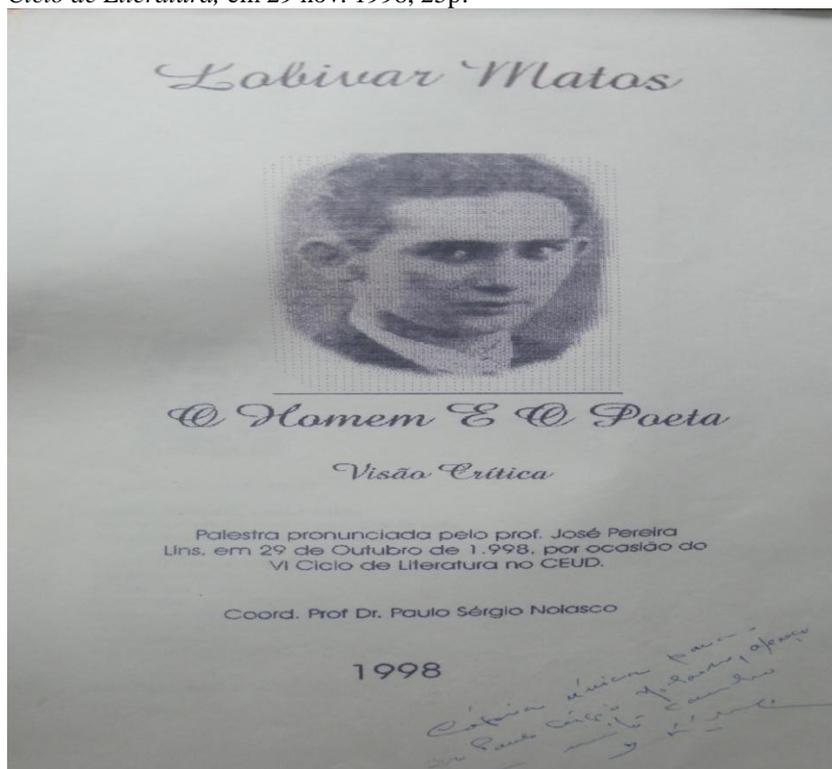
De sua biblioteca saíram as anotações e fichamentos que deram origem às pesquisas e, enfim, aos *corpora* reveladores do poeta-escritor, de tal forma que se pode reconhecer, por meio da figura do professor Lins, pesquisador e “sombra” do outro, “o poeta desconhecido” (cognome de Lobivar Matos), que, para sorte de outros tantos pesquisadores, como nós mesmos, ganhou estatura e fortuna crítica, já bem conhecido e reconhecido hoje em dia. A vida de um e outro intelectual tecem correspondências de tal forma que, visitar a obra de Lobivar, sem considerar os fios que entretecem um e outro nome, com mais veemência a partir de hoje, resultaria em sacrilégio à que nenhum “arquivista” seria poupado<sup>81</sup>.

A imagem abaixo refere-se ao “Dossiê”, um dos arquivos do professor Lins, considerado como espelho-reflexo do olhar do pesquisador e biografia do poeta (objeto da pesquisa):

---

<sup>81</sup>Cf. “Acervo e Memória do Professor José Pereira Lins”, dos autores Paulo Sérgio Nolasco dos SANTOS; Luciano Primo da SILVA. *Guavira Letras*, n. 18, jan-jul. 2014.

**Fig. 66:** Imagem “Dossiê” Lobivar Matos. Palestra apresentada pelo professor José Pereira Lins, no VI Ciclo de Literatura, em 29 nov. 1998, 25p.



**Fonte:** Imagem fotográfica em câmera digital, de nossa autoria, extraída diretamente do “Dossiê” do professor Lins, no dia 1/06/2015.

Nesse “Dossiê”, dividido em dez temas a respeito da visão crítica de Lobivar Matos, retratam-se (i) traços biográficos do Poeta; (ii) Antecedentes literários; (iii) contextos; (iv) Poeta socialista; (v) Crítico contundente; (vi) Contista amargo e inédito; (vii) Miséria e arte na obra Lobivariana; (viii) Prostíbulos: Templos de elevação espiritual; (iv) Conclusão; (x) Espaço aberto. O intuito do trabalho do professor Lins foi o de reviver no “poeta desconhecido”, como sendo o duplo de si, na esperança “de uma urgente reedição das obras de Lobivar Matos. A hora e a vez de Lobivar Matos só terá chegado plenamente quando toda a sua obra puder ser lida e divulgada” (LINS, 1998, p. 23). O professor Lins, trabalhou as obras de Lobivar como objeto não fechado, e sim com interpretações diferentes e várias modificações, na realização de correções de erros de edições e mudanças processadas pelo autor, em sua obra.

Após o contato com acervo do professor Lins, tivemos a impressão de que o referido professor foi o único pesquisador que reservou um espaço de sua biblioteca pessoal para armazenar as fontes primárias do arquivo do poeta Lobivar, como, também, fez repercutir em palestra apresentado no VI Ciclo de Literatura, coordenado pelo professor Paulo Nolasco, que teve por ocasião no ano de 1998, vários intelectuais

para discutirem as produções literárias dos escritores sul-mato-grossenses, dentre eles, o convidado especial:

O professor Dr. José Pereira Lins tinha sido convidado para discorrer sobre a vida e a obra do poeta Lobivar Matos. Àquela altura, parecia que o “nome” Lobivar era uma exclusividade própria da biblioteca do eminente professor, que, como se soube depois, tinha dedicado um longo período de sua vida pesquisando a vida do poeta e reunindo um farto e valioso acervo em torno de sua obra (SANTOS; ALVES, 2013, p. 350).

O texto da palestra apresentado pelo professor Lins, no ano de 1998, foi publicada na obra organizada pelo professor Paulo Nolasco em *Ciclos de Literatura Comparada* (2000), como consta no título do ensaio “Lobivar Matos: O homem e o Poeta – visão crítica” (LINS, 2000, p. 94-116).

Vale destacar que a relação do professor Lins com o professor Paulo Nolasco era de um grande apreço dada as aproximações que tinham com a literatura e a presença nos eventos e nas palestras na UFGD. Em entrevista que tivemos com a professora Neide Teno, em mais de uma vez, houve depoimentos de que o professor Lins declarava sua admiração pelo professor Paulo Nolasco: “Já passou da hora do Paulo ser membro da Academia Sul-mato-grossense de Letras e da Academia Douradense de Letras, porque ele é o maior pesquisador da Literatura Comparada e tem amor no que faz”<sup>82</sup>. Em outros momentos, na entrevista, Teno depõe que o professor Lins sempre solicitava que a mesma convidasse o professor Paulo para um chá na casa dele para conversarem sobre Literatura e Lobivar de Matos.

Certificamos, também, que essa relação do professor Lins de amizade e afeto estendia-se a Neide Araujo Teno, tanto que sua relação possibilitava “caronas” até os sebos da cidade, em livrarias e em eventos regionais, como, por exemplo, viagem para cidade de Itaporã/MS, na ocasião na qual foi homenageado pela Prefeitura Municipal de Itaporã, em parceria com a Academia Sul-mato-grossense de Letras.

Nessa perspectiva, sabemos que muitos dos arquivos do professor Lins, referentes ao poeta Lobivar Matos, como também todo o seu acervo, em torno de mais de 8 (oito) mil títulos de livros, foram adquiridos pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), como mostramos a imagem da “Coleção professor Lins”:

---

<sup>82</sup>Entrevista realizada com a prof. Dr<sup>a</sup> Neide Araujo Castilho Teno, na ocasião do recolhimento de dados referentes a vida e obra do professor José Pereira. Em junho de 2015.

**Fig. 67:** A “Coleção professor Lins”, reservado no andar superior da biblioteca Central da UFGD.



**Fonte:** Imagem digital de nossa autoria, extraída da Biblioteca Central da UFGD, no dia 09/06/2016.

Daí se depreende o cuidado que o professor Lins teve com as suas obras literárias compostas, em sua biblioteca pessoal, no espaço “Coleção Professor Lins” desde 2012, na biblioteca central da UFGD, que compõe mais de oito mil títulos de obras raras. Ali, pode-se ter acesso ao “Relatório da investigação acerca das condições do acervo professor José Pereira Lins” (2009), onde constam as obras cotadas e os valores estimados de cada obra. Nisso, como leitor, escritor e crítico literário que foi o professor Lins, mostramos alguns de suas “famílias literárias”, estimado nos valores de cada obra<sup>83</sup>.

Observamos que, *a priori*, o acervo do professor Lins só foi colocado nas estantes, reservado, da biblioteca Central da UFGD, não está classificado, não está dividido por área, não foi tombado, ou seja, os pesquisadores, como nós, só podemos

---

<sup>83</sup>Cf. RELATÓRIO da investigação acerca das condições do acervo do professor José Pereira Lins. *Diário oficial da União* seção 3. Dourados, MS: Fundação Universidade Federal da Grande Dourado, 24 abr. 2009. Cedido pelo Coordenador da Biblioteca Central da UFGD, Paulo Gonçalves de Araujo, no dia 11 de novembro de 2015, conforme registramos o requerimento dos documentos que listamos (Cf. **Anexo 1**).

fazer pesquisa desses livros, no local<sup>84</sup>. Nesse sentido, em entrevista com a bibliotecária Maria Isabel<sup>85</sup>, que acompanhou o processo de levantamento técnico de compra do

---

<sup>84</sup>Diante disso, as informações de nossas pesquisas realizadas na “Coleção Professor Lins”, no dia 20 de junho de 2016, aos quais constatamos que o seu acervo encontra-se no andar superior da Biblioteca Central da UFGD, ao lado das salas: coordenadoria, sala 01; secretaria administrativa, sala 02; e seção de processamento técnico, sala 03; em que consta 4 (quatro) prateleiras divididas em 8 (oito) seções, sendo uma prateleira para duas seções.

Nesse sentido, apesar de o nosso levantamento não ser exaustivo, destacamos os livros presentes nas oito seções estão organizados nas seguintes maneiras, ou seja, registramos algumas obras, coleções completas, enciclopédias, dicionários etc., de cada seção: da prateleira 1 (um), na fileira de baixo para cima, da direita para a esquerda, estão as obras completa do Padre Manuel Bernardes (volume I a V); as 21 coleções de vários personagens como José Bonifácio, entre outros, reunidos pela coleção “Biblioteca do pensamento vivo”; as 17 coleções de grandes personagens de todos os tempos, da “Biblioteca de História”; as 4 obras de José de Alencar, como *Iracema* (1979); as 12 obras de Christian Bernadac; os 3 volumes de Ferreira de Castro; ou seja, a prateleira 1 (um), se organiza por coleção de obras completas dos diversos autores. Já na 2º (segunda) seção, estão as 61 obras da coleção Biblioteca dos Prêmios Nobel de Literatura, patrocinado pela Academia Sueca e pela Fundação Nobel, entre muitas outras coleções e obras de variados autores;

Na 2º (segunda) prateleira, da 3º (terceira) seção, continua a organização por coleções, aos quais encontram-se: os 16 volumes da *Enciclopédia Barsa*; os 18 volumes do *Tesouro da Juventude*; os 14 volumes da *História das Américas*; os 13 volumes da *Enciclopédia do século XX*; os 5 volumes da *História da Literatura Brasileira*; os 6 volumes da *História da Humanidade*; as 16 coleções da obra *Alvorada da Vida*; os 5 *Dicionário de Literatura*; as 5 coleções de *Contabilidade Modernas Técnicas*; as 3 *Enciclopédia de La Música*; as 10 coleções de R. Magalhães Júnior; as 9 coleções de Josué de Castro; as 26 coleções das obras de Machado de Assis; entre outros. Já na 4º (quarta) seção, estão os 5 volumes das obras completas *Os Lusíadas* (1573), de Luiz de Camões; as 6 coleções de Paulo de Q. Duarte; as obras completas de Jorge Luiz Borges; os *Estudos da Língua Portuguesa*, de Julio Moreir; entre outras.

Na 3 (terceira) prateleira, da 5º (quinta) seção, estão as 2 coleções *A segunda Guerra Mundial*, de Raymond Cartier; os 21 volumes da *Revista de Língua Portuguesa*, dirigida por Laudelino Freire; os 4 volumes da *Enciclopédia Mirador Internacional*; os 4 volumes da *Enciclopédia Brasileiro Globo*; os 4 volumes *Dicionário Enciclopédico ilustrado FORMAR*; a obra *Noções fundamentais da Língua Portuguesa*, de Napoleão Mendes de Almeida. Já na 6º (sexta) seção, estão os 20 volumes da *Enciclopédia Mirador Internacional*; os 23 volumes da *Encyclopédia Britannica*; os 12 volumes da *Grande Enciclopedia Delta Larouse*; os 11 volumes da *Encyclopedia e Diccionario Internacional*; os 12 volumes da *Colorama Enciclopédia Universal Ilustrada*; os 20 volumes da *Enciclopédia Brasileira Mérito*; os 10 volumes da *Coleção Titãs*, de 1957; os 10 volumes da *Nova Enciclopédia Brasileira de Consultas e Pesquisas* (1986-87); os 4 volumes de *História das Américas*, de Douglas Michalany (1966); os 6 volumes de *Prática de Psicologia Moderna* (1970), coordenação Leonardo Pereira Lima; os 10 volumes *Moderno Dicionário Brasileiro* (1979); os 11 volumes *Conhecer* (1971), entre muitos outros.

Na 4 (quarta) prateleira, da 7ª (sétima) seção, estão os 20 volumes da *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros* (1960); os 9 volumes de *O mundo Pitoresco* (1964), de W. M. Jackson; os 9 volumes de *Summa Theologica* (1962), de S. Thomae Aquinatis; a obra *A Revolução Liberal de 1842*, de Aluisio de Almeida (1944); os 2 volumes da *História Administrativa do Brasil* (1950), de Almir de Andrade; a obra *Grandes Soldados do Brasil* (1950), de Lima Figueiredo; os 5 volumes do *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 8º edição 2003, de José Pedro Machado; a obra *História da Inteligência Brasileira* (vol. I, 1550-1794), de Wilson Martins, publicado em 1977; a obra *História da Inteligência Brasileira* (vol. IV, 1877-1896), de Wilson Martins, publicado em 1977-78; revistas TEXTOS, de 1976-1977; revista da Academia Piauiense de Letras (1998); os 17 números da revista da Academia da Academia Sul-mato-grossense de Letras (2010); revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (1998); revista da Academia de Letras da Bahia, nº 40, 1994; entre outros. Já na 8ª (oitava) seção, estão os discos; vídeos cassetes, como *História de Vida em Mato Grosso do Sul* (1990); *O deserto Florescerá, História Geral da Arte – Grandes Gênios da Pintura Bosh e Brueghel* (1995); *Amazônia – Um guia para o país das águas, História Bíblica*; revistas *Arauto* - da Academia Sul-Mato Grossense de Letras; jornais *O progresso*; Dissertações de Mestrado; Relatórios de Pesquisa; Monografias; Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC); Manuscritos de livros; fotocópias de livros; anotações, entre outros. Na parede configura a obra rara da imagem do poeta Lobivar Matos, ilustrado por Isabel Cristina, em 1994.

acervo, em 2009, relata que o acervo do professor Lins foi uma aquisição da biblioteca da UFGD, por meio de edital, e que “a ideia é de manter como circulação restrita”.

Relata, também, o Chefe de formação e desenvolvimento de acervo, Anderson Ávila Piassarollo<sup>86</sup>, que o acervo foi retirado diretamente da residência do professor Lins, e transportado de caminhão próprio da Universidade, após o seu falecimento, ou seja, foi no 2º (segundo) período da greve, meses antes da mudança e inauguração do prédio da biblioteca, ocorrido no mês de outubro de 2012. Como descrevemos da entrevista: “Os livros saíram da casa dele, pra cá, de caminhão, quem fez o transporte foi eu, o Adenilson, o Cícero e o Evangelista, todos técnicos da biblioteca, e mais alguns terceirizados, em duas viagens”, finaliza.

De acordo com Cícero Gomes de Souza Junior<sup>87</sup>, o acervo do professor Lins não foi encaixotado, veio em cima da carroceria do caminhão, coberto por uma lona, pois estava garoando, e por ordem de sequência, como descrevemos a metodologia de que eles fizeram o transporte de uma biblioteca para outra: “A gente pegou os livros na ordem e sequência do jeito que estava na estante da casa do professor Lins, e colocamos em cima da carroceria do caminhão, coberto por uma lona, mantendo a mesma ordem organizada pelo professor”, finaliza.

Também encontramos valiosos estudos referentes às comemorações dos 40 anos do Curso de Letras da UFGD, ilustradas com um concurso literário que homenageou o professor Lins (Concurso literário José Pereira Lins), realizado em 2011<sup>88</sup>, cuja comissão foi presidida pelo professor Paulo Bungart Neto, da Faculdade de Comunicação Artes e Letras, também nomeada José Pereira Lins, premiando o primeiro e o segundo lugares de trabalhos inéditos em cada gênero literário: poesia, conto, crônica. As comemorações dos 40 anos do curso de Letras, da UFGD (Cf. FERREIRA; MARCHI, 2012), deixaram registros e passagens se referindo ao professor Lins:

---

<sup>85</sup>Maria Isabel Soares Feitosa - (Bibliotecária documentalista), *e-mail*: [mariafeitosa@ufgd.edu.br](mailto:mariafeitosa@ufgd.edu.br). Fone: 3410-2521. Entrevista realizada no dia 21/06/2016, na Biblioteca Central da UFGD.

<sup>86</sup>Anderson Ávila Piassarollo - (Bibliotecário documentalista), *e-mail*: [andersonpiassarollo@ufgd.edu.br](mailto:andersonpiassarollo@ufgd.edu.br). Fone: 3410-2517. Entrevista realizada no dia 21/06/2016, na Biblioteca Central da UFGD.

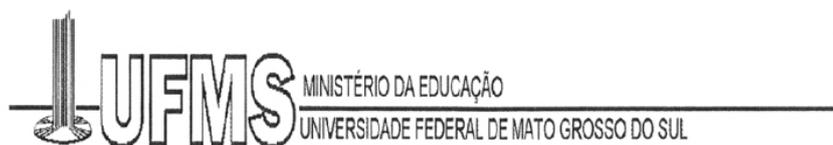
<sup>87</sup>Cícero Gomes de Souza Junior - (Assistente em administração), *e-mail*: [cicerojunior@ufgd.edu.br](mailto:cicerojunior@ufgd.edu.br). Fone: 3410-2579. Entrevista realizada no dia 21/06/2016, na Biblioteca Central da UFGD.

<sup>88</sup>O concurso José Pereira Lins foi promovido pela FACALE/UFGD, como parte das comemorações dos 40 anos do Curso de Letras, cuja solenidade de premiação ocorreu no dia 22 de novembro de 2011, às 19 horas, no Cine-Auditório da UFGD, localizado na Rua João Rosa Goes, 1761, Vila Progresso, em Dourados MS. Disponível em: <http://letras40anos.blogspot.com.br/>. Acesso em: 14 jun. 2016.

O professor José Pereira Lins, que também ministrou aulas no Curso em tempos de UFMS, ora como substituto ora como colaborador, em períodos em que a impossibilidade de contratação de professor efetivo era uma marca da Instituição, foi homenageado pelo *Campus* de Dourados (CPDO) UFMS (Resolução n. 9, de 2/3/2004 do Conselho Universitário da UFMS – anexo J) em vista dos trabalhos realizados nas áreas da educação e da cultura douradenses, com a indicação do seu nome para o Bloco em que se encontra hoje o curso de Letras da UFGD (FERREIRA; MARCHI, 2012, p. 17).

Daí justificar-se a recolha da imagem a seguir, especialmente recuperada para este trabalho:

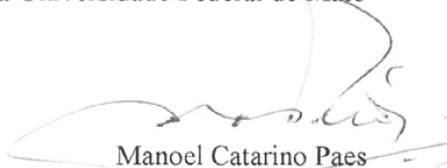
**Fig. 68:** Resolução que atribui o nome do prof. Lins ao bloco do Curso de LETRAS/FACALE/UFGD



#### RESOLUÇÃO Nº 9, DE 2 DE MARÇO DE 2004.

**O CONSELHO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL**, no uso de suas atribuições legais e considerando o contido no Processo nº 23104.006094/2003-19, resolve:

Atribuir o nome de “Professor José Pereira Lins” para o bloco da Unidade II onde funcionam os Cursos de Letras, Ciências Biológicas, Matemática e Análise de Sistemas, do Câmpus de Dourados da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

  
Manoel Catarino Paes  
Presidente

**Fonte:** (apud FERREIRA; MARCHI, 2012, p. 77).

Com efeito, a história de vida do professor Lins entranha-se em sua própria vocação para o magistério e para uma disposição inabalável para os estudos e para o conhecimento da cultura, que o tornaram um dos homens de Letras mais ilustres do estado e exemplos de disciplina e perseverança, tão iluminadores para tantos outros homens e para a juventude de nosso tempo. Sua história de vida, em especial seu envolvimento com o ensino, a criação e a administração do Colégio Osvaldo Cruz,

unidade de Dourados, figuram como uma das mais ricas páginas da nossa história regional, também da educação brasileira, como bem teve oportunidade de relatar em depoimento gravado pela professora Maria da Gloria Sá Rosa<sup>89</sup>.

Diante desse fator, o professor Lins discorre acerca do desenvolvimento da cidade de Dourados, à época da criação do colégio Oswaldo Cruz:

Quando foi fundado o Oswaldo Cruz, essa quadra não era assim. A primeira pedra realmente de alvenaria por aqui ainda foi o Oswaldo Cruz. [...] é por exemplo, em 76 quando nosso prédio ficou pronto, ainda não dava pra vir aqui de automóvel, bem, primeiro porque não havia automóvel (LINS *apud* CARNEIRO, 2011, p. 201).

Destacando passagens da memorável e incomparável entrevista do professor Lins, sobressaem partes dos aspectos que configuram sua decisiva participação e representatividade na história regional e na construção do quadro sociocultural sul-mato-grossense:

É mais ou menos isso porque a minha área de conhecimento maior é sobre o ensino secundário, o universitário, mas eu posso afirmar isto, que havia Joaquim Murтинho, eu estou repetindo isso sempre porque professor sempre gosta de repetir, o professor é chato, repete muito. Particularmente quando se quer aprender a gente repete. Era exatamente, quando eu cheguei havia, o Erasmo Braga, a Escola Presbiteriana Erasmo Braga, hoje parece que é só Erasmo Braga, e havia o Joaquim Murтинho, que era do estado, não era particular. Nós fizemos aqui, em função do Oswaldo Cruz, o nome da escola era Primária Princesa Isabel, teve também pouca duração, porque quando a gente funda, por exemplo, eles chamam como ponto de apoio, e o Patronato, que também fechou, no tempo do Dom Teodardo. Isso mostrando como a cidade vai se desenvolvendo, então vem o bispado, o bispado em Corumbá, em Campo Grande e em Dourados estava se desenvolvendo, então foi um dos primeiros, a gente pode por que foi o terceiro bispo. Trabalhou muito por Dourados, como os próprios missionários, os evangélicos e hoje nós temos essa cidade, emperrou um pouquinho, porque há determinados surtos, a cidade cresce, depois existe uma acomodação. A cidade é essa que vocês conhecem, tem asfalto, a região toda é asfaltada, muito bom. [...] Eu, por exemplo, eu lutei muito, sou nordestino, não estudei lá, porque lá, ainda hoje está assim, não na cidade, mas é o irmão mais velho que ensina ao irmão mais novo e as moças ainda não estudam muito lá não. Os nossos pais, quando falo estou dizendo na minha faixa etária, eram tudo analfabeto, eles contavam histórias das pessoas que pagavam um pedaço de papel e ali escreviam. Está melhorado, mas estamos longe ainda, e no mundo inteiro. A gente conhece os problemas daqui do Brasil. A gente diz ‘ah, porque lá em Cuba não existe analfabeto, tal país não existe’, existe sim. É que eles não divulgam. Nós temos a democracia de chegar aqui e dizer ‘O Lula é um analfabeto, só fala besteira’, lá você vai apodrecer na cadeia se fizer isso (LINS *apud* CARNEIRO, 2011, p. 205-209).

Mais recentemente, em nossas entrevistas com pessoas ligadas ao professor Lins, relacionadas à educação, colhemos representativo depoimento acerca dos cursos estabelecidos no colégio Oswaldo Cruz de Dourados, quando um ex-aluno do curso de

<sup>89</sup>Cf. ROSA, Maria da Gloria Sá. José Pereira Lins. In: \_\_\_\_\_. *Memória da Cultura e da Educação em Mato Grosso do Sul*. (1990, p. 174-178).

Contabilidade, Sr. Jericó Vieira de Matos, relembra com muito orgulho daquele centro de ensino:

Homenagem ao Mestre José Pereira Lins. Instado por um amigo que está desenvolvendo a sua tese de mestrado a respeito do Colégio Oswaldo Cruz, e me perguntou sobre o professor José Pereira Lins, lhe relatei um fato ocorrido em 1967 quando estávamos cursando o segundo ano do curso Técnico em Contabilidade, e que marcou profundamente a minha relação com o querido e inesquecível Mestre José Pereira Lins, e serviu de balizamento na minha conduta em relação às empresas, ao meu Escritório de Contabilidade e órgãos públicos aos quais prestei minha humilde colaboração, e na minha vida particular, e tenho certeza marcou a vida dos meus colegas que estavam no momento. Cursei no Colégio Comercial Santos Dumont nos anos de 1966, 1967 e 1968 o Técnico em Contabilidade. Em um bate papo informal entre a nossa turma do segundo ano com ele em 1967 ao pé da escadaria que dava acesso à classe do terceiro ano, no horário de recreio, alguém lhe perguntou porque ele que era dono de um estabelecimento de ensino andava de bicicleta (quem se lembra da bicicleta Philips preta que ele utilizava) e em um carro velho - um corcel - enquanto professores da instituição e de outras instituições e mesmo diretores de colégios públicos andavam de carros novos. Ele então com a simplicidade que lhe era peculiar, mas, com um rasgo de sabedoria respondeu com esta lapidar frase: "quanto aos outros não digo nada, mas quanto a mim só digo o seguinte: eu serei sempre pobre, mas a instituição será sempre rica". Para mim foi uma frase que vale por toda uma vida<sup>90</sup>.

Registra-se ainda que, em visita a ACP/Sindicato Campo-grandense dos Profissionais da Educação Pública<sup>91</sup>, Campo Grande MS, deparamos com a galeria dos ex-presidentes da ACP, e nela com a imagem do professor José Pereira Lins, representando sua dedicação em prol da causa da educação, que passava por grandes dificuldades e obstáculos, e que lutou para que se fundasse aquela ACP, que já no ano de 1952 reuniu-se com vários professores na discussão de um projeto para a criação de um espaço próprio que foi inaugurada em 1957, sede na qual os professores se reúnem até hoje para discutir temas sobre a educação, com palestras, minicursos, movimentos, etc. Nisso, figurava ao lado dos demais ex-presidentes a fotografia do professor Lins, que foi eleito presidente da Associação (1954-1955), sendo o segundo presidente depois de Alinor de Lima Bastos (1952-1954), e, em seguida, a professora Maria da Glória Sá Rosa (1956), contribuindo ativamente na Associação Sindicalista dos professores de Campo Grande, na defesa dos trabalhadores da educação. Como mostra a imagem a seguir, extraída do mural da galeria:

<sup>90</sup>Homenagem ofertada por Jericó Vieira de Matos via *Facebook*, especialmente para este trabalho, no dia 4 de julho de 2016.

<sup>91</sup>Disponível em: < <http://www.acpms.com.br> >, Acesso em: 23 jun. 2016.

**Fig. 69:** Imagem do professor José Pereira Lins (segundo, da esquerda para a direita), compondo a galeria de ex- Presidentes da ACP/ Sindicato Campo-grandense dos profissionais da educação pública, no ano de 1955.



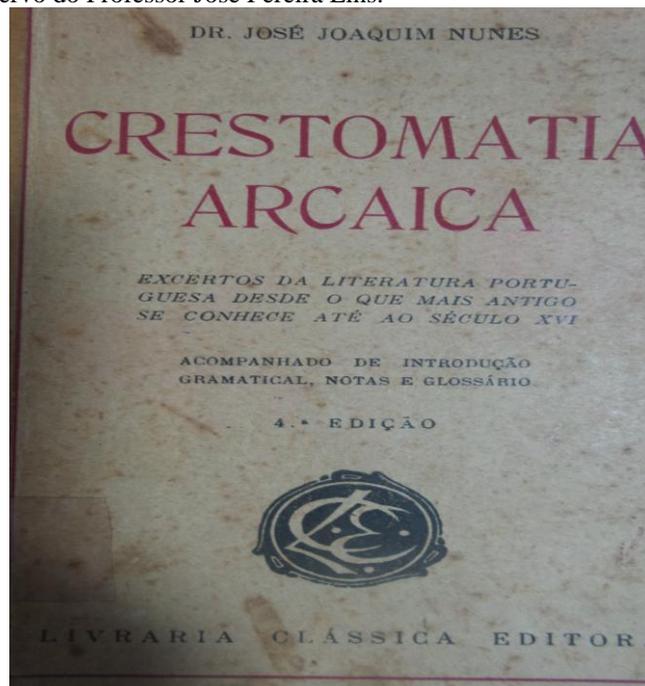
**Fonte:** Imagem fotográfica em câmera digital, de nossa autoria, extraída diretamente do painel que constitui a galeria de ex-presidentes da ACP/ Campo Grande, em 2 junho de 2015.

Não deixaríamos de descrever a importância que o professor Lins teve na ACP, pois como observa a professora Maria da Glória: “Suas lembranças estão ligadas a Dourados e Campo Grande” (ROSA, 1990, p. 175), ou seja, a descrição da professora, que provocou a nossa viagem até Campo Grande para a realização da pesquisa, foi de grande relevância. Na sede da ACP conhecemos mais sobre o trabalho do professor Lins, na qual, em 1955, implantou um programa de rádio semanal, abrindo espaço para divulgar assuntos de interesse dos profissionais da educação e também fornecer informações para o público-alvo e em geral.

Outra imagem emblemática, representativa da biblioteca do professor Lins, é a edição da obra-prima que, decerto, reflete a grandeza de seu conhecimento enciclopédico: a obra *Crestomatia Arcaica*, cujo título é ao mesmo tempo metonímia de sua biblioteca e de um volume completo, que reúne os conhecimentos literários e das Letras, aprofundados em sólidos saberes da cultura geral, da história luso-brasileira, escrito na língua de Camões<sup>92</sup>.

<sup>92</sup>Trata-se de obra constitutiva de uma “paideia”, cujo subtítulo é digno de nota: “Excertos da Literatura Portuguesa desde o que mais antigo se conhece até ao século XVI. Acompanhado de introdução gramatical, notas e glossário”.

**Fig. 70:** Imagem da capa de *Crestomatia Arcaica*, na 4ª edição, de 1953, editada em Lisboa, das mais representativas do acervo do Professor José Pereira Lins.



**Fonte:** Imagem fotográfica em câmara digital, extraída de volume do acervo do professor José Pereira Lins, em 10 de junho de 2015.

Registramos a mais recente homenagem e tributo que a municipalidade douradense dedicou ao imortal professor Lins: a imagem do prédio da Escola Estadual que leva o nome do professor, situada no bairro periférico de Dourados, Jóquei Clube, que foi inaugurado em 19 de dezembro de 2014, constituído por excelentes e modernas instalações, e que foi divulgada pelo jornal *O progresso*, do dia 4 de dezembro de 2014, em matéria exclusiva anunciada por Geraldo Resende<sup>93</sup>:

<sup>93</sup>Cf. *O progresso*, “Geraldo Anuncia pacote de inaugurações em Dourados”, 4 dez. 2014.

**Fig. 71:** Imagem do prédio da Escola Estadual Professor José Pereira Lins, no Jóquei Clube, em Dourados.



**Fonte:** Fotografia em câmera digital, de nossa autoria, da recém-inaugurada Escola Professor Lins, no dia 19 dezembro de 2014.

O dia 19 de dezembro, conforme a Resolução n. 2.879, da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul, foi marcado por celebrações na Escola Estadual Professor José Pereira Lins, como estivemos presentes, observamos várias personalidades de Dourados, como o Prefeito da cidade Murilo Zauith, Deputados Zé Teixeira, Geraldo Resende, Vereadores Idenor Machado, Sérgio Nogueira, Governador do Estado de MS André Puccinelli; inclusive todo o corpo docente da escola, diretores, coordenadores, pais e alunos da comunidade, como também os filhos do prof. Lins, Rosa Maria e Isabel Cristina, os netos Eugenio Lins e Débora Martins, entre outros. Na ocasião, o neto do prof. Lins, o pastor Eugenio Lins, teceu algumas palavras relembrando da trajetória do professor Lins desde a cidade natal, na Paraíba, até sua chegada em Dourados, e, finalizou Eugenio enaltecido pelo seu sobrenome ser Lins, sinônimo de respeito e bem visto por onde ele anda. Nesse sentido, registramos o momento ao lado do Governador, e dos familiares Isabel Cristina e Eugenio Lins que seguram a fotografia de seu avô José Pereira Lins, ofertada pelo corpo docente da Escola.

**Fig. 72:** Placa alusiva à inauguração da Escola Estadual José Pereira Lins



**Fonte:** Fotografia em câmera digital, de nossa autoria, durante a inauguração da Escola Estadual Professor Lins, no dia 19 dezembro de 2014.

De fato, como se vê, a inauguração da Escola Estadual Professor José Pereira Lins, na cidade de Dourados, é demonstração da resposta rápida e honrosa que se eleva como monumento ao nome, à história de vida e à memória do professor Lins. Nesse momento, não só a imagem como o seu sentido simbólico atravessado pelos poderes da memória e do esquecimento, reportam-nos à lembrança de que o nome do professor já batizara a Faculdade de Letras da UFGD, e também que, acima de tudo, esses monumentos, assim como os arquivos ou acervos, constituem lugares ou signos do “vazio”, ou seja, daquela falta de que falava Derrida, movido pelas ideias de Freud, e que competem a nós, sujeitos pesquisadores e de ação, transpor o umbral que liga a matéria inerte à vida e às ações dos vultos históricos.

A valiosa e justa recuperação da vida e arquivos do imortal professor Lins, que foi membro fundador e presidente da Academia Douradense de Letras, bem como membro presidente da Academia Sul-mato-grossense de Letras, dentre outras relevantes atividades inerentes ao trabalhador e homem de letras, formaram eco com os estudos teóricos de DERRIDA (2001) e demais estudiosos que citamos<sup>94</sup> para discorrer sobre a natureza dos arquivos, no sentido de trazer aspectos inéditos da trajetória do professor Lins, que estão “arquivados” na biblioteca central da UFGD. Temos ciência de que a

<sup>94</sup>Cf. Capítulo I – “Abordagem Teórico-Crítica: Problematização do Arquivo”, p. 24.

teoria do arquivo, aprofundadamente analisada por Derrida, objeto de nossa abordagem e da operacionalização do *corpus* de estudo, é de longo alcance e de difícil esgotamento.

### 3.3 Um perfil emblemático do sujeito/cidadão efetivo em duas academias

Neste subitem desenvolvemos uma análise cujo enfoque principal recai sobre o *corpus* constituído pela trajetória e perfil do intelectual José Pereira Lins<sup>95</sup>, particularmente no que se refere às suas missões junto às Academias Douradense de Letras e Sul-mato-grossense de Letras. Nessas associações, o professor Lins deixou marcas indeléveis registrando para a história regional e sul-mato-grossense notáveis feitos que o imortalizaram como homem de Letras e cidadão do mundo. Para a concretização desse percurso, torna-se fundamental uma verificação de bibliografia teórico-crítica compatível com a realização desse trabalho. Por conseguinte, a este aspecto teórico nos voltaremos neste primeiro momento da discussão.

Os estudos acerca da natureza e constituição de arquivos literários têm se tornado um dos objetos mais atrativos e produtivos na contemporaneidade, sobretudo a partir dos estudos de Jacques Derrida (2001) e de Michel Foucault (2013), cujas leituras e reflexões, que servem de embasamento para estas reflexões<sup>96</sup>.

Para o encaminhamento dessa reflexão, chamamos a atenção, inicialmente, para a ampliada discussão sobre arquivos literários, ocorrida por ocasião do “IV Colóquio Internacional A Invenção do Arquivo Literário: Resíduos” (Cf. MARQUES, 2011). Dessas discussões, alguns aspectos ganham relevo: a constituição física e teórica em torno dos arquivos; a localização espacial (instituições do campo público, do âmbito privado, entre outras); as especificidades dos documentos, formação de dossiês, as formas de organização (caixas, entre outros); enfim, as interferências de pesquisadores e profissionais no aspecto organizacional das fontes e acervos.

Desse ponto de vista, Reinaldo Marques, em capítulo intitulado “O que resta nos arquivos literários” (2011, p. 192-203), chama a atenção para a natureza polimorfa e diversificada, variada, que constitui a existência de todo e qualquer arquivo. Inclusive a inevitável contribuição dos estudos comparados e de transdisciplinaridade que se

<sup>95</sup>José Pereira Lins, nascido em 5 de fevereiro de 1921, na cidade de São José de Piranhas (Paraíba), notável escritor e erudito sul-mato-grossense, *Doutor Honoris Causa*, residiu em Dourados e faleceu na madrugada de 2 de maio de 2011, aos 90 anos.

<sup>96</sup>Referimo-nos ao capítulo I “Abordagem Teórico-Crítica: Problematização do Arquivo”, especialmente redigido no corpo dessa dissertação de Mestrado, p. 24.

colocam como mediação entre o arquivo e seu entorno e o pesquisador propriamente dito. Ou seja, trata-se de tarefa relevante na apuração e elaboração de inventariamentos postos em demanda no trabalho de pesquisa:

Com isso, somos confrontados com aquela heterogeneidade própria dos arquivos de escritores, constituídos por acervos arquivísticos, bibliográfico e museológico. Acervos cujo tratamento exige outras modalidades de ações – catalogação, restauração, conservação por meio de higienização e acondicionamento adequados, de gerenciamento ambiental, disponibilização para a pesquisa, entre outras – e evidencia a necessidade de um enfoque multidisciplinar na abordagem dos arquivos literários. Para tal enfoque haverão de contribuir, a par das disciplinas próprias do campo dos estudos literários, alguns saberes especializados, tais como a história, a arquivística, a biblioteconomia, a museologia, a informática, o restauro e a conservação (MARQUES, 2011, p. 193).

A partir daí, o estudioso chama a atenção para o sentido da palavra “resíduos”, dos diversos pormenores e objetos que atravessam o universo constitutivo dos acervos de escritores, de indivíduos cujas vidas se tornaram enriquecidas e de relevância para análise cultural: instrumentos como um piano, cachimbos, peças de artesanatos, garrafas de vinho e de cachaça, recortes variados de jornais, pedaços de papéis com anotações (contas, anedotas, nomes e endereços, citações de leituras, diários, medalhas de honra e de mérito), além de objetos pessoais como canetas, mata-borrão... tudo isso demonstrando a persistência de uma gama de restos de arquivos rebeldes à classificação, “ao ordenamento, à localização, à guarda por parte de seus arcontes (arquivistas, museólogos, historiadores, pesquisadores)” (Cf. MARQUES, 2011, p. 193-194).

Continua o estudioso destacando o interesse crescente pela custódia e instalação de acervos literários, a exemplo de diversos centros de documentação e pesquisa, que propiciariam distinguir grupos de documentos, a formação de dossiês e a organização em caixas, codificados segundo divisões e subdivisões de fundo. Atividade esta que acarretaria um fator de complexidade ainda maior, na medida em que sujeitos e instituições acabam por re-enquadrar e re-modelar o material de fundo propriamente dito, que resulta, assim, em algo diferente do fundo original, agora disponibilizado ao público-alvo. Ou seja, examinar como isso tudo afeta a maneira de ler o arquivo conduziria o estudioso pesquisador a uma função especial, a de um anarquivista (Cf. MARQUES, 2011, p. 199). Como observa o próprio Reinaldo Marques, em palavras mais pontuais:

Dessa maneira, em termos dos referenciais teóricos da pesquisa, sua abordagem deve-se dar a partir de uma metodologia transdisciplinar e comparatista. Comparatista, seja porque um arquivo de escritor costuma ser composto tanto por artefatos verbais – livros, originais manuscritos ou datiloscritos de sua obra, cartas etc. –, quanto icônicos, não verbais – pinturas, esculturas, peças de artesanatos, objetos pessoais –; seja porque cada arquivo, em cada tempo e lugar, privado ou institucional, comporta uma história e uma configuração particulares, irredutíveis a uma história e uma configuração particulares, irredutíveis a uma história totalizante. Assim, o método comparativo, ao contrapor quer diferentes objetos, formas artísticas e discursos, quer distintos modos de arranjo documental, articulando-os de maneira a explicitar suas semelhanças e diferenças, constitui-se numa ferramenta adequada e estimulante para se interrogar e pensar os materiais do arquivo dos escritores. Transdisciplinar, uma vez que, em sua constituição heterogênea, os arquivos literários mobilizam diversos saberes e ofícios, tendo em vista sua localização espacial, catalogação, organização, conservação e disponibilização para o público (MARQUES, 2011, p. 201).

De outro lado, em prolongamento a essas discussões, a estudiosa Tania Carvalhal, no ensaio “Sob a égide do cavaleiro errante” (2006), formula subsídios singulares à função e ao papel das associações de estudiosos, homens de Letras, na constituição e formação de um painel das ideias e das Letras enquanto reflexo da vida e participação dos cidadãos de Letras, homens cultos, que atuando nessas associações constituem um perfil e projeções da vida acadêmica, literária e intelectual no cenário cultural da nação. Assim, a partir da criação das associações de Literatura Comparada, no Brasil e no mundo, Carvalhal põe em relevo a natureza de mediação das associações como a ABRALIC; incluindo-se nessa perspectiva as Academias de Letras, como componente cultural do país.

Ou seja, as práticas que organizam as instituições literárias cooperam no reconhecimento e legitimidade das práticas culturais e literárias, uma vez que sua natureza mediadora funciona não só como espaço de legitimação, mas também como espaço no qual a literatura se conforma segundo a lógica das mediações. Daí que a existência de associações como as Academias literárias e o papel aglutinador dos escritores nos diversos espaços nacionais e regionais encontram justificativas, inclusive, em campos de estudos tão destacados como a sociologia, por exemplo:

A reflexão sobre a função das associações encontra, então, seus fundamentos menos no campo literário do que nos da antropologia ou da sociologia, porque trata sobretudo de relações sociais que nos levam a indagar sobre o sentido de nossas práticas em tempos e contextos determinados. Dito de outro modo, trata-se de entender que as práticas literárias e culturais têm na esfera social seu lugar específico de exercício e formas particulares de organização (CARVALHAL, 2006, p. 14).

A partir desse ângulo, Carvalhal examina em profundidade a relação ou modo como as associações se articulam favorecendo as aproximações, que, do ponto de vista do comparatismo, inserido no mundo globalizado, faz contrastar os textos e as produções culturais, as personagens, até o ponto de se interrogar sobre o que mudou no mundo e nas relações humanas, tendo em vista a dialética globalização *versus* localismos. A atenção da estudiosa se deixa entrever nos diversos ensaios que escreveu acerca do assunto, de modo geral enfatizando a importância dos estudos regionais e interculturais e das localidades, das histórias locais, no mundo globalizado<sup>97</sup>. Desse ponto de vista, são significativas as palavras com as quais Carvalhal não só define a prática dos estudos comparados como também amplia os raios de reflexão e de atividade dos estudiosos no campo das associações e dos estudos comparados. Como se lê:

Entendemos, então, cada vez mais, que não é possível pensar em campos do saber estanques, conclusos e fechados em si mesmos, pois o que se acentua é a natureza híbrida dos diversos domínios do conhecimento e da expressão artística, sua inter-relação [...]. A literatura comparada, como prática crítica, se inscreve no movimento de mudanças das demais modalidades críticas, delas se distinguindo não pelos objetos que estuda, mas pelas perguntas que formula e pelos modos de aproximação de que se vale (CARVALHAL, 2005, p. 177-178).

Tendo em vista essas considerações iniciais, que seguem perspectivas teórico-críticas para a análise do nosso objeto de estudo, nos próximos subitens procuraremos analisar o objeto proposto em confluência com a reflexão crítica e com o arquivo do professor José Pereira Lins, anunciado no início desse trabalho.

### **3. 3. 1 José Pereira Lins e a Academia Douradense de Letras**

José Pereira Lins, conhecido pelo nome artístico de “O Professor”, como destacou Heleninha em sua obra *Usina Velha: Raios na Chaminé* (OLIVEIRA, 2009, p. 101). Na Academia, fomos recebidos pelo atual vice-presidente, Marcos Coelho, que nos emprestou os arquivos existentes no espaço da ADL, conhecido como “Espaço Cultural Casa Arandu”, inaugurado em dezembro de 1995. Espaço que foi assim batizado pelo seguinte fato:

---

<sup>97</sup>Ver, nesse sentido, as intervenções de Carvalhal no VIII Congresso ABRALIC, também no colóquio “À partir de Venise: Héritages, Passages, Horizons – Cinquante Ans de L’ AILC”, realizado na Universidade Ca’ Foscari, nos dias 22-25 set. 2005, bem como no ensaio “Encontros na travessia” (2005), nos quais Carvalhal pontua as relações socioculturais da Literatura Comparada com a criação de diversas associações dos estudiosos e homens de Letras em âmbito regionais e planetários.

O nome da Casa Arandu foi pesquisado pela escritora e poetisa Heleninha a pedido da ADL: Dr<sup>a</sup> Odila Schwingel Lange, que havia recebido da (vice-prefeita): Dr<sup>a</sup> Lori Alice Gressler, a solicitação de um nome para a “Casa” que abrigaria a “confraria acadêmica”. E assim foi feito, Heleninha escolhe o nome “Sabedoria”, que na língua “Tupi Guarani” é “ARANDU”, e teve a ajuda do acadêmico Brígido Ibanhes na tradução da palavra, visto que não era aconselhável homenagear um “morto”, onde haveria apenas vida literária, local que seria disseminada as belas-letas (OLIVEIRA, 2009, p. 100).

O professor Lins foi um dos membros-fundadores da ADL, criada portanto no dia 15 de Setembro de 1991, em ação conjunta com o escritor Nicanor Coelho, que foi o “idealizador” do projeto, bem como com os demais escritores, que na ocasião elegeram o professor Lins como vice-presidente (1994/96), que administrou a Casa por dois mandatos (1996/98), (2002/04) e tendo sido 2º secretário (2000/02) (Cf. OLIVEIRA, 2009, p. 100-103). Nesse sentido, a ADL se fortaleceu com seus 40 imortais que compõem as quarenta cadeiras, os 15 primeiros imortais foram os fundadores, na data de 27 de março de 1993, na qual o presidente da Academia Sul-mato-grossense de Letras, o escritor Dr<sup>o</sup>. Elpídio Reis, foi o convidado de honra na ocasião de empossar os primeiros imortais fundadores da ADL.

Em 11 de novembro de 1996, o jornal *O progresso* noticiou a posse do professor Lins na presidência da Academia Douradense de Letras, em sessão realizada à noite no anfiteatro do Centro Universitário de Dourados (CEUD), o professor Lins, em discurso, afirmou que a ADL: “é ainda uma criança, que está começando os seus primeiros passos, ainda com muitas páginas em branco onde escrever a história iniciada com um ato de imprudência que deu certo” [*sic*] (Cf. Fig. 73). Ou seja, por ser membro fundador da ADL, o professor Lins esclarece que é mais uma folha virada na história da Academia “que por certo ainda tem muitas glórias a conquistar”, pois, com os programas das atividades a serem realizados no seu mandato, estabeleceu um trabalho em conjunto com os acadêmicos, e não perdeu o foco, as atividades realizadas pela presidente antecessora, Odila Lange (1994-96), que assim, finalizou o professor Lins: “trabalhando ombro a ombro temos certeza de mais conquistas para a nossa cultura” (Cf. Fig. 73), como se vê na imagem a seguir:

**Fig. 73:** Imagem do novo presidente da Academia Douradense de Letras



**Fonte:** Imagem fotográfica em câmera digital, de nossa autoria, extraída do Jornal *O Progresso*, de 11 nov. 1996, constante em arquivo da ADL/ Dourados. 14 jan. 2016

No "Espaço Cultural Casa Arandu" realizam-se eventos de preservação das culturas existentes com finalidade literária, ações de defesa da língua portuguesa e incentivo à arte. A Academia, então, foi declarada "Utilidade Pública", através da lei nº 1863, de 6 de agosto de 1993, e noticiada pelo jornal *O progresso*, que registrou o evento na edição de 19-20 de dezembro de 2008, onde o professor Lins enfatiza que a

ADL foi um “marco” para a história de Dourados, como um referencial cultural para a população. Nesse sentido, o professor Lins ressalta que: “A entidade congrega escritores de vários tipos. Temos um ambiente para discutir teorias e principalmente zelar dos patrimônios culturais e das tradições do povo douradense” (Cf. Fig. 74). O professor Lins afirma que a entidade congrega estimular os jovens a escreverem crônicas, poesias etc., para participarem de concursos literários, pois, assim, como alguns dos “imortais” já ganharam prêmios nacionais e até internacionais, o objetivo da ADL seria de “estimular a leitura e despertar a vocação, gerando novos escritores. Também fazemos visitas nas escolas, ministramos palestras e fazemos doações de livros” (Cf. Fig. 74). Para tanto, o professor Lins, ao realizar esses trabalhos, transformou a entidade numa referência cultural:

**Fig. 74:** A Academia Douradense de Letras é uma referência cultural

JORNAL O PROGRESSO / EDIÇÃO ESPECIAL / DOURADOS 73 ANOS

DOURADOS-MS / SEXTA E SÁBADO / 19 E 20 DE DEZEMBRO / 2008

DOURADOS 73 ANOS

PÁGINA 23

Letras

# Academia é uma referência cultural

*A Academia Douradense de Letras reúne 27 “imortais” que zelam pelo patrimônio cultural e tradições*

Hedio Fazan

João Rocha

**D**OURADOS – Formada por historiadores, romancistas, cronistas, poetas e intelectuais que atuam em várias áreas, a Academia Douradense de Letras (ADL) reúne 27 “imortais” que têm enriquecido o município com suas obras.

A Academia é, sem dúvida, um marco para a história de Dourados, um referencial cultural para a população. Fundada no dia 15 de setembro de 1991, contou a princípio com 15 membros. O professor José Pereira Lins, que implantou em Dourados o então Ginásio Osvaldo Cruz, é membro

fundador da Academia Douradense de Letras. Ele conta que a entidade surgiu de uma conversa durante uma aula de Literatura.

“A Academia tem três idealizadores. As professoras Iracema Pereira Tibúrcio, Maria Helena Isidoro de Oliveira e o jornalista Nicanor Coelho. A entidade congrega escritores de vários tipos. Temos um ambiente para discutir teorias e principalmente zelar dos patrimônios culturais e das tradições do povo douradense”, enfatiza o professor.

Lins explica que para ser membro efetivo da Academia é preciso ter produzido alguma obra literária e residir no município. “O

objetivo da entidade é congregar os intelectuais da cidade, estimular a leitura e despertar a vocação, gerando novos escritores. Também fazemos visitas nas escolas, ministramos palestras e fazemos doações de livros”, relata.

O professor conta que alguns dos “imortais” têm deixado, em suas obras, o retrato da história do município. “Temos alguns que já ganharam projeção nacional e até internacional, inclusive com livros publicados por grandes editoras”.

Em quase duas décadas, a Academia já perdeu três de seus membros: o advogado Alaércio Abrahão Santos, o tabelião e escritor Perciliano Bueno Cavalheiro e o professor Ildelfonso Ribeiro da Silva, sócio-fundador da Academia, que morreu este ano.

Professor José Lins, sócio-fundador da ADL, na biblioteca em sua residência

**Fonte:** Imagem fotográfica em câmera digital, de nossa autoria, extraída do Jornal *O Progresso*, de 19-20 dez. 2008, constante em arquivo da ADL/ Dourados. 14 jan. 2016.

Considerado homem das Letras, escritor e professor que foi, José Pereira Lins, por ter a idade de 72 anos, era o mais “idoso” dentre os confrades, no ano de 1993, e, ao se referir à constituição de “famílias literárias”, por ser o “orador” dos 15 confrades fundadores, representava um catalisador, e fortalecia, assim, a união familiar dos acadêmicos da Academia Douradense de Letras. Nessas ocasiões agradecia aos demais acadêmicos, iniciando seu discurso na ADL:

Investindo-me nas funções de orador ocasional, foi do vosso agrado, a consagração da idade. Certamente sou o mais velho dentre vós, e é simbólico da parte desta casa confiar na idade, o que mais de um espírito eminente e jovem exerciria melhor. Agora que vos agradei o privilégio e a consideração, digo-vos que buscarei, dentro das minhas limitações, corresponder à vossa confiança<sup>98</sup>.

Neste caso, em seu discurso “O Jardim de Academo: Discurso na Academia Douradense de Letras<sup>99</sup>” (1993, 8f.), o professor Lins agradeceu aos 14 confrades fundadores da ADL pela confiança no encargo de “orador”, sintetizando, assim, em seu discurso, o nome de cada acadêmico com enaltecimento de suas escritas poéticas, líricas, românticas, modernas, etc., como “deuses” da sabedoria, lembrando da época dos gregos em que construíram um “altar” e deram o nome de “Jardim de Academo”, onde as pessoas sábias de todos os ramos do conhecimento discutiam ideias para o avanço do saber. É por isso que, por ser um dos membros fundadores da ADL, o professor Lins expõe a palavra “Academia” em seu discurso como “Academo”, reconhecimento aos antigos gregos e repetindo a ideia do membro fundador da Academia Brasileira de Letras (ABL), Machado de Assis, que fizeram essa palavra ser popularizada no Brasil e em todo o mundo (Cf. LINS, 1993, f. 1-2).

E com essa união familiar, o professor Lins, juntamente com os acadêmicos, criou e aprovou um dos meios de divulgação mais importantes da Academia, o jornal *Letras Douradenses*, tendo o logotipo da entidade nas cores azul, preto, vermelho, branco, verde e a cor grafite:

<sup>98</sup>Cf. “O Jardim de Academo: Discurso na Academia Douradense de Letras”, 1993, f. 1 (**Anexo 3**).

<sup>99</sup>Outra versão do texto “Jardim de Academo” foi publicada no livro *Conceitos* (LINS, 1995, p. 41-43).

**Fig. 75:** Cores do logotipo da Academia Douradense de Letras e seu simbolismo



**Fonte:** Imagem fotográfica em câmera digital, de nossa autoria, extraída do Jornal *Letras Douradenses*, set. 1995, constante em arquivo da ADL/ Campo Grande. 14 jan. 2016.

É importante ressaltar que, no decorrer dos anos 1996/98, o professor Lins, como presidente da Academia, realizou atividades tanto culturais (concurso de poesias) como de cunho administrativo, efetuando reivindicações para um convênio com a Prefeitura Municipal de Dourados, a fim de dispor de verbas para as realizações dos eventos literários e culturais, como também, serviços de cópias reprográficas. Como a entidade necessitava de recursos, como livros, estantes, materiais de limpeza, materiais didáticos, impressoras etc., o presidente Lins, juntamente com os acadêmicos, trabalhou em prol da Academia, realizando participações nos concursos literários a convite do Sindicato dos Bancários, na avaliação e correção de trabalhos literários.

A participação dos acadêmicos também foi preocupação do professor, como modo de divulgar a Academia e envolver os amantes das Letras, incentivando, inclusive, a sua apresentação em aberturas de solenidades, congressos, eventos com recitações de seus poemas, crônicas, prosas poéticas. A sua sucessora na presidência da Academia, Odila Lange, que já tinha exercido a presidência da Academia 1995/96, deu continuidade aos trabalhos propostos pelo professor, como se pode ler na imagem a seguir:

**Fig. 76:** O professor Lins e a nova presidenta da ADL, Odila Lange.



**Fonte:** Imagem fotográfica em câmera digital, de nossa autoria, extraída do Jornal *O Progresso*, de 15 set. 1998, constante em arquivo da ADL/ Dourados. 14 jan. 2016

O professor Lins, em solenidade de posse da nova diretoria de Odila Lange, foi homenageado pelos demais confrades da Academia, considerado como um “profícuo”, após realizarem os “balanços” sobre seu mandato. Nisso, novamente em 2002, o professor Lins assumiu a presidência da ADL, realizando o concurso “Poetas Dourados”, em 2004, no qual afirmou que a cidade de Dourados, com esse concurso literário, transportava cultura às outras cidades maiores, que o invejavam. Daí, o

professor Lins ter esclarecido: “Crescemos, nos desenvolvemos e já despertamos ciúmes de outras cidades, inclusive maiores. Estou feliz por viver aqui” (Cf. Fig. 77). O evento ocorrido no dia 29 de março de 2004, no anfiteatro da Prefeitura Municipal de Dourados, reuniu vários escritores do Mato Grosso do Sul, e teve como objetivo abordar temas como música, dança e poesia, além de mesas redondas sobre a prática literária em Dourados, com a participação dos ilustres presidentes da ASL, Reginaldo Alves, da FUNCED, Raul Verão, o Prefeito de Dourados, Laerte Tetila, compondo a mesa avaliativa, cujas presenças foram mencionadas e se pode conferir na imagem / registro a seguir:

**Fig. 77:** Concurso “Poetas Dourados” realizado em Dourados



**Fonte:** Imagem fotográfica em câmera digital, de nossa autoria, extraída do Jornal *O Progresso*, de 29 mar. 2004, constante em arquivo da ADL/ Dourados. 14 jan. 2016

Nesse sentido, o presidente Lins, no uso de suas atribuições, convocava os acadêmicos da ADL para participarem dos concursos literários, como, também, convidava os acadêmicos da ASL, que marcavam presença nos eventos. As “convocações” eram publicadas em editais dos jornais, *O progresso*, de Dourados, e *Letras Douradenses*, da própria Academia. Para tanto, na solenidade dos “Poetas Dourados”, o grande número de pessoas lotou o anfiteatro da Prefeitura de Dourados, e em homenagens, o professor Lins foi parabenizado pelo presidente da ASL, Reginaldo Alves, por presidir a Academia que teve, no fim de seu mandato, 69 obras organizadas e publicadas, em 77 municípios do Estado. A propósito do *Jornal Letras Douradenses*, selecionamos 4 (quatro) números representativos da atuação do mandato de presidente José Pereira Lins. Nesses números, deparamos com representativos escritos do professor Lins, como o texto “Língua Portuguesa – erros nossos de cada dia” (p. 3), e o texto “Curriculum Vitae” que sintetiza brilhante trajetória e perfil do escritor<sup>100</sup>; o texto “O escritor na Biblioteca, o professor Lins fala do poeta desconhecido”; o texto “Adeus 1995, Adeus!”<sup>101</sup> e ainda o texto “Humberto Del Maestro – O Homem e o Poeta”<sup>102</sup>.

### 3.3.2 José Pereira Lins e a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

Já na Academia Sul-mato-grossense de Letras, o professor Lins foi empossado no dia 3 de novembro de 1995, na cadeira de número 20, declarada vaga por falecimento do seu ocupante, Otávio Gonçalves Gomes, que tinha por patrono Visconde de Taunay<sup>103</sup>. Sendo assim, eleito em 11 de fevereiro de 1999, completando o mandato de presidente e tendo sido reeleito em 13 de novembro de 2002<sup>104</sup> até o dia 30 de janeiro de 2003, quando então renunciou ao cargo, passou a presidência para o confrade Francisco Leal de Queiroz. Nesse sentido, em carta aos confrades da ASL, o professor Lins explica:

<sup>100</sup> Cf. nº VI de *Letras Douradenses*, Academia Douradense de Letras, 28 abr. 1995.

<sup>101</sup> Cf. nº V de *Letras Douradenses*, Academia Douradense de Letras, jan. 1996.

<sup>102</sup> Cf. nº V de *Letras Douradenses*, Academia Douradense de Letras, jan. 1996.

<sup>103</sup> Na mesma solenidade, o confrade da ASL, Hildebrando Campestrini, realizou a “oração Acadêmica”: Posse de José Pereira Lins na cadeira nº 20 da Academia Sul-mato-grossense de Letras, texto apresentado no dia 11 de novembro de 1995, 12 f.

<sup>104</sup> Cf. <http://acletrasms.com.br/historico.asp>. Acesso em: 21 mar. 2016.

Cumpre-me comunicar a V.S<sup>a</sup> que, no dia 11 do corrente, fui eleito Presidente deste sodalício, para cumprir o mandato do saudoso Elpidio Reis e dar continuidade à dinâmica administração do Conf. Arassuay Gomes de Castro, seu sucessor natural, agora, infelizmente, impossibilitado de exercer a honrosa missão por mudança de domicílio estadual.

A Assembleia eletiva ocorreu em caráter emergencial, e foi considerada justa, mediante os motivos expostos no próprio ofício de convocação.

Indicado o meu nome, aceitei o desafio ciente das dificuldades que me aguardavam, mas, embalado pela esperança que todos me dariam as mãos na administração da tradicional Academia, que tanto tem dignificado as letras pátrias, entre os quais está V.S<sup>a</sup>.

Esta administração será caracterizada pela média da contribuição que cada um, de per si, dará a esse empreendimento, o que amenizará o peso da minha responsabilidade pessoal e me acalentrará nas horas mais difíceis, eventualmente surgidas.

Certamente, algumas modificações serão propostas, e executadas aquelas determinadas pelo bom senso, dentro de cada momento. Antes de tudo. V.S<sup>a</sup> será convidado a opinar.

Fica, entretanto, desde já um apelo: O SUPLEMENTO precisa melhorar, dentro do tema a que se tem proposto – CULTURAL. Isso será facilmente alcançado com a colaboração de V.S<sup>a</sup>.

Escreva-me e envie-me suas sugestões.

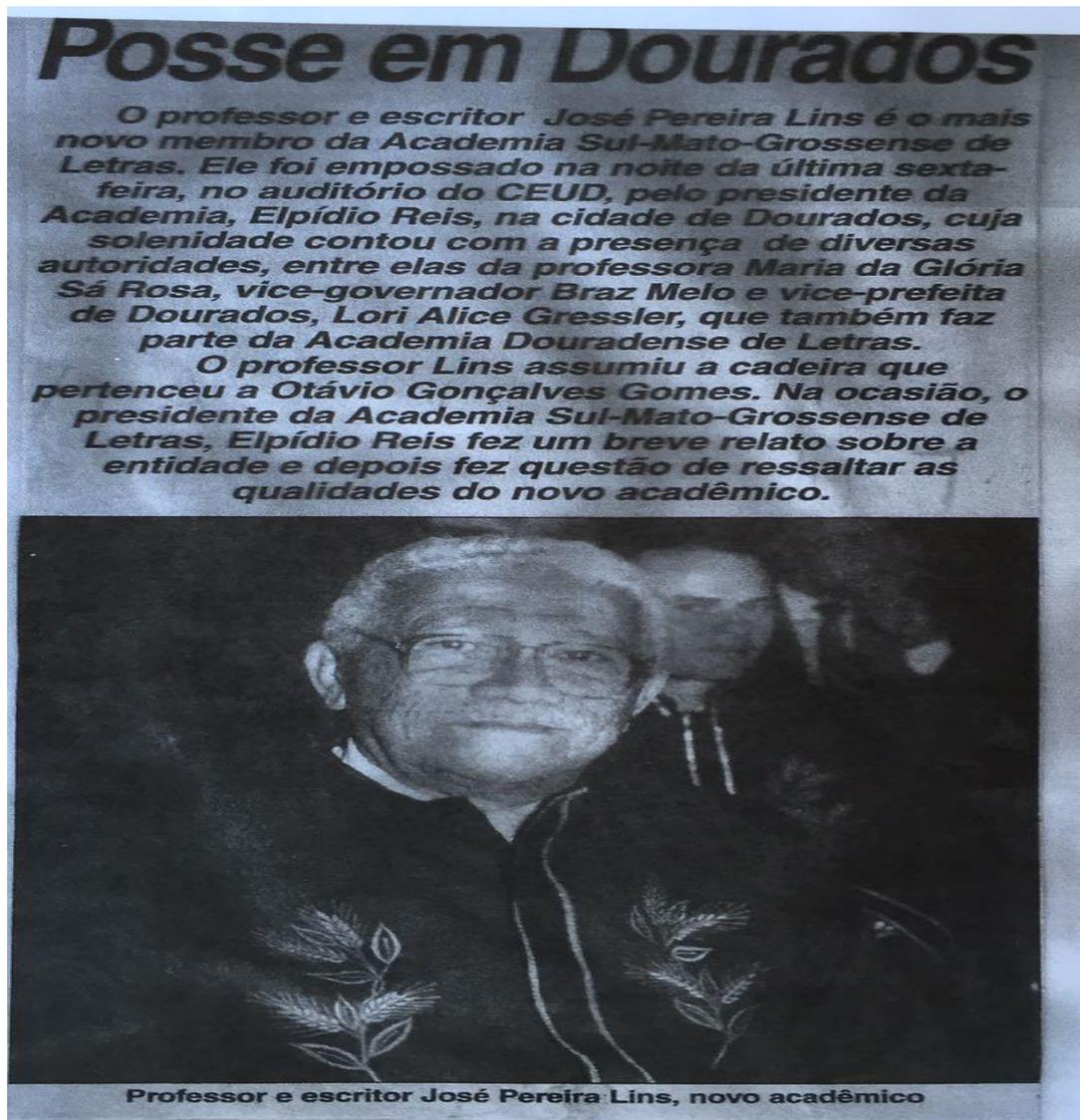
Além do endereço oficial da Academia, ofereço outros, para esse período de transição. Anote os abaixo indicados<sup>105</sup>.

Diante disso, registramos a imagem de sua posse na ASL, em cerimônia realizada no anfiteatro do CEUD/UFGD, na cidade de Dourados:

---

<sup>105</sup>Cf. A Carta do presidente José Pereira Lins: “Nobre Confrade”, do dia 15 de fevereiro de 1999. Dourados MS.

**Fig. 78:** Imagem de posse do professor Lins na Academia Sul-mato-grossense de Letras



**Fonte:** Imagem fotográfica em câmera digital, de nossa autoria, extraída do Jornal *O Progresso*, de 6 nov. 1995, constante em arquivo da ASL/ Campo Grande. 20 nov. 2015

Na sede da ASL está exposta a galeria dos ex-presidentes, e o professor Lins figura ao lado dos demais, não deixaríamos de descrever a importância que teve nessa Associação:

**Fig. 79:** Imagem do professor José Pereira Lins compondo a galeria dos ex- Presidentes da ASL/Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, como presidente no ano de 1999/02 e 2002/03.



**Fonte:** Imagem fotográfica em câmera digital, de nossa autoria, extraída diretamente do painel que constitui a galeria de ex-presidentes da ASL/ Campo Grande, em 20 nov. 2015.

O professor Lins, ao realizar os agradecimentos da função de orador da ADL, cita em seu discurso dois nomes da literatura sul-mato-grossense, José Couto Vieira Pontes e Maria da Glória Sá Rosa (Cf. **Anexo 3**), como principais fundadores da ASL e mantenedores da literatura e da história cultural do Estado de Mato Grosso do Sul. A propósito, registramos contribuição do acadêmico José Couto Pontes, que editou e publicou *Os vinte anos da academia sul-mato-grossense de Letras* (1991), recuperado da biblioteca do professor Lins e que relata mais representativo histórico de toda academia entre os anos de 1971-1991.

Ao se referir ao escritor Dr. José Couto Viera Pontes, o professor Lins, em seu discurso da ADL, relatou a importância da Academia Sul-mato-grossense de Letras, que favoreceu a ideia da criação de uma nova entidade em Dourados (1993), conforme se identifica nas palavras do autor José Pontes, em obra *História da literatura Sul-mato-grossense*:

A instalação da Academia favoreceu, ainda, o interesse pelas artes de um modo geral, nascendo do seu exemplo novas entidades artísticas e culturais em nosso meio; despertou na mocidade o interesse pelas coisas do espírito, e serviu de estímulo ao intercâmbio com entidades congêneres do país, tornando nossa terra, nossa cultura e nossa tradição conhecidas em outras unidades da Federação<sup>106</sup>.

A Academia Sul-mato-grossense de Letras no Estado de MS foi fundada no dia 30 de outubro de 1971 e ficou conhecida pelo nome de Academia de Letras e História de Campo Grande. A sua importância foi reconhecida por Lins, em seu discurso de posse na Academia Sul-mato-grossense de Letras, publicado no jornal *Correio do*

<sup>106</sup> Cf. **Anexo 3:** Discurso de posse na Academia Douradense de Letras (1993).

*Estado* – suplemento cultural, de 11-12 de novembro de 1995, em que teceu considerações aos membros fundadores:

Esta introdução, acentuadamente informal e romântica, está para focalizar a face literária dos ilustres fundadores deste sodalício, já nascido forte e inegavelmente culto. Desde as suas origens, a meio quarto de século. Já convivíamos com eles em quase sua totalidade, mesmo antes que se agregassem como homens e mulheres de letras, sob o sonho de Ulisses Serra<sup>107</sup>.

Nesse discurso da ASL, o professor Lins volta a atenção em reconhecimento aos antigos confrades, pioneiros, ao Germano Barros de Souza, Ulisses Serra, Luiz Alexandre de Oliveira, Frei Gregório de Protásio Alves, J. Barbosa Rodrigues, Paulo Coelho Machado, Arassuay Gomes de Castro, Otávio Gonçalves Gomes, Maria da Glória Sá Rosa, dentre outros, e em especial, ao escritor José Couto Vieira Pontes:

José Couto Vieira Pontes inscreve-se na maratona dos que pleiteiam um lugar de destaque entre os modernos contistas do país e vence com garbo e aptidão. Conhece, como nenhum outro a História da Academia e das Letras sul-mato-grossenses, além de divulgar a erudição de outros povos<sup>108</sup>.

Em seguida, o professor Lins lembra da relevância de seu confrade antecessor, Otávio Gonçalves Gomes, da cadeira nº 20, falecido de uma doença que o aniquilava há anos, e da perda imensa para a entidade, por ele ter sido um dos fundadores, vice-presidente, presidente, secretário geral, membro do Conselho Diretor, levando consigo grandes histórias da ASL (**Cf. Anexo 4**). Para tanto, o professor Lins finalizou o seu discurso, afirmando que:

O homem vive de seus sonhos, ideais e até ilusões, e certamente, viverá de “esforço, entusiasmo e até sacrifício” como viveu o acadêmico Otávio Gonçalves Gomes e certamente eu viverei, pelo seu exemplo, em prol da Academia. Não são palavras vãs. “Ex abundantia cordis, enim os loquitur”. Mesmo que me falte “engenho e arte”, conto com a graça de Deus e com a vossa benevolência, enquanto sigo passo firme “como toda em pautado movimento”, com os olhos fitos “no Amor, que move o Sol e os outros Astros”<sup>109</sup>.

Vale destacar que, no ensaio “Parabéns, Academia de Letras!”, publicado na *Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras* (2013), José Couto Vieira Pontes chama a atenção acerca da importância da ASL no Mato Grosso do Sul, ao parabenizá-la por seus 42 anos. Lembramos que a Academia nasceu a partir do lançamento da obra *Camalotes e Guavirais*, de Ulisses Serra, no dia 13 de outubro de 1971, que foi o

<sup>107</sup>Cf. **Anexo 4**: Discurso de posse na Academia Sul-mato-grossense de Letras (1995).

<sup>108</sup>Cf. **Anexo 4**: Discurso de posse na Academia Sul-mato-grossense de Letras (1995).

<sup>109</sup> Cf. **Anexo 4**: Discurso de posse na Academia Sul-mato-grossense de Letras (1995).

“embrião” da fundação da ASL. Dezesete dias após o lançamento de sua obra, ou seja, no dia 30 de outubro de 1971, debaixo de um arvoredo, o escritor Ulisses Serra convidou os cofundadores, Germano Barros de Souza e José Couto Vieira, entre outros amigos, para irem com seu carro “Opala vermelho” até a “Estância Gisele”, que ficava na rodovia caminho de São Paulo, a 10 km da cidade de Campo Grande. Nessa “Estância Gisele”, os amigos conversavam sobre o “manifesto literário” que se expandia através da corrente dos movimentos dos estudiosos das letras. Vários escritores da literatura e da história cultural de Mato Grosso do Sul dialogavam para fundar um centro cultural em Campo Grande, com o interesse em manter “salvos” os nomes dos escritores, poetas, pintores, etc., que contribuíram na formação da literatura Sul-mato-grossense. Ulisses serviu lanche, refrigerantes, e, em seguida, subiu em cima de um caixote e disse aos companheiros: “A Academia de Letras e História de Campo Grande está fundada” (Cf. PONTES, 2013, p. 32-33).

Ou seja, os poetas, escritores, artistas plásticos, historiadores, cronistas transformaram a imagem e a ideia daquele momento em obras de artes – escreveram poesia, crônicas e desenharam a cena que presenciavam tão importante naquela data de 30 de outubro de 1971, publicados nas revistas da Academia Sul-mato-grossense de Letras.

Dessa perspectiva, a sessão oficial da ASL aconteceu no dia 13 de outubro de 1972, como afirmou o cofundador José Pontes:

A instalação oficial da entidade deu-se no dia 13 de outubro de 1972, no saguão do hotel, às 20 horas, presentes altas autoridades e figuras de destaque no mundo literário, como o escritor e acadêmico Ivan Lins, representando a Academia Brasileira de Letras; Hernani Donato, Presidente da Academia Paulista de Letras; Paulo Coelho Machado, representante do Governador José Fragelli; Hugo Pereira do Vale, da Academia Mato-Grossense de Letras, de Cuiaba; o General Reynaldo Mello de Almeida, Comandante da 9ª. Região militar; General Heitor Luis Gomes de Almeida, Comandante da 4ª. Divisão de Cavalaria; o Cel. Agostinho Perlingeiro Perissé, Comandante da Base Aérea de Campo Grande; Dr. Humberto Canale Neto, Presidente da Câmara Municipal de Campo Grande; Dr. Ataíde Neri de Freitas, Juiz de Direito, representando o Poder Judiciário; Assaf Trad, cônsul da República do Líbano; Armando Silvestrini, cônsul da Itália; Dr. Arnaldo Estêvão de Figueiredo, ex-Governador de Mato Grosso; Cel. José de Oliveira Lavor, da 9ª. Região Militar; Horácio Lemos, do comércio e pecuária de nosso Estado; Sras. Constança Corrêa Serra, ao lado dos netos Gisele e Noninho (PONTES, 2013, p. 33).

A repercussão nacional da fundação da ASL se deu no decorrer dos anos, com o empenho dos fundadores e confrades em estabelecerem a criação de uma sede própria, que até então se instalava em prédios alugados. Nesse sentido, o confrade Luiz Alexandre de Oliveira, em testamento, doou sua residência, da Rua Rui Barbosa nº

2624, no centro de Campo Grande, para a sede da entidade que realizou mudanças a partir do dia 1 de outubro de 1999 (Cf. PONTES, 2013, p. 35).

À época, o presidente da ASL, “o professor” José Pereira Lins escreveu para o jornal *Correio do Estado* – conforme se registra no caderno B, de 19 de fevereiro de 1999, relatando da felicidade de todos com a sede própria: “depois de fazer o trabalho de catalogação, pretendemos realizar os eventos para a comunidade”, como observamos na imagem a seguir:

**Fig. 80:** O presidente José Pereira Lins destacando os novos rumos da Academia Sul-mato-grossense de Letras, com a sede própria.

**ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS**  
**Novos rumos com sede própria**

Agora instalada em prédio próprio, a Academia pretende implantar uma série de atividades

A Academia Sul-Mato-grossense de Letras está em nova etapa de sua existência. Fundada em 1971, agora ganha sede própria. Com isso pretende implantar uma série de atividades que buscam despertar o interesse pela literatura numa faixa maior da população. Durante vários anos a entidade realizou parte de suas atividades em prédios alugados, num espaço restrito.

A nova sede está localizada na Rua Rui Barbosa 2.624. “O imóvel foi doado em testamento pelo membro da academia, Luiz Alexandre Oliveira, que morreu no ano passado”, conta o presidente da entidade, José Pereira Lins. Segundo ele, atualmente, com a mudança para o novo espaço, está sendo organizado o acervo de livros e materiais. “Depois de fazer o trabalho de catalogação, pretendemos realizar os eventos para a comunidade”, prevê o presidente. Ele está substituindo o ex-presidente, Arassuay Gomes de Castro, que se afastou do cargo por problema de saúde. Mesmo morando em Dourados, Pereira Lins vem duas vezes por semana cuidar do andamento da academia.

O presidente José Pereira Lins: “O alvo é a comunidade”

A atividade junto à comunidade era prática que vinha sendo intensificada na gestão do escritor Elpídio Reis, falecido há cerca de um ano e meio. “Foi ele que começou essa ação, que achamos de muita importância para o prosseguimento do nosso trabalho porque dá sentido social à academia”, destaca o presidente.

Entre as futuras ações estão as palestras em escolas, universidades e realizações de cursos dentro da entidade. “Estamos conversando com os acadêmicos, planejando as atividades que vamos fazer de agora em diante”, diz Pereira Lins.

A nova eleição da diretoria da entidade acontecerá em outubro, tendo a gestão três anos de duração. O quadro de acadêmicos atualmente conta com 36 cadeiras e quatro vagas a serem preenchidas.

**Fonte:** Imagem fotográfica em câmera digital, de nossa autoria, extraída do Jornal *Correio do Estado*, 19 fev. 1999, constante em arquivo da ASL/ Campo Grande. 14 jan. 2016

Na presidência por duas vezes (1999/2002) (2002/2003), o professor Lins permaneceu fiel à ação criada pelo confrade falecido, ex-presidente, o escritor Elpídio Reis: “foi ele que começou essa ação, que achamos de muita importância para o

prosseguimento do nosso trabalho porque dá sentido social à academia”<sup>110</sup>. E o professor, então, deu continuidade aos concursos de contos Ulisses Serra, concursos de poesias e manifestações culturais, em campanhas nas escolas, realizando cursos de arte, arte do conto, arte de escrever – com centenas de palestras em todo o Estado e o chá acadêmico, etc., que tinha como alvo “a comunidade”, e, também, as produções dos acadêmicos, onde foram editadas várias obras no intuito de mostrar a imortalidade e envergadura dos escritores sobre a literatura Sul-mato-grossense.

Destacamos que o professor Lins se refere, também, em seu discurso de posse na ASL (Cf. **Anexo 4**), à professora Maria Sá Rosa, a qual retrata e analisa as interpretações literárias realizadas pelos confrades poetas, escritores, advogados, artistas plásticos, etc., especialmente em sua obra (Cf. ROSA, 1990):

Para falar e escrever das coisas sérias, aí está Maria da Glória Sá Rosa. Ninguém hoje poderá envolver-se com as Histórias de Vida na Educação e nas Artes sul-mato-grossenses, sem que, necessariamente, tenha de sentar-se ao lado dessa professora, exímia naquilo a que se tem proposto<sup>111</sup>.

Ainda, em discurso da ADL, o professor Lins se refere à professora Maria Sá Rosa, como exemplo a ser seguido:

A professora Maria da Glória Sá Rosa, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob todos os títulos de inegável e notório saber, no desejo de projetar aqueles que fazem o Brasil de hoje através da Educação, escreveu obra sem similar até o presente, intitulada *Memória da cultura e da educação em Mato Grosso do Sul*. Neste livro, a educadora procura perpetuar o nome e a memória daqueles que em Dourados puseram em prática os seus sonhos e ideais salientando a significação de seus esforços e contribuição ao progresso dessa região, no setor da educação. É um caminho a ser seguido pela novel Academia. Esta, a missão que lhe é confiada, este o seu dever. Cabe-lhe fazer com que esses ideais perdurem<sup>112</sup>.

Assim, a referida obra da professora Maria da Glória foi de grande relevância, pois, além de tecer uma imagem do professor Lins e dos outros escritores, advogados, poetas, etc., de que foram pessoas modestas que ultrapassaram dificuldades para se tornarem respeitados na educação do Estado de MS (Cf. ROSA, 1990, p. 174), também serviu como modelo a ser seguido pelo professor Lins, na Academia Douradense de Letras. Ou seja, em exaltação aos confrades, o professor Lins, em seus discursos da ADL e ASL, sintetizou a vida acadêmica daqueles que lutaram e fizeram dessas entidades o monumento histórico cultural de Campo Grande e Dourados, e que ainda

<sup>110</sup>Cf. O jornal *Correio do Estado*, 19 fev. 1999.

<sup>111</sup>Cf. **Anexo 4**: Discurso de posse na Academia Sul-mato-grossense de Letras (1995).

<sup>112</sup>Cf. **Anexo 3**: Discurso de posse na Academia Douradense de Letras (1993).

hoje reúne amigos, escritores, poetas, artistas plásticos, contistas, advogados, dentre outros.

Constam, ainda hoje, frequentes publicações dos acadêmicos (da ASL, na “Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras”, no jornal, *Correio do Estado*, de Campo Grande. E dos acadêmicos da ADL no jornal *O progresso*, da cidade de Dourados, no próprio jornal *Letras Douradenses*, da Academia, na qual o professor Lins ajudou a criar e aprovar um dos meios de divulgação mais importantes), nos quais, resultam em produções de textos que continuam o pensamento literário do professor Lins.

Reconhecemos a existência de um amplo e diversificado *corpus* de estudo envolvendo as academias ADL e ASL, na quais os confrades guardaram um valioso espólio que em nossa pesquisa procuramos registrar e recuperar. E a partir dos quais destacamos os feitos e a imagem de um dos mais importantes nomes das Letras, da cultura e, sem sombra de dúvida, um dos maiores trabalhadores na formação cultural e educacional na história de Mato Grosso do Sul, professor Lins.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

“As condições geográficas que isolam a cidade, são as mesmas que fazem seus filhos soldarem-se mais à terra”.  
Manoel de Barros

A epígrafe do poeta sul-mato-grossense, Manoel de Barros, serve como se numa lápide ao nosso ambíguo propósito de concluir este trabalho que versou sobre a vida e obra do professor José Pereira Lins: primeiro, porque foi utilizada pelo próprio professor, nessa mesma condição de epígrafe, em um dos seus mais importantes textos de crítica<sup>113</sup>, e, em segundo lugar, porque ela encerra mimetizando semanticamente a “condição humana” do próprio professor Lins, cidadão e homem de Letras que se soldou à terra e à cultura nas quais viveu. Decerto que, ao selecionar essa epígrafe, o professor Lins tinha em mente que tanto Manoel de Barros como Lobivar Matos, ambos poetas pantaneiros, aos quais amou e prestou homenagens, reuniram as condições inatas, *sine qua non*, para que uma figura, nome, vulto de cidadania possa inscrever-se na flâmula de seu povo e de sua terra.

Com tais palavras, norteados pela epígrafe, somos levados ao reconhecimento de que a tarefa abraçada no decorrer deste trabalho nos garantiu, logo de início, muita satisfação, com desafios e trabalho árduo ao longo de sua jornada, culminando no prazer da descoberta, que, com a realização desta dissertação propriamente dita, ocupou-nos exatos três anos de estudos e pesquisas. Daí que, pôr um ponto final e concluir um estudo dessa natureza, não é tarefa fácil.

Desde o início moveu-nos uma curiosidade e provocação que nasceram de um trabalho inicial de PIVIC/Projeto de Iniciação Científica Voluntária, no qual o nome do professor Lins, que aparecia no frontispício da nossa Faculdade de Letras, nos incitava a responder perguntas, tais como: quem é este cidadão? de onde ele veio? onde ele nasceu? o que ele fez, enfim, para que seu nome batizasse a Faculdade de Comunicação,

---

<sup>113</sup>BARROS *apud* LINS. “Lobivar Matos: O homem e o poeta – visão crítica”, 2000, p. 95.

Artes e Letras da UFGD? Respondidas essas perguntas, muitas outras, outros aspectos, outras facetas em torno do homem de Letras, José Pereira Lins, passaram a nos ocupar em interesse, e como num jogo de palavra-puxa-palavra fomos rastreando e descobrindo quão profundamente a vida e obra do professor Lins tinham se inscrito na história da Literatura, da cultura, dos grandes feitos e realizações de que o indivíduo humano é capaz, cravando assim, emblematicamente, seu nome na história de um espaço geofísico ao qual agora cria um liame e finda intrincadamente ligado em amálgama. Tais são as impressões que nos obsediaram até este presente momento.

Para nós, que tivemos a honra de executar este projeto de pesquisa, resultou uma formidável satisfação durante o trajeto de recolha de um representativo *corpus* da vida e obra do professor Lins, que ora compartilhamos com outros leitores, no firme propósito de que, a partir deste primeiro trabalho, outros possam ser realizados em contraponto com o nosso próprio exercício e em ampliação das fontes que pudemos enumerar e que decerto resguardam outros aspectos de igual interesse. À essa altura de nossa pesquisa, não podemos dizer que estamos ou que fomos surpreendidos, seja pelo valor incomensurável da vida e obra do professor Lins, da legitimidade da sua autobiografia para os estudos de Literatura e regionais culturais, seja da representatividade e acolhida que seu nome mantém como história de homens ilustres, bem como na recepção que angariou ao longo de gerações, de todos os níveis e extratos de indivíduos, com os quais manteve uma cordial relação de amizade, digno de refletir-se em tratados dessa natureza.

Com efeito, este trabalho se desenvolveu seguindo os passos aqui articulados, tendo em vista a operacionalização dos dados e informações dos quais dispusemos, bem como daqueles que fomos descobrindo durante os contatos com o espólio ou acervo do professor Lins, além dos inúmeros depoentes e admiradores do professor, conferindo o inestimável valor de fonte testemunhal que foi sendo agregada e se tornando parte constitutiva dessa pesquisa. Assim, reconhecíamos, desde o início, que a nossa abordagem não podia prescindir de uma bibliografia teórico-crítica compatível com o nosso objeto de estudo. Daí as contribuições advindas do campo da Literatura Comparada, seguindo a vertente dos estudos de autobiografia, entendida como um “arquivo” no sentido derridaiano, onde o próprio arquivo é sintoma de um “mal” que superpõe a aura do testemunho, do acervo, da autobiografia, da memória, da biblioteca, dos manuscritos, etc. Desse ponto de vista, nosso objeto de estudo surge como se

atravessado por várias vertentes de análises, todas enriquecedoras e abalizadoras da pertinência desse objeto de estudo.

Várias foram as tentativas de organização do material de pesquisa. Em decorrência do que dissemos antes, privilegiamos um capítulo especial dedicado à autobiografia como arquivo pessoal, no qual enfeixamos as origens formativas, a experiência da docência e a produção literária do nosso autor. Em sequência, procuramos recuperar a trajetória e a inserção sociocultural que configura os quadros de referência da vida e obra do professor Lins. Disso decorreu o ressurgimento do próprio homem de Letras através da reflexão e da memória na reconstituição do arquivo, e em particular do cotejamento do arquivo “José Pereira Lins”. Bem assim, o perfil do professor foi ganhando contornos por meio do seu envolvimento com as Academias de Letras do Estado.

Um outro aspecto deve ser sublinhado, particularmente. No que se refere às imagens e/ou figuras selecionadas para este trabalho, bem como aos vários documentos, extraídos de fontes diversas, tais como os discursos do professor Lins na posse das Academias, esses anexados ao trabalho, todos eles falam por si sós *grosso modo*. O que, em realidade, não nos furtou nem diminuiu o prazer de comentá-los, de estender suas produções de sentido, principalmente quando vistos comparativamente e compondo o universo do discurso que dá sustentação à narrativa de nossa própria “leitura” – leitura aqui entendida como construção e produção de sentidos atravessando todo o nosso trabalho a partir do seu título.

Sublinha-se, de resto, a constatação do fato inamovível de que o professor Lins galgou etapas em todos os setores de sua vida como cidadão e enquanto intelectual, que parecia seguir um *script* só realizável pelos grandes mestres: de trabalhador humilde, veio se tornar dono de sua própria escola, mestre da oratória, professor e servidor da administração pública, escritor de várias obras, crítico de literatura e cultura, mobilizador do cenário e da vida cultural de seu tempo, moderador de conflitos e debates acadêmicos e sociais, exemplar chefe de família... Enfim, tudo isso em uníssono fez nos compreender em latitude a relevância de seu nome, precisamente, hoje em dia, quando vemos seu nome batizando a Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da UFGD, dentre tantas outras homenagens.

## REFERÊNCIAS

### a) Do autor

LINS, José Pereira. In: ROSA, Maria da Glória Sá. *Memória da Cultura e da Educação em Mato Grosso do Sul*- História de Vida. Campo Grande: Editora UFMS, 1990, 233p. Capítulo 21: José Pereira Lins, p. 174-178.

LINS, José Pereira; OLIVEIRA, Doratildo P. de. *Lobivar Matos – O Poeta desconhecido*. Dourados: Ed. Colégio Oswaldo Cruz, 1994, 68 p.

LINS, José Pereira. (org.). *Maria Constança Barros Machado – Histórias de Vida*. Departamento Cultural do colégio Oswaldo Cruz. Dourados MS, 1995, 45 p.

\_\_\_\_\_. *Hélio Serejo... Sublime poema! Cintilações da Alma Poética de Hélio Serejo*. Dourados: Franquini & Santini Ltda., 1996, 120 p.

\_\_\_\_\_. Lobivar Matos: O homem e o poeta. In: SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. (org.). *Ciclos de literatura comparada*. Campo Grande: Editora UFMS, 2000, p. 93-116.

\_\_\_\_\_. “Dossiê” Lobivar Matos. Palestra apresentada no *VI Ciclo de Literatura*, em 29 nov. 1998, 25 f.

\_\_\_\_\_. Discurso de agradecimento pelo título de doutor em ‘HONORIS CAUSA’, apresentado no *Anfiteatro do Centro Universitário da Grande Dourados – UNIGRAN*, em 17 jun. 2005, 8 f.

\_\_\_\_\_. O sopro de Deus – Discurso de posse na Academia Evangélica de Letras do Brasil. Rio de Janeiro: 8 de abr. 1997, 18 f.

\_\_\_\_\_. Nós e a Pátria – Discurso proferido em praça pública de Dourados. Dourados: 7 set. 1970, 5 f.

\_\_\_\_\_. *O Sol dos ervais – Exaltação à obra literária de Hélio Serejo*. Dourados: Editora Dinâmica, 2002, 112 p.

\_\_\_\_\_. *Do Livre Arbítrio e da Soberania de Deus*. Campo Grande: Editora Brasília, 1993, 64 p.

\_\_\_\_\_. *Os olhos de Deus* (CRÔNICAS LITERÁRIAS - Série Primeira). Dourados: Editora Dinâmica, 2004, 109 p.

\_\_\_\_\_. O Jardim de Academo. Discurso na Academia Douradense de Letras, em 27 mar. 1993, 8 f.

\_\_\_\_\_. DISCURSO de posse na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL). *Correio do Estado*. Campo Grande, MS, 11, 12 nov. 1995, 2 f.

\_\_\_\_\_. Uma dúvida inquietante. Palestra apresentada na 1ª Conferência distrital do 447, de Corumbá. Dourados: 20 a 23 abr. 1978, 6 f.

\_\_\_\_\_. *As Aves de Arribação*. Dourados: Ed. Nicanor Coelho, 2006. 61p.

\_\_\_\_\_. *Conceitos*. Dourados: Ed. Colégio Oswaldo Cruz, 1995, 67p.

\_\_\_\_\_. *Panacéia – Máximas, Pensamentos e Paradoxos*. Dourados: Edição do colégio Oswaldo Cruz, 2010, s/p.

\_\_\_\_\_. *Panacéia – Máximas, Pensamentos e Paradoxos*. Volume de bolso. Dourados: Edição do colégio Oswaldo Cruz, 2010, s/p.

\_\_\_\_\_. Saudade. *O Progresso*. Crônicas Escolhidas. Dourados, MS, 20 out. 1998.

\_\_\_\_\_. Exaltação à Bandeira. *O Progresso*. Crônicas Escolhidas. Dourados, MS, 19 nov. 1998.

- \_\_\_\_\_. A privilegiada linguagem dos poetas. Crônicas Escolhidas. *O Progresso*. Dourados, MS, 18 set. 2001.
- \_\_\_\_\_. A revelação do perfil de um poeta. *Correio do Estado*. Campo Grande, 17 nov. 1995.
- \_\_\_\_\_. Onde os Inéditos de Lobivar Matos?. *Correio do Estado*. Campo Grande, 20 dez. 1995.
- \_\_\_\_\_. Lobivar, Ulisses e Maria Bolacha. *Correio do Estado*. Campo Grande, 7 dez. 1995.
- \_\_\_\_\_. Lobivar Matos no contexto das definições. *Correio do Estado*, Campo Grande, 2/3 dez. 1995.
- \_\_\_\_\_. A volta de Lobivar Matos. *Correio do Estado*. Campo Grande, 11 jun. 1996.
- \_\_\_\_\_. Adeus 1995, Adeus!. *Letras Douradenses*. Dourados: Academia Douradense de Letras, nº V, jan. 1996, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Humberto Del Maestro – O Homem e o Poeta. *Letras Douradenses*. Dourados: Academia Douradense de Letras, nº V, jan. 1996, p. 8.
- \_\_\_\_\_. Discurso “Nobres Parlamentares”. Campo Grande: Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso do Sul, 29 de ago. 2006, 1 f.

## **b) Sobre o autor**

- AMARAL, Maria Eugênia Carvalho do. Cidadania reconhecida. In:\_\_\_\_\_. *Celebrando dezembro, janeiro, fevereiro...* Campo Grande, MS: Letra Livre Ed, 2014, p. 55-58.
- ARAUJO, Susylene. Lobivar Matos. In: PELLEGRINI, Fabio; SENA, Melly. (org.). *Vozes da Literatura*. Campo Grande: FCMS, 2014, p. 46-51.
- CARNEIRO, Patrícia Gaiofato. Botamos muita água no leite: José Pereira Lins, um educador Brasileiro. In: AMARILHA, Carlos Magnon Mieres; SERAFIM, Luciano. (org.). *Vozes Guarany: Histórias de vidas Sul-mato-grossenses*. Dourados, MS: Nicanor Coelho Ed, 2011, p. 200-210.
- CHOCIAI, Lauro. 40 anos do curso de Letras. In: FERREIRA, Áurea Rita de A. Lima; MARCHI, Maria das Dores C. Vigário. (org.). *40 anos Letras/FACALE/UFGD: percursos, memórias em tempos e espaços*. Dourados-MS: Editora UFGD, 2012, p. 95-97.
- FERREIRA, Áurea Rita de A. Lima; MARCHI, Maria das Dores C. Vigário. (org.). *40 anos Letras/FACALE/UFGD: percursos, memórias em tempos e espaços*. Dourados-MS: Editora UFGD, 2012.
- GRESSLER, Lori Alice. Aspectos históricos do curso de Letras – 1971/1973-Dourados. In: FERREIRA, Áurea Rita de A. Lima; MARCHI, Maria das Dores C. Vigário. (org.). *40 anos Letras/FACALE/UFGD: percursos, memórias em tempos e espaços*. Dourados-MS: Editora UFGD, 2012, p. 89-93.

GRESSLER, Lori Alice; KURTZ, Luiza Gertrude Renate; VASCONCELOS, Luiza Melo. (org.). *Avaliação dos cursos de Licenciatura do Centro Universitário de Dourados – segundo os egressos período 1971 a 1982*. CEUD: Dourados, 1984.

HELLMAN, Ruth. *A história da ADL Academia Douradense de Letras*. Dourados: Edição da autora, 2011, 32 p.

LORO, Telma Valle de; FERREIRA, Áurea Rita de Ávila Lima. *Manifestações Literárias em Dourados*. Dourados: Presença Edições, 1985.

MARTINS, Débora Letícia Lins. *A História da Escola Normal Olavo Bilac. Trabalho de Conclusão de Curso*. Universidade Federal da Grande Dourados / Faculdade de Educação, 2012, 40 f.

MATOS, Jericó Vieira de. “Homenagem ao Mestre José Pereira Lins”. Campo Grande MS: Compartilhado via *Facebook*, 4 jul. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/luciano.primosilva>. Acesso em: 26 jul. 2016.

MAZZINI, Adilvo. Curso de Letras: 40 anos. In: FERREIRA, Áurea Rita de A. Lima; MARCHI, Maria das Dores C. Vigário. (org.). *40 anos Letras/FACALE/UFGD: percursos, memórias em tempos e espaços*. Dourados-MS: Editora UFGD, 2012, p. 100-102.

MOREIRA, Regina Heloiza Targa. *Memória Fotográfica de Dourados*. Campo Grande: UFMS, 1990.

MORAIS, Rosana Sant’Ana. *A História da disciplina língua espanhola expressa nas leis e na cultura escolar do colégio ‘Maria Constança’ em Campo Grande MT (1953-1961)*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2007, 150p. Disponível em: <http://repositorio.cbc.ufms.br:8080/jspui/bitstream/123456789/832/1/Rosana%20Sant%27Ana%20de%20Morais.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2016.

OLIVEIRA, Maria Elena Izidório de. *Usina Velha: Raios na Chaminé*. Dourados, MS: 1º ed., 2009.

OLIVEIRA, Raymundo Farias de. O sol dos hervais. Presidente Prudente: *O Imparcial*, 26 nov. 2003, f 3a.

PONTES, José Couto Vieira. Parabéns, Academia de Letras!. *Revista da Academia Sul-mato-grossense de Letras*. Campo Grande; MS, n.24, nov. 2013, p. 32-36.

\_\_\_\_\_. *Os vinte anos da academia sul-mato-grossense de Letras*. Campo Grande: Gráfica Jornal do comércio, 1991, 87p.

*REVISTA Arandu* – José Pereira Lins. Dourados: Editor Nicanor Coelho, nº 27, fev/mar/abr/2004.

*REVISTA Textos* – Publicação oficial do Centro Pedagógico de Dourados. Dourados MS: Edições Loyola, ano III, nº 1, julho/1977.

*REVISTA Premissas* (2009). Disponível em: <http://www.ufgd.edu.br/comunicacao/downloads/materia-com-professor-lins-na-premissas>. Acesso em: 16 jun. 2016, p. 9-11.

ROSA, Maria da Glória Sá. Literatura. In: *Cultura e Arte em Mato Grosso do Sul*. Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul; Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso do Sul. Campo Grande- MS, 2006, p. 35-42.

ROSA, Maria da Glória Sá. *Memória da cultura e da educação em Mato Grosso do Sul: Histórias de Vida*. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 1990.

ROSA, Maria da Glória Sá; NOGUEIRA, Albana Xavier. *A Literatura Sul-Mato- - Grossense na Ótica de seus Construtores*. Campo Grande: Editora Life, 2011.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. Homenagem ao imortal Jose Pereira Lins. *Revista da Academia Sul-mato-grossense de Letras*. Campo Grande; MS, n.24, nov. 2013a, p. 141-148.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. A literatura sul-mato-grossense: Intermediação do lugar. In: \_\_\_\_\_. *Entretextos – Crítica comparada em literaturas de fronteiras*. Campo Grande: Life Editora, 2012, p. 51-65.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. *A fronteira do Local: Roteiro para uma leitura crítica do regional Sul-mato-grossense*. Campo Grande: Editora UFMS, 2008.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos; ALVES, Joyce. Memória e crítica biográfica: um possível retrato de José Pereira Lins. In: SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos; BARZOTTO, Leoné Astride. (org.). *Literatura Interseções Transversões*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2013b, p. 345-362.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. Dois escritores e um perfil: Lobivar Matos e José Pereira Lins. *Ângulo* (FATEA. Impresso), v. 131, 2012, p. 104-113.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos; SILVA, Luciano Primo da. José Pereira Lins: Memória de um Educador em Dourados. In: *Revista da Academia Sul-mato-grossense de Letras*. Campo Grande; MS, n. 26, nov. 2014c, p. 177-182.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. À guisa de apresentação: Mato Grosso do Sul em cena. In: SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. (org.). *Literatura, Arte e Cultura na Fronteira Sul-Mato-Grossense*. Dourados, MS: Ed. Seriema, 2010, p. 11-18.

SEREJO, Hélio. *Meus Bisnetos*. Presidente Venceslau: edição artesanal do próprio autor, 2002, 57 p.

SEGATTO, Karine. Professor Lins, o mestre escola. Dourados: *Folha de Dourados*, 30 out. 2005.

SILVA, Luciano Primo da; SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. José Pereira Lins: Memória de um educador em Dourados. In: *Trajetórias Intelectuais, Etnografias da Experiência e Narrativas Biográficas na América Latina. Anais do XII Seminário de literatura, história e memória e III Congresso Internacional de Pesquisa em Letras no Contexto latino-americano*. CASCAVEL PR: UNIOESTE, 2015, p. 1-19. Disponível em <http://www.unioeste.br/eventos/lhmseminario/>. Acesso em: 29 jul. 2016.

SILVA, Luciano Primo da; SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. Acervo e Memória do Professor José Pereira Lins. In: *Revista Guavira*. Centro-Oeste: Inventores, Pensadores

e Intérpretes. Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMS, Três Lagoas; n. 18, jan/jul. 2014b, p. 223-241.

SILVA, Luciano Primo da; SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. Acervo e Memória do Professor José Pereira Lins. 15 f. Relatório Final. Faculdade de Comunicação Artes e Letras/ UFGD, 2014d.

\_\_\_\_\_. Anotações e primeiras impressões na biblioteca do professor José Pereira Lins. 10 p. 2014. V Seminário Internacional América Platina. *Anais...* Disponível em: <http://www.seminarioamericaplatina.com/restrito/trabalho/Luciano-Primo-da-Silva-271014-1752-V%20semin%C3%A1rio%20AMERICA%20PLATINA.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2016.

TENO, Neide Araujo Castilho. Sol dos Ervais homenageia Hélio Serejo. Dourados: *O Progresso*, 5 jan. 2004.

TENO, Hélia Marcia Castilho; SILVA, Luciano Primo da. “Retratos” da *persona* do escritor Hélio Serejo e de fragmentos de obras do professor José Pereira Lins. In: ST3 Fronteiras, Turismo e Manifestações Festivas. *Anais do XVII Congresso e III CIAEE/Congresso Iberoameicano de Arqueologia, Etnologia e Etno-História*. Dourados: UFGD, 2015, p.1-9. Disponível em: <http://www.ciaee2015.com.br/>. Acesso em: 29 fev. 2016.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO. “Ata de Reuniões de Professores, do Centro Pedagógico de Dourados”. Dourados/MS, 1971, 100 f.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO. “Ata de Avaliação G1-G2 – Média e Prova Final do Curso de Letras”. Centro Pedagógico de Dourados, 1971-1973, 200 f.

### **c) Teórico-críticas**

ABDALA JUNIOR, Benjamin (org.). *Estudos Comparados Teoria, Crítica e Metodologia*. Cotia, SP: Ateliê editorial, 2014.

ANDRADE, Vera Lúcia. O leitor na biblioteca. In: BITTENCOURT, Gilda Neves; MARQUES, Reinaldo. (org.). *Limiares Críticos – Ensaio de Literatura Comparada*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998, p. 89-96.

ANTELO, Raúl. O tempo do arquivo não é o tempo da história. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (org.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editoras UFMG, 2009, p. 155-175.

BECKER, Howard S. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. 4ª. ed. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 101-116.

BITTENCOURT, Gilda Neves; MARQUES, Reinaldo. *Limiares Críticos – Ensaio de Literatura Comparada*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência*. 1º reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, 297p. Cap. IV: Narrativa e resistência, p. 118-136.

BUESCU, Helena Carvalho. Inventar a ler. Literatura-Mundo em português. In: ABDALA JUNIOR, Benjamin (org.). *Estudos Comparados: Teoria, Crítica e Metodologia*. Cotia, SP: Ateliê editorial, 2014, p. 43-83.

BRAGANÇA, Gustavo Moura; LYSARDO-DIAS, Dylia; SOUZA, Eneida Maria de. (org.). *Sobrevivência e devir da leitura*. Belo Horizonte: Autêntica Editorial, 2014.

CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS- Memória cultural. Campo Grande-MS, Editora UFMS, jul./dez. v.5 n. 10, 2013.

CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt; REALES, Liliana. (org.). *Arquivos de passagens, paisagens*. Florianópolis: Editora UFSC, 2012.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Arquivos-Relicários- Múltiplas narrativas para a construção da história e da memória. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. (org.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editoras UFMG, 2011, p. 327-340.

CARVALHAL, Tania Franco. A tradição discursiva na América Latina e a prática comparatista. In: BITTENCOURT, Gilda (org.). *Literatura comparada: teoria e prática*. Porto Alegre: Sagra DC Luzzatto, 1996, p. 198-207.

\_\_\_\_\_. Encontros na travessia. In: REVISTA BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, nº 7. Porto Alegre: ABRALIC, 2005, p. 169-182.

\_\_\_\_\_. Sob a égide do cavaleiro errante. In: REVISTA BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, nº 8. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2006, p. 11-17.

CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Editora Boitempo, 2003.

\_\_\_\_\_. Máquina de moer oposições. In: *Revista Veredas*. Centro Cultural Banco do Brasil, ano 4, nº 37, Rio de Janeiro, 1999, p. 36-39.

CUNHA, Eneida Leal. A “Casa Jorge Amado”. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello. (org.). *Arquivos Literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p.117-128.

DERRIDA, Jaques; ROUDINESCO, Elizabeth. *De que amanhã... Diálogo*. Rio de Janeiro: tradução André Telles, Jorge Zahar ed., 2006.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, 130p.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: tradução Luiz Felipe Baeta, 8º ed., Florence Universitária, 2013.

FOKKEMA, Douwe; IBSCH, Elrud. *Conhecimento e compromisso: Uma abordagem voltada aos problemas dos estudos literários*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2006.

GARRAMUÑO, Florência. Da memória à presença- Práticas do arquivo na cultura contemporânea. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. (org.) *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 204-217.

GOMES, Otavio Gonçalves. *A poesia de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Imprensa Resenha Tributária, 1983.

LEONZO, N. Eduardo Prado: o último dos lusíadas. In: BORGES, F. T. de M. ; PERARO, M. A. ; COSTA, V. G. das. (org.). *Trajetórias de vidas na história*. Cuiabá: Ed. UFMT, Carlini e Caniato Editorial, 2008, p. 377-384.

LEBRAVE, Jean-Louis. O manuscrito Será o Futuro do Texto. In: SOUZA, Eneida Maria de Souza; MIRANDA, Wander Mello. (org.). *Arquivos Literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 83-92.

MARQUES, Reinaldo. O Arquivamento do escritor. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello. (org.). *Arquivos Literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 141-156.

MARQUES, Reinaldo. O que resta nos arquivos literários. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. (org.). *Crítica e Coleção*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2011, p. 192-203.

MARQUES, Reinaldo; SOUZA, Eneida Maria de. (org.). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editoras UFMG, 2009, 496p. Parte 2: A invenção do arquivo literário, p. 351-491.

MINÉ, Elza. Galerias em Diálogo: Jaime Batalha Reis e Columbano Bordalo Pinheiro. In: ABDALA JUNIOR, Benjamin. (org.) *Estudos Comparados: Teoria, Crítica e Metodologia*. São Paulo: Ateliê editorial, 2014, p. 169-190.

MIRANDA, Wander Melo; SOUZA, Eneida Maria de. (org.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editoras UFMG, 2009.

\_\_\_\_\_. (org.). *Arquivos Literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MISKOLCI, Richard. Uma outra compreensão da realidade. In: *Revista Cult*. Jul. 2015, nº 203, p. 27-32. (Dossiê: Literatura e Experiência).

PEREIRA, Terezinha Maria Scher. Acervos de Murilo Mendes. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello. (org.). *Arquivos Literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 157-165.

PIZARRO, Ana. A América Latina como arquivo literário. In: SOUZA, Eneida Maria de; MARQUES, Reinaldo (org.). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editoras UFMG, 2009, p. 353-367.

- QUADROS, Jânio da Silva; ROSA, Ubiratan. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1ª ed. São Paulo, SP: Editora RIDEEL, 2005, 765p.
- RESENDE, Beatriz. A politização do saber. In: *Revista Veredas*. Centro Cultural Banco do Brasil, ano 4, nº 37, Rio de Janeiro, 1999, p. 36-39.
- ROBERT, Marthe. *Romance das origens, origens do romance*. Trad. André Teles. São Paulo. Cosac Naify. 2007, 280 p.
- ROCCA, Pablo. O pesquisador de arquivo como um policial? O caso de Rodó e suas adjacências. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. (org.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editoras UFMG, 2009, p. 250-268.
- ROUDINESCO, Elizabeth. *Análise e o arquivo*. Rio de Janeiro: tradução André Telles, Jorge Zahar ed., 2006.
- SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. (org.). *Literatura e práticas culturais*. Dourados: Editora UFGD, 2009.
- SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. *Entretextos: crítica comparada em literaturas de fronteiras*. Campo Grande. Life Editora, 2012.
- SCLIAR, Moacyr. A função Educativa da leitura literária. In: ABREU, Márcia. (org.). *Leituras no Brasil: antologia comemorativa pelo 10º Cole*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995, p. 161-177.
- SILVEIRA, Tasso da. Memórias. In: \_\_\_\_\_. *Diálogo com as raízes* (jornal de fim de caminhada). Salvador: Edições G. H. DOREA, 1971, p. 114.
- \_\_\_\_\_. *Cantos do Campo de Batalha*. 4ª. São Paulo: edições GRD, 1997.
- \_\_\_\_\_. *As mãos e o espírito*. (drama em três atos). Curitiba: Champagnat, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Definição do modernismo brasileiro*, 1932.
- FILHO, Adonias. *Tasso da Silveira e o tema da poesia eterna*. São Paulo: S.E Panorama, Ltda. 1940.
- TAVARES, Ildásio. (organização e seleção de) *Tasso da Silveira – poemas*, 2003.
- SOUZA, Eneida Maria de. A crítica biográfica. In: \_\_\_\_\_. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 17-25.
- \_\_\_\_\_. Nava se desenha. In: MIRANDA, Wander Mello; SOUZA, Eneida Maria de. (org.). *Arquivos Literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 183-202.
- \_\_\_\_\_. A biografia, um bem de arquivo. In: \_\_\_\_\_. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 39-51.
- \_\_\_\_\_. Notas sobre a crítica biográfica. In: \_\_\_\_\_. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p. 111-120.

\_\_\_\_\_. Ficções Impuras. In: BRAGANÇA, Gustavo Moura; LYSARDO-DIAS, Dylia; SOUZA, Eneida Maria de. (org.). *Sobrevivência e devir da leitura*. Belo Horizonte: Autêntica Editorial, 2014, p. 111-118.

\_\_\_\_\_. Memória de Borges. In: *Jornal de Resenhas*. São Paulo: Discurso Editorial, nov. 2010.

#### **a) MATÉRIA DE JORNAL NÃO ASSINADA:**

ABERTAS inscrições para Academia MS de Letras. *Diário do MS*. Dourados, 5 mar. 2002.

ACADEMIA de Letras do estado abre miniauditório. *Correio do Estado*. Campo Grande, MS, 2001.

ACADEMIA tem uma história de desafios. *O Progresso*. Dourados, MS, 4 jul. 2001.

ACADEMIA empossa novo membro em Dourados. *O Progresso*. Dourados, MS, 7 nov. 1996.

ACADEMIA empossa nova diretoria. *Diário do Povo*. Dourados, MS, 18 set. 2000.

ACADEMIA é uma referência cultural. *O Progresso*. Dourados MS, 19/20 dez. 2008.

AQUISIÇÃO do acervo bibliográfico do professor José Pereira Lins. *Diário oficial da União*. seção 3. Dourados, MS: Fundação Universidade Federal da Grande Dourados, 22 dez. 2009.

ARRUDA, Daniella. Colégio Maria Constança comemora meio século. Campo Grande: *Correio do Estado*, 31 ago. 2005, 6a.

A Solenidade da Academia em Dourados. *O Progresso*. Dourados, MS, 3 nov. 1995.

COM O MAGNIFICO discurso que abaixo transcrevemos na íntegra, professor José Pereira Lins, sublimou a Pátria no seu maior dia. *O Progresso*. Dourados, MS, 12 set. 1970.

ADL abre vaga e realiza eleição. *O Progresso*. Dourados, MS, 20 ago. 2004.

ADL encerra os trabalhos do ano. *Diário do MS*. Dourados, 14 dez. 2000.

ANIVERSARIA hoje o conhecido e estimado professor José Pereira Lins. *O Progresso*. Dourados, MS, 5 fev. 1986.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA homenageia cinco douradenses. *Diário do MS*. Dourados, 29 ago. 2006.

ARANDU retrata vida do professor Lins. *O Progresso*. Dourados, 12 mar. 2004.

CASO de amor com a Literatura. *O Progresso*. Dourados, MS.

CORES do logotipo da Academia Douradense de Letras e seu simbolismo. Dourados: *Letras Douradenses*, nº I, set. 1995.

COLÉGIO faz homenagem a professor na capital. *O Progresso*. Dourados, MS, 16 set. 2005.

COLÉGIO Maria Constança comemora meio século. *Correio do Estado*. Campo Grande, 31 ago. 2005.

CURRICULUM VITAE José Pereira Lins. *O Progresso*. Dourados, MS, 28 abr. 1995.

DANTAS, Altair da Costa. O honor educacional do professor Lins. *O Progresso*. Dourado, MS, 14/15 dez. 1985.

ESCRITORES realizam maratona cultural. *Correio do Estado*. Campo Grande, MS, 25 jul. 2001.

ESCOLA Oswaldo Cruz é desativada. *Diário MS*. Dourados, 6 fev. 2003.

EM DOURADOS só duas escolas regularizadas. *O Progresso*. Dourados, MS, 30 abr. 1980.

EMOCIONADO, prof. Lins agradece a homenagem. *O Progresso*. Dourados, MS, 3 mar. 1986.

FEIRA Literária de Bonito terá atrações nacionais. *Diário MS*. Dourados, 5 jul. 2016.

GERALDO Anuncia pacote de inaugurações em Dourados. Caderno 2. *O progresso*. Dourados, MS, 4 dez. 2014

11ª HORA CÍVICA homenageia professor Lins 3.a feira. *O Progresso*. Dourados, MS, 3 mar. 1986.

LEITURA engrandece a alma. *O Progresso*. Dourados, MS, 26 JUN. 2001.

LINS assume Academia de Letras de MS. *Correio do Estado*. Campo Grande, MS, 19 fev. 1999.

MANFREDINI, Verinha Carvalho. Reminiscências da nossa Dourados. *O Progresso*. Dourados, MS, 4/5 jan. 2003.

NOTÍCIAS da academia. *Correio do Estado*, Campo Grande, MS, 5 jul. 2001.

NOVOS rumos com sede própria. *Correio do Estado*. Campo Grande, 1999.

ENTREVISTA O Sul de Mato Grosso era região de aventureiros. *Folha de Dourados*. Dourados, MS, 15-21

O PRESIDENTE da Academia Sul-mato-grossense de Letras, José Pereira Lins discursa na abertura da solenidade. *Correio do Estado*, Campo Grande, MS.

O PRESIDENTE da Academia Douradense de Letras, José Pereira Lins, convoca nos termos gerais, os sócios efetivos para a sessão ordinária. *Diário MS*. Dourados, 17 ago. 2004.

OSVALDO CRUZ: 37 anos de ensino em Dourados. *O Progresso*. Dourados, MS, 9 fev. 1991.

O HONOR educacional do professor Lins. *Diário MS*, de 14/15, dez. 1985, Dourados MS.

OSVALDO CRUZ: 37 anos de ensino em Dourados. *Jornal O progresso*, 9 fev. de 1991, Dourados/MS.

OLIVEIRA, Helena. O Escritor na Biblioteca. *Letras Douradenses*. Dourados: Academia Douradense de Letras: nº VI, 30 jun. 1995, p. 3.

PARTICIPAÇÃO de estudantes e cinema são destaque no segundo dia da FLIB. *Diário MS*. Dourados, 8 jul. 2016.

POSSE em Dourados. *O Progresso*. Dourados, MS, 23 mar. 1993.

PROFESSOR Lins recebe título Honoris Causa. *O Progresso*. Dourados, MS, 20 jun. 2005.

PROFESSORA da UEMS PARTICIPA DA Feira Literária de Bonito. *Diário MS*. Dourados, 7 jul. 2016.

PROF. JOSÉ PEREIRA LINS: “Cidadão Douradense”. *Tribunal do povo* – Um jornal que fala o que sente. Porque sente o que fala. Dourados, MS, 29 maio. 1971.

PROFESSOR Lins faz palestra na Unigran. *O progresso*. Dourados, MS, 8 mar. 2004.

PROFESSOR JOSÉ PEREIRA LINS é Doutor *Honoris Causa*. *Dourados Agora*, 20 jun. 2005

RELATÓRIO da investigação acerca das condições do acervo do professor José Pereira Lins. Dourados, MS: Universidade Federal da Grande Dourados, 24 abr. 2009.

SILVA, Hélio Leite da. Prof. José Pereira Lins e o setor educacional de Dourados. *Jornal dos Municípios* – Um órgão a serviço dos municípios matogrossenses. Campo Grande, MS, ano I, nº 10, 30 nov. 1974.

UNIGRAN homenageia professor Lins amanhã. *Dourados News*, 16 jun. 2005.

UNIGRAN concede título inédito de Doutor Honoris Causa a José Pereira Lins. Centro Universitário da Grande Dourados, 16 jun. 2005.

## **ANEXOS**

Anexo 1: Relatório de aquisição do Acervo “Coleção Professor  
Lins”

Anexo 2: Declaração de pesquisas realizadas no Centro de  
Documentação Regional da UFGD (CDR)

Anexo 3: Discurso do professor Lins na posse da ADL/  
Academia Douradense de Letras

Anexo 4:Discurso do professor Lins na posse da ASL/Academia  
Sul-Mato-Grossense de Letras